Victor Andrade de Melo
(Org.)

"POIS TEMOS TOUROS"

TOURADAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX

coleção VISÃO DE CAMPO

FAPERJ

7 LETRAS

“Pois temos touros”

touradas no Brasil do século XIX

Organização:

Victor Andrade de Melo

“Pois temos touros”

touradas no Brasil do século XIX

coleção VISÃO DE CAMPO

7 LETRAS

© 2017 Victor Andrade de Melo

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação editorial

Isadora Travassos

Produção editorial

Ana Cecília Menescal
Rodrigo Fontoura
Victoria Rabello

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P813

'Pois temos touros' : touradas no Brasil do século XIX / organização Victor Andrade de Melo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : 7Letras, 2017.

ISBN: 978-85-421-0537-7

1. Touradas. 2. Corridas de touros. I. Melo, Victor Andrade de.

17-40842

CDD: 791.82
CDU: 791.82

2016
Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Visconde de Pirajá, 580 SL. 320 – Ipanema
Rio de Janeiro RJ – CEP 22410-902
Tel. (21) 2540-0076
editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

coleção VISÃO DE CAMPO

"O esporte visto pelas lentes das ciências humanas e sociais"

Coordenação

Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Victor Andrade de Melo

Conselho editorial

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes
Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes
Profa. Dra. Mary Del Priore
Prof. Dr. João Malaia
Prof. Dr. Ronaldo Helal

SUMÁRIO

Apresentação 9

CAPÍTULO 1
Festas de touros na Península Ibérica:
uma leitura sociológica 11
Luís Capucha

CAPÍTULO 2
As touradas nas festividades reais
do Rio de Janeiro colonial 44
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 3
"Pois temos touros?": as touradas no Rio de Janeiro
do século XIX (1840-1852) 68
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 4
Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro
do século XIX (1870-1884) 92
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 5
Tradição e modernidade:
as touradas na Porto Alegre do século XIX 122
Cleber Eduardo Karls
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 6
Entre o rural e o urbano:
as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889) 146
Flávia da Cruz Santos
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 7
As touradas na cidade da Bahia:
transições na dinâmica pública soteropolitana 173
Coriolano Pereira da Rocha Junior
Victor Andrade de Melo

CAPÍTULO 8
Hooligans numa praça de touros
nos confins da África oriental portuguesa 192
Sílvio Marcus de Souza Correa

Sobre os autores 207

APRESENTAÇÃO

"O Brasil teve touradas?". Não poucas vezes ouvi essa pergunta, sempre com um tom de surpresa, quando por algum motivo citava as corridas de touros no nosso país organizadas no século XIX. O assunto, de fato, certamente por seu aspecto curioso, chegou a chamar a atenção inclusive de órgãos da imprensa, e não poucas vezes concedi entrevistas me deleitando com o estupefato de meus interlocutores.

O tema, todavia, é muito mais relevante do que o suficiente para alimentar a mera e fortuita curiosidade. Ao seu redor, pode-se, como outros assuntos, prospectar o espírito de um tempo, as peculiaridades de um país que se libertava do outrora colonizador – sem romper peremptoriamente os laços, como o fizeram mais claramente outras nações da América do Sul – e buscava alternativas para se afirmar como ente independente, inclusive a partir de inspirações em outras experiências consideradas mais "evoluídas", notadamente da Inglaterra e França, países que, a propósito, seguindo intuitos modernizadores e civilizatórios tinham eliminado as "práticas bárbaras com animais".

Já no momento de preparação de minha tese de doutorado, defendida em 1999 e publicada em livro no ano de 2001,[1] me deparei com as corridas de touro promovidas no Rio de Janeiro do século XIX, por vezes até mesmo compartilhando espaços, sentidos e significados com a prática esportiva. Em muitas outras iniciativas acadêmicas, registrei tal presença, apontando a necessidade de estudos mais aprofundados.

Um estímulo definitivo para tal se deu com um projeto que desenvolvi em conjunto com o colega Paulo Donadio Baptista, com o qual cheguei a escrever um livro sobre as touradas fluminenses, obra que lamentavelmente não chegou a ser publicada. Enquanto isso, fui veiculando os capítulos sob minha responsabilidade em alguns periódicos, o que aumentou a curiosidade sobre o tema.

1 MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará:Faperj, 2001.

Um dos que se interessou pelo assunto foi o colega Sílvio Marcus de Souza Correa, que lançou a ideia de organizarmos um livro sobre as touradas no hemisfério sul. Essa iniciativa, uma vez mais, por motivos financeiros, não logrou sucesso. A essa altura, já tinha envolvido alguns orientandos em investigações sobre as corridas de touros em algumas cidades brasileiras.

Este livro – com o qual finalmente concretizamos o desejo de publicar uma obra exclusivamente dedicada às touradas no Brasil – é uma mescla das duas outras iniciativas editoriais. Abre a obra o magnífico artigo do colega português Luís Capucha. Suas reflexões ajudam-nos a entender como se estabeleceu um campo ao redor das corridas de touros, bem como as diferenças das dinâmicas tauromáquicas portuguesa e espanhola.

Posteriormente, temos três artigos de minha autoria, capítulos que procuram desvendar a presença das touradas no Rio de Janeiro em um longo recorte de tempo que abarca os períodos colonial e imperial. A seguir, são apresentados os resultados de investigações que desenvolvi junto com Coriolano Pereira da Rocha Junior, Flavia da Cruz Santos e Cleber Eduardo Karls, sobre Salvador, São Paulo e Porto Alegre. Todos esses artigos mantém o formato original com o qual foram publicados em periódicos diversos.

Por fim, temos a interessante produção de Sílvio Marcus de Souza Correa sobre as touradas em Moçambique, a nos lembrar que a prática se espraiou por outras antigas colônias portuguesas na África e na Ásia. A propósito, também em outras cidades brasileiras houve corridas de touros. Quem sabe esses não são temas a serem futuramente investigados, sendo este livro um estímulo e ponto de partida?

É o que desejamos, para além do prazer do leitor em conhecer mais essa faceta da história nacional.

Victor Andrade de Melo
Rio de Janeiro
Verão de 2017

CAPÍTULO 1

Festas de touros na Península Ibérica: uma leitura sociológica

Luís Capucha

Relativamente longe do coração da Europa, dada a situação periférica que ocupam no continente, mas fazendo inequivocamente parte do conjunto de países modernos e desenvolvidos que integram a União Europeia – apesar da dureza da crise que os atinge atualmente, como a muitos outros Estados-Membros – Portugal e Espanha, acompanhados por uma vasta região do Sul e Sudoeste Francês, distinguem-se dos seus parceiros europeus pela presença perene e estrutural da "Festa de Touros" nas suas culturas e identidades.

Procuraremos nas páginas que se seguem caracterizar essa festa e interpretá-la à luz de instrumentos da sociologia e da antropologia. Sendo obrigatória a utilização frequente de expressões e palavras cujo significado pode ser estranho para quem não esteja familiarizado com a Festa, procuraremos ser tão claros quanto possível, detalhando descrições que para os mais conhecedores podem parecer redundantes, mas que se justificam em nome da descodificação de expressões que, de outro modo, correriam o risco de permanecer ocultos para uma parte dos leitores.

Embora o centro da análise sejam os países Ibéricos, convém salientar que as festas de touros estão longe de se restringir a esse território e, como se disse, a França, na Europa. De fato, encontramos festas com touros também em vários países da América do Sul, Central e do Norte, nomeadamente no México, na Colômbia, no Equador, na Venezuela, no Peru, na Bolívia e nos EUA (Califórnia). A festa de touros forma, neste conjunto de países, um "sistema comunicacional" dotado de propriedades próprias a que aludiremos. É também possível encontrar festas com Touros pelo menos no Brasil e na Índia (neste caso, referimo-nos ao *"Jalli Kattu"* da região Tamil).[1]

1 Para uma análise pormenorizada das festas de touros na maioria destes países, ver MAUDET, Jean-Baptiste. *Terres de Taureaux:* les jeux taurins de l'Éurope à l'Ámérique. Madrid: Casa de Velázquez, 2010.

O *"mundillo"* taurino, expressão que se refere ao sistema de atores envolvidos na produção institucional da Festa e simultaneamente dá corpo ao sentimento de pertença desses atores a uma comunidade transnacional produtora de "touradas" ou "corridas de touros", construiu uma "teoria" oficial da sua gênese, que sistematicamente reproduz na maioria dos estudos a que dá origem, uns mais rigorosos, outros mais comprometidos, de forma a legitimar a sua presença no universo cultural Ibérico. Trata-se de um discurso que utiliza várias descobertas da ciência, mas permanece predominantemente ideológico. Tem na obra de Cossio (1961) o grande referencial, mas também podemos referir versões eruditas como a de Conrad (1959). Todas "explicam" o modo como os homens foram, ao longo dos milênios, construindo com os touros uma relação especial, que desemboca na moderna corrida de touros.

Com maiores ou menores variações e com maior ou menor profundidade, a narrativa começa sempre por referir as pinturas rupestres como sinais da importância do touro (nessa altura, o "auroch" ou "uro", antecessor selvagem de todos os atuais bovinos domésticos) na vida das sociedades de coletores e caçadores. Simbolizando a abundância que premiava os homens que o conseguissem enfrentar, a caça ao grande bovino era antecedida de rituais propiciatórios de boas caçadas, de que as pinturas faziam parte. Com as primeiras civilizações agrícolas na Suméria e depois no Egito (de que é sempre referido o Boi Ápis, divindade taurina de que ainda hoje derivam vários rituais em África, Brasil e na Península Ibérica), para além de símbolo de abundância, o touro torna-se símbolo de poder (os reis e imperadores assumiam com frequência a forma taurina), de fertilidade, fecundidade e potencial genesíaco.

Potencial esse que está particularmente presente nos mitos gregos e nos rituais de fecundidade que se realizavam em toda a Grécia Antiga. O caso de Creta será o mais divulgado. Mas também se salientam as peripécias divinas que deram lugar quer ao rapto de Europa por parte de Zeus disfarçado de um sedutor touro branco, quer ao nascimento do Minotauro e à coragem de Teseu que teve o saber e o valor necessários para o derrotar.

São muitos os episódios dos encontros entre líderes políticos e militares, heróis mitológicos – como Hércules, que rouba a manada de touros "colaraos" (isto é, com uma pelagem castanha avermelhada ainda hoje bastante comum nos touros de lide) de Gérion – e divindades tauromórficas. E são muito diversos os rituais que elegem o touro como protagonista e as qualidades que se lhe reconhecem como motivo de celebração festiva e religiosa. Seguindo a linha segundo a qual a história foi contada durante gerações, depois da Suméria, do Egito, da Fenícia (onde o alfabeto adota como primeira letra um signo desenhado a partir da representação da cabeça de um touro) e da Grécia, passa-se para o Império Romano, que não apenas reproduz quase todas as divindades gregas, como acolhe muitas outras. Por exemplo, terá sido do Oriente médio que os exércitos romanos trouxeram a adoração de Mitra, deus nascido numa gruta no "Monte Vaticano" na noite de 25 de dezembro, filho de uma virgem cujo parto terá sido anunciado por uma estrela. Mitra é geralmente representado por uma figura que mata um touro com a sua espada, ato representado até muito recentemente em vários locais da Península Ibérica na forma de batismo de jovens que se colocavam por baixo do altar de imolação de um bovino, de forma a banhar-se no seu sangue, presentemente convertido em vinho nos locais onde o ritual ainda se pratica.

Mitra era o deus de uma das religiões mais populares no império romano até à declaração do catolicismo como religião oficial. O fenômeno do henoteísmo, segundo o qual o símbolo de uma religião vencida (o touro) tende a tornar-se no demônio da religião vencedora (que neste caso tem o cordeiro como animal sagrado), tem um exemplo de excelência na forma como o Concílio de Toledo, em 427, define pela primeira vez o demônio como "uma aparição negra monstruosa e gigantesca, com dois grandes cornos, um sexo imenso, pés bifurcados, orelhas de burro, com pelos, garras, dentes terríveis, olhos ferozes e cheirando fortemente a enxofre", uma curiosa descrição de um touro bravo.

Segundo a narrativa oficial da gênese da tauromaquia moderna, em parte devido à presença muçulmana na Península Ibérica e noutra parte devido ao apego especial dos iberos às festas de touros (reza a documentação sobre a origem e expansão dos franciscanos que o primeiro convento dessa congregação na Espanha terá sido construído após dois frades terem sido postos às prova perante um poderoso touro bravo, que terão vencido numa tourada em praça pública, ganhando com isso a autorização para erigirem o convento), fizeram com que as festas de touros, perseguida e desaparecida de outros lugares do império, tenha permanecido nesta parte mais ocidental da Europa.

Caído o império, mouros e cristãos disputaram o domínio territorial da Península e os cavaleiros de ambos os lados preparar-se-iam para o combate enfrentando touros bravos. As bandarilhas (arpões colocados na extremidade de paus de comprimento variável – há os "ferros curtos" e os "compridos" – enfeitados com fitas coloridas, que são cravados no "morrilho"[2] dos touros pelos cavaleiros, numa zona anatômica que não afeta a locomoção ou a força do animal), e os rojões (espadas com a lâmina encoberta e também enfeitada, colocada na ponta de uma pega em madeira, com as quais se matam os touros no final da lide a cavalo, nos países em que os touros são mortos em praça depois de lidados e bandarilhados), são derivados de armas utilizadas pelos cavaleiros mouros na guerra e nos jogos taurinos. Do lado cristão, chegaram-nos inúmeros relatos da comemoração de acontecimentos relevantes para a nobreza e as monarquias – como casamentos, noivados,[3] nascimentos, conquistas ou vitórias militares, coroações, etc. – que incluíam o alanceamento de touros a cavalo pelos nobres cavaleiros (apoiados por peões com as suas "capinhas"), como demonstração de coragem e destreza. Festas desse tipo tiveram também lugar frequente nas colônias (DE MELO, 2013).

O século XVIII marcou uma ruptura na tauromaquia, com a criação do toureio dito "moderno". Na Espanha, na sequência da vitória da Casa de Bourbon sobre a Casa de Áustria na guerra da sucessão, e da consequente importação para a corte de uma sensibilidade "afrancesada", foram proibidas as corridas de touros. A nobreza, submetida ao novo poder, acatou a ordem. O povo revoltou-se e assumiu o protagonismo principal na festa. Os novos "toureiros" eram jovens andaluzes que se adestraram – nomeadamente nos matadouros, onde eram abatidas rezes mais "bravias" – na arte de lidar touros com capote (peça de pano muito resistente, cortado em forma aproximada a um segmento de círculo) e "muleta" (pano vermelho de forma trapezoide pendente de um "bastão" de madeira, com cerca de 70 cm de altura e 1 metro de comprimento), burlando as investidas com o movimento desses "trastes" de tourear. Alguns ter-se-iam mesmo destacado no uso de uma espada (o "estoque") para matar os touros.

Ao mesmo tempo, retirados os nobres das festas taurinas, montaram-se em pobres "pilecas" homens do povo que procuravam alancear os touros.

2 Nos mansos dá-se a essa zona o nome de "cachaço".

3 Era comum os noivos alancearem touros e no seu sangue molhar as mãos de modo a adquirir, por transferência mágica, o poder genético e a virilidade do animal para o nobre noivo.

Eram os "picadores". Picadores e matadores de touros começaram assim a liderar "quadrilhas" de toureiros que incluíam ainda os peões de brega (mais tarde entraram também os "moços de espadas", que ajudam os toureiros a vestir-se de luzes e os apoiam logisticamente antes e durante as lides), ocupando o lugar deixado vago pelos cavaleiros nobres. Rapidamente os "matadores de touros", homens que sozinhos, munidos apenas de um pano e uma espada, enfrentavam e matavam as feras, ganharam protagonismo e tornaram os picadores seus subalternos. A preponderância da figura do matador manteve-se até aos nossos dias.

Em Portugal verificam-se pela mesma altura transformações sociais igualmente profundas. A ascensão das sensibilidades ditas "civilizadoras" conduz a várias tentativas de proibir as corridas de touros, sempre sob o argumento de que seriam um espetáculo bárbaro, violento e brutal, indigno de uma nação civilizada. Nenhuma dessas proibições vingou e o toureio a cavalo, entretanto progressivamente profissionalizado, manteve-se predominante até hoje.

Esta narrativa é devedora de uma visão linear e teleológica da história. O processo de institucionalização das touradas tal como as conhecemos hoje foi na verdade mais complexa. Mas o que interessa aqui reter é o conjunto de símbolos e valores que atravessam a mitologia genética da Festa. Eles são a base da unidade do universo cultural que o sistema taurino constitui.

Desde logo, os valores associados à figura central da festa, o touro. Ele é símbolo sexual de potência genesíaca, de fecundidade, de fertilidade. O touro representa ainda o poder, qualidade de que se apropria quem o enfrenta e derrota. Ele é o elemento natural na sua pureza e força bruta, que apenas a inteligência pode vencer. É o ente bravo, que se entrega à luta sem rendição, até às últimas consequências, mas sempre com a nobreza de atitude implícita no ataque frontal. Por seu turno, os homens exaltam através da arte de tourear a temeridade, a valentia, a solidariedade entre todos os que cooperam para o fim comum. Na relação entre o homem e o touro expressa-se a relação entre a natureza humana e a natureza telúrica do animal ou, se preferirmos, a metáfora do encontro nem sempre pacífico entre a natureza e a cultura, que é ao mesmo tempo uma demonstração da distinção radical e irredutível entre ambas. O valor da individualidade e da promoção pelo mérito aparece nos séculos mais recentes como elemento central do universo simbólico taurino.

A lide de touros e os rituais taurinos, em todos os momentos e formas que foi assumindo ao longo dos tempos, relevam ainda da duplicidade apolínea e dionisíaca da cultura. Dois termos profusamente utilizados no mundo dos touros correspondem a essas duas facetas da vida humana: a verdade e a sorte. A verdade consiste em cumprir as regras a que obedece cada ritual taurino. Implica o controle emocional e a supremacia do espírito, de modo a que o "engano" com que se toureia seja "verdadeiro", isto é, não recorra a "truques" ou "enganos mentirosos" que desvirtuem essas regras. A sorte, pelo contrário, chama a atenção para a imprevisibilidade das consequências do encontro entre o homem e o touro. Sorte é também o termo genérico que se utiliza para designar cada parte de uma tourada (a sorte dos ferros curtos, a sorte dos compridos, a sorte da pega, na tourada em Portugal, a sorte de varas, a sorte de bandarilhas, a sorte de matar, na Espanha) ou cada ato praticado perante o touro (cada "passe" é uma sorte). Há, porém, um momento em que a sorte tem um desfecho previsível: a "hora da verdade". O momento em que um dos cúmplices opositores, geralmente o touro, se entrega ao sacrifício da morte, generosamente entregando a sua vida para o bem (a coesão) da comunidade humana.

A DIVERSIDADE DAS FESTAS DE TOUROS

Existe, pois, um universo simbólico e valorativo que confere unidade às festas com touros. Mas essa unidade cruza-se, por um lado, com a diversidade de formas que assume e, por outro lado, com processos de interpretação particular dos valores comuns, conferindo-lhes conotações distintas nos diferentes lugares que ocupa. Além disso, combina-se com outros sistemas de valores e de interpretação do mundo, mais universais ou mais específicos, sempre presentes em cada comunidade que compõe o sistema tauromáquico.

Enrique Gil Calvo (1989), referindo-se à transição do toureio cavalheiresco para o toureio a pé na Espanha, classifica as duas modalidades como "feudal-casticista" e "urbano-burguesa". A tipologia de rituais taurinos que propõe inclui ainda as modalidades que designa por "rural-etnológicas". Preferimos, pela nossa parte, distinguir as "tauromaquias institucionais", correspondentes às duas primeiras modalidades, das "tauromaquias populares", que ocorrem em meio rural e urbano (CAPUCHA, 1995).

As primeiras são tuteladas pelo Estado, que as regulamenta e controla administrativamente. São realizadas em espaços especializados (as praças de touros), obedecendo a regras e procedimentos de caráter tendencialmente universal. Assumem no mundo moderno a forma de espetáculo com entradas pagas, estando o público separado dos profissionais que são os protagonistas. A estrutura hierárquica dos profissionais aproxima as touradas institucionais do que Roberto da Matta designou "rituais de reforço" (1990). Têm uma história cronologicamente registrada, mas as "temporadas" que se sucedem obedecem a um calendário mais ou menos definido em função do tempo cíclico das festas tradicionais das terras onde ocorrem. Analisá-las-emos mais à frente com a ajuda do conceito de "campo de relações sociais" proposto por Bourdieu.

Nas tauromaquias populares prevalece o tempo cíclico da festa. Os rituais são controlados e regulados pelas comunidades locais ou pelos seus aparelhos autárquicos, e possuem frequentemente caráter tumultuoso e disruptivo, obedecendo ao princípio da "inversão" (DA MATTA, 1990). O espaço onde se realizam é a rua, o espaço público especialmente afetado ao ritual nos dias em que ocorre. Embora alguns membros da comunidade se possam destacar pela destreza com que lidam os touros, o protagonista é a comunidade no seu conjunto. São muito diversificados nas formas e nos sentidos que os estruturam, e deles nos ocuparemos de seguida.

Existem algumas tipologias classificatórias desses rituais, principalmente construídas a partir da sua origem provável (MIRANDA, 1998; ARROYUELO, 1999). Porém, a principal distinção entre eles consiste, talvez, no fato de incluírem ou não o sacrifício do touro (SOLIS, 1995; SAUMADE, 1998). Referir-nos-emos aqui, principalmente, às tauromaquias populares mais importantes em Portugal, sem deixar de referir, quando for o caso, a existência de festas similares na Espanha e na França.

TAUROMAQUIAS POPULARES EM PORTUGAL

Tauromaquias populares sem sacrifício taurino

As tauromaquias populares preenchem todo o território português de norte a sul, excluindo apenas o arquipélago da Madeira. A forma mais comum é constituída pelas "vacadas", "pamplonas" ou garraiadas, conforme a região em que se organizam. A sua intensidade é maior no Alentejo, a planície que prolonga a meseta Ibérica a sul do rio Tejo, e no noroeste da região de Lisboa, mas podem-se encontrar um pouco por todo o país. Na Espanha existem festas semelhantes igualmente com grande dispersão. Chamam-se

aí "corridas de vaquillas". Trata-se da forma mais simples e mais barata das festas com gado bravo. Numa rua previamente vedada ou num "redondel" improvisado com vedações de madeira[4] (as "tranqueiras") as vacas bravas (isto é, da raça dos "touros de lide", dos quais são mães e irmãs), são soltas, geralmente uma de cada vez, podendo o número total variar bastante. Por vezes "saem" com os cornos em pontas (isto é, desprotegidos), outras vezes "embolados" (protegidos com um apetrecho em couro de secção circular nas duas pontas, com cerca de 4 cm de raio, que cobre cada um dos cornos; as duas "bolas" são atadas por aperto de uma corda sobre o "testuz" do animal). As pessoas fogem desordenadamente em frente das vacas, no meio de grande agitação, procurando refúgio por trás das tranqueiras. Quando uma vaca colhe alguém, ou provoca trambolhões e outras situações caricatas e grotescas – por exemplo, investindo contra um boneco ou outro objeto simulando um humano – geram-se momentos de frenesi e ebulição emocional. Os jovens "recortam" as vacas, ou tentam "sortes" a câmbio".

Recortar, neste contexto, significa passar pela frente do animal, numa corrida curvilínea, provocando a investida mas evitando a colhida com o movimento circular. A "sorte" tem tanto mais valor quanto mais perto o "recortador" passar dos cornos, ao ponto de lhes tocar. No "câmbio", ou "quiebro", provoca-se a investida do animal e, quando ele se aproxima, simula-se uma fuga por um dos lados, fazendo-o passar por esse lado e "fintando" a colhida pelo lado contrário. Também neste caso, quanto mais cingida for a "sorte", isto é, quanto mais perto dos cornos for a esquiva, maior mérito existirá. Na França, na Camarga, correm-se touros de um raça própria, os "cocardiers", castrados mas ainda assim codiciosos na perseguição dos rapazes que, organizados em grupos, competem entre si colocando argolas nos cornos dos animais. Em todo o mundo taurino a arte de recortar touros está a atravessar uma fase de "institucionalização", existindo já grupos de profissionais que, na França, Espanha e Portugal se exibem em praças, perante touros em pontas, nos "concursos de recortes", obedientes a um conjunto de regras universais.

Muitas vezes moços (agora também moças) pegam em pequenas mantas, ou capotes velhos, bocados de cartão ou outros "enganos", para tourear as vacas, isto é, para as fazer investir nesse engano correndo a mão de modo a tentar prologar a investida da vaca enquanto procuram a "saída" pelo lado

4 É também comum hoje o uso de redondéis formados com estruturas metálicas.

contrário, imitando os passes dos toureiros e repetindo o movimento tantas vezes seguidas quantas forem capazes e a vaca o permitir. Em Portugal, na maior parte das vezes, para além das fugas, dos recortes, dos "câmbios" e dos passes de muleta e capote improvisados, há uma prática adicional: os moços "rabejam" as vacas (agarram-nas pelo rabo e fazem-nas rodar procurando colher o "rabejador") e executam pegas de caras, constituindo esse o momento mais excitante de toda a vacada. Em geral as vacadas decorrem em dias festivos – do santo padroeiro, do feriado municipal, de uma evocação histórica – e fazem parte de programas mais vastos.

Nas "largadas" correm-se touros nas ruas. Realizando-se em Portugal essencialmente na região do Ribatejo (a região a norte de Lisboa que constitui o vale e as planícies de aluvião do Tejo) e em várias cidades da área metropolitana de Lisboa, na margem esquerda do estuário do mesmo Rio. Existem rituais do mesmo tipo um pouco por toda a Espanha (na região de Valência e em Castela correm-se também "toros de fuego"). Muitas vezes as "largadas" de touros são precedidas de "esperas" ou "encerros".

Numa espera ou encerro os touros são trazidos de fora da localidade onde são esperados pelo povo, atravessando as ruas conduzidos por "corredores" a pé ou por cavaleiros (os campinos em Portugal e os "maiorales" na Espanha) que conduzem a manada composta por touros bravos e cabrestos – bois mansos que servem para "enquadrar" os bravos – até uma praça de touros ou um curral. Em várias localidades espanholas os touros que são encerrados serão depois corridos em touradas formais, nas praças de touros (Pamplona será o caso mais conhecido deste ritual). Em Portugal, no século XIX e início do século XX, os touros eram também destinados a touradas formais. O nome de "esperas de touros" deriva do fato do povo se dirigir aos caminhos e ruas onde os touros deveriam passar no sentido de fazer com que algum(s) se tresmalhasse(m) e andasse(m) pelas ruas causando pânico e um ambiente disruptivo e caótico. Hoje, porém, os touros destinados às touradas são transportados dentro de jaulas apropriadas (e padronizadas) por camiões até à Praça de Touros onde serão corridos. As esperas ganharam assim autonomia.

Depois de encerrados, os touros são largados, um a um, para as ruas vedadas com tranqueiras – uma inovação introduzida em meados do século XX –, provocando correrias, fugas mais ou menos desordenadas e um ambiente em que se misturam emoções como a euforia, o medo e o fascínio pelo animal e a sua força "vital" (ele que alimenta e dá vida, mas

traz o sangue e a morte nos cornos). Há pessoas que só assistem, outras que se aventuram dentro do terreno delimitado pelas tranqueiras, correndo a refugiar-se quando o touro galopa na sua direção, salvaguardando distâncias e tempo suficientes para uma escapada bem sucedida por entre tropeções, quedas, atrapalhações e risos ou gritos de medo. O contrário, isto é, não escapar a tempo para local seguro, pode ser fatal, originando colhidas e cornadas, que podem ser mortais. Mas há também rapazes, totalmente amadores, que se destacam nos recortes, nos câmbios e nos passes com capotes e muletas improvisados. Chegam a rabejar os touros, mas não a pegá-los. Permanentemente "desafiados", "chamados" e por vezes invetivados, os touros investem contra as pessoas, as tranqueiras e portas por onde elas fogem, e contra "bonecos" de palha com que se simulam colhidas. As ruas são também ocupadas por grupos que se prepararam longamente para montar espaços onde confeccionam petiscos e onde amigos e transeuntes comem e bebem, aumentando o colorido e a imprevisibilidade das largadas. Com frequência os touros são "picados" com varas com pequenos agulhões na extremidade, estimulando assim o movimento natural de investida agressiva do touro, essencial para o decurso da largada. Em muitos locais de Espanha foram formalmente proibidas todas as práticas que possam "ferir" o animal, o que significa que os touros, em pontas (em Portugal há casos relativamente raros em que os touros saem à rua embolados), podem "picar" as pessoas, mas não ser por elas picados.

Os "toros de fuego" são rituais, realizados de noite, em que os touros soltos na rua levam atados aos cornos archotes acessos. Para evitar que se queimem com eventuais fagulhas, o lombo é coberto com lama.

Se olharmos as esperas e largadas de touros à luz da tipologia dos rituais proposta por Roberto da Matta (1990), elas são rituais de inversão. As regras de comportamento normal na rua são totalmente suspensas e substituídas pela "desordem" da festa, pelo caos organizado e pelo frenesi dionisíaco que a presença do touro provoca. Por outro lado, a entrada do touro no espaço urbano representa a invasão da urbe pelo campo e, mais do que isso, pelo animal que representa o seu criador, o latifundiário, que a horda comunitária original (MAUSS, 1989) desafia, burla e vence, já que as largadas acabam com os touros esgotados e devolvidos aos currais. A natureza "natural" do animal anula a natureza hierarquizada da comunidade local, impondo uma lógica de igualdade de que apenas se destacam, sem ruptura nem distâncias sociais alargadas, os rapazes que "brincam" com os touros. Esses "heróis populares" e os campinos constituem o elemento que introduz a ideia de ordem que, embora subalternizada, também está presente.

No município do Sabugal, situado na fronteira com Espanha no extremo nordeste da região centro de Portugal, tem lugar um ritual único, a "capeia raiana" que se realizava noutros tempos nos dias dos santos padroeiros de várias aldeias, e agora se realiza sempre no verão.

Um dia de capeia inicia-se com a ida de centenas de pessoas a cavalo, a pé ou, mais recentemente, de carro ou de moto, até aos vizinhos "Campos Charros" de Salamanca, na Espanha, onde os espera uma manada de 5 touros, conjuntamente com os cabrestos. Os touros são "roubados" e trazidos para a aldeia, através dos campos, observados por pessoas no cimo de todos os batoques de granito que se erguem da terra, até ao "encerro" que se inicia com a manada em tropel mal a aldeia se avizinha, evitando assim que os touros se tresmalhem e levando-os juntos até aos currais improvisados num quintal situado no largo central da aldeia, onde decorrerá a capeia. Apenas numa das aldeias, onde o povo construiu uma praça de touros com trabalho voluntário de toda a comunidade, o encerro e a capeia se realizam numa praça de touros. Depois de encerrados os touros sai o "touro da prova", como uma espécie de introito para a capeia que decorrerá à tarde. Cerca de trinta rapazes da aldeia – os de fora podem ser, na capeia, convidados a enfrentar um touro, mas nunca podem entrar na lide sem autorização – pegam no forcão e com ele desafiam e enfrentam o touro. O forcão é um aparelho construído com troncos de árvore (os da estrutura básica terão cerca de 25cm de diâmetro) pregados e atados, de forma ritual e obedecendo a técnicas que passam de geração em geração (como também acontece com a escolha e secagem da madeira), de forma a formar um triângulo com cerca de 4 metros em cada lado. O tronco da base é bastante maior, alongando-se cerca de dois metros para cada lado. A estrutura comporta ainda varas transversais que dão consistência ao conjunto e, na base, as "galhas", varas mais pequenas que saem da base do forcão. Os rapazes (atualmente também é comum que participem raparigas, embora a respectiva exclusão fosse um ponto crucial há três décadas atrás) pegam no forcão colocando-se do lado de fora e de dentro dos lados do triângulo. No ângulo posterior situa-se o "rabicho" do forcão, que o "rabicheiro" deve empunhar de modo a assegurar que as galhas se orientam sempre para o touro, que nelas investe com frequência até desistir da luta. Para que isto se torne possível, e dado que o touro tenta sempre contornar o obstáculo

que se lhe apresenta, todo o grupo, empunhando o pesado aparelho, tem de se movimentar rapidamente, o que implica grande coordenação. Para isso todos têm de andar a "passo certo", isto é, colocar o mesmo pé (ora o esquerdo, depois o direito) todos ao mesmo tempo, no chão, de modo a tornar eficaz o comando do rabicheiro. Os "mordomos", moços (e agora também moças) que em cada ano se encarregam da organização das festas (tanto a parte taurina, como as outras), têm a responsabilidade de "pegar à galha", isto é, no ponto mais perigoso e próximo do touro, sendo decisiva a capacidade de fazer subir ou descer o aparelho conforme a posição em que o animal coloque a cabeça. Muitas vezes os que pegam ao forcão são ajudados por "capinhas", que comparecem graciosamente, e ajudam na lide do touro, nomeadamente colocando-o, através dos passes de capote, em posição de investir.

Quando o touro abandona o combate o público aprecia o desempenho dos rapazes, tendo em conta critérios como a bravura do animal, o "andar a passo certo" e a eficácia na lide. Os moços, por sua vez, pousam o forcão e começam a recortar o touro, consumando-se a lide quando o conseguem agarrar e dominar completamente, o que nem sempre se consegue ou é sequer tentado.

Lidado o touro da prova o povo regressa a casa para o almoço, após o qual, já de tarde, sai da casa de um dos mordomos um desfile dos rapazes solteiros da aldeia (repetimos, agora também as raparigas) que se colocam em fila atrás dos mordomos, que seguem a cavalo. Todos empunham lanças, espadas e alabastros simulados e percorrem a aldeia marchando ao som de um "tamborileiro" que marca o compasso da marcha ao ritmo militar. Passam pelas ruas até entrarem na "praça" situada, como se disse, no centro da terra, fechada por tranqueiras no cimo das quais se situam bancadas, substitutos atuais dos carros de bois que se usavam antigamente para vedar o recinto. Os mordomos pedem autorização à pessoa considerada mais importante entre o público (um militar, um político, uma figura de grande prestígio cultural ou econômico, por exemplo) para iniciar a capeia e os touros vão sendo soltos um a um, repetindo-se o processo já descrito. Se os solteiros não conseguem dar devida conta da tarefa, saltam os casados a pegar no forcão.

No fim, os touros são largados de novo para seguirem o caminho de volta aos campos de Espanha. Trata-se do "desencerro". E as pessoas preparam-se para uma noite de baile e de farra.

A Capeia Arraiana é hoje, antes de mais nada, um emblema identitário, dada a singularidade do ritual. É também uma convocatória para reunir a comunidade que nas últimas décadas se dispersou por motivo da emigração, deixando as aldeias quase desertas até ao período das férias e das festas, quando todos regressam.

São muitas as tentativas de interpretação da origem destas festas. A mais verosímil, parece-nos, é a que encontra nelas a recriação simbólica de práticas de defesa civil do território contra as invasões que, quase invariavelmente, passavam por aquela zona em direção a Lisboa. Ainda hoje se situa perto, em Vilar Formoso, a principal fronteira com Espanha para quem vem do centro da Europa, passando por Castela. O forcão é um aparelho muito semelhante ao que se encontra desenhado em documentos militares da Idade Média, servindo para os peões derrubarem cavaleiros que, uma vez apeados e tolhidos nos movimentos pelas pesadas armaduras, se tornavam presas fáceis. Daí o "passo certo", o desfile dos jovens armados, com clara ressonância militar, o ato de agarrar o touro depois de o rechaçar e, no fim, o expulsar para Espanha, de onde tinha vindo, como se de um invasor derrotado se tratasse. A referência à participação privilegiada dos solteiros, ficando os casados numa espécie de reserva, indica-nos que estamos perante um ritual de passagem, tal como a "ida à tropa" onde existe serviço militar obrigatório. A apreciação da qualidade da capeia em cada aldeia institui um sistema de competição entre as respectivas comunidades, havendo mesmo um dia em que se realiza um "concurso do forcão", no qual competem todas as aldeias onde o ritual tem lugar. O brio e o prestígio de cada terra joga-se aí, numa competição como a que ocorre entre as escolas de samba no carnaval do Rio ou entre os bairros que desfilam nas marchas em Lisboa pelos Santos Populares.

A competição entre terras e, dentro destas, entre ruas e até entre pessoas é um dos fundamentos principais das "tourada à corda", que há alguns anos atrás se praticava apenas na Ilha Terceira, mas que tem vindo a expandir-se para outras ilhas do "grupo central" dos Açores. Touros à corda, ou "ensugados", encontram-se também em várias localidades de Espanha e na Camarga Francesa. No caso espanhol muitas vezes são combinados com soltas de vacas ou de touros, incluindo "toros de fuego".

Pela manhã as pessoas da rua, aldeia, vila ou cidade em que se correrão os touros ao fim da tarde, dirigem-se ao "mato", a zona montanhosa e florestada do centro da Ilha Terceira, onde se localizam cerca de

oito ganadarias bravas (o número pode variar de período para período, havendo porém um núcleo de cinco ou seis que permanecem com grande tradição). Aí, na "praça de tentas" o ganadeiro solta algumas vacas para diversão das pessoas.

A praça de tentas é uma pequena arena com alguns lugares para público, que serve no quotidiano da ganadaria para a realização de várias"faenas de campo", como as "tentas" de vacas ou machos, a apartação dos bezerros das mães, as vacinações, etc. As tentas são as operações mais importantes. As fêmeas são picadas e depois toureadas a pé ainda jovens (entre 1,5 e 2 anos de idade) e, em função do seu comportamento, que o ganadeiro avalia, são selecionadas para mães ou, caso não provem possuir os atributos necessários, são eliminadas. Na tenta de machos, os que passam a difícil prova das varas de picar, são depois toureados, no sentido de se verificar se servem para sementais. Aqueles que não provarem as necessárias qualidades nas varas serão devolvidos ao campo, onde crescerão até ao momento de serem toureados. Por isso, na tenta de machos, não se usam capotes nem muletas, mas ramos de uma árvore com que, a pé, se cita o touro para o colocar em sorte, isto é, em posição adequada para investir no cavalo de picar, tantas vezes quantas o permita a sua bravura.

Voltemos ao dia da festa. Terminada a brincadeira com as bezerras, depois de comidos e bebidos os petiscos levados para o "mato", as pessoas seguem nos seus automóveis amplamente enfeitados com flores, atrás das jaulas onde são transportados os quatro touros que compõem "uma corda". O local onde se dará a corda é delimitado por raias pintadas no chão das ruas e estradas (duas raias, separadas por cerca de 5 metros, em cada um dos limites). O touro poderá circular nesse espaço sem qualquer responsabilidade do ganadeiro. As pessoas cuidam de proteger as portas e quintais com vedações de vários tipos. Todos os estragos causados pelos touros para além do limite das raias (distantes umas das outros, nos extremos longitudinais, entre 1 e 1,5 km) são assumidos pelo ganadeiro. Compete aos "pastores" impedir que isso aconteça. Os pastores são seis ou sete homens que trabalham para as ganadarias e que se fardam para a tourada de modo tradicional. Controlam o animal manejando uma longa corda que é amarrada ao pescoço de cada touro quando este ainda está na jaula. Conseguem com essa corda fazer dar mais ou menos liberdade de movimentos ao touro, mantendo-o entre as raias e manipulando a capacidade de colher pessoas. Nada farão se o touro perseguir um americano da "Base Aérea das Lages",

mas tentarão salvar de apuros um cidadão comum que se tenha deixado apanhar pelo touro.

A lide do touro decorre de forma muito semelhante à de uma largada no Ribatejo, com a diferença de que nos Açores os touros são sempre embolados. Têm nas pontas dos cornos enroscada uma bola de metal que evita cornadas, mas não contusões nem colhidas que podem às vezes ser graves, mas que geralmente apenas provocam o humor dos assistentes e o terror dos apanhados. As pessoas em geral ou assistem de suas casas e quintais adjacentes, onde têm sempre uma mesa posta com comida e bebida para oferecer aos amigos e outros visitantes, ou empoleiradas em muros e outras barreiras que às vezes se mostram facilmente transponíveis para os touros, gerando-se o pânico quando são invadidas, ou estão na rua correndo a procurar refúgio quando o touro se dirige na direção em que se encontram. E há os "capinhas", jovens particularmente dotados para recortar o touro e para o tourear com "mantas da TAP" ou com chapéus de chuva, que servem de engano. O primeiro touro sai à rua depois de lançado um foguete, sendo recolhido cerca de 15 minutos depois. Seguem-se os outros com intervalos que servem para o convívio e a comida e bebida em grupo.

Na sociedade de raiz agrícola da Ilha Terceira prevalece uma ideologia de igualitarismo camponês. Essa ideologia choca com a realidade da existência de desigualdades de riqueza, quer resultantes do desempenho de funções técnicas e administrativas, quer da posse de maior quantidade de terra, quer ainda da acumulação de capital econômico por via da emigração. As touradas à corda instituem um processo de legitimação dessas desigualdades ao instituir uma disputa em torno do prestígio dos touros e das ganadarias e, assim, uma hierarquia entre quem "dá" a corda.

Os touros ganham um estatuto de individualidades – chega a ser notícia de 4 páginas de jornal a morte de um touro célebre – em função da sua bravura. Quanto mais bravos, mais vezes tenderão a ser alugados ao ganadeiro (ou criador). O número de cordas realizadas por cada touro e a bravura que vai exibindo – isto é, a acometividade que apresenta e a capacidade para "descobrir" pessoas nos seus refúgios para as colher – não apenas lhe vão granjeando prestígio, como também aumentando o preço do aluguel.

Como é normal, a subjetividade das apreciações sobre a bravura do touro introduz controvérsia e as pessoas tornam-se "partidárias" deste ou daquele ganadeiro, do mesmo modo que noutros sítios são "torcedores" deste ou daquele *team* de futebol. Mesmo os capinhas são partidários cada

um de sua ganadaria, de modo que, quando esta sai à rua, procuram que o touro dê espetáculo e se valorize, ao passo que os pastores darão todas as hipóteses ao touro de colher (ou de fazer tropeçar na corda) um capinha *fan* de uma ganadaria rival.

Como se depreende, a ganadaria nunca é escolhida ao acaso. É sempre função das preferências de quem organiza. Assim, cada "Comissão de Festas" aluga uma corda da ganadaria da sua preferência, convicta de que a sua tourada vai correr melhor do que a das aldeias vizinhas. Mas se um grupo de pessoas de uma rua da mesma terra prefere outro ganadeiro, e se tem meios econômicos, contrata outra "corda", numa espécie de "potlach" em que está em causa a honra e prestígio de cada grupo. O esquema pode ir ao ponto de uma só pessoa, quase sempre um emigrante que quer mostrar o sucesso do seu percurso, pode "oferecer" a corda à sua comunidade de origem. A diferença de meios e de estatutos paga-se, assim, na forma de touradas em que as ganadarias e as preferências das pessoas são a moeda de troca.

Apesar dos habitantes não ultrapassarem cerca de 60.000, o número de touradas que se realizam todos os anos é cerca de 300, apenas entre os meses de maio e outubro. A tourada toca nos aspectos mais profundos da estruturação social da Ilha. Ela é, de resto, o "fenômeno social total", já que constitui a ocasião para contrair compromissos matrimoniais, fazer negócios, combinar batizados e escolher padrinhos, receber os amigos e rever familiares, festejar e afirmar a posição estatutária numa sociedade que se imagina igualitária.

Recentemente as touradas têm vindo a ser objeto de regulamentação do governo regional, com incidência sobre aspectos como o intervalo de tempo que deve decorrer entre cada aparição de um touro ou a duração da mesma. Evidencia-se assim a tendência do Estado moderno para estender a sua autoridade burocrática e administrativa, domesticando as manifestações festivas de caráter popular.

Tauromaquias populares com sacrifício taurino

Se nos Açores encontramos ainda bem presente a ideologia igualitária típica do campesinato, no Alentejo, a região de Portugal a sul do rio Tejo, onde predomina o latifúndio, o contraste entre ricos e pobres (CUTILEIRO, 1977) domina o universo cultural popular. É a esse universo que se ligam os sacrifícios taurinos que se realizam em diversas localidades da "Margem Esquerda" do rio Guadiana, localizada entre o troço desse rio em Portugal e a fronteira com Espanha.[5] De forma clandestina, dada a proibição do abate de bovinos fora dos matadores, o ritual consiste, no essencial, na largada de um touro numa praça ou num recinto improvisado, onde depois de alguns minutos investindo contra as pessoas que o citam a partir de esconderijos, é amarrado com uma corda pelos cornos, segundo uma técnica tradicional que varia de local para local. É submetido fazendo-se passar a corda por um olhal de ferro espetado solidamente no chão ou num furo aberto numa pedra da barreira ou muro da praça a pouca altura do solo, de modo a baixar a cabeça e descobrir a zona por detrás dos cornos, onde a espinal medula encontra o cérebro. Sofre morte instantânea com um golpe de "choupa", um punhal idêntico ao usado nos matadouros, após o que é transportado para um local onde é sangrado e depois "desmanchado" (existe um local em que o touro é pendurado na posição de um Cristo invertido na praça e aí mesmo transformado numa carcaça). Antes da saída do touro à praça soltam-se vacas que são lidadas de forma semelhante ao processo já descrito.

No centro da localidade onde o ritual se realiza é acesa uma grande fogueira na qual as pessoas assam e comem pedaços de carne do touro previamente adquiridos, a preços econômicos, num talho improvisado na localidade. A maior parte da carne é, porém, levada para casa, para consumo posterior das famílias.

Estas festas têm a sua origem nos "bodos do Espírito Santo". Em dia de *Corpus Christi*, os ricos da terra estavam obrigados a oferecer um touro para diversão popular e, simultaneamente, para permitir às pessoas o acesso a um bem raro, diríamos mesmo inacessível durante o resto do ano, que é a carne de bovino. A "exceção consumista" desse dia excepcional, de "tirar a barriga de misérias", de algum modo compensava, ou aliviava, as privações passadas pelos assalariados rurais ao longo do ano. Ainda existem lugares em que o principal lavrador da terra, que é simultaneamente o provedor da Santa Casa da Misericórdia e ganadeiro de touros bravos, oferece todos os anos o maior touro da manada para a festa. Mas na maioria dos locais são as comissões de festas apoiadas pelas autarquias que adquirem o animal e o entregam a um magarefe que o prepara, depois de morto, para venda a preços acessíveis às pessoas que continuam a só comer carne de bovino nessa ocasião.

5 Os sacrifícios taurinos na Espanha e na França são praticados nas corridas formais, sendo relativamente raros os casos em que ele se dá no quadro de uma festa popular. A maioria desses casos, de que alguns são bem conhecidos e controversos, como é o Toro de la Vega, em Tordesilhas, têm origem cinegética muito remota.

Na mesma região não se pode deixar de salientar "o caso de Barrancos" (CAPUCHA, 2003). Barrancos é o único local em Portugal em que, apesar da proibição, sempre foram toureiros profissionais e vestidos de luzes a matar os touros a estoque, perante o "fechar de olhos" das autoridades, que conheciam a existência do ritual mas o toleravam, dado o isolamento da terra e a sua grande proximidade cultural e social com a vizinha Andaluzia.

O estoque é uma espada utilizada pelos toureiros para matar os touros. Para o fazer devem perfilar-se na sua frente e, quer recebendo a investida, quer indo ao encontro do animal parado, fazer com que a cabeça se mova para a esquerda entrando o toureiro a matar na "cruz", região anatômica do touro que se situa por cima do enfiamento dos membros dianteiros, onde a espada deve penetrar o animal provocando-lhe a morte tão rapidamente quanto possível. Por ser o momento em que o toureiro se cruza com o animal, o único em que lhe "perde a cara", isto é, em que olha o alvo da estocada não vendo o que faz o touro com a cabeça, esta é a sorte mais perigosa e exigente em toda a tauromaquia. Para executar esta sorte os toureiros vestem-se ritualmente com o traje de luzes, composto pela montera (um chapéu redondo com duas bolas pregadas em cada um dos lados), coleta (um carrapito ou trança que antes era natural e agora é uma aplicação que os toureiros pregam no cabelo como símbolo principal da sua profissão), uma jaqueta ricamente bordada, encimada por largas ombreiras de onde pendem "castelos" de renda de cor dourada ou prateada, um colete tendencialmente da mesma cor e também ricamente bordado, uma camisa branca e uma gravata que pode ser vermelha ou preta e na qual os toureiros pregam uma imagem religiosa, uma cinta de seda, a "taleguilha" (calças de cós muito alto e da mesma cor da jaqueta e do colete, amplamente bordadas na parte exterior de cada uma das pernas e com um comprimento que ultrapassa ligeiramente o joelho, zona em que é apertada com os "machos"). Fazem ainda parte do traje meias cor-de-rosa que tapam toda a perna e sapatilhas pretas enfeitadas com um laço. Pode ainda considerar-se parte do traje o "capote de passeio", mais pequeno que o capote de tourear e ricamente ornamentado. Do ponto de vista funcional "apenas" serve de elemento decorativo durante a apresentação dos toureiros antes do início das corridas.

As festas realizadas em honra de Nossa Senhora da Conceição são as mais importantes numa terra particularmente marcada por uma identidade hedonista. Toda a festa, quer a parte taurina, quer a lúdica, quer ainda a procissão com que se inicia, é organizada por um grupo de cinco rapazes

que muda todos os anos, de forma que a probabilidade de toda a população masculina ter passado alguma vez pelo papel de liderança da vida da sua terra nos dias mais importantes do ano, é muito elevada. A Comissão tem o apoio da Câmara Municipal. Uma semana antes do início da festa começa a montagem dos "tabuados", estrutura de madeira situada junto a dois lados opostos do Largo da Liberdade, o centro da vila, onde se situa a Igreja, constituindo uma estrutura que simultaneamente veda as ruas de acesso ao local e suporta as bancadas. Nos quatro lados da praça (dois debaixo dos tabuados e dois nas paredes nuas) colocam-se "burladeros", esconderijos de madeira onde os toureiros se refugiam quando perseguidos pelo touro. Os tabuados possuem uma base feita de troncos colocados em posição horizontal, por entre os quais se pode assistir à tourada. No cimo situam-se bancadas em que assistem pessoas que pagaram bilhete, convidados da organização e a banda da música. Os que estão em baixo invadem o recinto antes da saída de cada touro e no final, porque não há obstáculos físicos. Apenas a tradição manda que, durante a lide, cada um procure o seu refúgio para observar o trasteio dos toureiros.

A Comissão de festas compra cinco touros e uma vaca que serão lidados em três dias consecutivos, dois touros em cada um dos dois primeiros dias e um touro e uma vaca no terceiro. Contratam também os toureiros que se encarregarão de dar morte aos animais.

Cada manhã de dia de tourada começa com o encerro. Os touros são largados, um de cada vez, num dos extremos da vila e sobem a rua até entrarem no largo, entretanto coberto de areia. São amarrados com uma corda (segundo uma técnica também específica) e encerrados numa jaula construída por debaixo de um dos tabuados. Ao fim da tarde os toureiros realizam o passeio, precedidos pela Comissão de Festas, apresentando-se ao público. Um aficionado convidado pela Comissão de Festa preside ao evento. É ele que dá ordem para o toque que precede a saída do primeiro touro. É toureado de capote, depois é bandarilhado e, de seguida, toureado de muleta e morto a estoque. A banda da música toca sempre que o público considera bom o desempenho e, se a sorte de matar tiver sido executada com eficácia, pedirá ao presidente que atribua ao toureiro os troféus, que podem ser uma orelha, duas orelhas ou duas orelhas e rabo. Morto o touro, imediatamente rodeado pelo povo (com especial curiosidade por parte das crianças), é arrastado por um par de mulas para fora do recinto, sendo depois desmanchado para posterior venda da carne, que todas as famílias

cozinharão frita com tomate. Assim se lidam os cinco touros. A vaca é lidada à moda das vacadas alentejanas. Porém, ao contrário das outras, depois de pegada é levada até dentro da "sociedade dos ricos" (uma das coletividades localizadas na praça, sendo a outra a "sociedade dos rapazes"), onde é solta, provocando sustos e estragos até encontrar o caminho da rua. Por fim, volta a ser agarrada e morta com um golpe de "choupa".

Nos finais do século passado, um ano depois de uma estação nacional de televisão ter transmitido em direto as touradas de Barrancos, um grupo animalista interpôs uma providência cautelar num tribunal do Porto (localizado a mais de 600 km de distância) para evitar a realização das festas. O povo de Barrancos prometeu "resistir até às últimas consequências", o que impediu o governo de se envolver numa ação repressiva que poderia ter consequências desastrosas. O povo de Barrancos perguntava se "los comemos vivos?" e afirmava a sua determinação de defender aquele que era o seu símbolo identitário maior, recusando a humilhação. O caso de Barrancos arrastou-se durante alguns anos, tornando-se no tema mais debatido na comunicação social do país, até que a Assembleia da República, na sequência de uma iniciativa política do presidente da República, aprovou uma lei que cria a chamada "exceção de Barrancos". E a festa segue animada.

Animada é também a "Vaca das Cordas", uma festa que se realiza todos os anos nas vésperas do dia do "*Corpus Christi*" na cidade de Ponte de Lima, no Norte de Portugal. Embora não se costumem fazer contagens, trata-se seguramente de um dos locais em toda a Península Ibérica em que mais gente se reúne em volta de um touro. Sim, porque a vaca é um touro. Preso por três cordas, o animal é conduzido pelos populares desde um curral improvisado num dos extremos da cidade até à milenária Igreja Matriz. Aí chegado, é amarrado às grades que protegem uma grande janela situada ao lado da porta. Nessa altura é regado com vinho tinto e uma das cordas é cortada. Com as duas cordas restantes seguras por dezenas de homens, uns à frente e outros atrás, o touro é levado a dar três voltas à Igreja entre uma multidão eufórica.[6] O enorme cortejo dirige-se depois para o centro da cidade e daí para a ampla praia na margem direita do rio Lima. Desde essa altura o controlo sobre o animal através das cordas é de algum modo aliviado, o que, junto com a multidão que o rodeia sem que por perto se encontrem refúgios acessíveis, provoca muitas situações caricatas, burlescas, cômicas, de apuro e de riso face ao pânico alheio. É preciso que se diga que o touro sai à rua embolado, pelo que umas "voltaretas" pelo ar ou uns trambolhões na areia raramente têm consequências graves. É deste ambiente eufórico e trapalhão que se faz hoje o essencial da Vaca das Cordas, mas as suas origens terão sido mais sérias.

A festa terá em tempos sido organizada pela confraria dos padeiros, "homens bons" encarregues de organizar a celebração de um mito local. Há, pelo menos, duas versões do mito, uma oficial, que a Câmara Municipal – que agora assume a responsabilidade da organização da festa – e a imprensa local publicam nos jornais e nos folhetos de divulgação; uma outra, popular, pode ser ouvida na rua. Segundo a versão oficial a festa comemora o dia em que os cristãos expulsaram da velha igreja uma vaca que os mouros lá haviam introduzido. Na versão popular foram os mouros que ocuparam o templo e nele se barricaram, tendo os cristãos utilizado uma vaca brava para os conseguir expulsar. A "Vaca das Cordas" é, pois, na mitologia local, umas vezes a vilã, outras a heroína. Como vítima sacrificial, o touro termina morto no curral para onde é reconduzido ao fim de um par de horas na rua, e comido em bodo festivo. Em zona onde predomina o campesinato, os "ricos" viram-se na obrigação, também aqui no Norte de Portugal, de, cumprindo uma obrigação sagrada, permitir aos pobres um dia com a barriga fora de misérias.[7]

O CAMPO DA TAUROMAQUIA INSTITUCIONAL

Como aconteceu em praticamente todos os domínios da vida, as festas de touros sofreram uma transformação radical com o advento da modernidade. Por um lado, os Estados-Nação estenderam o seu controle às práticas festivas que antes se enquadravam na vida social e política corrente, de que faziam parte, procurando domesticá-las por via normativa e administrativa, o que resulta em boa parte do monopólio do uso legítimo de violência. A violência é de fato um elemento sempre presente na relação entre o touro,

6 São muito frequentes os locais onde, no quadro do culto de São Marcos, os pastores e proprietários levam o seu gado, bovino, ovino e caprino, a dar três voltas em torno de templos geralmente situados no campo.

7 Poderíamos aumentar o objeto de análise, nomeadamente incluindo ritos e festas em que não são utilizados touros de lide – quer dizer, de raça brava – e/ou em que o encontro direto não é entre homens e animais, mas apenas entre estes últimos. O caso mais notável desta última categoria é a "chega de bois", na qual os touros lutam entre si até que um vença, assim honrando a aldeia das "Terras do Barroso", situadas no extremo norte de Portugal, a cujo povo pertence, ao mesmo tempo que, funcionalmente, se apura a raça "barrosã".

muitas vezes designado como "o bruto", e o homem, constituindo os rituais taurinos um dos mecanismos de sublimação da violência nas comunidades que as praticam (TEIXEIRA, 1994). Por outro lado, como referem Norbert Elias e Eric Dunning (1992), as diversões populares foram assumindo cada vez mais a forma de espetáculo, com a criação implícita de corpos de especialistas encarregues de servir as festas ao público.

Esse processo foi complexo, envolvendo lutas políticas, sociais, económicas mas também especificamente simbólicas que justificam a utilização do conceito de "campo" de relações sociais proposto por Bourdieu (1973, 1980, 1984) para a análise das práticas taurinas modernas (CAPUCHA, 1988). Cingir-nos-emos uma vez mais, tanto quanto possível, a Portugal.

O capital específico cuja posse estrutura o "campo da tauromaquia" é a capacidade de enfrentar e vencer um animal, dir-se-ia, sagrado e feroz, como é o touro. As posições ocupadas pelos profissionais do "mundillo" taurino (o sistema de atores profissionais da tauromaquia) dependem do prestígio acumulado ao longo da respectiva trajetória taurina e, em simultâneo, da capacidade de impor ao público a forma de tourear de cada um ou cada grupo como a mais legítima. Essa legitimidade tem um lado formal, resultante das regras quer do toureio, quer das formas do espetáculo taurino, que se foram construindo e institucionalizando, e um lado informal, resultante do modo como cada um interpreta, do ponto de vista artístico, essas regras.

A principal clivagem no campo da tauromaquia encontramo-la entre o toureio a cavalo e o toureio a pé. Como vimos, o toureio a pé – de que em traços gerais demos uma ideia sobre aquilo em que consiste ao falar de Barrancos – ganha relevo, até se tornar dominante em todo o mundo exceto Portugal, precisamente quando o povo substitui os nobres que haviam, na Espanha, sido impedidos de participar em festas taurinas. A ruptura foi muito mais do que meramente taurina. A ascensão dos matadores de touros até à posição de figuras principais da Festa de Touros representa a abertura da sociedade à mobilidade social em função do mérito (o valor de enfrentar e matar os touros a pé), valor moderno que se contrapõe ao princípio da herança nobiliárquica (simultaneamente estatutária – o senhorio – e económica – a posse da terra, o acesso a cavalos para tourear e aos meios para os manter). Corresponde assim a um dos sinais mais claros da transição do antigo regime para a modernidade na Península Ibérica.

Em Portugal, apesar das várias tentativas de proibição das festas de touros no século XIX, todas elas foram goradas e os cavaleiros nunca

abandonaram o palco, mantendo os toureiros a pé, até meados do século XX, ou em posição subalterna nas suas "quadrilhas", como "capinhas", ou como protagonistas de exibições de menor valor, nomeadamente de tipo acrobático ou cómico-taurino.

Uma quadrilha é o conjunto de profissionais que constituem a estrutura de apoio aos "cabeças de cartaz", que são os matadores e cavaleiros. No toureio a cavalo incluem dois "peões de brega" (os antigos "capinhas") que ajudam o cavaleiro na sua lide, com lances de capote ou com "avisos" a chamar a atenção do touro quando é necessário colocá-lo em determinada posição na arena (colocá-lo em "sorte"). Trajam de luzes[8] nas suas atuações. Incluem ainda os moços de estrebaria, que tratam dos cavalos, um moço-de-espadas com o seu ajudante, cuja função principal é ajudar os toureiros a vestir-se e entregar-lhes as bandarilhas durante a atuação. Pode ainda incluir-se na quadrilha o apoderado, que é o agente artístico dos cabeças de cartaz. Juntamente com o moço-de-espadas, é ele quem organiza o contato dos cavaleiros com a comunicação social e com os/as admiradores/as. No toureio a pé dispensam-se os moços de estrebaria, mas entram na quadrilha, exceto em Portugal, os "picadores", cuja função é "picar" o touro durante o "primeiro tércio" de uma lide, montando um cavalo protegido pelos "peitos", uma tela almofadada que impede o touro de ferir o equino. Por outro lado, os peões-de-brega são em número de três e têm a função adicional de bandarilhar os touros (embora o matador possa assumir ele próprio essa "sorte"). Preenchem assim o tércio de bandarilhas, o segundo da trilogia que se completa com o tércio do toureio de muleta e a "sorte de matar" (em Portugal, simula-se a estocada com uma bandarilha). Os outros elementos estão presentes como no caso das quadrilhas de cavaleiros.

A presença cavaleiresca no campo tauromáquico português em posição dominante beneficiou daquela continuidade, e ainda do apego de alguns reis à tauromaquia, sendo em certos casos destacados intérpretes da arte de alancear touros a cavalo ou até mesmo de os pegar de caras (a introdução das emboladuras nos cornos dos touros terá ocorrido, de princípio, para proteger a integridade do rei D. Miguel, pegador assíduo de touros).

Mas a transição para a modernidade introduz no toureio a cavalo uma alteração importante. Trata-se da ambivalência resultante da combinação

8 Os matadores de touros geralmente usam trajes de luzes dourados, enquanto os bandarilheiros usam prateados. Podem uns e outros usar outro tipo de enfeites – nomeadamente negros – mas aos bandarilheiros está vedado o uso de trajes de luzes bordados a ouro.

entre os ideais de senhorio cavaleirescos e a profissionalização dos cavaleiros tauromáquicos. A profissionalização contraria o princípio do amadorismo e do dom, atributos dos senhores. Porém, uma parte da aristocracia falida e com dificuldade em manter antigos privilégios, vê na profissionalização no toureio uma saída para a sua reprodução. Naturalmente, apenas os mais aptos podiam optar pelo profissionalismo. O caso mais conhecido é o do marquês de Marialva, extraordinário equitador e grande cavaleiro que estabeleceu, em meados do século XIX, as primeiras regras escritas do toureio a cavalo, curiosamente na mesma altura em que os primeiros matadores profissionais espanhóis, como José Delgado "Pepe-Hillo", escreviam as suas "tauromaquias" estabelecendo as regras da "arte de Montes", assim chamada por Francisco Montes "Paquiro" ter escrito a sua. Também em Portugal a profissão de cavaleiro profissional ficou para sempre a ser conhecida como "arte de Marialva", à qual se associa uma visão conservadora do mundo e da sociedade.

Essas regras incidiam sobre aspectos como a vestimenta e os arreios a utilizar, as cortesias, a sequência da lide ("ferros compridos", "curtos" e pega) e a técnica a utilizar na lide dos touros.

Os cavaleiros tauromáquicos continuam a trajar um vestido à "Luís XV", composto por um Tricórnio (chapéu triangular preto enfeitado com uma pluma branca), uma casaca bordada com um lenço pendente de um dos bolsos, ambos rendados, tal como os punhos; jaqueta de cetim da mesma cor da casaca, camisa branca com folhos, calções de montar, botas de cano alto até ao joelho e esporas. Os cavalos são aparelhados com sela portuguesa e arreios com ferros dourados ou prateados e são amplamente enfeitados com fitas nas crinas e no rabo. Os cavalos das cortesias são enfeitados de modo ainda mais rico.

Nas corridas a pé de tipo andaluz que hoje predominam em todo o mundo, a "função" inicia-se com o "passeio". Trata-se de um desfiles de todos os intervenientes na tourada, precedidos por um "alguacidillo" montado a cavalo e representante da autoridade junto da arena, fazendo cumprir as ordens do diretor de corrida. O cortejo atravessa a arena, todos cumprimentam o diretor de corrida e preparam-se imediatamente para tourear. Em Portugal, se atuarem no mesmo espetáculo toureiros a cavalo e a pé, estes últimos iniciam um passeio, que se detém nos "tércios" (à distância de um terço do diâmetro da arena em relação à barreira ou trincheira). Seguem-se os forcados, trajados com o barrete verde, a jaqueta

de ramagens, uma camisa branca e uma gravata, uma cinta vermelha, uns calções que caem, amarrados à perna, por cima das meias de renda branca e os sapatos de salto de prateleira. Por fim perfila-se e o pessoal auxiliar da praça. Todos se dispõem nos locais devidos na arena. Por fim saem os cavaleiros, com cavalos a exibir arremedos de "alta escola". Cumprimentam o Diretor de Corrida e depois todo o público, deslocando-se ao redor da arena. Apenas após saírem pela "porta dos cavalos", cumprimentando de novo a autoridade, os restantes elementos avançam para os seus postos.

Uma lide a cavalo em Portugal também se divide em três partes: numa primeira, destinada a parar e "templar" o touro, usam-se bandarilhas compridas (entre duas e três). Depois, a segunda parte é a dos ferros curtos, mais pequenos. O cavaleiro deve adornar a lide exibindo controlo e "arte". E principalmente deve cumprir as regras de partir de frente para o touro, se possível dando-lhe a "vantagem" de investir primeiro, abrindo depois o "quarteio" de modo a receber o touro na perpendicular do cavalo, junto ao estribo, ou então executando um "quiebro" com o cavalo, aproveitando o momento em que o touro se encontra a seu lado para cravar "de alto abaixo". Nestas regras o toureio a cavalo português distingue-se do "rejoneio" espanhol, em que se procura mais o efeito de uma boa doma equina. De resto, a lide dos rejoneadores inicia-se com os "rojões", que constituem lâminas com 25 cm, os quais quebram o touro e permitem depois ao cavaleiro adornar-se nos ferros curtos e, por fim, matar o touro com uma "espada de rojão". O touro sai com os cornos "despontados", ao passo que em Portugal saem embolados. Aqui, depois da atuação do cavaleiro, saltam à arena os forcados que executam a pega com que se encerra a lide. Se a pega não puder ser consumada, diz-se que os touros "vão vivos aos currais".

Tendo-se no passado usado outras técnicas que caíram completamente em desuso (como a casa da guarda ou a pega de costas), são duas as modalidades de pega: "de caras" e "à cernelha". Na primeira saltam à arena oito forcados. O touro é colocado pelos peões de brega junto à barreira no lado oposto aos currais (na contra-querença). Os forcados colocam-se em fila: à frente o forcado da cara, seguido do primeiro ajuda, de dois segundos ajudas, do rabejador e de três terceiros ajudas. Dando distância ao touro e também isolando-se o mais possível do grupo (a respectiva capacidade e o tipo de touro determinam essas variáveis), o forcado da cara cita o touro, movendo o corpo, batendo-lhe as palmas e incitando-o com a voz, caminhando para ele e assegurando o controle do momento da investida (deve

"mandar" no touro). Quando o touro investe o forcado da cara recua, de modo a abrandar o galope e a escolher o momento da reunião. Não pode adiantar as mãos, devendo esperar que o touro se encontre já muito perto de si, com a cabeça na posição baixa, pronto a colher, para se agarrar à córnea ou à barbela, o que depende das características do touro e do forcado que o "cabo" do grupo escolheu para ir à cara. Fechando-se na cabeça do touro o forcado da cara espera a ajuda dos companheiros, aguentando os derrotes, até que o animal esteja completamente imobilizado. Na pega de cernelha saem à praça os cabrestos com os quais os campinos, atuando a pé com as varas em punho, procuram "enroupar" o touro. Quando julgam poder aproximar-se sem que este o perceba, um forcado agarra-se à parte lateral esquerda do animal, abraçando a "cernelha", enquanto um outro se agarra ao rabo. A pega é consumada quando o touro se imobiliza.

A origem social dos cavaleiros tauromáquicos foi-se alterando ao longo dos tempo e são já raros aqueles que ainda possuem algum título nobiliárquico. Porém, o campo de recrutamento principal ainda se situa entre os proprietários rurais latifundiários, incluindo ganadeiros. A partir dos anos 70 o campo foi objeto de investimento simbólico por parte de famílias enriquecidas rapidamente, nomeadamente no ramo da construção civil e de algumas outras indústrias modernas, que procuraram no mundo dos touros o prestígio que a simples posse do dinheiro nunca traria. Suportando o anátema de serem frequentemente designados "cavaleiros do betão", persistiram e, injetando dinheiro num campo que combina, como vimos, o valor burguês do profissionalismo com uma ideologia senhorial/cavaleiresca, foram adquirindo legitimidade e presença prolongada, sendo hoje uma parte muito relevante dos cavaleiros tauromáquicos.

A lide a cavalo, como se viu, vem intrinsecamente associada à pega e aos forcados que apresentam uma trajetória em parte contrária à dos cavaleiros. Não existem certezas quanto à origem dos forcados. Há quem defenda que eles resultam da entrada em cena dos "monteiros das chocas", pessoal especializado que, munido de varas com uma ponta bifurcada (o "forcado"), defendia os palanques em que se sentavam os nobres durantes as festas de touros no antigo regime. Faziam a "casa da guarda". Há, por outro lado, a teoria de que a sua origem é rural, resultando a destreza que apresentam em praça dos saberes adquiridos nas lides com gado bravo no campo. Provavelmente serão um pouco de cada uma dessas duas coisas.

A verdade é que a sua coragem e arrojo sempre foram muito apreciados, pelo que, desde que as touradas começaram a ganhar forma de espetáculo regulamentado – como vimos, a partir das regras impostas pelos próprios profissionais, e pela extensão da autoridade do Estado que as legitimou – a sua presença nas praças é permanente. Ao princípio os forcados eram anunciados com o nome do "cabo" que organizava o seu grupo. Eram trabalhadores rurais ou da estiva que pegavam como profissionais, para complemento do rendimento familiar. A sua condição pobre não lhes permitia correr o risco de deixarem de trabalhar devido a uma qualquer lesão, a não ser que o prêmio pela atuação compensasse o risco. A partir do primeiro quartel do século XX começam a aparecer os primeiros grupos de forcados amadores. Eram formados por grupos de jovens estudantes nas escolas agrícolas, filhos de latifundiários, que se divertiam a pegar touros. O amadorismo, valor particularmente exaltado, representa a captura dos valores aristocráticos por parte destes forcados.

O seu prestígio, o seu número e a sua capacidade foram crescendo, ao ponto de terem deixado de existir, a partir dos anos 50, grupos profissionais. Fazendo parte do conjunto formado com a lide a cavalo, ajudaram a consolidar, com o argumento adicional do "desprendimento", o poder de uma modalidade do toureio que se foi mantendo dominante em Portugal. O número de grupos de forcados amadores tem crescido de forma sustentada, podendo dizer-se que representam hoje uma cultura juvenil com inegável presença no país.

Se nos anos 30 a 60 os cartéis – elenco dos artistas anunciados para uma corrida de touros – colocavam em letras destacadas os cavaleiros e os matadores de touros, pode dizer-se que a presença dos forcados se tornou cada vez mais evidente e o seu relevo na festa cada vez maior. Embora amadores, e com uma base de recrutamento social que é agora claramente interclassista, possuem consciência de que são hoje, provavelmente, o motivo de maior atração de espectadores, fator que joga a favor do poder simbólico e material que detêm nos nossos dias.

Os matadores de touros atuam em Portugal desde finais do século XIX. Todas as grandes figuras de Espanha e México vinham a Portugal tourear em "corridas mistas" com os nossos melhores cavaleiros, em praças importantes como Lisboa, Santarém, Moita do Ribatejo ou Vila Franca de Xira. Geralmente não matavam os touros. Porém, o toureio a pé tinha uma grande adesão de setores politicamente progressistas da sociedade, nomeadamente

entre os principais políticos e intelectuais republicanos. Por sua pressão organizaram-se várias corridas com touros de morte, nos anos 20 e início dos anos 30, em Lisboa e Vila Franca de Xira. Argumentavam e ainda o fazem os aficionados ao toureio a pé que ele representa o estado mais avançado da tauromaquia, o ponto culminante de um processo de evolução histórica em relação ao qual o toureio a cavalo representaria uma modalidade de menor valor e passadista. E além disso representa o triunfo do mérito individual sobre a condição de nascimento, central na ideologia modernista dos republicanos.

Em 1933 o governo da ditadura fascista proibiu as corridas com touros de morte, mas a presença frequente de toureiros espanhóis e mexicanos em Portugal incentivou muitos jovens a iniciarem uma carreira nessa modalidade. Nos anos 50 e 60 tomam alternativa na Espanha e México algumas dezenas de matadores portugueses que despertam muito interesse no público. As "Touradas à Portuguesa" eram então, geralmente, mistas e frequentemente os matadores de touros de maior "cartel" apareciam nos cartazes de divulgação com os nomes mais salientes que os dos cavaleiros. Os forcados eram então subalternos.

Depois da Revolução do 25 de Abril de 1974 seguiu-se um período conturbado, com novas tentativas de legalizar os "touros de morte". Porém, o falhanço dessas tentativas, conjuntamente com a ascensão dos forcados, ajudou a recriar uma situação de predomínio do toureio a cavalo sobre o toureio a pé, em grande parte explicável pelos profissionais e adeptos desta modalidade – os quais só raramente são refratários em relação à outra – pelo fato dela estar amputada dos seus elementos mais emotivos: a sorte de varas e a verdade da sorte de matar.

HIERARQUIAS, ESTILOS E MECANISMOS DE ACESSO AO CAMPO PROFISSIONAL

A oposição entre o toureio a cavalo e o toureio a pé é atravessada por outras que funcionam em cada um dos lados de forma muito semelhante. Referir-nos-emos à diversidade das posições no campo segundo uma estrutura funcional altamente hierarquizada; ao modo como se confrontam estilos artísticos e como se processa a inovação; aos mecanismos formais de acesso à profissão dos toureiros.

Como vimos, cavaleiros e matadores de touros não atuam sozinhos. São apoiados e coadjuvados por outros profissionais, alguns dos quais intervêm

diretamente na lide dos touros, outros apenas na retaguarda. Mas o campo integra muitos outros elementos. Desde logo os ganadeiros. O touro de lide é o produto de séculos de manipulação genética, primeiro intuitiva, mais recentemente apoiada pela pesquisa científica. Os ganadeiros buscam o "touro ideal" segundo a sua perspetiva. Desse ponto de vista, competem entre si para merecer o apoio do público, que tem vindo a modificar as suas preferências, passando dos touros "fieros" de outros tempos para touros mais "suaves" e mais toureáveis. Talvez mais bravos, repetindo as investidas de modo que os touros de outros tempos não faziam, mas também mais "nobres", isto é, seguindo os enganos e os cites com mais fixidez e menor imprevisibilidade. De qualquer modo, persiste uma oposição entre as "ganadarias duras", que por si só trazem pessoas à praça, e as ganadarias ditas "comerciais", que são as que as principais figuras do toureio preferem, assegurando assim maior rentabilidade econômica onde os outros procuram principalmente prestígio. Note-se que a "comodidade" de um touro é sempre uma "figura de estilo", desde logo porque só se imagina para quem é um profissional sabedor, e sem segundo lugar porque todos os touros pregam cornadas, podendo até dizer-se que são mais perigosos, num certo sentido, aqueles que fazem com que o toureio "se confie mais".

O campo está depois habitado por muitas outras profissões, como a de empresário taurino ou de jornalista especializado, emboladores (especializados na fabricação das bandarilhas e na colocação das emboladuras nos cornos dos touros), campinos ou maiorais, moços de arena, entre outros. Pode dizer-se que os aficionados mais conhecedores dos meandros do "mundillo", mais conhecedores dos segredos da tauromaquia, são ainda parte do campo, ao ponto de se distinguirem os toureiros que agradam aos aficionados daqueles que apenas procuram êxito junto do público comum.

Do ponto de vista do estilo, distinguem-se os toureiros e cavaleiros de técnica dita mais "seca", que alardeiam coragem, arrojo e capacidade lidadora, dos que se caracterizam pela elaboração estética do seu toureio, pelo "pelisco" de arte, equilíbrio e beleza que tentam colocar em tudo o que fazem. A relação entre eles é basicamente de evitamento, procurando os que são dotados de cada um dos conjuntos de características impor o seu estilo como o mais "verdadeiro" e emotivo. Mas raramente se encontram, porque se os primeiros precisam de ganadarias mais duras para evidenciar o seu poderio técnico, os segundos precisam de touros mais colaboradores (repete-se, não confundir com menos perigosos).

Não se pode dizer que uns dominem os outros. Há uma "hierarquia" implícita entre os cavaleiros e os matadores de touros que resulta do êxito que obtêm junto do público, objetivamente mensurável pelos valores que cobram para tourear e pelo número de corridas que fazem em cada temporada. A organização de um marcador oficial do número de corridas toureadas por cada profissional em cada temporada, "o escalafón", ajuda a estabelecer essas hierarquias. Mas as posições cimeiras do "escalafón" podem ser ocupados por toureiros com "corte artístico" muito distinto.

Desses mecanismos de classificação apenas escapam os mais antigos no campo, aqueles que pelo seu passado se guindaram à categoria de "mestres" (legendas do passado e figuras do presente). Alguns foram extraordinários executantes. Outros foram inovadores, mudando as regras. Outros ambas as coisas. Por exemplo, João Branco Núncio impôs nos anos 40 os touros "puros", isto é, sem qualquer corrida realizada, pois só esses serviam o seu toureio frontal e pausado a cavalo; o mesmo tinha feito "Guerrita" na Espanha umas décadas antes. Outros, ainda, inventaram novos conceitos (depois de João Branco Núncio, foi o caso de Mestre Batista e depois de João Moura que, inovando no modo de lidar a cavalo, foram, a seu tempo, "figuras de época"). Alguns destes toureiros inovadores foram mais fiéis à ortodoxia dominante, mas outros contrariaram princípios estabelecidos e levaram mais longe a inovação, num percurso que, de forma geral, tem vindo a trazer o toureio para níveis de cada vez menor confrontação com o touro, e cada vez maior de cumplicidade por via do efeito estético das sortes. Este é um importante automatismo de adaptação do espetáculo às sensibilidades do público sempre em mutação, num processo dialético que tem do outro lado a luta pela valorização das competências de cada uma das figuras como a mais acertada forma de interpretar e/ou transformar as regras.

O estatuto de "maestria" implica, para além da excelência da trajetória profissional, alguma antiguidade no campo. Os mais novos vão procurando criar o seu caminho num sistema em que a antiguidade tem uma forte carga estatutária. Essa carga expressa-se de várias formas. Desde logo, através das vias de acesso às categorias mais altas da profissão. Os forcados costumam iniciar-se nos "grupos juvenis" antes de se juntar aos amigos mais velhos e experientes; os cavaleiros iniciam a carreira como jovens amadores, depois passam a cavaleiros praticantes e só depois assumem o estatuto de "cavaleiro de alternativa"; os matadores de touros antigamente começaram como bandarilheiros a quem um dia o "chefe de quadrilha", ou "cabeça de cartaz", cedia um touro para matar, permitindo-lhe a passagem à categoria de matador de touros. Mas o mais normal, desde há décadas a esta parte, é começar-se como "bezerrista", depois "novilheiro sem picadores", de onde se passa, se tiver o valor, a sorte e os apoios certos, a "novilheiro", seguindo, aos que sobrevivem a essa fase, a "alternativa" de matador de touros.

Todas estas progressões são controladas pelos próprios profissionais, numa lógica de ofício. Todas implicam provas formais, sendo a passagem às categorias de cavaleiros tauromáquicos e de matadores de touros chamada "alternativa". Esta consiste num ritual em que um colega mais velho cede o seu touro para ser lidado a cavalo ou lidado e morto a pé por um jovem pretendente que tenha cumprido uma trajetória de relevo nas categorias inferiores de cavaleiro praticante ou de novilheiro. Esta cedência do touro dá-se perante um terceiro profissional, que "testemunha" o ato. São os profissionais que determinam se o candidato prova ou não estar na posse das condições de aceder à posição mais elevada na respectiva categoria.

A data da alternativa passará a ser considerada daí para a frente para diversos efeitos, como a colocação dos toureiros no passeio ou nas cortesias, a ordem de lide (os mais antigos têm precedência obrigatória sobre os mais novos) e até na posição em que se colocam em eventos públicos fora das arenas, como colóquios ou debates. Independentemente de considerações relativas ao mérito, a ordem de antiguidade é sempre respeitada, como uma regra sem exceção.

BREVE REMATE

Como os toureiros rematam as faenas com um pequeno número de "passes de adorno", também nós aqui deixaremos uma rápida sugestão.

Não podemos pretender num texto como este sequer ensaiar uma abordagem compreensiva a uma festa tão rica e diversa quer quanto às formas, quer quanto aos sentidos que encerra, como é a Festa de Touros. Importa, isso sim, esclarecer que se trata de um fenômeno muito mais disperso no mundo do que geralmente se pensa, muito mais complexo do que quem não o conhece muitas vezes imagina, e muito mais plástico do que supõem os que julgam que se trata apenas de uma tradição a cair em desuso e não de uma cultura viva como é.

Viva e, naturalmente, contraditória e controversa. Não apenas por causa dos seus inimigos externos que pretendem a sua liquidação. Controversa

também, e talvez principalmente, porque colocada num universo simbólico e emocional muito forte, desperta paixões, confronta princípios e valores e se constitui numa linguagem através da qual se podem expressar vários interesses contrários e diversas visões do mundo.

Principalmente, trata-se de uma cultura para a qual importa olhar sem preconceitos, no sentido de a conhecer melhor. A luta contra a dominação das indústrias culturais, tendentes a eliminar discursos e linguagens com sentidos alternativos, torna esse conhecimento um contributo relevante para a democracia e a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYUELO, Francisco J. Flores. *Correr los toros en España:* del monte a la plaza. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction:* critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.

_____. *Le sens pratique.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. *Questions de sociologie.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

CALVO, Enrique Gil. *Función de toros*. Madrid: Espasa Calpe, 1989.

CAPUCHA, Luís. "O campo da tauromaquia". *Sociologia, problemas e práticas.* Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

_____."O espelho quebrado: versus e reversus nas tauromaquias populares". *Mediterrâneo*. Lisboa, n. 5-6, p. 33-57, 1995.

_____. Histórias da tauromaquia em Portugal: cavaleiros, forcados, matadores e festas populares. In: MOLLINIÉ-BERTRAND, Annie; DUVIOLS, Jean-Paul; GUILLAUME-ALONSO, Araceli (Ed.). *Des taureaux et des hommes*, Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1999. p. 135-148.

_____. Barrancos, pura fiesta. *Revista de Estudios Taurinos*. Sevilha, n. 16, p. 95-131, 2003.

CONRAD, Jack Randolph. *The horn and the sword.: : the history of the bull as symbol of power and fertility.* London: MacGibbon & Kee, 1959.

COSSIO, José M. *Los toros.* Madrid: Espasa Calpe, 1961.

CUTILEIRO, José. *Ricos e pobres no Alentejo.* Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

Da MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

De MELO, Victor Andrade. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez. 2013.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação.* Lisboa: Difel, 1992.

MAUDET, Jean-Baptiste. *Terres de Taureaux::* les jeux taurins de l'Europe à l'Amérique. Madrid: Casa de Velázquez, 2010.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie. 3. ed.* Paris: Quadrige/PUF, 1989.

MIRANDA, Ángel Álvarez. *Ritos y juegos del toro*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1998.

TEIXEIRA, Fernando. *O touro e o destino:* morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa, 1994.

CAPÍTULO 2

As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial[1]

Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

Na literatura nacional, já existem muitas discussões sobre as festividades reais promovidas no Brasil colonial.[2] Organizadas para celebrar datas importantes da Coroa portuguesa, evidenciavam a centralidade do monarca, tendo por intuito acirrar os vínculos de fidelidade com a metrópole. Tratava-se claramente de uma estratégia de controle, de exercício da soberania, a partir de uma exposição simbólica do poder monárquico, que incorporava e unificava o religioso e o político:

> As festas públicas mobilizavam todas as esferas da vida política, material, religiosa e simbólica, apresentando-se como vetores importantes de reprodução e reinvenção do modelo societário ibérico em terras do além mar. Momentos de trégua indecisa, de teatralização da ordem social e de dramatização das experiências vividas em comunidades que se viam como parte do Império português, mas, especialmente, como integrantes de um mundo católico (KANTOR, 2008, p. 166).

Essas ocasiões eram importantes para a própria hierarquia colonial, dramatizando a distribuição de poder local, uma situação adequada para o desfile das distinções no palco social: "Nestes momentos festivos a sociedade se apresentava a si mesma, de forma ordenada e ordeira, rememorando os lugares e a soma dos poderes e da autoridade, associados a cada um dos indivíduos que integravam este todo social" (GOUVÊA, 2002, p. 152).

1 Artigo originalmente publicado em *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez. 2013.

2 Ver, por exemplo, os estudos de Hansen (2001), Pereira (2004), Lara (2007), Moura Filha (2007), Paes (2008), entre tantos outros.

Assim, ainda que a organização de uma boa parte das festividades tenha sido uma determinação exarada diretamente de Lisboa, não poucas vezes foram também iniciativas que partiram das câmaras, governadores ou do vice-rei, que procuravam exaltar seus laços de lealdade com a Coroa e publicamente demonstrar seu poder. Não surpreende saber que, após a realização dos festejos, comumente se enviava à metrópole uma prestação de contas do que na colônia ocorrera.

É compreensível que, no Brasil, esses eventos tenham se tornado mais frequentes no decorrer do século XVIII, momento em que cresceram as cidades e vilas, período em que aumentou a importância da colônia para a economia de Portugal. De fato, as riquezas minerais, descobertas nessa centúria, foram fundamentais na construção de condições para que a monarquia portuguesa se tornasse mais ostentatória. Esse enriquecimento, inclusive, favoreceu a organização de festividades mais onerosas; o luxo e o fausto reforçavam o poder da metrópole.

Sem negar essa explícita intencionalidade política, parece prudente, todavia, complexificar e ampliar o escopo de análise desses eventos. Se eram quase uma obrigação (e por vezes eram efetivamente uma obrigação), ocasiões instrumentalizadas pelas diversas instâncias de poder, não devemos negar que também eram um momento de diversão, que agradava à maior parte dos envolvidos, tanto mais que, na ordem colonial, as possibilidades de divertimento eram reduzidas, ainda não estavam bem estruturadas e tinham que lidar com uma série de restrições, políticas e religiosas, que iriam se atenuar no decorrer do século XIX.

Os festejos públicos, que envolviam ativamente a população, que participava das mais diversas formas (inclusive com a oferta de donativos que custeavam a organização), possuíam algumas características em comum, entre as quais uma programação que reunia o profano e o sagrado; na esteira do barroco, um conjunto de experiências múltiplas e sensoriais (CONDE; MASSIMI, 2008): cerimônias religiosas, luminárias e fogos de artifícios, representações teatrais que na maior parte das vezes ocorriam em uma arena especificamente montada para a ocasião – a praça do curro. A cidade agitava-se quando eram anunciadas, sempre com alarde, as festividades:

> Se o movimento se fazia sentir ativo e vivo nas casas, nas lojas e oficinas, transformando o aspecto patriarcal e tranquilo da cidade, não menos vivo e ativo era o que ia pelos campos indicados para o levantamento de um anfiteatro, onde pudessem ser corridos touros e cavalos, exibidos danças e carros

> alegóricos. Trabalhavam carapinas vindos de toda parte; pedreiros e pintores de brocha até de madrugada, à luz de cabeças de alcatrão, que a escravaria carregava. E de um amontoado de lonas, de madeiras que carretas cuspiam sem descanso ao redor da praça, surgia, enfim, a grande peça de arquitetura, que se dispunha a impressionar os basbaques do tempo (EDMUNDO, 2000, p. 104).

Entre as *performances* que marcavam a programação dos eventos, além de peças, danças (que com o decorrer do tempo foram adquirindo a característica de um desfile de carros alegóricos), atividades musicais e cavalhadas, em muitas ocasiões foram promovidas touradas, assunto que pretendemos discutir nesse artigo.

Que espaços ocupavam nesses festejos? Que símbolos cercavam sua realização? Como eram organizadas? Para responder tais questões, nos debruçamos sobre as corridas de touros promovidas no Rio de Janeiro, a cidade que se tornara sucessivamente a capital do Vice-Reinado (a partir de 1763), do Império português (1808), do Reino do Brasil (1815) e do Brasil independente (1822).

ANTES DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL

As corridas de touros já há muito faziam parte das celebrações em Portugal. Por exemplo, Moura Filha (2007) lembra que, em 1451, em Lisboa, por ocasião dos festejos do casamento da princesa d. Leonor com Frederico III da Alemanha, foi montado um teatro provisório para a realização de touradas. Na verdade, quando se conformou um modelo de festas públicas, que foi para o Brasil transferido, elas passaram a ser concebidas como uma importante parte do espetáculo, com ansiedade aguardada pelo público.

No Rio de Janeiro, ainda que tenham se tornado mais comuns no decorrer do século XVIII, já no XVII foram realizadas por ocasião de algumas festividades. Por exemplo, nas celebrações comemorativas à restauração e aclamação de d. João IV, promovidas entre os dias 31 de março e 8 de abril de 1641, além de encamisadas, comédias, jogo de canas, desfile de companhias de máscara, foram organizadas touradas, em uma praça do curro provavelmente construída na região do Campo da Ajuda:[3]

3 Na verdade, falamos de uma região localizada entre o morro do Castelo e a lagoa do Boqueirão, na ocasião ainda não urbanizada nem assim denominada. Isso somente ocorreu com a construção do Convento da Ajuda (em 1750). Também chamado de Largo da Mãe do Bispo, passou por muitas mudanças, sendo hoje a área onde se encontra a Cinelândia. Para uma discussão sobre as cerimônias de 1641, ver Pereira (2004).

> Á terça-feira mandou o Governador correr touros, dando prêmios ás melhores sortes, ou maior dextreza, tudo á sua custa; e illustraram a praça muitos cavalheiros que na dextreza dos cavallos, brio e força dos rojões livraram o perigo a que se expunham, sem que succedesse nem desastre, nem desgosto (p. 351).[4]

Vejamos que esse discurso ecoa algumas representações que acompanham as touradas por toda sua trajetória: o homem que desafia o perigo, que enfrenta a natureza e demonstra publicamente seu valor (ALMEIDA, 1951).

Deve-se destacar a importância desse evento nos momentos pós-restauração, em que se sentia a urgência do restabelecimento de vínculos de lealdade com o Coroa portuguesa. Além disso, no Rio de Janeiro, isso tinha relação com as tensões desencadeadas pela administração de Salvador Correia de Sá e Benevides.[5] Considerado autoritário, inepto e corrupto, foram intensos os conflitos que ocasionou na cidade.

Já no século XVIII, ainda antes de a cidade tornar-se a capital, as touradas integraram o programa das festividades realizadas no Rio de Janeiro, em 1760, em comemoração ao casamento de d. Maria e d. Pedro. O evento seguiu o modelo habitual: tríduo solene na Catedral, luminárias, fogos de artifícios, representações teatrais (farsas, danças, óperas), seis dias de corridas de touros e cavalhadas. Liderou a organização o governador Gomes Freire (PEREIRA, 2004; LARA, 2007), cuja gestão foi marcada pelo investimento no desenvolvimento urbano.

Esse mesmo governador, juntamente com o bispo d. Antônio do Desterro Malheiros, foi o organizador dos festejos realizados, em 1762, em celebração ao nascimento do Príncipe da Beira, d. José, primogênito de d. Maria I. As touradas foram promovidas em uma praça montada no Campo de São Domingos (PEREIRA, 2004).

Sobre essas corridas, podemos saber um pouco mais por meio de um opúsculo que narrou as festividades,[6] aqui utilizado conforme citado no

4 RELAÇÃO da acclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei D. João IV, por verdadeiro Rei e Senhor do seu Reino de Portugal, com a felicíssima restituição que d'elle se fez a Sua Majestade, que Deus Guarde, etc. *Revista Trimestral de História e Geografia* ou Jornal do Instituto Histórico Geographico Brazileiro, Rio de Janeiro, tomo 5, p. 343-352, 1843 (1885).

5 Ocupou vários postos no Império português. Era descendente de Mem de Sá e Estácio de Sá, fundadores da cidade. Foi governador do Rio de Janeiro em três períodos: 1637 a 1642, 1648 e 1659 a 1660. Para mais informações, ver Fragoso (2003) e Silva (2005).

6 RELAÇÃO dos obsequiosos festejos, que se fizeram na Cidade de Sebastião do Rio de Janeiro, pela plausível notícia do Nascimento do Sereníssimo Senhor Príncipe da Beira, o Senhor D. José. No ano de 1762, oferecida ao nobilíssimo Senado da mesma Cidade, que tão

estudo de Pereira (2004). A praça do curro tratava-se de uma grande instalação, de aproximadamente 73 x 55 metros (40 x 30 braçadas), com palanques e dois camarotes luxuosos e muito bem ornamentados. Os símbolos reais estavam espalhados pela arena, bem como exibidos nas pomposas roupas dos mais poderosos. Estima-se que, por dia, cerca de 10.000 pessoas compareceram ao evento, entre as quais as mais importantes personalidades da cidade. Para que se tenha uma ideia do tamanho da afluência de público, segundo Honorato (2008), em 1799, mais de 35 anos depois, portanto, o Rio de Janeiro possuía 43.736 habitantes.

É possível perceber que as touradas seguiram, na íntegra, o ritual típico português, destacando-se a atuação do diretor da companhia de toureiros, o sargento-mor Gregório de Morais Castro Pimentel. Percebe-se que já havia alguma estrutura comercial ao redor das corridas, mesmo que ainda se estivesse longe do formato que vai marcar a prática a partir da terceira década do século XIX. Por exemplo, não se tratava de um grupo tauromáquico profissional e estável, mas sim formado para a ocasião (e mesmo para situações em que havia corridas de touros isoladas). De toda forma, não atuavam gratuitamente, eram remunerados por sua *performance*.

Vale a pena dedicar algumas linhas para discutir a participação do sargento-mor como diretor da companhia de toureiros. Devemos lembrar que, na ocasião, tratava-se de uma patente de oficial superior, aproximadamente equivalente ao atual posto de major. Gregório Pimentel alcançara tal condição por sugestão do próprio Gomes Freire, que já o conhecia de situações particulares. Futuramente chegaria a coronel, tendo se aposentado como brigadeiro (logo abaixo de general). Esteve, entre outras ações relevantes, envolvido com o estabelecimento de fronteiras em decorrência do Tratado de Madri (1750).[7] Foi, enfim, um personagem de destaque na sociedade colonial que assumiu uma função protagonista nas touradas de 1762.

Como já observamos, os festejos eram também realizados quando havia alguma importante ocasião local, como a posse de governantes. Luiz Edmundo (2000) sugere que uma dessas situações pode ser observada, em

generosamente concorreu para estes grandes festejos, em que se empenhou a sua fidelidade, e desempenhou seu afeto. Por um seu Cidadão e Anônimo. Lisboa, na Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXIII (1763).

7 Substituindo o Tratado de Tordesilhas, definiu os limites entre as colônias sul-americanas de Portugal e Espanha.

1769, nas celebrações oferecidas pelo conde de Azambuja[8] ao marquês de Lavradio,[9] no momento em que o último se tornou o novo vice-rei.

Lavradio não parece ter ficado muito satisfeito com a recepção, a despeito de reconhecer a boa organização do evento:

> [...] houve seis dias de luminárias e algumas ruas estavam magníficas porque além das luzes que havia nas janelas eram lustres pelo meio da rua e em uma noite em que fui com o conde vice-rei ver este obséquio o acrescentaram com bastante fogo de artifício e muito fogo do ar. Tem havido três dias de outeiro e outros três de ópera, alternando estes dois divertimentos entre si, e prevenida uma grande festa de touros e cavalhadas para o que se está acabando uma praça que ficará magnífica; porém, todos esses divertimentos e todas essas podres e abomináveis bajulações não têm tido o poder de me fazer satisfação nem por um instante.[10]

Sugere Edmundo (2000) que Lavradio não era afeito a touradas, e não teria especialmente apreciado as atividades realizadas na praça do curro montada no Campo de São Domingos. De um lado, isso pode parecer estranho já que o novo vice-rei demonstrava uma grande disposição para a vida social, sendo costumeiro frequentador de bailes e reuniões sociais, bem como fervoroso colaborador para o desenvolvimento do teatro (CAVALCANTI, 2004). De outro lado, vale lembrar que era muito preocupado com o progresso e com os avanços dos costumes, tendo desempenhado efetivamente um importante papel na melhor estruturação da colônia, notadamente da capital.[11]

A proximidade de Lavradio com ideais iluministas e com as ideias do marquês de Pombal[12] pode ajudar a entender sua não adesão às corridas de touros. Elas estariam muito ligadas a certas representações que algumas lideranças políticas pretendiam superar. Lembremos que, em 1777, chegou-se a proibir as touradas em Portugal, uma decisão que não foi à frente, ainda que tenha posto em xeque o hábito de matar o touro na arena (ALMEIDA, 1951).

8 Foi vice-rei do Brasil entre 1767 e 1769.

9 Foi vice-rei do Brasil entre 1769 e 1778.

10 Correspondência particular do vice-rei marquês do Lavradio. Arquivo do senhor Hipólito Santos. Carta de amizade escrita ao chanceler conselheiro na Bahia, em 8 de dezembro de 1769.

11 Um panorama de suas ações pode ser percebido em Arquivo Nacional (1999).

12 Pombal foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777). Foi um dos propugnadores da adoção de ideias ilustradas em Portugal.

O fato é que as contestações podem até ter interferido na dinâmica da prática, mas não destruíram seu prestígio. A arte de tourear vai mesmo marcar a construção do "marialvismo", termo que se origina do livro lançado pelo marquês de Marialva, um dos que lançou as bases do toureio a cavalo. Trata-se de uma noção que vai se conformar como uma tradição conservadora: o provinciano em oposição ao citadino, uma contraposição ao libertino, a proposição de se afastar de parâmetros europeus ilustrados. Marca, de fato, uma especificidade na construção identitária portuguesa (ALMEIDA, 1997).

No Rio de Janeiro, uma vez mais as corridas foram inseridas na programação das festividades realizadas para a celebração do casamento de d. João com d. Carlota Joaquina, em 1786, organizadas pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa.[13] A maior parte das instalações das comemorações foi montada no Passeio Público, um novo espaço que simbolizava as iniciativas, tímidas é verdade, de modernização da cidade. Para Vieira Fazenda (1921), a arena foi construída bem ao lado do novo parque, no Campo da Lapa do Desterro.[14]

Para Segawa (1996), chega a ser surpreendente a criação de um local tão "civilizado" em plena ordem colonial. Nesse sentido, é mesmo possível que por lá não se tenha realizado touradas. É mais provável que esteja certa Lara (2007), que sugere que a arena na qual se realizaram os festejos de 1786 tenha sido instalada no Campo de Santana, local que passou a abrigar a maior parte das corridas até 1822.

Tratava-se, na época, de uma região mais afastada do centro do Rio de Janeiro. Chamou-se Campo de São Domingos por lá haver uma capela ao santo dedicada. A partir de meados do século XVIII, com a construção de um novo templo, passou a ser também conhecido como Campo de Santana. Durante muito tempo foi uma área deserta, dedicada ao pasto ou usada para jogar os dejetos, o limite entre o urbano e o rural.

No decorrer do século XIX, o espaço foi sendo reestruturado e ao seu redor foram instaladas importantes edificações. Simultaneamente, foi se

13 Como seu antecessor, o marquês de Lavradio, destacou-se por sua ligação a ideias ilustradas. Foi vice-rei de 1778 a 1790.

14 Atual largo da Lapa, na época assim denominado em função da Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, construída em 1750.

tornando um jardim, dividindo as atenções com o Passeio Público. Passou também a sediar festividades e eventos.[15] Como sugere Segawa (1996):

> A criação de um jardim de amenidades e festejos [...] – alternativo ao Passeio Público setecentista – indiciava o papel relevante e oficial que o Campo de Santana gradativamente iria assumindo ao longo do século 19. Efetivamente, a Corte elegeu – e a família imperial brasileira endossou – aquele espaço como cenário de suas exibições de pompa e circunstância em diversas oportunidades (p. 159).

Lá foi montada a praça do curro para as comemorações do nascimento de d. Francisco Antônio (1795), primeiro filho homem de d. João e d. Carlota Joaquina[16] (PEREIRA, 2004). Na obra de Cavalcanti (2004), encontramos uma preciosa relação das despesas do Senado da Câmara na preparação dessas festividades. Percebe-se que eram altos os custos e grandes as exigências técnicas. Foram gastos quase seis contos de réis com a compra de material para a construção da arena, a contratação de pessoal para executar as obras e desempenhar todas as funções necessárias, a aquisição de material diverso (entre os quais para as vestimentas de dois toureiros, Luiz Antônio e Joaquim Ferreira[17]).

Cavalcanti (2004) informa também que, entre os profissionais de artes cênicas que na cidade da ocasião trabalhavam, Luiz Antônio Gonzaga era um empresário que organizava touradas. Não conseguimos mais informações sobre esse personagem, mas esse dado é mais um indício de que alguma estrutura comercial já cercava as corridas de touros.

APÓS A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL

Em 1808, em função dos conflitos napoleônicos, a família real portuguesa desembarcou no Brasil. O inusitado fato de o Rio de Janeiro ter se transformado na capital do Império português, bem como a ascensão do Brasil

15 Mudou de nome várias vezes até ser denominado praça da República (embora continue sendo conhecido como Campo de Santana).

16 Francisco Antônio faleceu em 1801, abrindo caminho para d. Pedro tornar-se herdeiro do trono.

17 O material comprado permite-nos ter uma noção das vestimentas: veludo cor-de-rosa, verde, preto; seda pérola ramo de ouro, chapéu fino liso sabido, chapéu fino de dois galões, galão de prata, galão de prata para chapéu, ourante escarlate, bertanha saluzia, calças, maqueduns, tafetá cor de pérola, holanda, holanda crua, holandilha, lenço para pescoço, fita de lágrimas, jaleco bordado de matiz, retrós, linha, botões, marcas, forçal (CAVALCANTI, 2004).

à condição de Reino Unido ao de Portugal e Algarves (1815) e a própria coroação de d. João VI (1818), que se deu em terras brasileiras, contribuíram tanto para desenvolver um protagonismo político local quanto para potencializar os mercados interno e externo já existentes desde o século XVIII (CALDEIRA, 2011).

Até 1820, quando ocorre a Revolução Liberal do Porto, o que se percebe é um acirrar das relações com a ordem monárquica, uma vez mais celebrada pelas muitas festas públicas organizadas, diretamente relacionadas a datas importantes da família real. As touradas seguem sendo uma atividade importante nessas ocasiões. Como celebra Luiz Gonçalves Santos (1981),[18] o padre Perereca, cuja obra é marcada por um tom bajulador:

> Foi um tempo de solenidades faustosas, de frequentes cerimônias religiosas, de procissões votivas, touradas, cavalgatas e encamisadas, com o pitoresco dos costumes – em dias de gala, de aniversários e batizados de pessoas reais ou de fidalgos, concorrendo o povo a esses divertimentos, que se revestiam de pompa até então desconhecida (p. 17).

Como no período anterior, é importante observar que esses eventos, ainda que marcados por fortes intencionalidades políticas, eram ocasiões que adquiriam sentidos multifacetados:

> [...] não se pode encarar a noção de festejo público apenas como uma forma de mistificação política ou social. O povo aprende a respeitar o soberano, mas ao mesmo tempo diverte-se; o povo fica entretido e, portanto, tranquilo, mas ao mesmo tempo que é espectador, ele participa do festejo. (SILVA, 1978, p. 57)

Já na chegada da família real, foram magníficas as cerimônias de recepção. Na programação, como de costume, houve touradas.[19] Nessa ocasião, se destacou o envolvimento de certos personagens que, desempenhando funções subalternas (notadamente ligadas à lida com cavalos e ao artesanato de cobre e ferro), passariam a ocupar um espaço protagonista nos festejos públicos: os ciganos.

Desde o início do século XVIII, os ciganos começaram a chegar ao Brasil, a princípio por terem sido degradados de Portugal. No Rio de Janeiro, uma das localidades em que se instalaram foi o campo dos Ciganos, o antigo largo do Rossio Grande, depois renomeado para campo do Polé, Praça da

18 A edição original dessa obra é de 1825.

19 Para um breve panorama dessas comemorações, ver Schwarcz, Costa e Azevedo (2002).

Constituição e, por fim, praça Tiradentes. Nessa área, por ocasião da elevação do Brasil a Reino Unido, em 1815, foi realizada parte significativa dos festejos, nos quais os ciganos desempenharam importante papel, inclusive nas touradas.[20]

Uma das mais notáveis ocasiões em que as corridas de touros integraram a programação de festividades organizadas na capital se deu em 1810, nas cerimônias de celebração do casamento de d. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, infante da Espanha, e d. Maria Teresa, filha mais velha de d. João e d. Carlota Joaquina. Foram sete dias de touradas, cavalhadas, danças, desfiles de carros e espetáculos de fogos de artifício. A *Gazeta do Rio de Janeiro* estima que cerca de sete mil pessoas tenham comparecido por dia. A celebração foi intensa, com o intuito de dar provas "do muito amor e respeito que o honrado povo do Rio de Janeiro consagra à Augusta Família de Bragança, que tanto bens lhe veio trazer com sua presença".[21]

Para Santos (1981), tratou-se de uma das mais empolgantes festividades até então promovidas.[22] Ainda que as funções tenham se repetido por dias, sugere nosso informante que não foi possível atender a todos os interessados. O próprio príncipe regente teria determinado que parte das atividades fosse reproduzida fora da praça de curro, para que maior número de pessoas pudesse assistir. A *Gazeta do Rio de Janeiro* celebra essa decisão:

> Tal é o paternal desvelo de S. A. R. pelo seu amado povo, que não só se ocupou em grande dos seus mais caros interesses, prosperando o comércio, fábricas, e lavoura, e procurando a paz e cômodo de todos; mas sem lhe escapar coisa alguma chega a ponto de se dignar concorrer para que não falte aos pequeninos ocasião de se entreterem com um espetáculo deleitável.[23]

Segundo Santos (1981), a arena construída para essa cerimônia, "pela sua extensão, grandeza e elegância, levou a palma a todas quantas jamais se fizeram nesta cidade" (p. 263). Tratava-se de uma instalação poligonal de 12 lados, quase oval, com comprimento de 474 palmos, largura de 351 palmos e altura de 40 palmos; isso é, aproximadamente 105 x 77 x 9 metros.

20 Posteriormente também se instalaram na Cidade Nova, nas redondezas do Campo de Santana, e tomaram parte nas atividades tauromáquicas que nesse local se organizaram. Para mais informações sobre os ciganos, ver Moraes Filho (1981).

21 GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 3, 6 out 1810.

22 Deve-se perceber que o inglês John Luccock (1987) não se mostrou tão empolgado como Santos (1981). Na verdade, as considerou modestas e longe das suas congêneres europeias.

23 GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 4, 7 nov. 1810.

O interior era ricamente adornado, com muito conforto nos camarotes. Mesmo que devamos descontar certo exagero do nosso informante, o padre Perereca, não se pode negar o fausto e o investimento.

De acordo com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o redondel era "admirável pelo seu tamanho, elegância, e cômodo, e que pelo assíduo zelo do respeitável, e digno magistrado, que preside a polícia, foi feito de propósito as festas sem despesa de pessoa alguma, e em tempo incrível pela brevidade".[24] De fato, ficara responsável pela organização Paulo Fernandes Vianna, intendente-geral de polícia, um cargo que, na época, tinha funções similares as de um prefeito, além do exercício das tarefas de segurança pública.

Na maior parte das vezes, todavia, o Senado da Câmara era responsável pela promoção das festividades, tanto pelas ordinárias (isso é, aquelas que ocorriam com certa frequência, como as religiosas) quanto pelas reais (que ocorriam de acordo com a determinação da monarquia).[25] Deveria conseguir os recursos e estruturar tudo o que fosse necessário para a boa realização dos eventos, inclusive contratando os serviços adequados.

Nem sempre era simples cumprir essa função. Havia constantemente conflitos de interesses, já que os mais poderosos da cidade buscavam assumir um papel protagonista, reforçando sua notabilidade social: com a Coroa, com a elite local, com a própria população. Como vimos no caso da atuação de Paulo Vianna nos festejos de 1810, por vezes o Senado da Câmara era mesmo alijado da organização. Havia também dificuldades de ordem financeira. Vejamos o envolvimento da instituição na promoção das festividades de outubro de 1818.

Esse foi mesmo um ano animado. Já no mês de janeiro foram organizadas festividades para comemorar o aniversário da nova princesa real, a austríaca d. Carolina Josefa Leopoldina, que chegara ao Brasil no final de 1817, em função de seu casamento com d. Pedro (que futuramente seria o primeiro monarca do país independente). Em frente ao Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boavista, foi montada a praça de curros. Em meio a apresentações musicais, teatrais e de danças, sempre com muitos fogos de artifícios, ocorreram quatro tardes de corridas de touros (SANTOS, 1981; NORTON, 2008). Maria Graham faz referência a essa ocasião:

24 Gazeta do Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1810, p. 2.

25 De acordo com Gouvêa (2002), três eram as principais funções do Senado da Câmara: a indicação dos habilitados para os cargos de confiança, o abastecimento da cidade e "a organização de boa parte das cerimônias e dos divertimentos que entretinham a população" (p. 127). Para mais informações sobre o Senado da Câmara, ver Porto (2011).

> Este ano abriu-se no Rio com uma festa incomum. A 22 de janeiro houve uma grande tourada em São Cristóvão — a casa de campo real — em honra do aniversário da jovem Princesa Real. Seguiu-se uma dança militar na qual se exibiram os vestuários de cada região dos domínios portugueses a leste e oeste. Apareceram Portugal, Algarve, África e Índia, China e Brasil para homenagear a ilustre estrangeira. A música, em que o gosto do rei era incomparável, formava uma grande parte do espetáculo e o Brasil talvez nunca tenha tido um festival tão magnífico (1956, p. 65).[26]

A *Gazeta do Rio de Janeiro* também não poupou tinta para elogiar os festejos, inclusive as corridas de touros. O jornal observa que: "Assistiu a estes belos espetáculos um imenso concurso do povo, a quem foi concedida a sublime honra de acompanhar a Sua Majestade".[27] O evento, como de costume, serviu para que a família real se exibisse para o público, em seus camarotes próprios, acompanhada de diplomatas, oficiais, membros das elites. Além de tudo, aproveitou-se a ocasião para apresentar D. Leopoldina à sociedade da Corte.

O melhor estava por vir. Entre os meses de fevereiro e outubro ocorreram na cidade várias comemorações relacionadas a duas importantes cerimônias monárquicas realizadas em solo brasileiro: a aclamação de d. João como rei de Portugal, Brasil e Algarves e o casamento de d. Pedro e d. Leopoldina.

Foram intensos os preparativos para a culminação das festividades, uma grande festa a ser realizada em outubro. Essa movimentação recebeu uma breve observação do mal-humorado Luís Joaquim dos Santos Marrocos, que chegara à cidade, em 1811, trazendo de Lisboa a Biblioteca Real, tornando-se responsável por esse acervo e por organizar os documentos da coroa. Segundo suas palavras, em função do evento, chegava muita gente das capitanias, realizavam-se muitos ensaios e recebia-se na capital os mais diversos produtos: "mandaram vir grossas manadas de touros escolhidos em força e braveza, com que se pretende dar as boas tardes a uns e boas noites a outros" (2008, p. 398).

Na verdade, desde 1817, a celebração estava sendo preparada. Em reunião realizada em 11 de novembro, o Senado da Câmara começara a se organizar, inclusive convocando as corporações de ofícios[28] a participarem

26 Essa obra foi pela primeira vez publicada em 1824.

27 GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 3, 28 jan. 1818.

28 Na ocasião, parecia ainda vigorar a organização portuguesa das corporações de ofícios (Nova Regulação da Casa dos Vinte e Quatro): 12 grêmios ligados às diversas categorias profissionais. Para mais informações, ver Martins (2008).

das cerimônias, tendo acordado que "se construísse um Curro no Campo de Santana", com todo "embelezamento e fausto de um objeto de tanta consideração e respeito".[29]

Já discutimos o quanto a construção da praça do curro era custosa, complexa e preocupava os responsáveis pela organização das festividades. Era o sinal mais evidente do poderio da monarquia, que não deveria se exibir em uma instalação improvisada e mal-acabada. Dada essa importância, não surpreende saber que por ela ficaram responsáveis importantes personagens da engenharia colonial. Por exemplo, a arena que recebeu os festejos de 1818 foi planejada por Grandjean de Montigny, sendo as obras orientadas por Manuel Costa.

O envolvimento desses personagens é mais uma prova da importância da empreitada. O primeiro chegara ao Brasil junto com a Missão Artística Francesa e foi um dos responsáveis por difundir na colônia (e depois no país independente) um corpo de conhecimentos e profissionais sobre a arquitetura. Já o segundo foi um dos artistas que acompanhou d. João em sua vinda para a América. Foi o arquiteto de importantes obras, como o Teatro Real de São João e o Palácio de São Cristóvão.

Mas com quais recursos o Senado da Câmara promoveria os eventos? Não é fácil obter, com precisão, informações sobre as rendas e despesas da instituição. Sabe-se que, todavia, parte significativa de seus recursos era destinada às festividades, (GOUVÊA, 2002).

Para os festejos de 1818, a Câmara lançou um edital para a construção da praça do curro. Todavia, como podemos ver na descrição da reunião de 13 de dezembro de 1817, não considerou adequadas e suficientes as propostas apresentadas. Dessa forma, decidiu "por se fazer o Curro por administração e conta do mesmo Senado que para os meios e circunstância necessárias para a sua fatura se ajam".[30]

No entanto, os vereadores tinham que lidar com os problemas econômicos que sempre marcaram a instituição, acentuados com as exigências que sobre ela se abateram com a chegada da Família Real (GOUVÊA, 2002). Assim, ficou decidido que todas as rendas em caixa ficariam destinadas à construção do curro. Mais ainda, para garantir a excelência das festividades, optou-se por fazer um fundo de 32 contos de réis, com cotas divididas

29 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1817, códice 16-3-25.

30 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1817, códice 16-3-25.

por quatro vereadores (oito contos para cada). Mesmo assim, os recursos parecem não ter sido suficientes.

A solução para as despesas veio de um antigo procedimento. Dando provas de "sua lealdade e vassalagem para com a Coroa, através da disponibilização de seus recursos pessoais" (GOUVÊA, 2002, p. 117), os vereadores Francisco de Souza e Oliveira, Luiz José Viana Gurgel do Amaral e Rocha e o coronel Manoel Caetano Pinto emprestaram, cada um, mais 2:000$000.[31]

Nas atas de 1818, pode-se perceber algumas das despesas previstas. Em 2 de maio,[32] identifica-se que da Capitania de São Paulo pretendia-se comprar 30 touros, prevendo-se também convidar para dirigir as corridas o capitão-mor da Vila de Castro, Domingos José Vieira.[33] Em 17 de junho, informa-se que se tentou também adquirir esses animais em São João Del Rei. Mais ainda, que o brigadeiro Francisco Xavier dos Santos[34] estimara em 250$000 o custo com a equipe de toureiros.

Eram mesmo custosas essas festividades. No Rio de Janeiro, o pagamento das dívidas se arrastou por quase um ano. Por exemplo, somente em 28 de abril de 1819, a vereação autorizou a pagar 18$530 a Francisco Estanislau de Oliveira, por ter cobrado 926$602 das diversas corporações que se propuseram a ajudar.[35] Em 9 de junho foi a vez dos paulistas cobrarem o dinheiro dos touros.

Depois de uma longa e exaustiva preparação, parece ter sido um sucesso as festividades de outubro de 1818, nas quais as touradas, como de costume, estiveram inseridas em uma programação diversa. O afluxo de público foi notável. Como sugere Silva:

> Quer as corridas de touros, quer as cavalhadas, eram consideradas a parte nobre do espetáculo na praça de curro, e às vezes realizavam-se umas, às vezes outras, pois os festejos duravam vários dias [...]. A repetição era aliás necessária para permitir que maior número de pessoas pudesse presenciar nas bancadas as corridas [...] (1978, p. 64).

31 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1818, códice 16-3-25. Sessões de 8 de agosto de 1818, 19 de agosto de 1818 e 22 de agosto de 1818.

32 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1818, códice 16-3-25.

33 Provavelmente refere-se ao filho homônimo do também capitão-mor Domingos José Vieira, um dos fundadores de Itapetinga, falecido em 1799. Percebe-se que continua sendo um personagem de importância o diretor da companhia de toureiros.

34 Dono da Chácara do Chá, em São Paulo, era um dos mais ricos homens daquela Província.

35 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1819, códice 16-3-25

De fato, a *Gazeta do Rio de Janeiro* informa que as cavalhadas e corridas de touros ocuparam um grande espaço na programação:

> Desejando o Senado da Câmara desta Cidade manifestar o júbilo de todos os seus habitantes pelos felicíssimos desposórios de SS. AA. RR. o Príncipe Real do Reino Unido de Portugal, do Brasil e Algarves com a Sereníssima Senhora CAROLINA JOSEFA LEOPOLDINA, Arquiduquesa da Áustria, mandou erigir, no vastíssimo Campo de Santana, uma praça magnífica, construída com o mais apurado gosto, a fim de dar ao povo em públicos divertimentos por seis dias sucessivos de touros, e cavalhadas interpoladamente, um dilatado teatro para ostentar seus leais sentimentos.[36]

As corridas de touros seguiram todos os rituais. Segundo Oliveira Lima (2006),[37] os cavaleiros estavam vestidos: "à antiga portuguesa, de casaco de veludo bordado com bofes de renda e chapéu tricorne, montados nos estribos de caixa sobre cavalos de boa raça e vistosamente ajaezados".

De acordo com a minuciosa descrição de Santos (1981), o modelo da arena era muito similar aos anteriores, mas a construção era ainda mais refinada. Possuía 610 x 353 x 77,5 palmos (isso é, 134 x 78 x 17 metros) e fora muito elogiada por todos. Segundo Oliveira Lima (2006): "Escrevia Maler – e o elogio não é fraco – que o Campo de Sant'Ana exibia brilho e gosto suficientes para fazer pensar nas Tulherias e nos Campos Eliseus, quando iluminados". Segundo a descrição de Vieira Fazenda (1921, p. 539), provavelmente extraída de uma notícia publicada na *Gazeta de Lisboa*:[38]

> No centro apresentava um largo espaço de forma elítica, destinado propriamente aos festejos.
> Uma tela, rezam os jornais do tempo e repete o padre Luiz Gonçalves, de seis e meio palmos de altura, defendia a grande bancada, a qual, dividida por quatro coretos, torneava toda a praça, começando e terminando em um majestoso pórtico representando um arco triunfal.
> Este estava firmado sobre quatro colunas, por cima das quais pousava a cimalha geral, que dali circundava toda a praça.

Enfim, ainda mais do que no período colonial, as touradas, integrando as festividades reais, lograram sucesso e serviram, de forma multifacetada e não poucas vezes tensa, aos diferentes interesses existentes na capital do Império português.

36 GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, p. 1. 14 de out. 1818.

37 A primeira edição desse livro é de 1908.

38 GAZETA DE LISBOA, Lisboa, n 14, p. 2, 16 jan. 1819.

A Revolução do Porto, ocorrida em 1820, estabeleceu, entre outras coisas, duas decisões que tiveram imediato impacto no Brasil: o retorno imediato da família real a Portugal (o que se deu em 1821) e a restauração de exclusividade de comércio entre a colônia e a metrópole.

As Cortes foram convocadas em 1821 e sua postura, no sentido de fazer o Brasil retroagir a seu antigo estatuto colonial, acabaram fortalecendo teses independentistas. Em setembro de 1822, a antiga colônia proclama sua emancipação, dando início a uma nova fase em sua trajetória.

Os anos em que a família real esteve instalada no Rio de Janeiro foram fartos de mudanças para a cidade. Deve-se ter em conta que, a despeito das modificações perceptíveis desde as últimas décadas do século XVIII, a sua estrutura urbana ainda era muito acanhada por ocasião da chegada da corte portuguesa, inclusive no que se refere aos divertimentos. A partir dos anos 1810, começa a melhor se organizar, entre outras, essa dimensão na capital, inclusive em função do aumento do número de estrangeiros, que tentavam minimizar o que consideram uma "vida monótona". Inicialmente ampliaram-se as alternativas privadas de entretenimento, como os bailes e recepções nas casas.[39]

Vale uma referência à fundação da Assembleia Portuguesa, em 1815, a primeira sociedade de recreio da cidade, autorizada por Licença Real, contando entre seus sócios com membros das elites, alguns dos quais também já envolvidos com o funcionamento do Teatro São João (SILVA, 1978). As preocupações com o teatro, aliás, também se tornaram mais relevantes, inseridas nas iniciativas de adequar o Rio de Janeiro ao que se esperava de uma capital de Império. No que tange a outros divertimentos públicos, ainda seriam necessários mais alguns anos para estruturação. Vejamos o que se passou com as touradas nos últimos anos do período colonial.

Em 1819, continuava construída, no Campo de Santana, a praça do curro. Assim a ela se referem Leithold e Rango (1966):[40] "De um lado, e não exatamente no meio, está um grande circo de madeira, onde se realizam

39 Para mais informações, ver Schultz (2008) e Schwarcz (2011).

40 Leithold e Rango (tio e sobrinho) foram dois dos muitos viajantes que pelo Rio de Janeiro estiveram nas primeiras décadas do século XIX. Tendo ficado pouco tempo na cidade, por falta de adaptação, suas posições em geral são muito apressadas e pouco favoráveis ao que viram. O livro foi publicado originalmente em 1820.

as touradas; do outro lado, um grande jardim não sombreado e raramente visitado, em que há umas estátuas de madeira, pintadas" (p. 12).

Nessa mesma obra, quando comentam como, na ocasião, o teatro era a principal opção de diversão no Rio de Janeiro, Leithold e Rango observam que, ainda que apreciadas, em 1819 somente houve touradas em uma ocasião, nas celebrações do nascimento da princesa Maria da Glória.

No seu ponto de vista, essas touradas foram um verdadeiro fiasco, tanto que o público (segundo eles formado por "portugueses, brasileiros, mulatos e negros"), vaiou todo o tempo:

> Um tourinho magro, cuja ira alguns figurantes paramentados procuravam em vão provocar com suas capas vermelhas, permanecia fleumático e, quando parecia uma vez que outra disposto a investir, logo pulavam eles assustados a barreira que os separa do público e eram recebidos com assobios e cascas de laranja (p. 17).

O mesmo teria ocorrido com vários outros animais, despertando a ira da assistência, que não se conformava que o organizador não tivesse conseguido bons animais, até por que: "Os camarotes haviam sido todos vendidos a preços altos e as arquibancadas acomodavam incrível multidão de todas as classes" (p. 17).

Algumas dessas dimensões vão cercar as touradas em sua trajetória no decorrer do século XIX: a baixa qualidade dos touros e a má organização das corridas. Em 1819, isso poderia ter relação tanto com a falta de recursos para promover boas festividades quanto com a tensa situação política em Portugal, o que tinha impactos no Brasil. Há que se destacar também uma mudança na dinâmica. Ainda que ligada a uma cerimônia da família real, tratou-se de um modelo mais "empresarial" de organização, com menor participação dos cofres públicos.

Na verdade, a partir de 1818, a praça de curro passou a não servir exclusivamente às festividades governamentais, sendo também utilizada por empresários para promover atividades diversas, entre as quais exibições de acrobacia, ginástica e circos de cavalos (SILVA, 1978).

Vejamos que o Senado da Câmara, em 23 de novembro de 1818, mandara avisar a Fernando José de Almeida que estava aberto o arrendamento da praça até a data do entrudo. Esperava-se receber 5:000$000, metade a vista e o restante em 60 dias.[41]

41 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Vereanças 1818, códice 16-3-25.

Fernando José de Almeida foi um personagem controvertido. Chegou ao Rio de Janeiro na condição de cabeleireiro do vice-rei d. Fernando José de Portugal e Castro. Logo se envolveu, já com as benesses do príncipe Regente, com o projeto da construção de um teatro adequado para a cidade, o São João, erguido no largo do Rossio.[42] Por sua proximidade com o poder, pelo envolvimento com a atividade teatral e pela relação que já se estabelecia entre o teatro e as touradas, entretenimentos apreciados pela população, lembrou-se do seu nome para dirigir as atividades na praça do curro.

Ao fim, todavia, a arena foi arrendada por José Inácio da Costa Florim.[43] Em 1819, tal cessão foi renovada por seis anos, pela quantia de 13:000$000. Teria ele promovido touradas? Não conseguimos comprovações, mas é possível que estivesse por trás das já citadas corridas de 1819. Além disso, encontramos outro indício na *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 8 de janeiro de 1820: o comerciante anunciou que pretendia promover "um combate de touros da melhor escolha" (p. 4). Participava da iniciativa uma insigne personalidade da colônia àquele momento, o sargento-mor Joaquim Moreira da Costa, dono de rebanhos na região de Sorocaba, comerciante de gado para abastecimento da capital (GARRIDO, 2012).

Florim não ficaria muito tempo mais à frente do empreendimento. Em 1821, uma determinação régia ordenou o desmanche da praça do curro, o obrigando a assinar um destrato. De acordo com Segawa (1996), fora uma decisão de Pedro I, supostamente por rivalidades políticas com o intendente Paulo Fernandes Vianna, que muito se empenhara nas reformas do Campo de Santana. Para Henderson (1821), tinha a ver com a dificuldade de conseguir touros suficientemente bravos.

Em julho de 1821, o Senado da Câmara pela terceira vez anuncia que pretende arrematar o desmanche do curro. No *Diário do Rio de Janeiro*, de 1 de setembro de 1821, Jacinto José da Cunha[44] dá ciência ao público que concretizou o negócio, colocando à venda as madeiras, para construção ou para ser usada como lenha. Esse chamado, todavia, parece não ter surtido

42 Inaugurado em 1813, tornou-se o maior e mais badalado teatro da colônia. Incendiou-se em 1823 e foi reconstruído e reinaugurado, pelo mesmo empresário, em 1828, já renomeado como São Pedro de Alcântara. Depois de muitas idas e vindas, hoje, no mesmo local, na Praça Tiradentes, existe o Teatro João Caetano.

43 Negociante de sucesso, foi personagem de destaque no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX.

44 A única informação que obtivemos sobre José Jacinto indica que era um comerciante que tinha relações com o norte do país e com Portugal.

grande efeito, pelo menos na sua íntegra, já que José Martins Rocha, em nome do Senado da Câmara, ultima o arrematante a terminar a desmontagem, "sob pena de mandar fazer o mesmo a sua custa".[45]

Segundo Oliveira Lima (1996), nos seus últimos dias, a praça recebeu um circo onde atuava uma companhia de acrobatas e funâmbulos ingleses, "acudindo a população a rir estrepitosamente com os trejeitos dos palhaços, aplaudir os maravilhosos exercícios equestres de Mr. Southby e extasiar-se diante da corda bamba e dos equilíbrios de Mrs. Southby" (p. 570). Pelo que foi possível saber, desde dezembro de 1818, a Companhia Inglesa de Cavalinhos já se apresentava na praça,[46] mais um indício de que houve mesmo poucas corridas de touros promovidas por Florim.

James Henderson (1821), um diplomata inglês que viveu no Brasil entre os anos de 1819 e 1821, também observa que, nos últimos dois anos de funcionamento da praça, não houvera touradas, destacando-se mesmo as atuações da companhia de ingleses. Eles teriam dialogado com as peculiaridades locais e construído um espetáculo que encantava e deixava surpresa a população.

Mais um visitante, Gilbert Farquhar Mathison (1825), que no Rio de Janeiro esteve em 1821, reforça essa informação: "teatro é agora o único lugar público destinado ao entretenimento e, recentemente, cessaram as touradas" (p. 11). A arena e as corridas de touros se extinguiram no momento em que estavam prestes a ser definitivamente rompidos os laços coloniais entre Brasil e Portugal.

CONCLUSÃO

No Rio de Janeiro colonial, pelo menos até os últimos anos que antecederam a independência, as touradas estiveram diretamente relacionadas ao calendário da monarquia. Eram eminentemente uma iniciativa governamental, sendo para tal contratados profissionais para as mais distintas necessidades e funções que cercavam a sua realização, desde a construção do redondel até a atuação com os touros. As corridas seguiam um protocolo estabelecido pela tradição, a moda portuguesa, sendo realizadas em conjunto com outras atividades que integravam a programação das festividades públicas.

45 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 1, 30 jan. 1822.

46 GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 4, 23 dez. 1818.

Vale ressaltar que a hierarquia social era demarcada não apenas pelo lugar que o público ocupava nas tribunas da praça de curro. A própria dinâmica do espetáculo reproduzia as distinções. No caso das touradas, a aristocracia estava representada na figura dos cavaleiros, enquanto o campesinato era representado na figura dos moços do forcado, que enfrentavam os touros sem armas. Ao mesmo tempo em que se via nos camarotes e arquibancadas, a sociedade se reconhecia na própria arena.

Devemos também ter em conta que, no Antigo Regime, política e divertimento não eram esferas de ocupação de tempo tão nitidamente separadas – o mesmo vale para o binômio religião-diversão.

Muitos divertimentos públicos reproduziam esse aspecto, como era o caso das festas ordinárias e das festas reais. Certamente, havia entretenimentos livres dessa injunção, mas esse não era, a princípio, o caso das touradas. Eram espetáculos dispendiosos, que requeriam complexa organização, e não passatempos vulgares. O público tinha oportunidade de ir aos touros porque a monarquia fornecia esse gênero de diversão. Nas corridas de touros, não se divertia "apesar" da exibição dos reis, se divertia "com" a exibição dos reis (divertir-se não como sinônimo de fazer troça, mas de apreciar).

Há também que se ter em conta o vínculo existente entre um divertimento de origem rural e o caráter eminentemente rural do mundo colonial. O Rio de Janeiro desse período era uma pequena concentração urbana cercada de chácaras e fazendas. O público tinha grande familiaridade com cavalos e touros. Assim, o gosto pelas touradas não se produzia por contraste, mas por afinidade com a vida cotidiana.

É somente a partir dos anos 1830 que as touradas vão se autonomizar; isso é, vai constituir-se um campo da tauromaquia no Rio de Janeiro, conforme opera Luís Capucha (1988) ao dialogar com os conceitos de Pierre Bourdieu. As corridas passariam a ser eminentemente compreendidas como parte do campo dos entretenimentos públicos, que melhor se estruturará no país independente, notadamente na sua capital.

Isto é, a partir da década de 1830, as touradas adquiririam uma série de características até então não observáveis: a conformação de um corpo de especialistas relativamente estável, exclusivo e multifacetado (desde empresários e profissionais do toureio até, futuramente, jornalistas no tema especializados), o estabelecimento de um calendário que não se submete a necessidades estatais (as touradas serão realizadas de acordo com os interesses e desejos de promotores e público), a gestação de um mercado ao seu

redor (movimentado com a cobrança de entradas, patrocínios e outras formas de geração de renda), o surgimento de entidades representativas (tanto de empresas a elas dedicadas quanto de clubes específicos). Nos anos finais do período colonial, as iniciativas nesse sentido, por motivos diversos, não lograram êxito.

Na verdade, mesmo em Portugal, como lembra Capucha (1988): "a lide de touros bravos remonta ao paleolítico. Não obstante, a tauromaquia enquanto produto cultural a cargo de um conjunto de especialistas, de funções variadas na 'festa', é um fenômeno relativamente recente" (p. 150). Segundo o autor, somente em 1776 apareceu o primeiro regulamento, isto é, passou "a ser um espetáculo que obedece a regras, que os especialistas devem cumprir" (p. 151).

Devemos observar que as touradas integraram a programação dos festejos dedicados a celebrar a independência, realizadas após a aclamação de Pedro I, em 12 de outubro de 1822. Grande parte dos eventos, aliás, teve lugar no mesmo Campo de Santana, que a partir de então passa a se chamar Campo da Aclamação. Como sugerem Schwarcz, Costa e Azevedo:

> Longe de serem apenas divertimentos passageiros, as festas de Independência se convertiam em rituais políticos endereçados ao povo, que assim reconhecia a separação entre Portugal e Brasil. É claro que lá todos se divertiam, e muito; mas era também por meio desses rituais que se dava visibilidade ao soberano e estabeleciam-se vínculos com a nova realidade política (2002, p. 382).

As touradas, uma prática tão ligada à Coroa portuguesa, integrando a comemoração de celebração do fim dos laços coloniais: curioso, mas não inusitado. A construção de uma identidade brasileira foi um longo processo, que passou pelo estabelecimento de novas relações com Portugal, e isso significava repensar o papel das práticas culturais a esse país relacionadas.

O importante é perceber que o sentido central das corridas de touros nesse primeiro momento, a declaração e a explicitação de vínculos de lealdade com a metrópole, manter-se-á sempre ativo ao redor da prática. No futuro, inclusive, será um dos elementos que colocará em xeque sua própria manutenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jayme Duarte de. *História da tauromaquia:* técnica e evolução artística do toureio. Lisboa: Artis, 1951.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Marialvismo. Fado, touros e saudade como discursos da masculinidade, da hierarquia social e da identidade nacional. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 37, n. 1-2, p. 41-66, 1997.

ARQUIVO NACIONAL. *Fundo Marquês do Lavradio*: inventário. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

CALDEIRA, Jorge. O processo econômico. In: SILVA, Alberto da Costa e(Coord.). *História do Brasil Nação*: 1808-2010: volume 1: crise colonial e independência: 1808-1830. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 161-204.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CONDE, Renata de Lima; MASSIMI, Marina. Corpo, sentidos e coreografias: narrativas de uma festividade na Bahia do século XVIII. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 215-234, jun. 2008.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

FRAGOSO, João. A nobreza vive em bandos: a economia política das melhores famílias da terra do Rio de Janeiro, século XVII. Algumas notas de pesquisa. *Tempo*, Niterói, v. 8, n. 15, p. 11-35, 2003.

GARRIDO, Felipe de Moura. *Produção, comércio e tensões nas vilas do norte da capitania de São Paulo: 1788-1808*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista. 2012.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. Poder, autoridade e Senado da Câmara do Rio de Janeiro, ca. 1780-1820. *Tempo,* Niterói, v. 7, n. 13, p. 111-155, 2002.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

HANSEN, João Adolfo. A categoria "representação" nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓN, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa*: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 735-758.

HENDERSON, James. *A history of Brazil*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821.

HONORATO, Cláudio de Paula. *O mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831*. Niterói, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

KANTOR, Iris. Festas públicas e processo colonizador: as festas de comemoração da conquista do Tibagi na segunda metade do século XVIII. *Politeia*: História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 165-177, 2008.

LARA, Silvia Hunold. *Fragmentos setecentistas*: escravidão, cultura e poder na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEITHOLD, Theodor Von; RANGO, Ludwig Von. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

MARROCOS, Luís Joaquim dos Santos. *Cartas do Rio de Janeiro:* 1811-1821. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.

MARTINS, Mônica de Souza Nunes. *Entre a Cruz e o Capital*: as corporações de ofícios após a chegada da família real (1808-1824). Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

MATHISON, Gilbert Farquhar. *Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the Sandwich islands, during the years 1821 and 1822*. Londres: Charles Knight, 1825.

MORAES FILHO, Mello. *Os ciganos no Brasil e cancioneiro dos ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. Festas e celebrações no Brasil colonial: representações de poder e elos de ligação com a cultura portuguesa do século XVIII. In: ANPUH. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Anpuh, 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0311.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.

NORTON, Luís. *A corte de Portugal no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

OLIVEIRA LIMA, M. de. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

PAES, Maria Paula Dias Couto. O teatro do controle: o domínio social e político na América Portuguesa da primeira metade do século XVIII. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, Colóquios, 2008. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/21862>. Acesso em: 5 nov. 2012.

PEREIRA, Sonia Gomes. A representação do poder real e as festas públicas no Rio de Janeiro colonial. In: UNIVERSIDADE DO PORTO. *Barroco*: Actas do II Congresso Internacional. Porto: UP, 2004. p. 663-678. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7520.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.

PORTO, Maria Beatriz Gomes Bellens. *Nobres poderes*: a atuação do Senado da Câmara fluminense na economia e os privilégios e deveres dos Homens Bons (1790-1807). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense 2011.

SANTOS, Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: Edusp, 1981.

SCHULTZ, Kirsten. Perfeita civilização: a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial. Rio de Janeiro, 1808-1821. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 24, p. 5-27, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; Cultura. In: SILVA, Alberto da Costa e(coord.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*: volume 1: crise colonial e independência: 1808-1830. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 205-248.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, COSTA, Angela Marques da; AZEVEDO Paulo Cesar de. *A longa viagem da biblioteca dos reis*: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel:Fapesp, 1996.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro*: 1808-1821. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

_____. Nizza da. *Ser nobre na colônia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

VIEIRA FAZENDA, José. *Antiqualhas e memórias do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1921.

CAPÍTULO 3

"Pois temos touros?": as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1840-1852)[1]

Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

> É sem dúvida para sentir que a tarde de domingo estivesse tão chuvosa e impedisse a representação do espetáculo da Praça de Touros, onde tencionávamos concorrer, pagando (bem entendido) os nossos cobrinhos, afim de podermos apreciar com o nosso espírito meditabundo essas cenas em que a natureza, excitada pela arte, nos depara com quadros variados do instinto animal. Em reação com as suas faculdades sensitivas, nos faz ora estalar de riso, e ora estremecer de horror, imprimindo em nosso ânimo ideias mais ou menos aquilatadas das faculdades dos brutos. Aguardamos as próximas representações, permitindo o tempo, para dilatar o nosso entendimento na contemplação de semelhantes espetáculos, contando que o seu empresário não se descuidará de esforçar-se para bem merecer do público.[2]

Proclamada a independência, em 1822, começou a melhor se configurar, no Brasil, o que seria um longo processo de debates sobre a identidade nacional e os projetos de nação. No decorrer do século XIX, até mesmo pela vinculação, em diferentes graus, dos monarcas brasileiros com a família real portuguesa, as discussões transitavam, com matizes, entre dois polos: a adoção de uma linha de continuidade com certas "tradições" que vinham do período colonial e a ruptura definitiva com tudo o que lembrasse o antigo colonizador, sugerindo-se a adesão a parâmetros observados em países "civilizados" (notadamente França e Inglaterra).

Depois de duas décadas muito conflituosas, a antecipação da maioridade de Pedro II, em 1841,[3] paulatinamente surtiu efeito no sentido de manter o país unificado e conformar, nos mais distintos âmbitos, uma estabilidade necessária para o forjar da nação (CARVALHO, 2012). Como sugere Paula (2012, p. 179), a partir de então, "consolidou-se um efetivo sistema cultural composto de produtores, veículos e consumidores de bens simbólicos, que por ser, de fato, um sistema, não ficou restrito aos grandes nomes, aos grandes autores".

O Rio de Janeiro foi se fortalecendo como centro decisório, como espaço das principais experiências de modernização, como polo irradiador de modas e costumes (SCHWARCZ, 1998). Progressivamente sintonizada com as novidades que chegavam do "mundo civilizado europeu", na capital do Império gestou-se um novo dinamismo social, marcado, entre outras coisas, por uma valorização e estruturação do comércio de entretenimentos, relacionados, inclusive, à conformação de uma sociedade civil mais organizada, que desejava (e necessitava) expor publicamente seus símbolos de *status* e distinção. O quadro era diferente daquele das duas primeiras décadas do Brasil independente, quando os divertimentos públicos basicamente se resumiam ao teatro e aos bailes (além das festas religiosas).

Entre as "novidades" que surgiram no âmbito do entretenimento se encontravam as touradas. Essa prática, na verdade, já existia no Brasil desde o século XVII, inclusive no Rio de Janeiro (MELO, 2013). Todavia, desde 1822, quando foi desmontada uma importante praça de curros que se localizava no Campo de Santana, a cidade ficara sem corridas de touros. Em 1840, houve uma breve temporada, que antecedeu outra maior, de seis anos, realizada na transição para os anos 1850. Depois de uma série de conflitos, após 1852 praticamente se interromperam até a década de 1870.

Esse estudo tem por objetivo discutir essa retomada das touradas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1840 e 1852, considerando que ao redor da prática manifestaram-se elementos diversos daquele cenário histórico, notadamente algumas tensões relativas à ocupação do espaço público, debates relacionados à adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Como fontes foram utilizados jornais publicados na cidade no período em tela, tendo em conta que, na ocasião, os periódicos já eram arenas nas quais diversas posições se enfrentavam.[4]

1 Artigo originalmente publicado em *Análise Social*, Lisboa, n. 215, p. 383-404, jun. 2015.

2 *DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO*, Rio de Janeiro, p. 3, 18 nov. 1847.

3 Pedro I abdicou em 1831, por seu desejo de interferir nos conflitos que estavam a ocorrer em Portugal, mas também por pressão e insatisfação dos brasileiros. Para mais informações, ver Lustosa (2006).

4 No período, o Rio de Janeiro chegou a ter em torno de 60 periódicos, de distintos alcances e durações. Alguns não passaram de experiências breves, outros tiveram longa trajetória, como o *Jornal do Commercio*, o *Correio Mercantil* e o *Diário do Rio de Janeiro*. Ao seu redor, reuniam-se os diversos grupos políticos da Corte. Os perfis, assim, eram diversos, ainda que

Depois de quase duas décadas sem touradas, em março de 1840, Manoel Luiz Alves de Carvalho[5] comunicou que pretendia oferecer espetáculos equestres, ginásticos e corridas de touros em um anfiteatro a ser instalado no Campo de São Cristóvão.[6] O proprietário vinha tentando conseguir a licença desde outubro de 1839,[7] já na ocasião enfrentando um debate sobre a adequação da prática a uma cidade que se pretendia civilizada (CASTRO, 2005). A própria escolha do local pode ter se dado em função dessa polêmica.

O Campo de São Cristóvão era um rossio, muito utilizado para negócios agropecuários. Nas redondezas, em meados dos anos 1850, seria instalado o matadouro, substituindo o que existia na praia de Santa Luzia (região central da cidade). É interessante pensar nessa transferência para refletir sobre o espaço das corridas de touros no Rio de Janeiro.

Se na década de 1840, e durante um bom tempo, ainda eram comuns as chácaras e a presença de gado no centro da cidade, no decorrer do século, conforme foram mudando as sensibilidades e aumentando as preocupações com a ordem e com o saneamento, os animais foram sendo afastados; melhor vai se conformar a fronteira entre a zona urbana e a zona rural. Isso terá um impacto futuro na realização das touradas. Progressivamente elas se tornariam mais estranhas à urbe que assumia novas características.

Em meio a polêmicas e múltiplas dificuldades de organização, foi somente em abril de 1840 que foram realizadas as corridas. Como era comum, na época, os anúncios esmeravam-se em pedir a "proteção e o acolhimento"[8] da população. Um público crescente e multifacetado, formado por membros de diversos estratos sociais (elites, grupos intermediários e populares), alocados em espaços distintos nos curros, passou a ser o personagem emblemático da inflexão que levou as touradas do modelo

houvesse muitos pontos em comum entre eles, notadamente no que tange à necessidade de modernizar a sociedade. Majoritariamente eram lidos pelas elites e estratos médios; todavia, há indícios de que o grande conjunto da população tinha alguma forma de acesso às notícias e posições veiculadas. Para mais informações, ver Sodré (1994).

5 Há evidências de que Manoel Luiz seja de origem portuguesa. Havia na cidade no momento um importante médico homônimo, também oriundo de Portugal, não sendo, todavia, possível afirmar que se trate do mesmo personagem.

6 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 10 mar. 1840.

7 A licença era solicitada à Câmara e avaliada por fiscais ligados às freguesias.

8 O DESPERTADOR, 14 de abril de 1840, p. 4.

estatal (típico do período colonial)[9] para o modelo comercial. A remuneração dos promotores dos eventos (empresários, companhia tauromáquica e funcionários diversos ligados ao bom andamento dos espetáculos) passou a depender da satisfação dos pagantes, que precisavam sentir-se acolhidos e atendidos em suas expectativas. No lugar da louvação à família real e aos feitos do Império Português, antiga razão de ser das corridas (MELO, 2013), se introduziu o primado da emoção gratuita, a alegria pela alegria, o divertimento pelo divertimento.

Conquistar o público era uma necessidade para a manutenção do negócio. Para tal, os promotores tinham que estar atentos a muitos detalhes: a escolha do gado, a *performance* da companhia, o conforto da praça, a ordem do espetáculo, com seus ornamentos, vestuários, banda de música, entre outras coisas. Certamente estas preocupações existiam em algum grau no modelo anterior, mas agora a própria continuidade da prática dependia da boa execução dessas ações.

Entende-se, assim, porque os anúncios nos jornais – novo procedimento indispensável ao êxito comercial do empreendimento – beiravam a bajulação. Além disso, o empresário tinha que ostentar seus esforços, fadigas, despesas e sacrifícios para contentar a assistência. Era uma forma de prestar contas e de conquistar a confiança do público.

Os pagantes, de sua parte, cada vez mais queriam ver seus desejos atendidos. Aplaudiam os toureiros quando os julgavam dignos de mérito. De outro lado, poderiam reagir com violência quando se sentiam enganados. Nesse caso, os mais exaltados podiam chegar a extremos, como depredar a arena.

Havia um novo perfil de assistência em delineamento, mais ativa e disposta a participar. Um sinal dessa tendência é o sucesso do "touro dos curiosos": destinava-se um animal para que voluntários da plateia o enfrentassem. Outra forma de participação era mais generalizada: a ordem para que os toureiros pegassem à unha o touro. O convite à manifestação era reiterado nos anúncios e cartazes. O público, portanto, também tomava parte e desempenhava papel importante no espetáculo.

Se atrair o público era uma clara preocupação, também o era seu transporte até a praça do curro. No caso da arena do Campo de São Cristóvão, uma região relativamente afastada do centro naquela transição dos anos

9 No período colonial, o público não pagava para assistir às corridas. Os eventos eram organizados por ocasião de datas festivas, sendo os custos assumidos, de diversas formas, por agências governamentais, notadamente pelas Câmaras (MELO, 2013).

1830/1840, comunicou-se que "largará da ponte da corte, [...], às 11 horas da manhã e 2 ½ da tarde, uma barca de vapor para aquele ponto, donde voltará meia hora depois de acabado o divertimento".[10] O escalonamento dos preços dos bilhetes eram um sinal de que havia uma expectativa de receber, inclusive, pessoas das camadas populares: $320 por viagem, sendo $160 para descalços.[11]

Atento à nova dinâmica da cidade, depois da primeira experiência, o empresário tentou incrementar o espetáculo para manter o interesse popular. Contratou uma companhia tauromáquica que vinha de Montevidéu e se esmerou para conseguir bons animais para o toureio. Para facilitar o acesso, os ingressos foram também vendidos na loja de Paula Brito.[12]

A temporada de 1841 foi mais intensa. Nesse ano, João Lopes, que atuava no antigo anfiteatro, dizendo que não lhe era vantajoso financeiramente permanecer por lá, abriu uma nova praça de touros, na cancela de São Cristóvão.[13] Essa iniciativa não logrou sucesso, mas é um indício de que já existiam divergências na consolidação da tauromaquia na cidade. Na verdade, se havia elementos que demonstravam a conformação do campo (calendário autônomo, corpo de especialistas, entidades próprias, mercado ao seu redor),[14] ainda tardaria alguns anos o amadurecimento dos setores envolvidos, de forma a permitir a manutenção da promoção das corridas.

Depois das touradas de 1841, houve um novo interregno. É possível especular o porquê da interrupção. Além de a cidade passar por um momento de refluxo em seus entretenimentos, a estrutura comercial e de negócios ao seu redor ainda estava em construção, não sendo suficiente para dar conta das necessidades dos empresários envolvidos com o ramo do divertimento.[15] Em poucos anos, contudo, novas iniciativas seriam entabuladas.

10 O DESPERTADOR, p. 3, 16 abr. 1840.

11 É possível que essa referência a "descalços" claramente fosse uma expressão de que eram aceitos escravos, o que seria mais um indício do amplo público que pretendia atrair as touradas.

12 O DESPERTADOR, 11 de agosto de 1840, p. 4. Paula Brito era proprietário de um estabelecimento de variedades que também vendia livros e foi um ponto de encontro dos literatos da época. Foi um dos personagens notórios do Rio de Janeiro de meados do século XIX, envolvendo-se em várias iniciativas de dinamização cultural. Foi um dos primeiros editores de relevância da capital. Em sua loja foram, por muitos anos, vendidos bilhetes para as touradas.

13 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 6 de abr. 1841.

14 Trabalhamos aqui com o conceito de Pierre Bourdieu a partir de apreensão de Capucha (1988).

15 Devemos lembrar que as touradas eram um espetáculo caro, o que aumentava a dependência do empresário em relação ao público pagante. No caso brasileiro, era ainda mais custoso, por ser difícil conseguir bons animais e porque a companhia tauromáquica em muitas ocasiões vinha de outros países, já que, em função das constantes interrupções nas temporadas, havia dificuldades de se constituir um corpo profissional nacional estável. Vale também lembrar que, ao contrário de outras diversões, como os esportes, o teatro e os bailes, praticamente não houve incentivo governamental para as corridas de touros.

UMA NOVA TENTATIVA

É só em 1847 que foram realizadas novas corridas de touros no Rio de Janeiro. A praça foi instalada na esquina da rua Nova do Conde (atual Frei Caneca) com a rua de Matacavalos (atual Riachuelo). Percebe-se que foram entabulados esforços para oferecer bons espetáculos: conforto nas instalações, banda de música completa, equipe de toureio ricamente trajada, a incessante busca por animais adequados. É possível identificar, inclusive pelo espectro dos preços dos ingressos, que se tentava atrair público de diversos perfis socioeconômicos. Um detalhe dos anúncios merece destaque: "Todos os divertimentos e vestimentas são feitos segundo os costumes de Portugal".[16] Essa referência ao antigo colonizador será uma constante na história da prática na capital brasileira.

Nessa praça de touros, uma inovação foi apresentada – uma toureira: "O empresário sente não poder apresentar uma jovem de 23 anos, toureando com braço varonil, e impavidez de cavalheiro, mas pretende apresentar em compensação a srta. JOANNA PAULINA".[17] Causou grande alvoroço na cidade essa *performance*, por ser ainda rara a participação de mulheres em atividades públicas, tanto mais por se tratar de uma prática tão ligada a representações de masculinidade.

Na verdade, deve-se destacar a referência explícita ao comparecimento de mulheres aos eventos tauromáquicos, havendo até mesmo um espaço exclusivo para elas na arena. Em linhas gerais, acabou por contribuir para que se tornasse mais intensa a presença social feminina a constituição de um mercado ao redor dos entretenimentos, bem como o delineamento de uma dinâmica pública mais intensa, ocorrências que, como vimos na introdução, marcavam o Rio de Janeiro do período. Esse processo, que naquele momento dava seus primeiros passos, tornar-se-ia mais visível no quartel final do século XIX.[18]

16 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 25 abr. 1847.

17 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 2, 22 maio 1847.

18 Para um panorama, ver Marzano e Melo (2010).

A despeito do perfil da iniciativa, logo foi leiloado o curro. A cidade, todavia, não ficaria muito tempo sem touradas. No mês de setembro de 1847, Francisco York[19] e Antonio José Godinho[20] receberam uma licença para promover corridas em um antigo anfiteatro situado na esquina de rua do Lavradio com rua do Senado. O leitor que assina como "apreciador justo" (pelo teor suspeitamos que pode ter sido alguém da empresa fazendo autopropaganda de maneira anônima) exulta:

> Sr. Redator – Tendo assistido às duas últimas corridas de touros no curro à rua do Lavradio, confesso-lhe que muito gostei por ver que o atual proprietário se não poupa a despesas, tendo comprado muitos bons touros, e reformando já o pessoal dos capinhas. Tais esforços não devem ser esquecidos pelo público por quem são eles feitos, e por isso é de esperar a continuação de concorrência, e tanto mais quanto, segundo consta, preparam-se já novas e belas cenas.[21]

Essa praça, de fato, promoveu corridas de touros durante meses, com regularidade e boa organização. Em parte, deve-se ao italiano Emilio Anselmi o seu sucesso. Esse cavaleiro/toureiro compreendeu bem as mudanças em curso no Rio de Janeiro, se esmerando para atrair a atenção do público com *performances* notáveis e introdução constante de inovações. Além disso, se tornou conhecido não só por motivos tauromáquicos: "carregado de crimes, pretendia muitas vezes fazer até jogo – com a honra de sua mulher!".[22] Tratava-se de um polêmico personagem, perfeito para alimentar o falatório em uma cidade que começava a apreciar a cena pública.

Esse curro reinou sozinho até novembro de 1848, quando Domingos José de Moura[23] recebeu uma licença para por em funcionamento uma nova praça, instalada na rua das Flores (atual rua de Santana). Tendo que lidar com a existência de uma concorrente já bem estabelecida, não poupou esforços para atrair a assistência. Por exemplo, os ingressos eram vendidos nos pontos das gôndolas; quem os adquiria, ganhava transporte gratuito para ir até o evento: "Assim espera o empresário que com estas comodidades o público não deixe de concorrer a fim de a reunião ser em tudo brilhante".[24]

Um detalhe importante dos eventos nesse touril promovidos: o início dos espetáculos era marcado pela execução dos hinos nacionais de Brasil e Portugal. Como já observamos, e retomaremos no decorrer do texto, no Rio de Janeiro as touradas foram sempre relacionadas ao antigo colonizador e contaram com a presença e apoio dos portugueses na cidade estabelecidos, um fluxo de migração, aliás, que seguiu intenso mesmo depois da independência (LESSA, 2002).

Logo se estabeleceu uma rivalidade entre as duas praças. No dia seguinte à sessão de inauguração do novo estabelecimento, um anônimo criticou:

> Sr. Redator – Tendo visto pelos jornais anúncios para duas corridas de touros diferentes no domingo, 12 do corrente, uma na rua das Flores na Cidade Nova, e outra na rua do Lavradio n. 35, e tendo eu já assistido por algumas vezes a esta última, tive vontade de ir ver a outra à rua das Flores, a fim de aquilatar o merecimento de cada uma, e poder melhor decidir-me sempre que tivesse de escolher entre estes dois divertimentos. Com efeito, à hora marcada achava-me eu num dos lugares daquela praça depois de ter dado os meus dez tostões, que tão mal empregados foram, e que sem dúvida nunca mais lá tornarão. Posso assegurar ao público que nada houve de agradável nesse divertimento, e ia me parecendo que só eu estava desgostoso dele, quando vi que todos os espectadores faziam a mesma ideia, pois que prorromperam em vaias e apupadas a todas as figuras do circo, e até ao próprio cavaleiro, que foi sofrivelmente assobiado.[25]

A resposta não tardou. Dois dias depois, outro anônimo contestou essa percepção. Sugeriu que o grande número de assistentes (cerca de 1.200, na sua apreensão) percebeu que se tratava de uma praça "maior, mais elegante e a plateia muito cômoda",[26] ainda que reconhecesse que a equipe de toureio não era dos melhores. Concluiu dizendo que não mais poria o pé na rua do Lavradio.

A polêmica não parou por aí, a busca pelo público era um agente motivador. Em 17 de novembro, é o próprio Domingos José Moura que escreve, pedindo desculpas ao público pelos eventuais problemas. Não perde a oportunidade de criticar os que falaram mal de sua praça, sugerindo que

19 York atuara durante muitos anos no Conservatório Real de Lisboa. No Brasil, desempenhara também as funções de mestre de dança, dramaturgo e diretor teatral.

20 Militar de origem portuguesa, desempenhou algumas funções importantes na Corte.

21 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 4 nov. 1847.

22 O GRITO NACIONAL, p. 2, 6 mar. 1852.

23 De origem portuguesa, a família Moura se estabeleceu no Rio de Janeiro ainda na primeira metade do século XIX.

24 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 25 nov. 1848.

25 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 14 nov. 1848.

26 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 16 nov. 1848.

se tratou de perseguição daqueles que são "apenas interesseiros detratores, que não duvidam lucrar jogando a reputação alheia".[27]

No dia seguinte, Godinho, considerando que a ele foram "dirigidas algumas alusões desagradáveis e pouco leais", fez questão de afirmar que "nunca teve em vistas e nem empregou meio algum para detrair ou abater o novo estabelecimento da rua das Flores na Cidade Nova",[28] inclusive porque não "lhe causa prejuízo a abertura da nova praça, apesar da qual nenhuma diferença sentiu na concorrência com que o público honrou no domingo". Sugeriu ainda que o empresário concorrente tentou subornar o agente de touros para ficar com os melhores animais.

O debate foi intenso, com acusações de ambos os lados, envolvendo proprietários e leitores. Para a antiga praça, eram mesmo comuns os elogios, ainda que também houvesse críticas, notadamente ao comportamento polêmico de Emilio Anselmi. Já o novo curro logo estaria melhor estruturado, acirrando ainda mais a concorrência. José Maria Gonçalves era a principal atração, mas também recebiam destaque Francisco Gonçalves Garcia (o China) e Salvador Vieira Leste, conhecidos pelas inovações que introduziram nas corridas.

Dois redondéis funcionando simultaneamente era um sinal de que a tauromaquia se consolidava na sociedade da Corte. Mais ainda, com as tensões relacionadas à necessidade de atrair o público, aquele que poderia simultaneamente legitimar e viabilizar economicamente o espetáculo, percebe-se uma maior profissionalização das corridas e investimento na infraestrutura.

DO SUCESSO A MAIS UM FIM

Depois de dois anos com atividades frequentes, no ano de 1849 pareciam bem estabelecidas as corridas de touros: estava configurado, mesmo que de forma precária, um campo da tauromaquia no Rio de Janeiro, com todos seus elementos constitutivos – companhias relativamente estáveis, um calendário próprio, corpo técnico profissional, um mercado conformado. Seus personagens ocupavam lugar de algum destaque na cidade, seja porque se envolviam com alguma polêmica, como o caso do já citado Anselmi, seja por serem considerados exemplos de bravura, como ocorria com Salvador Vieira Leste.

27 CORREIO MERCANTIL, p. 3, 17 nov. 1848.

28 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 18 nov. 1848.

Essa relativa estabilidade não significava monotonia ou permanência dos mesmos elementos. Pelo contrário, era necessário seguir inovando para envolver o público. O anfiteatro da rua do Lavradio passou a oferecer espetáculos híbridos: corridas de touros e apresentações de ginástica. Já a praça da rua das Flores se consolidou como o grande palco das touradas. Também por lá se procurava apresentar atrações diferenciadas, mais afeitas, todavia, à tauromaquia. Por exemplo, como já ocorrera antes na capital, nas atividades de 11 de fevereiro de 1849 uma francesa fora contratada para tourear.[29]

Nos meses finais de 1849, sem que deixassem de existir as praças, se interrompeu por um tempo as corridas. Na verdade, em outros países, como na Espanha e em Portugal, havia (e há) meses específicos para a realização das touradas. O diferencial, no caso do Rio de Janeiro, é que não existia uma rotina anual estruturada, estando as interrupções mais ligadas a questões comerciais, aos problemas da cidade ou à concessão ou não de licenças por parte do poder público.

Em 1850, pela primeira vez na cidade a promoção de espetáculos taurinos enfrentou essa última dificuldade: foi negada a licença a João Valentim Cerqueira Esteves, o empresário que àquela altura estava à frente do curro da rua dos Flores.[30] Ao fim, a autorização foi concedida, mas já se anunciava que aumentavam as resistências com a prática.

Uma novidade nessa temporada foi a maior cobertura das corridas por parte dos jornais. Surgiu até um comentarista permanente. Não se sabe se é a mesma pessoa, pois assina de forma distinta, sempre com um pseudônimo: "amante das touradas", "amigo do requinte", "cavaleiro da roça". De qualquer forma, demonstrava conhecimento sobre o assunto.

Em novembro de 1850, houve pela primeira vez um fato que se tornaria comum nos anos seguintes: um grande conflito no curro, em uma sessão que fora anunciada com bastante estardalhaço – prometiam-se touros como jamais foram vistos nas arenas fluminenses. Segundo o cronista do *Periódico dos Pobres*,[31] tudo estava mal preparado, supostamente por problemas financeiros, a seu ver não justificados, pois estava lotada a praça. A insatisfação crescente culminou em uma turba, somente encerrada com a ação da polícia. Segundo o *Correio da Tarde*:

29 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 11 fev. 1849.

30 De origem portuguesa, na cidade estabeleceu um negócio de penhores.

31 PERIÓDICO DOS POBRES p. 3, 25 nov. 1850.

> Extraordinário concurso de povo houve ontem na praça da rua das Flores para admirar a corrida dos touros, tão gabados pelo *Jornal do Commercio*!... Apareceram 4 pacíficos bois [...], que pela sua idade e hábitos julgaram mais prudente não servirem de divertimento a curiosos. O respeitável tomou vingança por suas próprias mãos, escangalhando todos os móveis. Aqui está o mais inocente divertimento em que alguns tenentes poderiam exercer o maligno instinto de destruição![32]

Dessa vez, portanto, a interrupção das touradas teve outro motivo: a destruição do curro. No *Diário do Rio de Janeiro*, de 7 de fevereiro de 1851, vemos a notícia de leilão da praça da rua das Flores. Mais uma arena chegava ao fim. Depois do fim do único redondel que estava em funcionamento,[33] as touradas deixam de ser realizadas por alguns meses.

Há uma novidade nesse ano que ajuda-nos a entender as mudanças que estavam em andamento: a melhor configuração de uma nova prática social que dera seus primeiros passos já na década de 1810, mas que somente naqueles meados do século efetivamente começou a se estruturar – o esporte (MELO, 2001). Pelos jornais de 1851, podemos ver as mais diversas informações sobre corridas de cavalos e de barcos. Encaradas como sinal de refinamento e civilização, o turfe e o remo passaram a rapidamente ser valorizados.

De início, delineia-se até mesmo certa tensão entre as touradas, uma prática que vinha do século XVII, bastante ligada aos parâmetros culturais do antigo colonizador, e o esporte, novidade que viera inicialmente a bordo dos navios ingleses, mas que também carregava, na acepção brasileira, inspiração dos franceses. Era, assim, relacionado à modernidade que tanto aspiravam alguns, aqueles que apontavam um caminho de construção identitária que se afastava da outrora metrópole (MELO, 2009).

Percebemos esse debate na seção "Comunicado/Pacotilha", publicada no *Correio Mercantil* de 15 de junho de 1851. Vejamos que não se tratava de um anúncio mandado publicar pelos empresários das praças ou uma carta de um leitor anônimo. Era sim um balanço das principais notícias da semana, da lavra de um cronista.

As corridas de cavalos, realizadas no recém-inaugurado Prado Fluminense, chamaram a atenção do cronista. Muitos foram os elogios ao evento, embora se observasse os problemas e necessidade de melhor estruturação. Um comentário deixa clara a concepção que começava a ser construída:

32 CORREIO DA TARDE, p. 4, 25 nov. 1850.

33 Na ocasião, a praça da rua do Lavradio somente acolhia espetáculos circenses.

> As corridas de sexta-feira podem considerar-se como um ensaio, mas pelo prazer e satisfação que vi reinar nesse ajuntamento que se diz ter sido composto de quatro a cinco mil pessoas, parece que o novo folguedo transplantado da Europa pegou na nossa terra, aclimou-se já neste nosso país, que tendo falta, como fica dito, de um lugar de espetáculo para de dia, pois que o estado de sua civilização já não tolera mais as bárbaras corridas de touros, nem as antiquadas cavalhadas de argolinhas, sem duvida abraça com todo o gosto e adota as corridas de cavalos.[34]

Para o cronista, estava claro que a nova prática que vinha da Europa, leia-se Inglaterra e França, finalmente apresentara à população da capital a oportunidade de divertir-se de acordo com um superior "estado civilizacional", sem a necessidade de recorrer às "inoportunas" corridas de touros, que, vindas de Portugal, já não mais se ajustariam aos "novos tempos".

De toda forma, ainda seguia a expectativa de alguns apreciadores das touradas. Vejamos a posição entusiasmada de um leitor, publicada alguns meses depois:

> Dé, gongodem, démdem, gongodém, dim...
> Ouvirão repicar agora os sinos?
> Esses sons tão alegres, tão divinos
> Estão anunciando um grão festim;
> De efeito singular... pomposo enfim!
> Grato a velhos, a moços e a meninos;
> - Sublimes espetáculos taurinos.[35]

A sessão inaugural dessa nova temporada, de novo realizada na velha arena da rua do Lavradio, em novembro de 1851, mereceu algumas linhas no *Periódico dos Pobres*, na seção "Visita das priminhas" (duas supostas parentes teciam comentários irônicos sobre o que ocorria na cidade). Segundo seu olhar, tudo parecia correr bem, mas houve "alguns espectadores turbulentos que arrancaram algumas tábuas das trincheiras, quando lhe desagradava qualquer coisa".[36] Uma vez mais ocorreram conflitos no curro.

As críticas aumentaram ainda mais quando a sessão de 18 de janeiro de 1852 terminou em pancadaria: a plateia reagiu à má qualidade do espetáculo e ao descumprimento do programa. Como já ocorrera antes, depois de confusão generalizada, inclusive conflitos com a polícia, o curro acabou

34 CORREIO MERCANTIL, p. 1, 15 jun. 1851.

35 CORREIO MERCANTIL, p. 2, 17 de nov. 1851.

36 PERIÓDICO DOS POBRES, p. 1, 2 de dez. 1851.

destruído. Para o *Correio Mercantil*: "É um clamor geral contra esta especulação de corridas de touros, que só tem por fim enriquecer espertalhões, que infelizmente gozam da proteção, sem a qual não poderiam obter as licenças que têm obtido".[37]

Ainda que a crítica não tenha se dirigido diretamente às touradas, mas sim à esperteza de empresários e à ineficiência governamental, o fato é que se fragilizava ainda mais o que já vinha débil. Mal se recuperara dos conflitos de 1850, esses novos tumultos expunham as vulnerabilidades das corridas em uma cidade que "civilizava-se", colocando em xeque o *ethos* que a sustentava.

Ainda assim persistiam muitas expectativas; os conflitos e críticas não eram suficientes para eliminar o gosto pelos espetáculos taurinos. Vejamos como o cronista que assina como Juca, em *Marmota Fluminense*, comemorou a notícia que um empresário mandara de Lisboa, dando conta de que estava arrebanhando uma nova companhia para voltar a promover as touradas no Rio de Janeiro: "Moças de bom gosto, homens, mulheres, meninos e meninas, preparai-vos todos, que em breve teremos de fruir belas corridas de touros!".[38] Mais ainda, chegou a pedir apoio governamental para a reinstituição da prática:

> Oh! Já era tempo que uma capital como a nossa tivesse mais este gênero de divertimento; divertimento que muito apreciam os seus habitantes! Nós desde já, fazemos um apelo ao corpo legislativo, a fim de proteger mais esta distração pública, concedendo-lhe algum donativo para seu sustentáculo.

Para Juca, as touradas eram mesmo superiores às atividades teatrais: "Quem não preferirá, em vez de ouvir coros de qualquer ópera italiana, ver as belas sortes dos capinhas, as lindas pegas dos máscaras, ouvir os gritos e as apupadas ao touro corrido?...Ninguém, por certo". Seu entusiasmo ia mesmo na contramão do que pensava um setor da cidade.

De toda forma, concretamente demoraria muitos anos para que fossem de novo organizadas touradas. Aprofundemos o debate sobre as diferentes posições que as cercavam naquela transição de décadas.

TENSÕES AO REDOR DOS FESTEJOS TAURINOS

> Não nos falem da barbaridade do divertimento. Cada povo tem sua balda: os Ingleses pelas brigas de galos e pelo soco, que muitas vezes é seguido de sangue pela boca, e pela morte: os Espanhóis e Portugueses, de que descendemos, pelas corridas de touros. [...]. Entre nós se a fidalguia não empunha uma lança [...] nem por isso deixam de apresentar-se nos camarotes, e mesmo na plateia geral de mistura com o povo, Senadores do Império, Magistrados, Militares, Empregados Públicos, e outras pessoas graduadas.[39]

Conforme as corridas foram se estabelecendo na cidade, por parte do público aumentou a exigência de precisão nas cortesias, que deveriam marcar o início e o decorrer da atividade, bem como nas "sortes", as diversas técnicas e formas de lidar com os touros. Ao redor dessas peculiaridades, havia mesmo disputas internas no campo tauromáquico, conflitos entre o que era considerado mais ou menos tradicional, a contestação ou valorização de certas inovações. Esses embates se constituíam em mais um atrativo. Como observa Capucha:

> É das rivalidades que vive a festa. Sem a concorrência, a inovação, a oposição de estilos, o público não se renovaria e deixaria de acorrer às praças, crê-se no "mundillo" [...]. O campo estagnaria e perderia capacidade plástica para acompanhar as alterações do gosto do "respeitável público" (1988, p. 60).

Vejamos que se nos anúncios e comentários das primeiras touradas realizadas na cidade praticamente não havia descrição dos procedimentos, por ocasião das corridas de 1847 esses já ocupam um espaço importante. Com o decorrer do tempo, muitas seriam as novidades apresentadas. Os nomes das técnicas passaram a ser destacados: "O célebre d. Manuel Sanches executará com a garrocha o difícil Salto do Paciego, do qual foi inventor o famoso Francisco Montes. E bem assim toureará à verônica e à navarra, ajoelhado e fingindo que mata o touro".[40]

A própria dinâmica da cena pública, cada vez mais agitada e multifacetada, gerava para os promotores o desafio de oferecer atrações que chamassem a atenção da assistência, que rapidamente se acostumava com uma nova emoção, exigindo graus superiores de excitação. No caso das touradas essas dimensões são notáveis: "O público espera, dos produtores, permanentes inovações que permitem a distincção, ao passo que a criação de novos públicos (ou qualquer transformação ao nível do gosto dos consumidores), provocará alterações nas relações de força entre os especialistas" (CAPUCHA, 1988, p. 150).

37 CORREIO MERCANTIL, p. 2, 20 jan. 1852.

38 MARMOTA FLUMINENSE, p. 2, 3 maio 1853.

39 PERIÓDICO DOS POBRES, p. 3, 25 nov. 1850.

40 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 30 out. 1858,.

Um dos sinais mais notáveis do aumento da participação do público foi o cada vez maior espaço para o "touro dos curiosos", ocasiões adequadas para os que desejavam se exibir e provar seu valor. No decorrer do tempo, os estímulos foram os mais diversos. Colocava-se algum prêmio no pescoço ou entre os chifres do animal (moedas, bilhetes da loteria, relógio, entre outros), ganhando quem conseguisse retirá-lo. Mais ainda, passou a se definir quem afinal poderia tomar parte dessas provas. No anúncio de uma tourada se observou que seria "proibido saltar na praça como curioso aquelas pessoas que já tenham trabalhado nas praças conhecidas".[41]

A generalização das atividades gerava certa desvalorização, a não ser que houvesse um grande corpo de especialistas que pudesse hierarquizar as sessões. No caso do Rio de Janeiro, a falta desse plantel, bem como de animais apropriados, eram elementos dificultadores da manutenção da prática. As reclamações tornaram-se constantes, o público exigia que se cumprisse o informado, que fosse oferecido um bom espetáculo.

O centro das reivindicações era mesmo a qualidade dos animais. Isso não ocorria só no Brasil, como nos deixa perceber Capucha: "existem certos temas que se repetem ciclicamente nos touros, como a do tamanho e bravura dos mesmos, embora em contextos diferentes e com diferentes intenções" (CAPUCHA, 1988, p. 155). Para o autor, isso tem a ver com valores que sempre estiveram consagrados: "a festa de touros, no seu conceito, constitui um acto sacramental em torno da morte. O que acontece na arena circunscrito à acção, tem inevitáveis reações psicológicas no público. Na praça ele aprende o mesmo que quando acode a presenciar uma tragédia Grega" (CAPUCHA, 1988, p. 158).

As tensões não se circunscreviam ao cenário interno das touradas. No decorrer da constituição do campo da tauromaquia, também aumentava o divórcio entre o que desejava o público e as exigências de alguns para uma cidade que se queria moderna e civilizada, devendo-se, portanto, extirpar algumas práticas que não condiziam com esse olhar. Na mesma medida em que crescem e se diversificam as atividades de entretenimento, modificam-se os parâmetros daquelas valorizadas ou não.

Além disso, o novo ativismo da população na cena pública gerou a necessidade de negociação dos comportamentos. Esse debate se articulava com uma peculiaridade das touradas que no Rio de Janeiro se organizaram:

41 CORREIO MERCANTIL, p. 4, 11 fev. 1849.

a defesa da moda portuguesa, que valoriza a *performance* a cavalo e na qual não se mata o touro ao fim. Nessa modalidade, o primeiro aspecto tem relação com o fato de que a nobreza de Portugal jamais abandonou a prática, tornando-a tanto uma forma de resistir aos novos símbolos da burguesia quanto de atrair novos ricos (CAPUCHA, 1988).[42] O segundo aspecto relaciona-se com as intervenções do marquês de Pombal, de inspiração iluminista, que proibiu o sacrifício público dos animais (CRESPO, 1990).

Para Capucha, na Península Ibérica, essa diferença de tradições entre portugueses e espanhóis, que geraram distintos discursos de legitimidade, tinha mesmo relação com as possibilidades dos diversos estratos sociais tomarem parte nas corridas. Para o autor, não é por acaso que são sempre membros das camadas populares os matadores, personagens que acabam desenvolvendo uma ética própria: "a vida de touros é uma vida de esforço e sacrifício; ao toureiro não são permitidos prazeres que o seu poder econômico permitiria" (CAPUCHA, 1988, p. 154).

No caso brasileiro, esse debate entre os dois estilos ganhou conotações diferenciadas, ligadas à adequação das touradas. O fato de adotar-se majoritariamente (e a partir de determinado momento exclusivamente) a moda portuguesa, para além de ser uma clara influência do antigo colonizador, também foi uma estratégia para defender que as corridas organizadas no Rio de Janeiro não se tratavam de uma prática violenta. O costume de não matar o touro foi sempre um argumento usado pelos que as apreciavam. Segundo Z., por exemplo, no Brasil sequer pode-se dizer que trata-se de um divertimento bárbaro, já que por aqui não ocorreriam as "cenas sangrentas e funestas que tem sucedido em outros países".[43]

Entre 1840 e 1852, houve espetáculos híbridos, com provas realizadas à moda de Portugal e de Espanha em um mesmo programa. Chegou mesmo a existir a morte de animais nas arenas cariocas. Até o final do século, houve também corridas à portuguesa com os touros com chifres descobertos (isso é, sem passar pelo processo de "embolação", colocação de armações de couro e metal nos cornos). Já na década de 1870, contudo, a moda espanhola fora definitivamente suprimida das praças do Rio de Janeiro.

De toda forma, com morte ou sem morte, cresceram as críticas à prática. Na verdade, logo por ocasião do restabelecimento das touradas,

42 O oposto ocorreu com a espanhola; tornando-se uma atividade popular, desenvolveu-se mais o toureio a pé (CAPUCHA, 1988).

43 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 11 dez. 1849.

surgiram as primeiras contestações. Em *O Sete D'Abril*, de 16 de março de 1839, um anônimo, que assina como "Chronista", censura a municipalidade de Niterói por ter concedido autorização para a realização das corridas. Para o autor, tratava-se de um dos "divertimentos mais bárbaros e mais execráveis, [...] que horroriza a natureza, e contra o qual têm uníssonos clamando todos quanto se prezam da menor centelha de humanidade" (p. 1).

Os argumentos eram explícitos: "com quanto direito não censuraremos nós, cristãos, nós que vivemos n'um século de luzes e de filantropia, esse divertimento onde os perigos do homem são as delícias do espectador, onde suas bárbaras façanhas contra um pobre animal são os objetos dos gerais aplausos". Até aqui se percebe uma mistura de argumentos religiosos e filosóficos para sugerir que a pratica era inadequada aos novos tempos. Mais adiante, contudo, ficam mais claras as razões da crítica.

Chronista deixa claro que sua motivação maior não é o amor aos animais. O seu intuito "não é outro senão perguntar [...] se refletiram eles ao menos na época do ano em que nos achamos". Para ele, "Infelizmente este ano representações profanas tem tido lugar [...] em tempo de quaresma; e como se isso ainda não bastasse, houve curro, matança de bois mansos, anunciada aparatosamente!". O que mais o incomodou foi mesmo o suposto desrespeito a uma data religiosa.

Nessas primeiras temporadas (de 1840-41 e de 1847-52), a maior parte das touradas ainda respeitou a quaresma. Na concessão de licenças parece que não havia restrições desse gênero. Tratava-se mesmo de um cálculo dos empresários: desrespeitar a data podia despertar a reação dos detratores e deixar a praça esvaziada, numa cidade em que a religiosidade tinha influência.

Contestações de natureza religiosa voltaram a ocorrer várias vezes. Em novembro de 1847, a crítica se deu ao fato de que corridas foram realizadas no dia de todos os santos: "Qual o católico, ainda do coração mais empedernido, que se não sentiria magoado pelo escandaloso fato ocorrido n'esta cidade na tarde do dia 1º do corrente novembro?". Para o autor, que assina como "católico sem fanatismo", era absurdo que na mesma hora das missas estivessem acontecendo o "bárbaro e sanguinolento espetáculo de corrida de touros".[44]

Devemos, assim, concordar com Capucha: "a referência de oposição decisiva encontra-se fora do campo. São as ideologias 'civilizadoras' que despontaram com a centralização do poder religioso da Igreja Romana e

44 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 2, 3 nov. 1847.

tiveram seu suporte culminante nas Cortes Iluminadas" (CAPUCHA, 1988, p. 164). Para o autor, trata-se, antes de tudo, de uma perseguição a uma prática que se popularizou, mesmo marcada pela relação com a nobreza.

De fato, a partir de meados do século XIX, como vimos, as críticas foram de outra natureza, ligadas à sua inadequação para a cidade que se pretendia modernizar. Em 1849, nos três meses em que a arena da rua das Flores cedeu lugar a "torneios medievais", os argumentos dos promotores tocaram exatamente nesse ponto. Começa-se por falar nas mudanças no curro: "a face do antigo circo está mudada; o seu aspecto de barraca festeira desapareceu; hoje ornado com gosto, e com gosto artístico, e com o caráter marcial que lhe convém, vai oferecer um dos mais belos divertimentos e dos mais nobres que se possam desejar".[45] Informava-se que, ao contrário das touradas, tratava-se de uma atividade "moderna", uma diversão que contribuiria para a formação militar da juventude brasileira.

Importa observar que as ressalvas à violência não advinham do público das touradas, que queria mesmo mais emoção, reagindo quando se sentia ludibriado. Já vimos algumas dessas ocorrências. Muitas mais foram registradas nos jornais.

Por vezes, o redondel ficou bastante destruído. Podemos ver isso nos conflitos que ocorreram em 24 de novembro de 1850, na rua das Flores. Em função da desorganização do espetáculo e da má qualidade dos touros, o público começou a vaiar, até que o pior ocorreu:

> Em um abrir e fechar de olhos foi escangalhado o curro; o taboado voava para o meio da praça, com velocidade igual a com que poucos momentos antes caiam as belas notas dos lograd os na caixa da empresa! Dentro de cinco minutos apresentava o curro da rua das Flores o aspecto de uma praça forte tomada por escalada: folhas de pinho, e pernas de serra, que dividiam os camarotes, e formavam a arquibancada ou plateia, tudo estava em montões no meio da praça.[46]

Outra cena de destruição foi vista nas corridas realizadas em 18 de janeiro de 1852, no curro da rua do Lavradio. O público reagiu à baixa qualidade dos touros, "que pelo seu péssimo estado e extrema mansidão em nada correspondiam à expectativa dos amadores e aos anúncios publicados nos jornais e cartazes".[47]

45 CORREIO MERCANTIL, p. 3, 7 set. 1849.

46 PERIÓDICO DOS POBRES, p. 3, 25 nov. 1850.

47 CORREIO MERCANTIL, p. 2, 20 jan. 1852.

Quando as tribunas aclamaram que o touro fosse agarrado à unha, possibilidade que, inclusive, fora informada no programa, os toureiros se negaram a fazê-lo, mesmo com ordens do subdelegado da freguesia, que, de outro lado, também tentava calar a plateia. A balbúrdia foi aumentando e logo "algumas tábuas da arquibancada foram arrancadas e atiradas para o meio do circo". A polícia prendeu algumas pessoas, a "maior parte caixeiros".[48]

Deve-se perceber que o tom contestatório das matérias jornalísticas nem sempre se referia à inadequação das touradas, mas sim ao fato de que os empresários prometiam espetáculos cujos programas não eram cumpridos. A polícia teria grande responsabilidade nesses problemas, pois não fiscalizava adequadamente e não sabia como se portar em meio à confusão, prendendo gente inocente e jamais punindo os verdadeiros culpados.

A cada ocorrido desses, ampliava-se o tom das críticas. A diagnóstica e irônica seção "Visita das Priminhas", do *Periódico dos Pobres*, registrou o avanço das novas concepções:

> – [...] então diga-me, foi a algum dos divertimentos que houve no Domingo, Cavalinhos, Arlequins, Touros.
> – A nenhum desses fui, nem iria, muito principalmente aos Touros.
> – Então não gosta desse divertimento?
> – Nem um bocadinho; e não sei como tal se consente no nosso país tão civilizado e amável; fazendo aquele divertimento embrutecer os corações de quem ali vai, pelas barbaridades que vê.[49]

Para alguns, não era aceitável que tamanha violência com animais, tamanha quantidade de sangue, fosse exposta publicamente. Além disso, havia os comportamentos "inadequados" do público: xingamentos, descomposturas, gritos e mesmo destruição dos curros. O problema é o que outro cronista identificou, alguns anos depois: "o povo só gosta de divertimento quando vê perigo, e quando mesmo vê sangue!".[50]

Os promotores de touradas ainda tentavam argumentar que a prática poderia trazer benefícios para o desenvolvimento da raça taurina nacional (sem se deter a maiores explicações sobre o que exatamente era isso). Além disso, por vezes foram realizadas corridas beneficentes, com a renda revertida para alguma instituição assistencial. Nada disso aplainava as críticas.

48 CORREIO MERCANTIL, p. 2, 20 jan. 1852. Os caixeiros eram um público costumeiro das touradas. Vale lembrar que uma boa parte deles era de originários de Portugal.

49 PERIÓDICO DOS POBRES, 6 jul. 1852.

50 CORREIO MERCANTIL, p. 4, 31 out. 1858.

Um importante indício a ser considerado é que a família real nunca estava presente nas arenas, um sinal de desprestígio para com as touradas.[51] Em setembro de 1847, percebemos uma curiosa ocorrência na realização de uma corrida na praça da rua Nova do Conde. Comunica-se que a homenageada seria a "sereníssima princesa imperial", a revelia de qualquer participação dos monarcas.

Encontramos outros poucos indícios de algum envolvimento da família real com as touradas. Por exemplo, um espetáculo taurino realizado, em fevereiro de 1848, em benefício da Imperial Sociedade Amante da Instrução, "tendo se dignado s. m. o Imperador a conceder a sociedade sobredita seis dos melhores touros da imperial fazenda de Santa Cruz".[52] Pedro II, por uma boa causa, a educação, ainda ofereceu alguma ajuda, mas efetivamente não se tornou um apreciador da prática. Jamais foi visto num redondel.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Pelo seu caráter de *performance*, não surpreende que nesse primeiro momento de autonomização, o segundo momento de sua presença em terras cariocas, as touradas tenham se aproximado (ou tenham sido aproximadas) do teatro. Essa relação existia desde os tempos coloniais, quando, nos festivais monárquicos, as corridas de touros se misturavam a apresentações diversas (MELO, 2013).

O que também aproximava touradas e teatro era a conformação dos espetáculos circenses, numa cidade em que progressivamente se estruturava um mercado de entretenimentos. Relevante é um anúncio de 1847, em que o proprietário do curro "pede ao respeitável público desta corte todo o favor, honrando-o com sua presença, por isso que no dia 3 o divertimento não pode ter a costumada concorrência, por haverem nesse dia outras distrações".[53] Já havia até mesmo "excesso" de diversões, ocupando o circo um lugar de destaque, imbricando o erudito e o popular, as elites e o povo (MELO; PERES, 2014).

O curioso posicionamento de Valente, publicado no *Correio da Tarde*, de 20 de novembro de 1848, permite-nos lançar um olhar sobre

51 A família real era presença constante nos teatros e competições esportivas; em menor número, comparecia também a alguns bailes.

52 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 9 fev. 1848.

53 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 3, 5 jun. 1847.

essa diversificação. O que o motivou foi a baixa presença de público em uma apresentação da Companhia Lírica, realizada no Teatro São Pedro de Alcântara. Entre outras razões para tal, sugere: "Temos dois teatros na Corte; duas praças de touros; de vez em quando bailes mascarados que se consentem em todo o decurso do ano, dando-se carro de graça às *madamas* para a ida; além disso, temos Sociedades de Bailes, a Filarmônica etc. etc. Isto estafa!" (p. 3).

Plenamente integradas à estrutura de entretenimentos da cidade, as touradas paulatinamente se estabeleceram como uma diversão peculiar, algo que era sentido pelo próprio público, que se dividia escolhendo os seus divertimentos preferidos. Vejamos como se posicionou um cronista:

> Pois temos touros? Ora venha isso para descansarmos dos passeios sobre o globo e das brigas teatrais sobre finanças. O divertimento dos touros convém à rapaziada; é de tarde e por isso fica a noite para mil outros entretenimentos; é barato e por isso agrada aos patuscos e gritadores; é popular.[54]

As relações entre touradas e teatro se enfraqueceram *pari passu* com o crescimento das contestações às primeiras. Vemos um indício disso já em 1843. Um anônimo, ao fazer uma crítica ao funcionamento do que deveria ser a mais prestigiosa casa teatral da cidade, o São Pedro de Alcântara, procurou marcar a diferença entre os estabelecimentos "civilizados" e os "anfiteatros", apropriados para espetáculos mais "exóticos". Sem depreciar por completo esses últimos, clama o autor pelo desenvolvimento dos primeiros, deixando clara uma diferença que se acentuará no decorrer do século.[55]

Esse afastamento tornou-se mais perceptível e categórico depois dos conflitos de 1850/1851/1852. A expressão "corrida de touros" passou a ser utilizada como sinônimo de turba, tudo aquilo que o teatro não deveria ser. Em tom crítico, observou-se no *Correio Mercantil* de 7 de dezembro de 1852: "Domingo à noite, durante o espetáculo no Teatro de S. Pedro de Alcântara, alguns indivíduos entenderam dever transformar esse belo salão em praça de touros, e dirigiram motejos e ditérios a uma família de cor que se achava em um camarote" (p. 3). No mesmo jornal, em 23 de setembro de 1854, vemos algo de teor semelhante: "O Teatro Lyrico vai-se tornando uma verdadeira praça de touros; ali já não se respeita a pessoa do monarca, nem as autoridades, e nem ao publico sensato".

54 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4, 11 dez. 1849.

55 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 1, 17 ago. 1843.

Esse uso do termo se tornou rapidamente comum também em outras esferas, como na política. Vejamos um comentário sobre um debate do parlamento: "A oposição constitucional assistiu de palanque a essa nova corrida de touros, admirada de tanto encarniçamento da parte do governo em provar que era inábil para presidir a câmara o deputado por ela elevado ao cargo de 1º vice-presidente".[56] Ou essa comparação mais genérica: "O que é hoje o nosso governo, seus delegados, seus atos, suas propensões, sua corrupção e sua ignorância, assemelha o nosso país a uma vasta praça de touros, em que os aplausos sobem na proporção da ferocidade ridícula de uns e da libertinagem imunda de outros".[57]

Enfim, em linhas gerais, a sentença abaixo sintetiza o que se pensava no processo de diferenciação e concepção de um novo modelo de público, que se autorrepresentava como mais civilizado, mais refinado:

> Se a polícia não intervém reprimindo estes escândalos, o teatro ficará deserto, e o publico privado de o frequentar. Quem despende o seu dinheiro quer ouvir o canto, e a harmonia, não se abala de casa para achar-se em uma praça de touros sem poder ouvir uma nota de musica.[58]

O crescimento das críticas e contestações se deu *pari passu* a uma maior adesão a ideais e imaginários de modernidade, em curso na capital notadamente a partir da transição das décadas de 1840 e 1850. Em linhas gerais, tratou-se de um processo similar ao que houve em outras nações, uma perseguição a práticas consideradas ultrapassadas e bárbaras (HOLT, 1989). No caso brasileiro, todavia, uma das peculiaridades foi o estabelecimento de relacionamento do atraso das touradas com sua origem lusitana, discurso notadamente esgrimido por aqueles que julgavam que a construção da nação brasileira deveria se dar na ruptura com o seu passado colonial. De outro lado, entre muitos, especialmente entre os ligados à colônia portuguesa, persistia o gosto pela tauromaquia. A moda de tourear típica de Portugal, aliás, era utilizada como argumento para defender a pertinência das corridas de touros.

Já não mais bem acolhidas como ramo teatral, e sob críticas diversas, tanto dos amantes, que as consideravam pouco emocionantes e desorganizadas, quanto dos oponentes, que as encaravam como bárbaras e

56 CONSTITUCIONAL, p. 1, 4 ago. 1864.

57 OPINIÃO LIBERAL, p. 2, 28 ago. 1867.

58 CORREIO MERCANTIL, p. 1, 4 fev. 1855.

contraditórias com o processo civilizacional a que deveria se submeter o país, as touradas precisavam de um novo "guarda-chuva" para as acolher. Curiosamente, o vai encontrar naquela prática que, a princípio, se considerava como seu oposto, por ser moderna: o esporte.

Isso vai ocorrer entre 1876 e 1884, quando houve uma nova sequência de touradas promovidas. Nesse período, ampliaram-se os setores que desejavam definitivamente substituir as referências a Portugal na construção identitária brasileira. Acirraram-se ainda mais as críticas à prática, mesmo que também flagrantemente o campo da tauromaquia estivesse melhor estruturado (MELO, 2013b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPUCHA, L. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas.* Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CARVALHO, J. M. A vida política. In: CARVALHO, J. M. (Coord.). *História do Brasil Nação*: 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 83-130.

CASTRO, A. V. *O elogio da bobagem*. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora, 2005.

CRESPO, J. *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990.

HOLT, R. *Sport and the British*: a modern history. New York: Oxford University Press, 1989.

LESSA, C. Rio, uma cidade portuguesa?. In: LESSA, C. (Org.). Os Lusíadas *na aventura do Rio Moderno.* Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 21-61.

LUSTOSA, I. *D. Pedro I*: um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARZANO, A.; MELO, V. A., *Vida divertida*: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830 - 1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, V. A. *Cidade Sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

_____. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 35-70.

_____. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez. 2013.

_____. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, jul./dez. 2013b.

MELO, V. A.; PERES, F. F. *A gymnastica no tempo do Império*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

PAULA, J. A. O processo econômico. In: CARVALHO, J. M. (Coord.). *História do Brasil* Nação: 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 179-224.

SCHWARCZ, L. M. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.

CAPÍTULO 4

Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884)[1]

Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

No Rio de Janeiro, as touradas começaram a ser organizadas em meados do século XVII. Comumente integravam a programação de festividades que eram promovidas para celebrar importantes datas da monarquia portuguesa. Eram espetáculos muito aguardados e valorizados pelo público que comparecia a tais eventos. Essa popularidade tornou-se ainda mais notável entre os anos de 1808 a 1821, momento em que a família real se instalou na cidade, em função dos conflitos napoleônicos (MELO, 2013).

Depois da independência, houve um longo período em que não foram promovidas corridas de touro na capital. Elas somente seriam de novo oferecidas por um curto momento, entre 1840 e 1841, e numa temporada mais longa, entre 1847 e 1852. Nessas ocasiões, a forma de organização já era bastante distinta: não se tratava mais do modelo estatal (isto é, patrocinado por agências governamentais, típico do período colonial), mas sim de um modelo comercial, custeado por empresários, que dependiam do afluxo de público para sua manutenção.

Na transição dos anos 1840-1850, as touradas se inseriam numa cidade que passava por profundas mudanças, ligadas a uma melhor organização de sua infraestrutura e ao delineamento de um comércio de entretenimentos, relacionados a uma sensível valorização da vida pública. Nesse mesmo cenário, aumentam os vínculos do Rio de Janeiro com o mundo "desenvolvido" europeu e o trânsito de discursos "civilizatórios", a adesão à ideia de progresso, ao ideário e imaginário da modernidade (SCHWARCZ, 1998).

A mesma dinâmica social que gestou as condições para que as touradas se estruturassem como um empreendimento comercial, também acabou por colocar em xeque sua adequação. Se a proposta era "civilizar" os costumes, como aceitar um espetáculo tão "bárbaro"? Poucos não foram os debates e conflitos que cercaram a prática. Ao final, não mais foram concedidas licenças e um novo interregno se estabeleceu na promoção das corridas de touros que tanto encantavam um setor da população.

Somente em 1876, antecedidas de uma curta temporada na transição dos anos 1870-1871, as corridas de touros voltariam a ser organizadas, numa cidade na qual, após a experiência da Guerra do Paraguai, uma das ocorrências mais marcantes do século XIX (BETHELL, 2012), se dava sequência ao processo de modernização ao mesmo tempo em que entrava num período de ebulição.

De um lado, o Império chegou a seu auge, até mesmo no que se refere à unificação do território, que de forma generalizada mobilizou-se ao redor do conflito armado, a despeito das muitas críticas à participação brasileira exaradas nos jornais. De outro lado, a guerra expôs algumas fragilidades do país. Em decorrência, aumentaram as pressões para a abolição da escravatura, bem como se fortaleceu um espírito de corpo no Exército brasileiro, uma instituição que ocuparia papel político de destaque. Já no aspecto econômico, os impactos foram profundos: o grande aumento das despesas públicas levou o governo a contratar empréstimos e elevar os impostos (CARVALHO, 2012).

Os anos que sucederam o fim do conflito foram marcados pela atuação do mais longo ministério do Império, liderado pelo visconde do Rio Branco (1871-1875), que deu sequência a algumas reformas (da polícia, do sistema judiciário e da Guarda Nacional), a antigas políticas consideradas importantes para a nação (como o incentivo à imigração) e a iniciativas ligadas à estruturação do Estado (realização do primeiro recenseamento nacional, implantação da telegrafia entre o Brasil e a Europa, construção de mais trechos ferroviários e melhoria nas condições de navegação). É importante perceber que, de toda forma, no decorrer do período monárquico:

> Apesar das diferenças, o Brasil não ficou à margem do processo de expansão capitalista, marcado por uma significativa disseminação de valores, ideias, instituições, mercadorias e pela modernização dos meios de transportes e comunicações, como o telégrafo, o telefone, a ferrovia, as embarcações modernas... O país também experimentou tais mudanças só que de modo fragmentário e seletivo. (PAULA, 2012, p. 195).

1 Artigo originalmente publicado em *História*, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013.

Tendo em conta essas reflexões iniciais, esse estudo tem por objetivo discutir a retomada da organização de touradas observável no Rio de Janeiro entre os anos de 1876 e 1884. Centralmente é analisado o debate sobre a adequação da prática, processo que ao final levou a mais uma proibição da promoção de corridas de touros na cidade, ainda que por um curto período de tempo. Argumenta-se que ao redor das tensões que se estabeleceram ao redor dos eventos tauromáquicos manifestaram-se algumas importantes questões do contexto histórico. Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados jornais publicados na capital no período em tela.

RETOMANDO AS TOURADAS

> Até que afinal temos as touradas. Sim, senhor, deixe o governo falar os pessimistas, consinta que seja somente à portuguesa, e verá que o público agradecerá mais esta sorte de espetáculo.[2]

2 de julho de 1870. O *Jornal da Tarde* anuncia: "Acaba de chegar a esta Corte, de Montevidéu, o sr. Servand Gomes, empresário de uma companhia de touros [...]; propõe a dar espetáculos deste gênero em que tem sido muito aplaudido nas capitais de Lisboa, Madrid e Montevidéu" (p. 1). Depois de 18 anos sem touradas, a notícia gerou um frenesi na cidade.

Conforme os meses iam passando, crescia a expectativa do público: "Os capinhas, toureadores e forcados já passeiam por esta cidade, vestidos de maneira que se tornam bem notáveis. Se pelo dedo se conhece o gigante, pela jaqueta se conhece o toureador".[3] O cronista do *Diário do Rio de Janeiro* mal conseguia conter a ansiedade: "Mas quando estreará a companhia de touros, senhores? Até certo tempo não se falava senão nisso. [...]. Paciência! A esperança é a virtude das almas nobres, e o circo... há de dar em alguma coisa por força!".[4] Muitas foram as notícias sobre o reinício das atividades tauromáquicas.

A praça de touros foi instalada na rua da Guarda Velha (atual rua 13 de maio), no mesmo espaço onde antes se encontrava o Circo Olímpico e onde, em 1871, seria construído o Teatro Lírico. Como se pode perceber, a despeito das muitas expectativas, a arena teve vida curta. A cidade

2 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 4 dez. 1876. Optei por atualizar o português de todas as citações.

3 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 6 nov. 1870.

4 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 1, 20 nov. 1870.

ainda sentia os desdobramentos da Guerra do Paraguai, que também teve impacto no âmbito do entretenimento.

É somente a partir de 1876 que as corridas de touros passaram a ser de novo realizadas com frequência. Em janeiro foi concedida a licença para a construção de uma nova praça. O jornalista da *Gazeta de Notícias* celebra a novidade: "Se é verdade como cremos, damos os parabéns a esta população, por mais esse divertimento".[5]

Na *Semana Ilustrada*, o cronista que assina como Dr. Semana comenta extensamente, com tom irônico, a retomada da prática: "Essa medida era altamente reclamada pelos interesses sociais, usos, costumes e instituições. Não basta ter uma constituição, duas câmaras, ouvir missa e praticar outros atos de boa moral. É preciso alguma coisa mais. Essa cousa é uma tourada, ou outra equivalente".[6]

Para o autor, mesmo na Inglaterra, país marcado pela parcimônia e pelo equilíbrio, sentia-se como "necessários" divertimentos mais excitantes: "Mas que seria tudo isso sem a briga de galos? Seria o mesmo que comida sem sal ou chá sem açúcar". As touradas seriam concebidas como contributos para fortalecer os sentidos humanos: "Um povo precisa fortalecer a fibra vendo correr algum sangue. É a razão pela qual se junta gente logo que dois sujeitos se engalfinham na rua. O sangue tem grande ação no caráter moral de um homem: é uma espécie de cimento que lhe dá solidez". Por isso, sempre ironicamente, sugere o cronista: "Brigas de touros ou de galos, ou de qualquer outro animal, seja ou não mamífero, são coisas muito necessárias ao progresso da sociedade: e não há Estado bem organizado que não os anime ou subvencione".

Sugere o autor que a cidade bem acolheria a diversão: "Não tenho a honra de conhecer o empresário das touradas, nem sei quem seja. Mas esse cidadão é por força homem perspicaz e observador. Ele viu, não só que a tourada corresponde a um dos mais nobres instintos do homem, mas também que é negócio da China nesta boa e leal cidade". Sua ironia final é brilhante: "preparo-me para a primeira tourada. Sinto o espírito muito abatido e preciso elevá-lo com alguma cousa verdadeiramente digna do

5 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 9 nov. 1876.

6 SEMANA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 6290, 9 nov. 1876. Machado de Assis escreveu várias dessas colunas. Todavia, ela também era escrita por outros literatos. Logo, não é possível afirmar que esse texto seja de sua lavra.

homem. *Panem et circensis* era o grito dos romanos. É o meu, com uma pequena variante: *Carne barata e touros*. E viva a Penha!".

O cronista reuniu os argumentos que comumente eram mobilizados pelos admiradores das touradas. Frente à constante crítica a sua inadequação, com o decorrer do tempo foi modificando-se o padrão da defesa. Se antes somente se contestava a acusação de que se tratava de uma prática bárbara, a partir de então, mais ainda, se tentava demonstrar que as corridas de touros poderiam dar boas contribuições para a nação, um tema que se tornou candente naqueles momentos posteriores à Guerra do Paraguai.

A nova praça foi instalada na rua Marquês de Abrantes, antigo Caminho Novo de Botafogo. Vale a pena dedicar algumas linhas para discutir a construção desse novo redondel em uma região distinta àquela que até então acolhera as arenas.[7] Uma das ocorrências que nos ajuda a entender essa mudança é a própria ampliação da rede de transporte e das vias de acesso, facilitando o afluxo de público (WEID, 1994).

Além disso, especialmente no decorrer dos anos 1880, a instalação de indústrias na Zona Sul atraiu para a região novos personagens, uma classe operária em formação, em parte também composta por estrangeiros, inclusive e notadamente de Portugal, que traziam alguns de seus hábitos de seus países de origem.[8] A cidade se espraiava geograficamente, na mesma medida em que se diversificava sua estrutura econômica; mudava o perfil de trabalhadores, crescia o número de moradores. A ampliação de iniciativas de associativismo e de participação na vida social marcará esse novo momento (BATALHA, 1999; FONSECA, 2008).

O novo empreendimento procurou atrair o maior espectro possível de público. Nas vésperas da inauguração da nova praça se esperava grande assistência para as corridas que seriam realizadas à moda portuguesa, isto é valorizando o toureio a cavalo, com a participação de forcados e sem a morte do touro no final (CAPUCHA, 1988). No caso do Rio de Janeiro, a adoção desse modelo atendeu historicamente a duas dimensões: o relacionamento com padrões culturais do antigo colonizador; o argumento de que não se tratava de uma prática violenta, como supostamente seria aquela organizada nos moldes espanhóis (o auge do espetáculo era a morte do animal).

7 Até então as praças eram construídas na região central da cidade.

8 Alguns exemplos de fábricas instaladas no Rio de Janeiro: Fábrica de Fiação, Tecidos e Tinturaria Aliança (Laranjeiras, 1880), Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado (Jardim Botânico, 1889), Companhia de Fiação e Tecelagem Carioca (Jardim Botânico – Horto, 1890), entre outras.

Nos anúncios, fez-se questão de enfatizar que: "apartes alguns trambolhões, nenhum perigo há nestas corridas".[9] Ressaltava-se a disponibilidade de bondes e os preços dos bilhetes, vendidos na arena e no prestigioso Hotel Ravot, onde se hospedavam pessoas de posses, entre os quais muitos dos que dirigiam os negócios do café. Pela primeira vez no país aparece a distinção entre arquibancadas no sol (2$000) e na sombra (3$000), além de camarotes, aumentando a divisão da plateia por renda.

O comentário da *Gazeta de Notícias* sobre a inauguração enfatiza que, ao contrário do que alguns esperavam, não houve cenas de sangue ou violência extrema. O programa parece ter sido bastante irregular, mas o público, que lotava a arena, na visão do jornalista, não se sentiu desagradado. Houve, sim, reclamações. Alguns criticaram a má organização das tribunas. Mas, enfim, na avaliação do cronista, foi um bom recomeço.[10]

A segunda sessão já não foi tão concorrida. Como motivos para tal, aponta-se a ameaça de chuvas[11] e, um antigo tema que sempre cercou as corridas, a qualidade dos touros: "os animais são pouco corpulentos, delgados, de muito pé, mas não tão bravos como seria de desejar. Negam quase todas as sortes aos cavaleiros e ensarilham geralmente".[12]

Ainda mais, seria de baixa qualidade a companhia de touradas, destacando-se a má atuação do toureiro principal, Francisco Frascuelo: "não tem sangue frio; raras vezes espera o touro bem, e querendo sempre produzir efeito, aproveita as *ocasiões* de meter os ferros conforme pode, e raras vezes em *sorte*. Precipita as retiradas, o que faz com que seja desfeiteado pelo touro".[13]

Vejamos que, a despeito de nos anos anteriores não ocorrerem muitas corridas na cidade, os narradores demonstravam, ou pelo menos aparentavam, ter algum conhecimento técnico sobre o espetáculo. O público,

9 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 9 dez. 1876.

10 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 18 dez. 1876.

11 Parece ter sido mesmo chuvoso aquele fim de primavera de 1876. O satírico *O Mosquito*, de 30 de dezembro de 1876, ironiza: "Deus me perdoe se é um falso testemunho, mas esta abundância de águas do céu foi-nos trazida do Rio da Prata pelos touros do Sr. Frascuelo. Antes de começarem as touradas estávamos no gozo de um começo de verão cheio de promessas para os aguadeiros, e os médicos começavam a calcular pelos dedos quantas visitas a cinco mil réis se podem fazer, sem exagero, das 6 da manhã às 4 da tarde. Chega o matador Frascuelo e chega o capinha Barca: começa a chuva, que é uma consumição de botas grossas que Deus nos acuda" (p. 6).

12 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 25 dez. 1876.

13 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 25 dez. 1876.

aliás, por diversas vezes exigiu compostura e procedimentos corretos por parte dos toureiros. Os jornais registravam esse problema: "Em geral a tourada correu regularmente; torna-se, porém, necessário que a autoridade faça presidir o espetáculo por uma pessoa entendida e autorizada, que tudo determine e a quem todos obedeçam".[14] Em tom de alerta, o *Diário do Rio de Janeiro* lembrava dos conflitos do passado, das ocasiões em que arenas foram destruídas (notadamente na transição dos anos 1840-1850): "pedimos nós providências das autoridades, porque essa anarquia pode dar lugar a funestas consequências".[15]

A despeito da qualidade irregular das atividades tauromáquicas, os amantes da prática mantinham-se ativos e prestigiando os espetáculos. Mais ainda, procuravam participar da "prova dos curiosos", um costume que vinha da década de 1840: nas corridas, era oferecido um touro para que voluntários da plateia enfrentassem. Essa atividade era, para o promotor, interessante do ponto de vista comercial: atraía público, que esperava a demonstração pública de coragem, e ainda o desobrigava de mais um animal de qualidade (eram comumente aproveitados os mais velhos e já corridos). Todavia, havia muitas críticas a essas ocasiões. Para alguns jornalistas, o mau desempenho dos amadores traia o que se esperava de um espetáculo de qualidade; eram inaceitáveis as cenas de crueldade com o animal.

Alguns "curiosos" (que, inclusive, assim se apresentam nos jornais), contudo, não se mostram rogados com as críticas. Inicialmente solicitam a manutenção da prova, bem como a sua melhor estruturação.[16] Posteriormente começa a circular pela cidade a notícia de que esses amadores iriam promover corridas integralmente por eles protagonizadas, com caráter beneficente.[17] Por fim, reunidos no Real Clube Ginástico Português (agremiação que reunia parte considerável da colônia portuguesa na cidade), em janeiro de 1877, fundaram uma sociedade própria – o Clube Tauromáquico.

Vemos explicitamente uma ocorrência que marcou a trajetória das corridas de touros no Rio de Janeiro: a relação com a colônia portuguesa. O fato é que era ambígua a presença da cultura lusitana e de portugueses na cidade, em um cenário em que o país pretendia se afirmar como ente independente. De um lado havia louvações aos laços em comum entre

14 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 25 dez. 1876.

15 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 3, 26-27 dez. 1876.

16 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 6 jan. 1877.

17 Ver, por exemplo, a GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 16 jan. 1877.

as nações, a certas tradições e costumes que tinham se enraizado no cotidiano. De outro lado, era isso mesmo que incomodava os que pretendiam definitivamente construir uma nação "civilizada", que se livrasse da herança colonial. As touradas eram, de alguma forma, uma celebração de hábitos do antigo colonizador, sendo, também por isso, por alguns exaltadas, na mesma medida em que por outros eram contestadas.

A criação de agremiações de cariz português, que se tornou comum em muitas cidades brasileiras no século XIX, deve ser entendida como uma estratégia de afirmação da colônia. Atendia tanto ao desejo de auto-organização, para fazer frente aos problemas enfrentados e para celebrar a relação com a pátria distante, quanto à necessidade de demonstrar à sociedade brasileira o valor dos lusitanos (FERREIRA, 2007; FONSECA, 2008).

Teria esse sido o caso do Clube Tauromáquico?

UM CLUBE DE "CURIOSOS"

A proposta do Clube Tauromáquico era congregar os que apreciavam e desejavam participar ativamente das touradas sem interesses financeiros. A partir de então, havia na cidade dois tipos de espetáculos: organizados pela companhia de toureiros ou pela nova agremiação, ambos na praça da rua Marquês de Abrantes. Na verdade, alguns profissionais até mesmo ofereciam ajuda e tomavam parte nos eventos da sociedade de amadores. Além disso, seguiu ocorrendo a prova dos "curiosos" nas corridas promovidas pela empresa.

Segundo *O Globo*, o clube reunia "jovens em sua grande maioria pertencentes à classe comercial".[18] A primeira diretoria confirma esse perfil. O presidente era José João Martins de Pinho, comerciante que atuou em várias casas bancárias. Teve grande envolvimento com o Liceu Literário Português e com várias outras instituições ligadas à colônia portuguesa, como a Caixa de Socorros de D. Pedro V, o Gabinete Português de Leitura e a Beneficência.

Outro membro da direção foi José Mendes de Oliveira Castro, também comerciante, envolvido com os novos negócios da cidade: foi membro da direção do Banco do Brasil, da Companhia de Carris do Jardim Botânico, da Companhia de Seguros e Bancária Integridade e Industrial do Brasil, entre outras empresas. Foi diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

18 O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 2, 1 jul. 1877.

O clube possuía, portanto, um perfil bem curioso. Tratava-se de gente ligada aos novos negócios, capitalistas, mas que possuíam ligações com antigas tradições familiares portuguesas. De fato, havia muitos lusitanos envolvidos com o comércio e a indústria, enquanto as elites brasileiras estavam mais envolvidas com o setor agropecuário, com as profissões liberais e com cargos políticos e administrativos (FREITAS FILHO, 2002).

A primeira tourada pelo clube organizada, em 11 de março de 1877, foi promovida em benefício de vítimas de uma inundação em Lisboa e de uma instituição de caridade do Rio de Janeiro (que não foi nominada). Tendo em conta o "fim humanitário a que é destinado o produto desta festa" e "confiando nosso sentimento de proverbial filantropia deste público", os preços dos ingressos foram aumentados.[19] Deve-se destacar que no evento houve dois procedimentos comuns entre as agremiações lusitanas instaladas na cidade: a demonstração do envolvimento com causas beneficentes e a dupla vinculação com Brasil e Portugal.

O evento gerou grande expectativa. O colunista de *O Globo*, que assina como Sir Mask, dá uma noção do frenesi: "Há oito dias, leitor querido, que não me sento, não durmo, não como, não sossego! Por toda a parte ouço pronunciar com entusiasmo, com encanto, com furor, a palavra – Tourada!".[20] Ele enumera uma série de espaços da cidade nos quais, a seu ver, só se falava no assunto. Os motivos, contudo, não eram os mais nobres, como poderiam esperar os promotores: "tem o sabor do perigo, do imprevisto, do horrível e... cheira a sangue!".

Mesmo sendo uma corrida de amadores, prometiam-se os procedimentos completos, com todas as funções preenchidas. A observância de todo o ritual, com todas as vestimentas e mesuras, nos deixa perceber a conexão com símbolos portugueses: seguiu-se ao máximo o modelo de corridas à Marialva.[21] Ao que tudo indica, o evento estava bem organizado e as tribunas lotadas.

19 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 3, 3 mar. 1877.

20 O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 1, 11 mar. 1877.

21 A arte de tourear vai mesmo marcar a construção do "marialvismo", termo que se origina do livro lançado pelo Marquês de Marialva, um dos que lançou as bases do toureio a cavalo. Trata-se de uma noção que vai se conformar como uma tradição conservadora: o provinciano em oposição ao citadino, uma contraposição ao libertino, a proposição de se afastar de parâmetros europeus ilustrados. Marca, de fato, uma especificidade na construção identitária portuguesa (ALMEIDA, 1997).

O resultado parece não ter decepcionado, pelo menos aos entusiastas da *Gazeta de Notícias*. Para o jornal, os jovens participantes tinham mesmo surpreendido:

> Brincava um sorriso de complacente ironia nos lábios de quase toda a gente quando se falava de touradas; poucos acreditavam que aqueles rapazes fossem para frente de um boi sem recuar; esse sorriso desapareceu em presença dos aplausos entusiásticos [com] que o público aplaudiu a tourada de ontem.[22]

Para alguns, essa nova conformação das corridas de touros as colocavam em um patamar superior. Para um colunista, ainda que desprovidos de boa técnica, deveria se louvar a atitude dos envolvidos: "Um punhado de mancebos destemidos e generosos, com o intuito de enxugarem as lágrimas de muitos desgraçados, resolveram expor-se aos perigos de uma tourada, para adquirirem os meios para realizarem o seu intento".[23] Para ele, tratava-se de uma demonstração do valor desses jovens: "uma prova de que em face d'um animal embora furioso, a presença de espírito do homem, auxiliada pelas regras da ginástica, deve fazer este sempre vencedor". Nessa compreensão, as atividades tauromáquicas eram mesmo tidas como exercícios ginásticos, como uma forma de preparação do corpo e do espírito.

L., na *Gazeta de Notícias*, de 17 de março de 1877, dá ares poéticos à façanha dos jovens toureadores amadores. Para ele, ao invés de uma barbaridade demonstrou-se o quanto a "civilização sabe desenvolver o homem e o educar para afrontar os perigos mais imediatos, e o ensinar a livrar-se dos ataques mais brutais" (p. 1). Emoção e preparação corporal e de caráter: para L. esses eram aspectos que valorizavam as corridas de touros.

O evento fortaleceu a posição dos que defendiam as touradas. Por seu fim humanitário, por ter como protagonistas "moços de fino trato", por ser uma ocasião em que se demonstrou o valor e a bravura de homens, não se poderia comparar as corridas do Rio de Janeiro com os "divertimentos sanguinários da Espanha fanática, nem de Roma dissoluta; os que lá foram não tinham em mente ver morrer seus semelhantes, mas ver socorrer vítimas e pôr em prática, por uma forma ainda atraente, os princípios moralizadores da filantropia".[24]

22 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 12 mar. 1877.

23 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 6 mar. 1877.

24 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 14 mar. 1877.

Mesmo *O Mosquito* não deixou de, ainda que com tom irônico, observar que esse foi o principal assunto da semana:

> Por toda a parte, no café, na rua, na secretaria dos estrangeiros, no lar doméstico, em Paquetá, nos bondes, nos folhetins, no largo do Rocio, nos camarins, no chalé campestre, nas publicações a pedido, na sociedade Amor da Glória, nos estabelecimentos comerciais, nas irmandades, nas ilhas adjacentes, na barca de banhos e nos hotéis, de dia, de noite, de manhã e de tarde, às ave-maria e ao romper da aurora, sempre, sempre, sempre a tourada foi o primeiro assunto do momento e a caridade o segundo.[25]

A própria capa dessa edição, de autoria de Bordallo Pinheiro, faz referência ao evento. Com o subtítulo de "Festa de caridade – A caridade da festa", apresenta-se uma mãe, com crianças à saia e no colo, farpeando um touro bravo. Mais ainda, com a verve cômica de sempre, apresenta o desenvolvimento do espetáculo em quadrinhos, ironizando a dinâmica e as ocorrências das corridas, aproveitando a ocasião para satirizar a política nacional.

Em junho, uma vez mais se anunciou uma atividade do clube, corridas em favor da Caixa de Socorros D. Pedro V. O público atendeu ao chamado e lotou os camarotes e arquibancadas da praça que estava, como na ocasião anterior, bastante ornamentada. Muitos julgaram essa atividade superior a anterior. Como antes, e como será observado na terceira tourada, realizada em novembro, em benefício dos atingidos pela seca no norte do Brasil, destacava-se a presença de importantes personalidades do Império.

A despeito dos elogios ao clube, normalmente da lavra de quem já defendia as touradas, nem tudo foi um mar de rosas. Não faltou quem questionasse os reais intuitos e as contradições das suas ações. Para Sir Mask, a valorização das corridas devia-se ao fato de que a "nossa nacionalidade não tem ainda uma feição sua, não tem tradições quase, não tem costumes populares perfeitamente assentados". Segundo seu olhar: "Não podemos aplaudir, não podemos compreender sequer que para uma festa de amor, de caridade, se busque um espetáculo perigoso, bárbaro, contrário à nossa civilização, e particularmente à nossa índole, tão paciente e passiva".[26] Sua posição era clara: tratava-se de uma prática do antigo colonizador que deveria ser abandonada.

25 O MOSQUITO, Rio de Janeiro, p. 7, 17 mar. 1877.

26 O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 1, 11 mar. 1877.

Um dos mais contundentes foi Nemo,[27] em crônica publicada na *Gazeta de Notícias*: "O Clube Tauromáquico, o promotor do divertimento bárbaro das touradas, convidou no domingo passado o povo desta capital para dar largas aos instintos maus e carniceiros que ele, o Clube, alimenta e supõe alimentados pelo fluminense pacato".[28] Para ele, tratava-se de uma diversão brutal, que traía os princípios dos cidadãos da capital.

Para o autor, um indício da inadequação das touradas era o fato de que a família real, apesar de sempre ser convidada, nunca tenha dado o ar da sua graça. Nemo exultava: "É inútil dizer que s. m. o Imperador não assistiu à festa, [...] enquanto sua majestade honra com a sua presença as récitas da companhia lírica".[29]

Isso também chama a atenção de Máscara Azul:[30] "Outro boato que vozeia é que s. m. o Imperador não compareceu à corrida de touros porque detesta esse espetáculo".[31] No folhetim da *Gazeta*, de 17 de novembro de 1877, esse mesmo cronista comenta os boatos sobre as posições de Pedro II frente às touradas. Para ele, caso seja verdade que ele não aprecia a prática, é uma prova de que o chefe de Estado "tem coração e repugna-lhe o sangue. Aplaudo, aplaudo!".[32]

Não passariam, assim, de "corruptos e corruptores" os que defendiam uma prática "que fere também os nossos brios nacionais". Por isso, dispara o cronista: "O clube [...] não passa de uma escola de facínoras", ainda que supostamente se engajasse em causas nobres. No caso do evento criticado, o despautério seria ainda maior, pois o que revertia em benefício da mãe de Gonçalves Dias, um dos motivos que norteou a realização, traía a memória e os princípios do poeta, que elevou "o nome da pátria" e trabalhou para "lançar pela ciência e pela arte as sementes da paz universal".[33]

O Clube Tauromáquico, assim, se por um lado deu aos defensores bons argumentos, de outro lado acabou por acentuar as críticas. De toda forma, é inegável que as touradas adotavam um novo padrão. A prática

27 Vários jornalistas e literatos utilizaram esse pseudônimo. Cruzando as informações, é possível que esse texto seja da lavra de José do Patrocínio.

28 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 8 nov. 1877.

29 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 8 nov. 1877.

30 Provavelmente trata-se de Cardoso de Menezes.

31 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 9 nov. 1877.

32 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 17 nov. 1877.

33 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 8 nov. 1877.

– que vinha do período colonial, a princípio tão ligada ao colonizador, cujas referências, na visão de alguns, se deveria abandonar para forjar uma identidade nacional; que lembrava tanto o rural, que cada vez ficava mais distante em uma cidade que assumia definitivamente o papel de capital do Império, com aspirações ao progresso – dialogava com os novos tempos e assumia uma nova dinâmica que a aproximava de um conjunto de valores e representações que a princípio lhe eram oponentes. Esse movimento aproximava as corridas de touros do esporte. A própria formação de um clube era uma expressão dessa tendência.

Em 1878, o clube reduziu suas atividades; passou a somente se fazer presente em algumas corridas de touros promovidas pela companhia profissional. Em junho, uma pá de cal é lançada sobre a iniciativa: o Ministério do Império indefere o pedido de aprovação dos estatutos. A agremiação se extingue, mesmo que alguns contestassem a decisão governamental, como o cronista do folhetim de *O Cruzeiro*, Saphir.[34]

Suas considerações nos parecem muito interessantes por demonstrar como se semeava mesmo uma aproximação das touradas com o esporte, uma prática que já gozava de grande popularidade e reputação (MELO, 2009). Ele começa por observar o papel que o turfe ocupava na sociedade de então: "está fora de dúvida que uma capital qualquer sem *Jockey Club* é coisa que já hoje se não pode tolerar". A partir desse olhar, contesta a hipocrisia de um setor que finge que "não gosta igualmente das corridas de touros". Não haveria justificativa para opor turfe e touradas, nem tampouco "se compreende o motivo por que não foram aprovados os estatutos do *Clube Tauromáquico*". No seu entender, ambos poderiam contribuir para apurar a raça dos animais nacionais. Além disso, era inegável que o público "tanto se delicia no Prado como se regozija no circo da rua do Marquês de Abrantes".

Em *O Cruzeiro,*[35] Zero demonstra ainda maior indignação. Para ele, a não aprovação dos estatutos devia-se ao fato de que a ideia de civilização virara uma espécie de oráculo para o governo. O pior é que o próprio não reprimia certas práticas pouco civilizadas, como, no seu ponto de vista, a ação da polícia. Não haveria a menor base legal para a perseguição à agremiação, e a burocracia imperial não deveria se arvorar a dessa forma

34 O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, p. 3, 18 jun. 1878.

35 O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, p. 3, 18 jun. 1878.

interferir nas escolhas dos indivíduos (até porque a praça de touros seguia aberta e funcionando a todo vapor).

Essa tensão de diferentes formas manifestar-se-á outras vezes. Em março de 1879, o governo proíbe a realização de uma tourada em benefício do Asilo dos Meninos Desválidos. Essa notícia mereceu dois comentários na *Gazeta de Notícias*, de um anônimo e do cronista F. de M.[36] A esse último pareceu absurda tal intervenção, ainda mais quando havia um intuito tão nobre. Ironizava a "sensibilidade" civilizada do ministério: "o que não compreendemos é como o sr. ministro não permite uma tourada em benefício de uma instituição pia, e tem permitido e permite outras touradas".[37]

Não havia jeito: o clube não foi autorizado a funcionar. Mas as corridas de touros seguiriam ocorrendo e empolgando uma parte da sociedade carioca.

AUMENTAM AS TENSÕES

Mesmo cercadas de contestações, as touradas parecem mesmo ter conquistado o interesse do público, que constantemente lotava a arena da rua Marquês de Abrantes. Como dizia um jornalista: "Podem aqueles que só gostam de bois no prato propalar que o nosso público não gosta de corridas de touros, que a concorrência às últimas que tem havido aí está para provar o contrário".[38] Em muitas ocasiões foi até mesmo necessário aumentar o número de bondes para os que compareciam à praça.

Conforme o espetáculo foi tendo continuidade, o público o compreendia melhor e tornava-se mais exigente.[39] Essas expectativas aumentavam o custo da promoção. Os empresários, não podendo dispor de incentivos governamentais (como eventualmente já ocorria com o remo e o turfe), tinham mesmo que contar com os pagantes. Quando havia deficiências na organização das corridas, não poucas vezes emergiu a delicada questão do excesso de violência. Para os entendedores, a barbaridade se manifestava quando não havia a técnica, o que prejudicava a reputação da prática, dando razão para os que a criticavam. Assim, cobrava-se que fossem

36 GAZETA DE NOTÍCIAS, 30/3/1879, p. 1.

37 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 30 mar. 1879.

38 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 17 jun. 1878.

39 Para um debate sobre a dinâmica das touradas, ver Capucha (1988).

contratados profissionais gabaritados. Da mesma maneira, exigia-se uma arena mais confortável, que permitisse a plena fruição das touradas.

Nesse sentido, entende-se a popularidade de um dos mais renomados toureadores que no Brasil atuaram: Francisco Pontes. Uma das necessidades de espetáculos como o das touradas (e também dos esportes em geral) é a gestação de um herói, um indivíduo que dramatiza todos os desafios e qualidades da prática. Esse bandarilheiro, por vezes denominado de "rei dos toureiros", começou a se apresentar na cidade em fevereiro de 1878, e rapidamente tornou-se multiplamente reconhecido, pelos membros do Clube Tauromáquico, pela imprensa e especialmente pelo público, que apreciava o seu desempenho, constantemente celebrando sua *performance* com presentes atirados na arena e chapéus atirados ao ar. Não devemos desprezar o fato de que parte do seu sucesso se devia ao fato de que, à frente da Companhia de Toureiros Portugueses, angariava simpatias da colônia no Rio de Janeiro.

Os jornais não poupavam elogios ao português. Para a *Gazeta de Notícias*, "de todos os artistas tauromáquicos que nos tem visitado, nenhum se tem distinguido mais do que Pontes". Ele conseguiria aliar um "conhecimento profundo da arte difícil e arriscada" a "grande sangue frio, firmeza e perícia".[40] Os elogios à sua atuação vão crescer na década de 1880. Ele será por décadas um dos principais dinamizadores das corridas de touros no Rio de Janeiro.[41]

Além da qualidade do espetáculo, havia outra ocorrência que contribuía para reduzir o público dos espetáculos de touros: a diversificação e ampliação dos entretenimentos. O colunista do *Diário do Rio de Janeiro* percebe isso em maio de 1877. Para ele, um dos motivos da baixa procura à sessão do dia anterior foi que no mesmo dia houve "o passeio da sociedade Congresso Ginástico Português ao Jardim Botânico e as regatas de nadadores anunciadas para a praia de Botafogo",[42] essas últimas promovidas por uma nova agremiação, o Clube Boyton.

Havia ainda as atividades do turfe, do remo e das sociedades dançantes. Em 1878, uma novidade surgiria, o Skating Rink, oferecendo a patinação, uma prática que lograria grande sucesso no Rio de Janeiro. Isso sem falar nos teatros e circos, que se espalhavam pela cidade: Theatro-Circo, Phenix

40 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 9 jun. 1878.

41 Pontes também fez fama e dinamizou as touradas em outras cidades, como São Paulo, Pelota e Porto Alegre (KARLS, MELO 2014).

42 DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, p. 4, 7 maio 1877.

Dramatica, S. Pedro de Alcantara, Circo Luzo Brazileiro, Imperial Theatro Pedro II, Theatre des Varietes, Circo Casali, Theatro S. Luiz, entre outros. A cidade recuperara o seu vigor no âmbito do entretenimento, depois de um interregno no tempo da Guerra do Paraguai. As corridas de touros se inseriam nessa dinâmica.

Nada incomodava tanto os apreciadores das touradas quanto as críticas a sua adequação. Na verdade, elas cresceram *pari passu* com o processo de modernização do Rio de Janeiro. Até mesmo notícias vindas do exterior eram usadas para questionar a sua permanência, como essa que narrou conflitos em uma arena na França: "O internacionalismo das ideias e da civilização tem um limite marcado. A religião e os costumes de um povo dificilmente se alteram, e os mesmos divertimentos e jogos que em alguns países servem de recreio, em outros são às vezes causa de grandes desgraças".[43]

Desde o momento em que as touradas foram retomadas, em 1876, a tensão era latente. Como bem definiu na ocasião um cronista:

> Felizmente, no meio de todas estas sensaborias, sempre pilhamos as touradas.
> É seguramente a toureação o que nos deu de melhor o ano.
> E ainda assim as opiniões dividem-se sobre o assunto.
> Há uma metade que gosta da toureação e outra que prefere o boi desmanchado em bifes de cebolada.
> E discutem.[44]

Essa percepção será expressa em outras ocasiões. O colunista que assina o folhetim da *Gazeta de Notícias*, de 6 de março de 1877, assim observa:

> A respeito de touros, falo com toda a franqueza, não conheço meio termo. Ou se gosta ou não se gosta.
> Não há partidos neutros nesta questão.
> Não há expectativa possível.
> Um indivíduo, qualquer que ele seja, depois de assistir a uma corrida de touros pela primeira vez, ou nunca mais lá torna ou não lhe escapa mais nenhuma.
> A opinião pública a respeito deste espetáculo divide-se também em duas manifestações diametralmente opostas. Ou extrema direita ou radicais. Desconhece-se nesta questão os partidos de centro; ou a bandeira branca ou a vermelha!
> Não há quem encolha os ombros numa questão desta ordem. Ou se clama em altas vozes que uma corrida de touros: – é um espetáculo imoral, sanguinolento,

43 CORREIO DO BRASIL, Rio de Janeiro, p. 2, 25 out. 1872.

44 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 7, 31 dez. 1875.

> que corrompe os costumes de um povo, que lhe suscita instintos cruéis; ou então se proclama como uma diversão útil ao corpo e salutar ao espírito, como despertando pelo exercício ginástico, pela observação cuidadosa e exata do animal, toda a força de músculos, acentuando a energia do caráter. O homem que não treme em frente de um touro, que o espera, que luta com ele, que o vence, adquire uma altivez elegante no porte, e uma serenidade valente para as ocasiões difíceis da vida.
> Ao desenvolvimento do corpo juntam os que se entregam a este exercício a coragem para afrontar o perigo (p. 1).

As posições eram, de fato, apaixonadas. Em setembro de 1876, alguém que assina como "Civilização", critica, em missiva ao governo, a concessão de licença para promoção de um divertimento que depõe contra o "estado de civilização", uma barbaridade em que "touros bravios são martirizados e depois mortos; quando não matam algum dos capinhas". Para o autor, a Câmara se rendera a "troco de alguns mil réis".[45]

Já entre os que defendiam a prática, havia desde argumentos mais nobres, como a contribuição para a formação de um homem mais bem preparado para enfrentar os desafios sociais ou a melhoria da raça nacional de gado, passando por questionamentos aos críticos, já que seria um equívoco dizer que eram violentas as corridas, chegando até a alguns posicionamentos hilários, como o que apresenta A. Gil:

> E eu tenho um amigo que não vai às touradas, porque acha bárbaro esse divertimento, e como esse meu amigo há por aí ainda muita gente.
> Relativamente ao touro, é com efeito uma barbaridade, mas, como eu acho menos cruel uma noite no xadrez, do que a pena de morte, entendo que o touro também preferirá um par de farpas a ser imolado no matadouro.
> E quem duvidar, pergunte a ele.[46]

Vale a pena, pela importância do personagem e por suas posições expressarem algo do que pensava um setor da sociedade de então, prospectar os olhares de Machado de Assis sobre as touradas. Uma das possibilidades mais interessantes de suas crônicas, aliás, é permitir compreender como as elites urbanas em ascensão se posicionavam frente às mudanças socioculturais comuns no quartel final do século XIX.

Mesmo sendo crítico de alguns aspectos da modernidade, inclusive da aceleração da vida cotidiana e de certas correntes filosóficas que chegavam

45 O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 3, 20 set. 1876.

46 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 3, 16 fev. 1878.

ao Brasil (incluindo o positivismo), suas posições não eram panfletárias. Machado preferia comentar, de forma irônica e com sutileza, certas novidades que se enraizavam no cotidiano. Sobre o autor, afirma Morse (1995): "O essencial não é se Machado foi um conservador, ou um jornalista minucioso ou um espectador irônico, mas que ele teve sua própria visão coerente do espetáculo" (p. 212).

O olhar atento de Machado não deixa passar despercebidas as iniciativas de recriar as touradas naqueles anos finais da década de 1870. Na verdade, sua posição pode ser compreendida a partir mesmo de sua relação com o turfe, que por ele também não era admirado: "Eu sou obrigado a confessar que também lá não ponho os pés, em primeiro lugar porque os tenho moídos, em segundo lugar porque não gosto de ver correr cavalos nem touros. Eu gosto de ver correr o tempo e as coisas; só isso".[47]

Isso não impede Machado de perceber que realmente as touradas "instalaram-se, tomaram pé, assentaram residência entre nós".[48] Seu olhar irônico questiona os termos próprios da prática, a idolatria aos toureiros e o debate sobre a qualidade dos touros: "Alguns parecem ser de antes do pecado original, quando no Paraíso, os lobos dormiam com os cordeiros, há quem suspeite que um deles é simplesmente pintado em papel; touro de Cosmorama". Mais ainda, faz uma analogia com a política: "Outras corridas se preparam na rua da Misericórdia. Essas são mais animadas, os touros são mais bravos, os capinhas mais fortes. Se esta metáfora ainda não disse ao leitor que eu aludo à câmara temporária, então perca a esperança de entender de retórica, e passe bem".

Machado, em outras ocasiões, se posicionaria mais claramente contrário às touradas. Na sua crônica de 15 de março de 1877, começa por dizer que não pode dizer exatamente o que se passou no touril, pois lá não esteve: "Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça. Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as".[49]

Para ele, sequer era necessário comparecer a uma função para saber que não gostava daquele tipo de espetáculo, e o motivo para tal não era uma preocupação com os homens envolvidos, mas sim com o animal, "unicamente com o boi": "Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas

47 ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, p. 1, 15 ago. 1876.

48 ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, p. 1, 1 jan. 1877.

49 ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA Rio de Janeiro, p. 1, 15, mar. 1877.

as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade".

Segundo seu olhar, tratava-se de uma grande hipocrisia promover touradas beneficentes, assim como o era dizer que a prática não era violenta. Para explicitar sua posição, recria um suposto diálogo com um amador de touradas:

> – Não imagines que são touradas como as de Espanha. As de Espanha são bárbaras, cruéis. Estas não têm nada disso.
> – E entretanto...
> – Assim, por exemplo, nas corridas de Espanha é uso matar o touro... Nesta não se mata o touro; irrita-se, ataca-se, esquiva-se, mas não se mata...
> – Ah! Na Espanha, mata-se?
> – Mata-se... E isso é que é bonito! Isso é que é comoção!...
> Entenderam a chave da anedota? No fundo de cada amador de tourada inocente, há um amador de tourada espanhola. Começa-se por gostar de ver irritar o touro, e acaba-se gostando de o ver matar.
> Repito: eu gosto simplesmente de o comer. É mais humano e mais higiênico.[50]

Não pensemos, todavia, que o olhar do literato era unidimensional. As touradas o incomodavam, mas também via ao seu redor algum grau de legitimidade. Sua crônica publicada em *O Cruzeiro* é exemplar desse posicionamento.[51] Machado sabia que o tema dividia a cidade ("Uns devotos riem, enquanto outros devotos choram"), e que o hábito tinha a ver com o próprio desenvolvimento da capital. Lembra que não era exatamente uma novidade: "Uma civilização imberbe não tolera melhoramentos de certo porte. Cada fruto tem a sua sazão. O circo desapareceu, mas a semente ficou, e germinou, e brotou e cresceu, e fez-se a magnífica árvore [...]".

Assis até reconhece que devem preponderar os prazeres intelectuais, cujo maior exemplo seria o teatro, mas percebe que "as línguas e os costumes modificam-se com as instituições", sugerindo que num regime "menos exclusivo, essencialmente democrático, a arte teve de vulgarizar-se". Isto é, ainda que reforçasse não gostar da prática, chegava a aventar que "farpear um touro ou esculpir o Moisés é o mesmo fato intelectual: só difere a matéria e o instrumento". Assim, constata:

50 ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, p. 1, 15 mar. 1877.

51 O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, p. 1, 16 ago. 1878.

> Faltavam-nos os touros. Os touros vieram, e com eles toda a fraseologia, a nova, a elegante, a longa fraseologia tauromáquica; enfim, veio o bandarilheiro Pontes. Não tive a honra de ver este cavalheiro, que os doutores da instituição proclamam artista de alta escala; mas ele pertence ao número das coisas, em que eu creio sem ver, digo mais, das coisas, em que eu tanto mais creio, quando menos avisto.

Em crônica posterior, ao comentar a organização do Clube Tauromáquico, uma vez mais fazendo uma comparação com o teatro, e lembrando que não era mesmo apreciador da prática, chega a defender que a sociedade: "precisa de um forte abalo muscular, precisa de repousar os olhos num espetáculo higiênico, deleitoso e instrutivo. Nem vejo motivo para que adotado o cavalo no Prado Fluminense, não se adote o boi em qualquer outro sítio".[52] Machado chega a brincar com a possível recepção de seu posicionamento: "Já daqui estou a ver franzidas as sobrancelhas liberais do leitor, não mais liberais do que as minhas, que o são, e de bom cabelo; mas enfim, pode-se ser liberal e justo. Uma coisa implica a outra".

O contraponto entre teatro e corridas de touros já vinham ocorrendo há algum tempo. O anônimo que assina como Hermes observa que, enquanto as casas teatrais não iam bem, "divertimentos bárbaros" iam se consolidando. Para ele, nada mais seria do que um bando de pseudo-artistas maltratando animais, rogando, por isso, que o chefe de polícia fiscalizasse as funções.[53]

Ao redor desse debate havia uma compreensão acerca de um certo perfil de público educado que não se ajustava às corridas. Junio, na *Revista Ilustrada*, bem identifica essa tensão:

> Não sei se os leitores da Revista são tão sensíveis que tenham horror à tourada. Se não são, alegrem-se, porque brevemente teremos mais essa distração entre nós...
> Os jornais líricos podem desde já ir clamando contra a barbaridade...
> Eu estou ansioso por ver uma boa pega de frente. As de sarneia, – nem por isso.
> São pegas à falsa fé.[54]

Continuava-se a cobrar um comportamento adequado do público, e persistia, para alguns, a ideia de que nas praças de touros isso nunca era

52 O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, p. 1, 21 jul. 1878.

53 O REPÓRTER, Rio de Janeiro, p. 3, 7 ago. 1879.

54 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 7, 5 jan. 1878.

observado. Por sua vez, alguns admiradores das corridas denunciavam que a polícia extrapolava suas funções. Um leitor indignado critica o comportamento de um agente e do subdelegado, que expulsaram do redondel um assistente simplesmente porque estava falando alto com outra pessoa, um ato injustificado, a seu ver.[55] O clima turbulento, por vezes, encorajava ações como a do catraieiro José Joaquim da Conceição, que enfrentou os policiais e foi preso, com dificuldades, por posturas inadequadas e insulto às autoridades.[56]

Em meio a essas tensões, já vimos que não foi autorizado o funcionamento do Clube Tauromáquico. No final de 1879, a licença também não foi concedida para Francisco Pontes promover as corridas que já há três anos com frequência vinham se realizando na cidade.

Essa decisão surpreendeu muita gente, e poucas não foram as críticas. Um cronista da *Gazeta de Notícias* ataca o que considera uma injustiça, sem deixar de fazer a ressalva: "Não sou apaixonado por corridas de touros, nem pertenço ao número daqueles que advogam essa causa em nome do melhoramento da raça (dos bois), nem como exercício e espetáculo de bravura (dos homens)".[57]

Para ele, haveria de cara um problema sério. A princípio a licença estava concedida até abril, o que fez com que Pontes contratasse o pessoal em Lisboa e investisse muitos recursos para oferecer bons espetáculos. Não parecia justo que fosse cassado o seu direito de promover as corridas exatamente quando anunciara a primeira função.

Para o cronista, parecia absurdo a polícia se meter em assuntos privados, ainda mais que não se justificava a acusação de que era uma atividade bárbara, fazendo uma diferença entre as violentas touradas espanholas e as que, no Brasil, eram oferecidas, à moda portuguesa: "não há o espetáculo repugnante do sangue derramado e dos animais mortos, e o perigo dos artistas é quando muito igual aos dos jóqueis ou antes aos dos acrobatas. Em diversas corridas de touros que têm havido aqui nunca se deu um desastre". Assim, até para que se cumprisse o que fora antes acordado, não deixando os investidores em dificuldade, sugere que pelo menos se cumprisse o prazo anterior; ou então que se restituísse aos promotores o capital empregado.

55 A REFORMA, Rio de Janeiro, p. 3, 20 fev. 1877.

56 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 18 fev. 1878.

57 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 14 dez. 1879.

Na verdade, desde abril fora concedida ao chefe de polícia da Corte a prerrogativa de se posicionar antes de a Câmara conceder a licença para divertimentos públicos, notadamente para aqueles que supostamente pudessem interferir na tranquilidade pública ou ocasionar fraude. Tratava-se de um momento de grande turbulência nas ruas, cujo maior símbolo foi o Motim do Vintém. Também no cenário político a população passava a ser mais ativa (GRAHAM, 1991).

Nessa mesma ocasião, Caetano Augusto Rodriguez pedia autorização para instalar uma praça de touros em Santa Cruz.[58] Uma vez mais foi negada a licença. Não haveria jeito. Depois de um bom período de funcionamento, a decisão de um chefe de polícia, que obviamente dialogava com certos sentidos e significados do momento histórico, interrompeu a promoção de corridas de touros no Rio de Janeiro.

SEGUEM AS TENSÕES

É só mesmo em maio de 1883 que as corridas de touro seriam retomadas no Rio de Janeiro. Uma nova praça foi construída na rua Senador Vergueiro (antigo Caminho Velho de Botafogo). Embora bastante simples, parecia confortável, com as tribunas divididas em camarotes e arquibancadas de sol e de sombra. Antigos personagens estavam envolvidos com a iniciativa, entre os quais Francisco Pontes. Na sessão inaugural, mais de mil pessoas estiveram presentes, inclusive personagens da alta sociedade carioca. Para o jornalista: "A concorrência de ontem e a animação que houve em toda a corrida são uma prova de quanto é popular e atraente o divertimento de que damos conta".[59]

José do Egypto (VALENTIM MAGALHÃES) foi um dos primeiros a dar repercussão a essa nova temporada. Narrando o envolvimento (ou a falta de envolvimento) dos monarcas de Brasil e Portugal com as corridas de touros, o autor adota uma postura de equilíbrio: "A tourada não é dos divertimentos mais humanos; todavia, é dos mais estimados, e tanto basta para recomendá-la".[60] Não sabia dizer se já era um hábito da sociedade, mas considerava inegável seu sucesso, pois poucos não eram os que

58 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 21 abr. 1879.

59 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 14 maio 1883.

60 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 4 jun. 1883.

compareciam aos eventos. Para ele, o que ocorria é que: "a tourada vai-se decididamente nacionalizando!".

Egipto faz questão de destacar o que para ele era um dos indicadores de sucesso e de que não era lá tão bárbara a prática – a ampla presença feminina: "As virgens tímidas, muito enfeitadas de plumas, perfumadas de spina-rosa, entremostravam os alvíssimos dentes nas gargalhadas de gosto, ao verem os bandarilheiros impávidos cravarem os implacáveis ferros... de pau, no pobre lombo dos mártires...". As mulheres participavam ativamente do espetáculo, inclusive atirando flores e presentes aos toureiros de maior destaque.

Esse também era um dos argumentos de J. D.: "Eu começo a notar na praça do Caminho-Velho mais de uma constante amadora. Algumas, como a sra. M. G., as jovens S., a sra. R. e outras, são infalíveis".[61] Para ele, não havia dúvida: "Os sentimentais não têm razão... A tauromaquia vai conquistando os foros de passatempo elegante e agradável". O cronista, assim, contesta os que são contrários à prática: "E o Rio de Janeiro prefere ser divertido a ser catequizado. Os filósofos perdem, portanto, o seu tempo – e o seu latim. De mais, eu confesso, ainda não sei qual dos dois animais eles defendem, quando apregoam a barbaridade dessa luta do homem com o touro".

De fato, muitos foram os que celebraram a volta das touradas, sempre narrando com entusiasmo as provas e observando a grande presença de público: "Ora graças a Deus que vamos finalmente ver touros – de palanque. O dia está belo, o céu azul, e o sol despede as suas flechas e venábulos com uma generosidade que alcança até aos próprios camarotes da sombra!".[62] O articulista que assina K. Pinha não deixa de ironizar o fato de que as corridas de cavalos e de touros se tornaram os mais esperados acontecimentos da cidade: "Além destas, temos, uma ou outra vez, a corrida mútua dos vereadores a murro, e é raro o dia em que se não assiste pelas ruas alguma corrida de burgueses – a pau".[63] "Aos touros!": essa passou a ser uma expressão comum na boca de muita gente, reproduzida comumente pelos jornais.

Não tardaria o restabelecimento da velha relação entre touradas e caridade, a partir de então com um cunho político mais pronunciado. Em 13 de junho de 1883, Pontes, "cujo coração generoso tanto se tem distinguido em ações nobres", entregou à Confederação Abolicionista (entidade que reunia

61 A ESTAÇÃO, Rio de Janeiro, p. 157, 31 jul. 1883.

62 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 3, 9 jun. 1883.

63 O MEQUETREFE, Rio de Janeiro, p. 6, 10 jun. 1883.

todas as agremiações abolicionistas do Brasil) uma quantia a ser destinada à libertação de escravos. Ficou acordado o oferecimento de uma sessão de corridas com a renda revertida para a causa. A *Gazeta da Tarde* assim se pronuncia frente a tal atitude: "Soldados da bandeira da Redenção, agradecemos por nós ao toureiro ilustre, que faz das suas farpas setas de luz, que vão levar o conforto e a liberdade à noite da escravidão".[64] No dia da prometida "Festa da Liberdade" (29 de junho), esse foi o comentário da *Gazeta da Tarde*: "cada farpa que caía no dorso de um touro, era aureolada pelas lágrimas agradecidas dos escravos".[65]

Também se deu muito destaque para uma tourada em benefício do Liceu Literário Português, na qual se envolveram, na comissão de organização, algumas conhecidas mulheres da sociedade carioca: Isabel Gonçalves Roque Pinho (casada com o já citado José João Martins de Pinho), Rachel Georgina Haddock Lobo (filha do notório médico e político Roberto Jorge Haddock Lobo), Sophia Emilia Moreira (filha do fazendeiro e comendador José Antônio Moreira Filho) e Júlia Labourdonnay Gonçalves Roque (viscondessa de Sistelo).[66]

A empolgação com a prática era de tal ordem que se deu a iniciativa de recriação do Clube Tauromáquico. Em novembro de 1883, os sócios fizeram vários ensaios na praça de touros e elegeram uma diretoria definitiva. Dessa vez, os estatutos foram publicados na *Gazeta de Notícias*.[67] Pelo documento podemos prospectar um pouco mais do perfil da agremiação.

Os objetivos anunciados demonstram não só o perfil dos envolvidos como certas estratégias utilizadas para responder as críticas à inadequação das touradas. O primeiro fim era contribuir para o aperfeiçoamento do gado nacional: um velho argumento que envolvia a prática com os interesses comerciais da nação. O segundo intuito era a realização de duas corridas anuais, uma delas de caráter beneficente, reforçando uma imagem que há muito vinha sendo construída. O terceiro fim se articulava com o primeiro: estabelecia um prêmio para criadores. Por último, uma meta interna: construir uma arena e um local de criação de touros. A despeito de bem estruturada, por motivos que não conseguimos prospectar, a agremiação não foi adiante.

64 GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jun. 1883.

65 GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, p. 1, 30 jun. 1883.

66 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 5 jul. 1883.

67 GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 4, 18 nov. 1883.

Como de costume, cada vez que recomeçavam as corridas, ressurgiam os debates, tanto de temas internos à tauromaquia quanto no tocante à adequação da prática. O cronista da *Gazeta da Tarde*, por exemplo, criticou a prova de curiosos, porque nessas ocasiões não se veria manifesta a arte tauromáquica, mas sugeria ser uma perda de tempo discutir a violência do espetáculo, já que, uma vez mais o velho argumento, era realizado à moda portuguesa. Mais ainda, articula um argumento político contextual: "Compreende-se que elas se proíbam em países onde há proteção para os animais; mas entre nós, onde não há essa proteção, nem para os homens, como sucede com os escravos, seria ridículo tal ostentação hipócrita de humanidade".[68] Ainda assim, não aceitava o argumento de contribuição para o desenvolvimento da raça bovina: "É princípio capital em zootecnia fazer desaparecer a ferocidade natural nos animais, cujas raças pretendem melhorar [...]. Este argumento peca por ser antieconômico e anticientífico".

Já o cronista de *O Mequetrefe*, que assina como "Eloy, o Herói" (provavelmente Arthur Azevedo), tem um posicionamento explicitamente contrário às touradas. Tendo recebido ingresso para comparecer a uma função, agradece a Pontes, mas pede que o dispense de qualquer favor, já que: "A redação atual d'*O Mequetrefe* é implacavelmente adversa a corridas de touros, e não deseja de modo algum concorrer para que esse bárbaro divertimento logre introduzir-se nos nossos usos e costumes".[69]

Para ele, nenhum país civilizado tinha touradas. No caso de Portugal e Espanha, era um sinal de atraso. A prática, felizmente, não estaria na índole do brasileiro; no olhar do cronista, até mesmo os touros nacionais "são animais de uma prudência, de uma modéstia e de um bom senso admiráveis; eles têm plena convicção de que vieram ao mundo para ser comidos e não farpeados".

Argumentos também contrários, de forma mais direta e contundente, são apresentados pelo *Diário do Brasil*: "Nós, no caso do polícia, não consentiríamos aquele bárbaro divertimento, se se pode chamar divertimento àquilo que lá se pratica".[70] Foi o periódico que até então mais cobrou uma ação enérgica: "Para domingo está anunciada uma tourada nos fundos da

68 GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro, p. 2, 13 jun. 1884.

69 O MEQUETREFE, Rio de Janeiro, p. 6, 20 jun. 1884.

70 DIÁRIO DO BRASIL, Rio de Janeiro, p. 2, 12 ago. 1884.

cocheira da Cidade Nova. Não cansaremos de perguntar à polícia porque continua a consentir aquele bárbaro e repugnante divertimento".[71]

Tratava-se de um claro discurso sustentado em uma ideia de civilização: aquela que vinha de Paris e que devia substituir antigos e antiquados símbolos.[72] Nesse sentido, as touradas eram, de alguma forma, um contraponto a tais parâmetros. Para ser mais preciso, eram um indício de que havia releituras de ideais de modernidade a partir das peculiaridades locais.

Assim, a despeito do sucesso e de ser por muitos defendida, sempre pairavam sobre as touradas ameaças de proibição. Em sessão ordinária da Câmara, realizada em 26 de junho de 1884, comunica-se que uma vez mais não se concederiam licenças para as corridas, informando à polícia que deveria tomar as devidas providências para cumprir a decisão.

Os jornais logo repercutem a medida. Celebrando o que considera uma das melhores corridas até então realizadas na cidade, promovidas em 29 de junho, lamenta o jornalista da *Revista Ilustrada*:

> Com efeito, a tourada de domingo vai ficar célebre ainda pela circunstância de ser a última tourada do Rio de Janeiro. Pois é esta a vontade do Alto, segundo se diz.
> Eu não acreditarei que s. m. o imperador desça a ocupar-se de touros e touradas; e seria ainda singular que esperasse tanto tempo para manifestar a sua antipatia por divertimento que tantas vezes foi explorado no Rio de Janeiro.[73]

Para o cronista parecia absurdo terem autorizado a construção do redondel e depois proibirem sua função principal. De sua parte, Francisco Pontes, que já fora antes surpreendido com decisões semelhantes, tenta se mover. Intercede inicialmente junto à polícia da Corte:[74]

> Constando de expediente do *Jornal do Commercio* de 28 de junho último ter a Ilma. Câmara resolvido não conceder licença para touradas, rogo a V. Ex. de conceder-me cópia dessa deliberação a fim de que possa dirigir-me relativamente às solicitações que possa ter para esse gênero de divertimento. Outrossim, rogo

71 DIÁRIO DO BRASIL, Rio de Janeiro, p. 2, 18 ago. 1884.

72 Para um debate sobre essa circulação de ideias europeias, ver Needell (1993) e Schwarcz (1998).

73 REVISTA ILUSTRADA, Rio de Janeiro, p. 3, 30 jun. 1884.

74 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Guia de Fundos, volume III. Diversões públicas: pedidos de licença 1870-1899. Código de identificação: 42.3.19. Secretaria da Polícia da Corte. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1884.

a V. Ex. se digne declarar-me se antes da aludida deliberação houve no correr do ano p. p. alguma licença para touradas e que estejam em vigor.

Nessa mesma data, solicita "que lhe seja concedida a licença para efetuar e continuar a dar espetáculos tauromáquicos na praça da rua Visconde de Itaúna n. 73, visto ter tido já licença a construção da referida praça".[75] Ao fim, foi dada a autorização para que as corridas fossem realizadas até o fim do ano. Pairou em todo o período a expectativa de fim, alguns o celebrando, outros lamentando.

Em 16 de novembro, foi promovida, a título de despedida de Pontes, a última atividade da arena da Visconde de Itaúna. Foram organizadas, além das corridas de touros, uma exibição de um artista que enfrentava o fogo e uma corrida a pé de 1000 metros. Em janeiro de 1885, uma notícia nos jornais dá conta do definitivo fim do redondel:

> Praça de touros
> Rua Visconde de Itaúna 73
> Vende-se grande quantidade de madeira, a saber: cancela, forro, couçoeiras de Riga, mourões e muitas outras madeiras já pintadas e balaústres, próprios para coretos, para as festas de Carnaval e arraiais [...].[76]

Uma vez mais estavam suspensas as touradas na capital do Império.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Percebe-se ao redor das touradas um incrível quadro de cruzamento de referências. De um lado, por seu passado, era um espetáculo profundamente ligado à monarquia. Mas o imperador brasileiro, sempre aspirando representar-se e ao país que governava como adeptos da ideia de civilização, não apoiava a iniciativa, jamais tendo comparecido a alguma atividade. Com isso não somente marcava sua sensibilidade distinta, reforçando a ideia de que tentava promover o progresso da nação, como também buscava se afastar de referências coloniais: ainda que tivesse algum grau de relação com Portugal, esse o era completamente distinto do que o fora no caso de seu pai.

75 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Guia de Fundos, volume III. Diversões públicas: pedidos de licença 1870-1899. Código de identificação: 42.3.19. Secretaria da Polícia da Corte. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1884.

76 O PAÍS, Rio de Janeiro, 31 dez. 1885.

Esse, aliás, é outro traço da trajetória das corridas em terras cariocas: jamais deixou de ser uma lembrança do antigo colonizador, algo que se acentuava com os debates sobre sua adequação, ocasiões em que a moda portuguesa era contrastada com a espanhola. Era, assim, para alguns, presença incômoda não somente por sua inadequação civilizacional, mas também porque lembrava algo que deveria ser definitivamente superado.

Além disso, de um lado, as touradas eram uma prática profundamente ligada aos costumes da aristocracia, mais afeitas a uma urbe pequena, cercada por uma grande zona rural, como o fora o Rio de Janeiro notadamente até os anos 1850. O crescimento da cidade e o surgimento de um maior e mais influente setor empresarial, aliados às mudanças de mentalidade em curso, poderiam ter decretado sua extinção. Mas não foi isso que ocorreu. Aliás, curiosamente, até mesmo um setor da burguesia nacional delas se aproximou e fez uso para divulgar suas bandeiras (como o abolicionismo). Mais ainda, argumentou-se sobre sua importância na preparação de um cidadão mais ativo e disposto a defender a nação, um debate que se cruzava com outras exigências sociais do momento.

A República estava por vir, e os discursos de mudança que existiam ao seu redor, talvez, finalmente, tornariam idiossincráticas as touradas, apontando para seu fim. Curiosamente não foi isso que ocorreu. Já em 1888, as corridas voltaram a realizar-se. Há uma novidade que merece ser registrada. Em *O País*, as corridas passam a ser noticiadas, na coluna "Diversões", no subitem "Sport". Pode parecer uma mera mudança retórica, uma simples estratégia jornalística, uma boba coincidência. Mas devemos considerar que, como vimos no decorrer desse artigo, as touradas vinham se aproximando do modelo e dos discursos do esporte.

A chegada da República, em 1889, definitivamente, não significaria, pelo menos a princípio, o fim das touradas. Ao contrário, nas suas duas primeiras décadas, as corridas chegariam ao seu auge na cidade, somente se extinguindo, na capital, em 1908, quando foram definitivamente proibidas pelo Decreto nº 1.173, de 12 de maio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. Marialvismo. Fado, touros e saudade como discursos da masculinidade, da hierarquia social e da identidade nacional. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* Porto, v. 37, n. 1-2, p. 41-66, 1997.

BATALHA, Claudio. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 6, n. 10/11, p. 41-67, 1999.

BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação* 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889.

BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação* 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas,* Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação*: 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889.

FERREIRA, Marie-Jo. *Os portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX – início do século XX*. Rio de Janeiro: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://wwwo.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJoFerreira.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2013.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis*: associativismo no Rio de Janeiro: 1903-1916. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

FREITAS FILHO, Almir Pita. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. In: LESSA, Carlos (Org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record: Faperj, 2002. p. 163-198.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. O Motim do Vintém e a cultura política no Rio de Janeiro: 1880. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 211-232, mar.-ago. 1991.

KARLS, Cleber Eduardo; MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História Unisinos*, v. 18, n.2, p. 352-363, maio/ago. 2014.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary del: MELO, Victor Andrade de. *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 35-70.

_____. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392, jul./dez. 2013.

MORSE, Richard. As cidades "periféricas" como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 205-225, 1995.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *História do Brasil Nação* 1808-2010: volume 2: a construção nacional: 1830-1889.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEID, Elisabeth von der. O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro. *Siglo XIX,* Cidade do México, n. 16, p. 78-103, 1994.

CAPÍTULO 5

Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX[1]

Cleber Eduardo Karls
Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

Poucos foram os estudos que se debruçaram sobre as touradas organizadas no Brasil. Muitos pesquisadores, inclusive, demonstram surpresa ao saber que foram promovidas com frequência em certos momentos de nossa história. De fato, sobre o tema é mais comum encontrarmos referências ocasionais em algumas investigações ou menções em relatos de viajante e de memorialistas.

Desde a primeira metade do século XVII, e mais constantemente a partir de meados do século XVIII, corridas de touros[2] foram no Brasil promovidas, inicialmente integrando a programação de festejos que, relacionados a datas importantes da família real portuguesa, procuravam fortalecer os símbolos e a ideia de união do Império (MELO, 2013a).

No Rio de Janeiro, as corridas de touros foram mais frequentes exatamente no momento em que, em função das guerras napoleônicas, a família real portuguesa se estabeleceu no Brasil (1808-1821). No imediato pós-independência, contudo, deixaram de ser promovidas durante muitos anos: as muitas turbulências políticas se faziam sentir no cenário sociocultural, reduzindo a vida social da Corte.

Quando reapareceram na capital brasileira, na década de 1840, os eventos tauromáquicos já adotaram um novo modelo: não mais financiados pelo Estado, passaram a ser organizados por companhias profissionais que dependiam da acolhida do público para a manutenção dos espetáculos que, aliás, eram bastante custosos.

No caso da sociedade da Corte, alternaram-se períodos em que as touradas se consolidaram, atraindo grande público, com outros em que desapareceram. Como razões para tal pode-se elencar questões estruturais da cidade (como epidemias, por exemplo) e dificuldades financeiras das empresas promotoras, mas também tensões diversas que se estabeleceram ao redor da tauromaquia.

Entre os frequentadores das corridas de touros, paulatinamente, foi aumentando o grau de exigência no tocante à organização e à emoção dos espetáculos, algo que nem sempre era atendido pelos promotores. Um dos desdobramentos da insatisfação do público foram tumultos nas arenas, situações que acabavam por acentuar as crescentes críticas à adequação da prática, levando mesmo, por vezes, a sua proibição. Numa cidade que progressivamente aderia aos discursos de modernidade, aspirando "civilizar-se", as touradas passaram a ser por alguns consideradas como um costume bárbaro e ultrapassado.

A chegada da República, com seus discursos de mudança, poderia significar que estava próximo o fim das corridas de touros na capital brasileira. Todavia, não foi o que ocorreu, pelo menos não de imediato: os espetáculos tauromáquicos permaneceram ativos até 1907, quando foram definitivamente proibidos no Rio de Janeiro.[3] Na verdade, curiosamente, esse foi o auge da presença da prática na cidade que tanto pretendia ser (e em certo sentido era mesmo) a caixa de ressonância da mensagem de um novo tempo para o país (MELO; BAPTISTA, 2013).

Pelo cruzamento de referências ao seu redor, as touradas parecem ser um valioso objeto de estudo. De um lado, por seu passado, era um espetáculo profundamente ligado à monarquia. O imperador brasileiro, entretanto, sempre aspirando representar a si e ao país que governava como adeptos da ideia de civilização, não apoiava a prática, jamais tendo comparecido a uma sessão.[4]

1 Artigo originalmente publicado em *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 352-363, maio-ago. 2014.

2 Neste artigo, usaremos os termos "touradas" e "corridas de touros" como sinônimos. Na Península Ibérica, em Portugal e na Espanha, lugares de origem da prática no Brasil manifesta, é mais comum o uso do segundo termo. A instalação destinada à realização de espetáculos tauromáquicos é chamada de arena, redondel, praça de touros, circo de touros. Por vezes, eram construções bem precárias; em outras ocasiões, eram bem construídas e confortáveis.

3 Somente em 1934, uma lei federal proibiu as touradas em todo território nacional: decreto n. 24.645 de 10 de julho (Estabelece medidas de proteção aos animais).

4 De toda forma, as companhias tauromáquicas, por diversas vezes, tentaram se aproximar da família real, reservando um espaço especial na arena, pedindo seu apoio ou fazendo homenagens. Por exemplo, em Porto Alegre, a tourada de 2 de dezembro de 1881 foi dedicada a "comemorar o feliz aniversário natalício de s. m. d. Pedro II" (*A IMPRENSA*, Porto Alegre, p. 3, 2 dez. 1881). Observa-se que a grafia das citações foi atualizada.

As corridas de touros jamais deixaram de ser uma lembrança do antigo colonizador. Eram, assim, para alguns, uma presença incômoda não somente por sua inadequação civilizacional, mas também porque lembravam um momento da história cujas referências deveriam ser substituídas pelas advindas dos "países desenvolvidos" (notadamente França e Inglaterra). A despeito disso, a muitos tais espetáculos entusiasmavam.

A princípio, as corridas de touros eram uma prática profundamente ligada aos costumes da aristocracia. O crescimento da cidade e o surgimento de um maior e mais influente setor empresarial, aliados às mudanças de mentalidade em curso, poderiam ter decretado sua extinção. Contudo, pelo menos no caso do Rio de Janeiro, não foi isso que ocorreu. Aliás, curiosamente, até mesmo um setor da burguesia nacional delas se aproximou e fez uso para divulgar suas bandeiras (como o abolicionismo).[5]

As touradas não foram somente organizadas na capital do país. Há evidências de que houve espetáculos dessa natureza em Salvador, Recife, São Paulo, Belém, Curitiba e Porto Alegre, entre outras. Como nessas cidades foram acolhidas? Tendo em conta que as experiências de adesão aos discursos de modernidade foram distintas, como, nessas localidades ao seu redor, ter-se-iam manifestado os debates sobre sua adequação?

Esse estudo, considerando essas observações iniciais, tem por objetivo discutir a experiência das touradas organizadas na Porto Alegre do século XIX, tendo em conta perceber sua relação com a circulação de ideias de modernidade em curso na cidade naquele momento. Para alcance desse intuito, foram utilizados, como fontes, periódicos publicados na capital gaúcha entre os anos de 1875 e 1900, especialmente *A Reforma*, *A Federação*, a *Gazeta da Tarde* e o *Correio do Povo*.

A Reforma, fundado em 1869, era um órgão do Partido Liberal. O periódico, onde atuavam muitas lideranças locais e nacionais, como Silveira Martins, fomentou muitas polêmicas políticas, mas, progressivamente, também abriu espaço para as questões cotidianas, inclusive para a crescente vida social da capital gaúcha (RAMOS, 2010).

A Federação, lançado em 1884, como órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, foi também dirigido por insignes da política local e nacional, entre os quais Júlio de Castilhos. Veiculador de ideais positivistas, tinha forte relação com a experiência da Revolução Farroupilha. Esse

5 Para mais informações sobre as touradas no Rio de Janeiro, ver Melo (2009), Melo (2012) e Melo e Baptista (2013).

perfil eminentemente político foi se ampliando no decorrer do tempo, incorporando ao jornal novas demandas e temas sociais: "enquanto a imprensa liberal manteve-se presa a tradições conservadoras, *A Federação* soube perceber os novos segmentos populacionais e urbanizados que surgiam, integrando-os a seu discurso e falando para eles e em nome deles" (HOHLFELDT, 2006).

Duarte (2007) lembra que *A Federação* foi um dos primeiros jornais do Rio Grande do Sul a se mostrar atento a questões publicitárias. Além disso, promovia uma melhor seleção de notícias, apresentadas em estilo literário mais simples e acessível à população. Por seu perfil, não surpreende a presença constante das touradas nas páginas do periódico.

Já o *Correio do Povo* foi lançado em 1895, com a pretensão de atingir um público mais amplo, fugindo dos enquadramentos políticos que marcavam seus congêneres. Desde o início, procurou se apresentar como uma proposta de imprensa mais moderna e mais imparcial, uma iniciativa mais empresarial (FAGUNDES, 2012). Assim como *A Federação*, deu espaço constante para as touradas, inclusive porque dedicava grande atenção aos entretenimentos.

A *Gazeta da Tarde*, pelo menos no século XIX, tinha posicionamentos muito relacionados a um de seus principais nomes: Germano Hasslocher (cuja trajetória será mais à frente discutida). Era um periódico conhecido e respeitado por um estrato menor da população (FERREIRA, 1975). Para entendermos melhor a posição desse jornal sobre as touradas, é bom ter em conta que constantemente defendeu um maior controle urbano (MAROCCO, 2003).

A promoção das corridas de touros na capital gaúcha já mereceu breves referências de outros autores, como Macedo (1982), Mazo (2004) e Pereira (2012). Nenhum deles, todavia, se debruçou mais detidamente sobre o assunto. Esperamos com nossa investigação, portanto, tratar de um tema que parece interessante para lançar um olhar sobre Porto Alegre naquela transição de séculos, inclusive no que tange às peculiaridades do trânsito e à apreensão de discursos modernos na cidade.

AS TOURADAS EM PORTO ALEGRE: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Na capital do Rio Grande do Sul, no século XIX, havia leituras peculiares dos ideais de modernidade, mediadas pelo diálogo com certas dimensões

regionais. Deve-se ter em conta que, no período, a província se destacava pelo fornecimento de produtos agrícolas e industriais derivados da agropecuária. Porto Alegre refletia o arranjo entre o rural e o urbano, entre antigos costumes e novos hábitos.

Para Pesavento (2007), tratava-se de uma cidade em transformação, que conjugava práticas modernas com atitudes tradicionais. O positivismo, de grande importância no contexto político local, se manifestava em uma sociedade que mantinha características ainda muito conservadoras. De toda forma:

> A república havia trazido a Porto Alegre, com suas ideias positivistas, a meta da modernidade urbana e da organização disciplinada do espaço, de acordo com os ideais do progresso econômico e da ordem burguesa. Sonhos de mudança a serem aplicados numa cidade ainda acanhada, mas que almejava mudar. (PESAVENTO, 2007, p. 172)

O ritmo das mudanças na capital gaúcha se acentuou com a fixação de imigrantes europeus. Se os portugueses já tinham se estabelecido desde o século XVIII, no decorrer do XIX, chegariam os alemães (a partir de 1824) e os italianos (a partir de 1870), entre outros estrangeiros. A outrora cidade tranquila, ao longo do século XIX, ganharia novos contornos. Forjar-se-ia uma nova urbe que se deixaria contagiar por valores burgueses e pela ideia de progresso (PESAVENTO, 1999).[6]

Sempre marcou o espaço urbano um conjunto de diversões: "os jogos de entrudo, as festas do Divino, as corridas de cancha reta, as sessões de batuque e os 'cocumbis' traçavam o panorama das vivências populares da Porto Alegre de então" (PESAVENTO, 1999, p. 30). Logo surgiriam, contudo, novos divertimentos, tais como competições esportivas e espetáculos diversos, entre as quais as touradas. A influência dos imigrantes, principalmente dos alemães, foi importante no que diz respeito à organização desses entretenimentos. A cultura europeia "importada" foi encarada como indicador civilizatório, importante no processo de forjar a nova cidade.

Na verdade, os imigrantes também assimilaram alguns hábitos regionais, como, por exemplo, o uso cotidiano do cavalo, um animal que tem uma

6 Deve-se também considerar o aumento do número de habitantes. No censo de 1872, estimava-se 446.962 moradores no Rio Grande do Sul. Em 1890, esse número crescera para 897.455; um acréscimo de mais de 100% em menos de 20 anos. Porto Alegre cresceu 19% entre 1872 e 1890 (de 43.998 para 52.421) e mais 40,5% até 1900, quando chegou a 73.647 habitantes (informações disponíveis em www.sidra.ibge.gov.br, acessadas em 30 de setembro de 2013).

ligação direta com a história e a formação do Rio Grande do Sul. A mistura de costumes campesinos com hábitos modernos favoreceu a manutenção da intimidade com os animais. Se, por um lado, havia os europeus com o seu associativismo e divertimentos como a ginástica e o esporte, por outro, havia o gaúcho, acostumado às carreiras e gineteadas. Esse encontro entre o tradicional e a inovação favoreceu o surgimento de novas práticas de diversão.

Enfim, tendo a "modernidade gaúcha" uma forte ligação com uma tradição rural, na qual a lida entre o homem e o animal era uma prática cotidiana, podemos dizer que as corridas de touros não eram tão estranhas aos hábitos locais.

Alguns autores, sem grande precisão, informam que as corridas de touros já eram promovidas em Porto Alegre desde 1875, lideradas por um notável toureiro, Francisco Frascuelo (MACEDO, 1982; PEREIRA, 2012). De fato, nos jornais do Rio de Janeiro, encontramos notícias esparsas sobre a viagem de companhias tauromáquicas para o sul do país. Além disso, sabemos que Frascuelo atuou muitas vezes em Buenos Aires e Montevidéu.[7] Não seria difícil que tivesse passado pela capital gaúcha.

Devemos também ter em conta que, no início dos anos 1870, houve muitas touradas em Pelotas e no Rio Grande.[8] No decorrer do tempo, inclusive, muitos originários dessas cidades em Porto Alegre se apresentaram.[9] Há que se considerar que, na região, até o início do século XX, se encontrava a vanguarda econômica da província. Em função disso, era intensa a vida cultural, e, diversificada a estrutura de entretenimentos, inclusive com forte presença de práticas esportivas (MASCARENHAS, 2006).

A breve nota publicada em *A Reforma* de 17 de janeiro de 1875 parece ter sido um dos primeiros anúncios de que as touradas desembarcavam em Porto Alegre: "Corrida de touros – Hoje às 5 horas da tarde, no circo da Várzea, haverá corridas de touros. A diversão é inteiramente nova nesta cidade; e por isso grande deve ser a concorrência de povo" (*A Reforma*, 1875a, p. 3). Os espetáculos já eram organizados segundo um modelo que, com poucas alterações, permanecerá no decorrer do século: tratava-se de

7 Na verdade, Frascuelo atuou em muitos países, inclusive França, Espanha e Portugal.

8 Nos jornais do Rio Grande do Sul, houve referências às touradas da região. Por exemplo, em o *Amolador* (Rio de Janeiro, p. 3, 19 abr. 1874), publicado no Rio Grande, sobre uma dessas ocasiões há uma charge que ironiza o touro de baixa qualidade.

9 Um dos mais famosos foi Carlos Augusto de Faria, vulgo Carlitos, um dos destaques das touradas em 1881 em Porto Alegre organizadas.

um acordo comercial entre o proprietário da arena, os donos dos animais e o diretor da companhia de toureiros.

A especulação do periódico parece ter se comprovado. As touradas rapidamente caíram no gosto da população, superando na preferência do público antigas diversões. Em função do sucesso, a temporada seria mesmo estendida até março. Mais ainda, vinda de outras cidades da região sul, em abril desembarcaria, na capital, outra companhia, liderada por João Fernandes, que apresentaria um espetáculo completo à moda portuguesa, trazendo uma novidade que entusiasmou o público: os forcados, que pegavam os touros "à unha" (*A Reforma*, 1875b, p. 3).

Em uma nota em que se comenta que uma apresentação de uma companhia dramática esteve esvaziada, sugere-se que o povo "está inclinado para outras diversões", preferindo "jogos de força, equilíbrio e corridas bovinas" (*A Reforma*, 1875c, p. 3). O tom era de lamento, mas não de desprezo pelos novos divertimentos. O cronista apenas lembra que o teatro "também constitui uma escola", merecendo, portanto, mais atenção.

Em outras oportunidades, observou-se a mudança de costume: a população preferiria o circo e as touradas ao teatro (*A Reforma*, 1875d, p. 1). Para o jornalista, isso seria uma prova de atraso da capital. Logo descobrir-se-ia que não: a diversificação e a melhor estruturação dos entretenimentos eram indicadores de que Porto Alegre "progredia", e a valorização de práticas com animais tinha a ver com uma adesão peculiar às ideias de modernidade.

Em 1875, a cidade já tinha uma estrutura social mais diversificada. O jornalista de *A Reforma*, ao enumerar as opções disponíveis – apresentação musical no Teatro São Pedro, corridas de touros, função do Circo Casali, festa na Fábrica de Cerveja do Caminho Novo, exibição de uma retreta em frente ao Palácio do Governo –, observa: "Já veem os leitores, que sobraram diversões no último domingo" (*A Reforma*, 1875d, p. 1). Os promotores das touradas chegaram a baixar o preço dos bilhetes, "atendendo à afluência de divertimentos n'esta capital" (*A Reforma*, 1875e, p. 4).

A propósito, as corridas de touros foram organizadas no sítio que, no decorrer do tempo, se conformará como espaço por excelência não só das touradas como também de outras diversões, um lugar importante no que tange à sociabilidade pública em Porto Alegre: a Várzea do Portão que foi, em 1870, oficialmente denominada como Campo do Bonfim; posteriormente, foi renomeado para Campo da Redenção e, já no século XX, para Parque Farroupilha.

Depois das touradas de 1875, somente conseguimos informação sobre a temporada de 1881. O anúncio da sessão inaugural, contudo, nos dá pistas que antes houvera corridas: embora se informe que é a "primeira função", observava-se que se tratava de uma "nova série de corridas" (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881a, p. 3). Além disso, informava-se que os bilhetes estavam à venda pelos "preços de costume". É possível, assim, que o Campo do Bonfim estivesse há algum tempo acolhendo espetáculos tauromáquicos.

As touradas de 1881 foram promovidas por um dos mais notáveis toureiros a atuar no Brasil: Francisco Pontes. No Rio de Janeiro, tornara-se um dos grandes responsáveis pela popularização da tauromaquia, por sua notável *performance* nas arenas, por sua capacidade de organizar espetáculos de qualidade e por seu constante envolvimento com a filantropia (MELO; BAPTISTA, 2013).

A *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, chegou a sugerir: "de todos os artistas tauromáquicos que nos têm visitado, nenhum se tem distinguido mais do que Pontes". Ele conseguiria aliar um "conhecimento profundo da arte difícil e arriscada" a "grande sangue frio, firmeza e perícia" (1878, p. 1). Conhecido como "rei dos toureiros", tornou-se personagem conhecido na sociedade da Corte.

Em Porto Alegre, Pontes tornou-se também renomado. Na temporada de 1881, chegou a receber de presente uma valsa, "Primavera", composta por João Fernandes de Souza Lima, a ele oferecida como "prova de simpatia e admiração, pelos seus méritos artísticos" (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881b, p. 3).

O toureiro sempre procurava retribuir o carinho do público. Por exemplo, nas corridas de 11 de agosto de 1889, "tanto os bilhetes de sol como os de sombra" foram acompanhados de seu retrato, que poderia ser retirado "pela pessoa que os comprar antes de entrar para a corrida". Explicitamente desejava agradecer "o publico e a imprensa d'esta capital, pela maneira generosa por que o têm acolhido, revelada nos abundantes aplausos prodigalizados à sua companhia e na valiosa proteção que lhe há dispensado" (*A Federação*, 1889a, p. 3).

Essa temporada de 1889 foi efetivamente a mais organizada até então na capital gaúcha. Ela merece nossa atenção.

Julho de 1889. É anunciado que o "Circo Tauromáchico", dirigido por Pontes, ofereceria um "grande, variado e estrondoso espetáculo em que serão corridos sete valentes touros, todos novos e melhores que os da última

corrida" (*A Federação*, 1889b, p. 3). A temporada estava a pleno vapor. Mais bem estruturada do que as ocasiões anteriores, dessa vez, a programação das sessões era mais diversificada: eram oferecidas não somente as corridas de touros, como também atrações ao modelo das companhias circenses que, desde os anos 1830, já se apresentavam com frequência em muitas cidades brasileiras (SILVA, 2007). Nas touradas de 1875 e 1881, já houvera o uso dessa estratégia, todavia, de forma bem mais comedida.

As touradas majoritariamente seguiam os moldes já consagrados no país, realizadas à moda portuguesa: sem a morte do touro no final, valorizando o toureio a cavalo, inserindo, na programação, os forcados e a pega do animal "à unha". Além disso, a "embolação", isso é, a colocação de armações de couro e metal nos cornos, para que não ferissem os toureiros, era em si uma atração.

No Brasil, essa modalidade se consagrara tanto por ser uma forma de contestar as críticas à "barbaridade" das touradas (já que não culminava com o animal sacrificado) quanto pelo envolvimento da grande colônia de portugueses no país estabelecida. De toda forma, em Porto Alegre, muitos toureiros espanhóis também foram apresentados como grande atração.

De fato, houve espetáculos com os touros em "aspas nuas", isto é, chifres descobertos, o que aumentava o risco e a emoção. Além disso, em pelo menos uma sessão, foi anunciada a morte do animal na arena, sendo previsto que a carne seria distribuída "aos pobres" (*A Federação*, 1889c, p. 3).[10]

Nessa ocasião, transpareceu um incômodo com as touradas, que teve menos a ver com a prática como um todo, mas sim com o modelo adotado e a falta de habilidade dos toureiros, que maltrataram demais e não conseguiram matar o touro. Protestou-se "contra a selvageria, com que não está acostumado o nosso povo" (*A Federação*, 1889d, p. 2). O jornalista ironizou: "Quem perdeu com isso, ou antes, quem ganhou foi a pobreza, [...], porque só assim livrou-se de ingerir carne cansada e de sofrer as consequências d'essa má alimentação".

Ainda que, em algumas ocasiões, houvesse ressalvas à atuação da companhia, em geral, os toureiros receberam grande destaque, ressaltando-se sua destreza e coragem. Lourenço Delgado, por exemplo, tornou-se um ídolo por sua capacidade de realizar técnicas muito distintas e arrojadas. Geminiano de Carvalho ganhou fama por ser um "artista ginástico" (*A Federação*, 1889e, p. 3). Isso tinha relação com o fato de que tinha força para suspender um touro, bem como porque aceitava desafios de luta romana, realizados em plena arena.[11] Mais ainda, em mais de uma ocasião, enfrentou um animal muito feroz, chamado de Tigre Rochedo:[12]

> Não tem explicação o arrojo do festejado artista Geminiano, que é o primeiro brasileiro que atreve-se a enfrentar uma terrível fera como o TIGRE ROCHEDO. Tanta audácia será verificada pelos espectadores, que serão testemunhas dos enormes perigos a que se expõe o intrépido artista. (*A Federação*, 1889f, p. 3)

O artista se tornou admirado em Porto Alegre. Chegou a inspirar a propaganda da Loja de Fazendas de Pedro Soares de Barcellos que, ao anunciar suas promoções de roupas, em letras garrafais evocava: "AO GEMINIANO E O FEROZ TIGRE ROCHEDO... É a última palavra" (*A Federação*, 1889g, p. 3).

Nas corridas de Porto Alegre, houve mulheres lidando com os touros. Em 1889, atuaram Petrona Nogueira, Maria Soares e, com muito destaque, a espanhola Maria Dolores, considerada "valente e corajosa heroína". Ela chegou a enfrentar um touro com "aspas nuas", além de encarar o quase onipresente Tigre Rochedo (*A Federação*, 1889g, p. 3).

Já na temporada de 1875, apresentara-se Julia Rachel, casada com o afamado toureiro Miguel Tranzado, anunciada como "a única n'este difícil trabalho em toda a América do Sul" (*A Reforma*, 1875f, p. 3). Suas proezas eram anunciadas com grande alarde, o mesmo que ocorreu com outra pioneira, que atuara nas corridas de 1881: Zulmira da Conceição (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 4).

Houve outras situações em que mulheres desempenharam papéis inusitados à época. Para as corridas de 4 de agosto de 1889, por exemplo, foi anunciado:

> Duas grandes e atraentes novidades se apresentam n'esta tarde para fazerem as maiores delícias aos espectadores: duas destemidas e valentes heroínas rio-grandenses se apresentam na arena para disputar uma grande aposta em luta romana, da cintura para cima, as sras. Brígida de Jesus e Severina de Souza, as quais, em um intervalo, formarão a grande luta até que seja derrubada na

10 Para uma discussão sobre as duas formas de toureio, a portuguesa e a espanhola, ver Capucha (1988).

11 Geminiano estreara nos eventos tauromáquicos na temporada de 1881, na ocasião somente apresentando suas "proezas ginásticas". Naquele momento, contudo, a grande atração era Francisco Americo de Rezende, com seu "salto à vara larga".

12 Essa referência relembrava um fato da temporada de 1881, quando um touro bravo chamado de Tigre foi uma grande atração. Ver *Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 3.

> arena, tendo a vencedora ganho a aposta e para esta decisão os espectadores em geral formarão o júri. (*A Federação*, 1889h, p. 3)

Valerá no futuro discutir mais profundamente a participação dessas mulheres nessas práticas, em Porto Alegre mais intensa do que se observava em outras cidades, como no caso do Rio de Janeiro. Autores como Ismério (1995) e Leal (1996) já se dedicaram a compreender a peculiaridade da construção da imagem feminina no Rio Grande do Sul, muito influenciada pelo positivismo. É verdade que, em boa medida, isso significou uma visão conservadora e moralista, mas também gerou um protagonismo que pode ter contribuído para aumentar sua presença pública. Trata-se de um importante debate que foge, contudo, aos limites desse estudo.

De toda forma, elas eram mais uma das atrações. Desafio, risco, humor, novidades: tudo isso tinha em conta atrair o público, a grande necessidade dos empresários no sentido de manutenção da prática. No anúncio da sessão de 14 de julho de 1889, vemos um apelo direto à assistência, uma estratégia que se tornou muito comum na trajetória das touradas no país (e também em Porto Alegre):

> AO RESPEITÁVEL PÚBLICO. O beneficiado mais uma vez recorre aos seus amigos e a todos os amadores, pedindo-lhes o seu concurso para abrilhantarem a sua festa, sem o que não poderá nutrir a esperança de ver coroados de bom êxito os seus ingentes esforços. Pelo que merecer do ilustre e generoso público, confessa-se o beneficiado eternamente penhorado. (*A Federação*, 1889e, p. 3)

Era amplo o perfil da assistência. Os lugares no sol, em geral, eram vendidos a 1$000, os na sombra a 2$000 e os camarotes para cinco pessoas a 10$000; crianças até 10 anos pagavam $500. Essa diferença de preços/lugares marcava bem os diferentes estratos sociais que frequentavam os redondéis. Como bem define um cronista, em 1897: "Sol quente, abrasador, tropical, caustificando os cachaços nus da gente de poucos haveres, [...], e enervando os organismos pesados da burguesia remediada, que tem posses para abancar a sombra" (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2). Comumente destacava-se a presença de mulheres, "em cujos semblantes se liam a avidez pelas fortes emoções que desperta este gênero de diversão" (*Correio do Povo*, 1897a, p. 1).

Sobre o público das touradas há outros indicadores interessantes. Por vezes, os anúncios se referiram à "distinta classe comercial" (*A Federação*, 1889i, p. 3). Mais ainda, a esse grupo, por meio do Club Caixeiral, foram dedicadas corridas. Vale lembrar que essa agremiação tinha um forte caráter

de mobilização política, como sugere Duarte (2000): "O CC de Porto Alegre tinha como objetivos a resistência, a instrução, a recreação e a prestação de socorros financeiros e pecuniários aos associados". Entre os assistentes, todavia, não havia somente populares e estratos médios: também eram *habitués* membros das elites porto-alegrenses, inclusive muitas autoridades.

Os preços dos bilhetes eram similares aos de outras atrações do momento, como as corridas de cavalos realizadas no Jockey-Club Porto-Alegrense e as funções da Grande Companhia Equestre de Frank Brown,[13] que se apresentava no Theatro de Variedades (*A Federação*, 1889k, p. 3). As touradas seguiam fazendo parte da tendência de diversificação das atividades públicas, de melhor estruturação de um comércio de "luxos" e entretenimentos, de valorização das práticas de lazer. Além das citadas, podemos ainda lembrar o Prado Boa-Vista, o Theatro São Pedro, o Club de Regatas, além de algumas sociedades esportivas, dramáticas e musicais.

Como era usual em outras cidades, também em Porto Alegre, foram organizadas touradas com fins beneficentes, uma iniciativa que ajudava a aumentar o reconhecimento social para com a prática. No caso das corridas que promoveu Pontes, era também uma forma de expressar sua vinculação a certas causas políticas. Já citamos sua ligação com a classe caixeiral, e também vale citar sua relação com as causas abolicionistas. No Rio de Janeiro, o toureiro se envolveu profundamente com a luta contra a escravidão (MELO; BAPTISTA, 2013). Na capital gaúcha, uma das ocasiões em que isso se manifestou foi em uma sessão dedicada à Sociedade Floresta Aurora, uma ativa agremiação de negros (*A Federação*, 1889l, p. 3).[14]

O mesmo houve em benefício da construção da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, localizada no bairro Rio Branco (*A Federação*, 1889h, p. 3), onde morava boa parte dos negros da cidade (RECH, 2012). Pelos jornais, agradece-se a Pontes por ter contribuído com 32$000 para as obras (*A Federação*, 1889a, p. 3). O seu nome, uma vez mais, ecoava como benfeitor. E assim ocorreria de novo quando ofertasse o valor de 200$000 para ser dividido entre o hospício São Pedro, as obras do Asylo da Mendicidade, a Santa Casa de Misericórdia e as vítimas de uma seca na Bahia.

13 Essa companhia chegou a promover espetáculos conjuntos com a companhia tauromáquica. Ver *A Federação*, 1889j, p. 3.

14 O grupo musical dessa sociedade atuou frequentemente nas touradas de 1889, como o fizera na temporada de 1881. Para mais informações sobre essa agremiação, ver Pereira (2007) e Zubaran (2009).

Situações semelhantes ocorreram em temporadas anteriores. Em 1875, touradas foram dedicadas à Sociedade de Beneficência Brasileira União (*A Reforma*, 1875g, p. 4), uma das muitas associações de socorro mútuo que foram fundadas em Porto Alegre na segunda metade do século XIX, e à Irmandade de Santa Barbara (*A Reforma*, 1875h, p. 4). Já em 1881, Pontes organizou sessões beneficentes dedicadas à Sociedade Emancipadora Rio Branco, formada por alunos abolicionistas da Escola Militar de Porto Alegre, e ao Instituto de Artífices (*O Século*, 1881, p. 4).

Se o formato das touradas em Porto Alegre era bem similar ao que se definirá no conjunto de tensões que marcava a prática em outras localidades, como no Rio de Janeiro, havia peculiaridades na capital gaúcha, notadamente indicadores de maior tolerância social.

Na cidade, em muitas ocasiões, ofereceu-se uma modalidade que se tornara usual no país: o touro para "curiosos", isso é, para amadores que se candidatavam a enfrentar o animal por um prêmio (um bilhete de loteria ou dinheiro, entre outros, por vezes colocado no próprio animal). Na capital gaúcha, todavia, havia algo incomum: muitas vezes, destinou-se um "tourinho para se divertirem" (*A Federação*, 1889b, p. 3) crianças de até 12 anos.[15]

Além disso, deve-se ressaltar o destaque que recebiam os criadores de touros (bem como sua raça). Em todas as temporadas, isso se repetiu e, por vezes, tocou na questão da qualidade do gado gaúcho. Por exemplo, assim o cronista criticou uma sessão em que os animais não eram adequados: "É uma vergonha aquilo, e faz-se mister mostrar a esses artistas estrangeiros que se o Rio Grande não possui picadores e capinhas de tal fama, tem, contudo, touros fortes e bons, que dão perfeitamente para diverti-los a eles e para divertir nosso povo" (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2).

Por vezes, uma mesma sessão tinha touros de diversos criadores, marcados com fitas de cores diferentes, exibidos ao público nos dias anteriores às corridas. Houve até mesmo, na temporada de 1875, uma curiosa aposta entre estancieiros: "[...] um conto de reis, que será ganho por aquele que, na opinião dos julgadores, apresentar os touros mais bravos" (*A Reforma*, 1875e, p. 4).

Em outubro de 1889, quando a temporada já se encerrava, os amantes das touradas tiveram mais algumas oportunidades para assistir aos espetáculos

15 De forma menos frequente, essas provas já existiam nas touradas de 1875 e 1881. Nessas últimas, na verdade, houve amadores que integraram os programas em conjunto com os profissionais, ganhando mesmo destaque nas sessões.

que tanto apreciavam, anunciados com uma novidade: "Corrida de touros noturna – Aparatosa, ótima e deslumbrante corrida de 7 bravos e valentes touros" (*A Federação*, 1889m, p. 3). Em 1881, houvera várias provas semelhantes, com a arena iluminada a gás e o exterior com lampiões de petroline (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881c, p. 3). Essas ocasiões eram sempre celebradas como expressão de progresso, como sinal de que a cidade se sintonizava com as novidades que chegavam dos países mais desenvolvidos.

Como o encerramento da temporada de 1889 foi realizado no Teatro de Variedades, localizado no mesmo Campo da Redenção, houve preocupações com a segurança do público, que chegaram a mobilizar o chefe de polícia; nada que afastasse a assistência e diminuísse a curiosidade. Chegou-se, aliás, a providenciar bondes extras para o "Caminho Novo e o Menino Deus" (*A Federação*, 1889n, p. 3).

Não fora a primeira vez que isso ocorria. Outra situação curiosa ocorreu em 1881, quando foi organizada uma corrida noturna no dia 24 de dezembro: foram colocados bondes em frente à arena para que o público chegasse "a tempo de assistir à missa na capelinha do Menino Deus" (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881d, p. 4).[16]

Depois que Pontes e sua companhia partiram para o interior da Província, Rio Grande, Pelotas e Bagé, antes de retornarem ao Rio de Janeiro, a despeito do sucesso das corridas de 1889, somente em 1891, a cidade voltaria a receber espetáculos tauromáquicos, em uma nova arena construída no Campo da Redenção, na qual se apresentou uma companhia de espanhóis dirigida por Anastasio Mateo.

Essas funções foram irregulares. Algumas razões podem ser aventadas. Uma delas é o fato de serem touradas mais tradicionais, sem a inserção das atrações circenses, conforme ocorria no período anterior. O público gostava de estímulos diversos, que não eram atendidos somente pelas corridas, um formato que, pelo menos naquele momento, acabava por desinteressar parte da assistência, além de ser mais caro para manutenção. Além disso, os toureiros não lograram a mesma popularidade de Pontes e seus companheiros.

Em janeiro de 1892, *A Federação* dá conta do fracasso da iniciativa, ainda que algumas corridas com bom número de espectadores tenham sido realizadas. Encerrava-se melancolicamente a temporada com baixo público, o

16 Na verdade, essa era uma providência usual na cidade, executada em ocasiões que mobilizavam grande público.

não cumprimento do programa por causa da chuva e touros de má qualidade. Como observa o jornalista: "Por cúmulo de caiporismo, a companhia que, como em quase todas as outras funções, só teve prejuízos, sofreu ontem ainda vivas demonstrações de desagrado" (*A Federação*, 1892, p. 2).

Durante muitos anos, só eventualmente surgiu alguma notícia sobre as touradas. Em 1895, uma lei municipal isenta companhias públicas de impostos. As tauromáquicas, todavia, ficaram de fora, causando estranheza no cronista de *A Federação*: "são as que, aliás, mais concorrem, ao lado das dramáticas particulares, para o desenvolvimento da nossa estética!" (*A Federação*, 1895, p. 1). É possível, portanto, que tenham se realizado corridas ocasionais no período. Nas fontes que consultamos, entretanto, não conseguimos mais informações.

Foi possível sim perceber que, em maio de 1897, teve início uma nova temporada, realizada no Circo de Touros, construído no Campo da Redenção. Os espetáculos foram conduzidos por uma companhia formada por espanhóis e portugueses (*Correio do Povo*, 1897b, p. 3). Mesclavam-se elementos das duas modas: algumas provas com touros de "aspas nuas" (comuns na Espanha) com outras cuja atração era o toureio a cavalo e a apresentação de forcados (típicos de Portugal).

A sessão inaugural foi prejudicada pela intensa chuva, que interferiu no afluxo de público (ainda que tenha sido razoável o comparecimento da assistência), levou à interrupção do espetáculo em alguns momentos e deixou a arena muito enlameada, prejudicando a *performance* dos artistas. De toda forma, o cronista reconheceu a qualidade do touril ("vasto, alto e de construção muito sólida e bem cuidada", oferecendo "todas as garantias de segurança e comodidades") e dos touros ("gordos e bravios, perfeitamente em condições de se apresentarem as lides"). Quanto aos toureiros, sugeriu: "diante das dificuldades com que lutou a empresa, achamos prudente aguardar a função de domingo próximo para julgar o mérito dos artistas" (*Correio do Povo*, 1897c, p. 2).

Mesmo com os elogios, o empresário promoveu mudanças na arena (para aumentar o conforto) e contratou tanto novos toureiros quanto uma banda de música melhor. Na verdade, percebem-se sensíveis diferenças com a temporada de 1889. Tratava-se de um modelo de espetáculo mais estruturado. Mesmo a tradicional prova dos curiosos ganhou uma nova conformação: somente poderiam enfrentar os touros os amadores que recebiam uma autorização do diretor da companhia.

O promotor teve sensibilidade para perceber que já se tratava de um público mais exigente, entendendo que a continuação de seu negócio dependia de conformar estratégias para sempre envolvê-lo e bem acolhê-lo. A diversificação da programação era mais restrita, contudo. As novidades eram mais internas ao campo da tauromaquia, não tão circenses como as de 1889.

Era uma postura necessária numa cidade que diversificara ainda mais sua estrutura de entretenimentos. Lembremos que, desde 1881, isso já causava preocupações por dividir o público. Vejamos esse informe:

> O espetáculo começara às 5 ½ da tarde, hora escolhida para que os frequentadores do Prado e do Theatro possam assistir a todas as diversões, sem prejuízo de tempo algum; pois devendo terminarem as corridas do Prado antes das 5 horas e começando o espetáculo no S. Pedro às 8 ½ , hora esta em que já deve ter terminado a função no circo, os *dilletandi* das três diversões podem assistir a todas mui folgadamente. (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881d, p. 4)

Assim como ocorrera em 1889, os nomes dos toureiros ganharam notoriedade. Era muito apreciada, por exemplo, a *performance* de Saturnino Nenê, membro da família de Joaquim da Silva Nenê, um dos destaques nas corridas de 1881, na época apresentado como "bizarro amador porto-alegrense" (*Gazeta de Porto Alegre*, 1881e, p. 4). Em 1898, chegou à cidade outro renomado artista, Alfredo Tinoco, que já fizera fama na capital da República. Suas proezas eram narradas em tom épico. O público o admirava: "o que mais agrada o nosso povo: alta dose de coragem, admirável sangue frio, e uma acentuada predileção pelos passes arriscados, a que se aventura de instante a instante" (*Correio do Povo*, 1898a, p. 2). Alguns se tornaram verdadeiros atrativos:

> Uma enchente à cunha, a ponto de ser suspensa a venda de bilhetes, por falta de localidades, teve anteontem a praça de touros, onde fez benefício o simpático e hábil artista Francisco Cruz. O circo, assim repleto, oferecia um belíssimo aspecto, vendo-se ali o que de mais escolhido tem a sociedade porto-alegrense. (*Correio do Povo*, 1898b, p. 1)

Como de costume, poucas críticas eram veiculadas sobre a adequação das corridas de touros. Pelo contrário, por vezes, observava-se o quão "atenuada" era a modalidade que, no Brasil, se praticava. O cronista do *Correio do Povo*, quase lamentando, registrou: "As touradas não têm entre nós o bárbaro encanto dessa deliciosa selvageria que faz o orgulho e a característica das civilizadas gentes da Espanha" (1898a, p. 2). Para ele, "tudo ocorre

sem maiores riscos", sem lances sangrentos, sem grandes sensações: "Nem perigos, nem emoções violentas: – luta pacífica de inimigos que, quando pisam a arena, bem sabem já que é do prévio ajuste a cláusula humanitária de não se infligirem maus tratos".

Porto Alegre acolhia com tranquilidade esses espetáculos com características rurais. Eventualmente, surgia alguma referência à superioridade das atividades teatrais, mas nada que desautorizasse as corridas de touros. De fato, foi mesmo manifesta por muitos a preferência pelas touradas, consideradas ajustadas às peculiaridades locais.

Havia até mesmo alguns posicionamentos curiosos sobre as similaridades entre as touradas e certas práticas rurais comuns em Porto Alegre. De fato, houve vezes em que se mesclaram as atividades. Por exemplo, na sessão de 24 de junho de 1875, integrou a programação uma corrida de argolinhas, na qual atuaram "campeiros [...] vestidos a caráter" (*A Reforma*, 1875i, p. 3).

Não poucas vezes, contudo, ressaltou-se a necessidade de marcar as diferenças entre as práticas. Observa, por exemplo, um cronista, em certa ocasião: "Outrossim, faz-se mister que o cavaleiro tenha trajo apropriado para o trabalho, de modo a não se apresentar na arena como qualquer gaúcho que vai fazer aparte em curral de estância" (*Correio do Povo*, 1897a, p. 1). As corridas de touros eram encaradas como uma experiência moderna, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro, onde já eram encaradas como persistências de um passado que deveria ser abandonado.

Críticas quando havia era à qualidade das apresentações, notadamente dos touros (um problema constante, já que era difícil conseguir animais adequados), da banda de música e da direção das atividades. Por vezes, também, contestou-se o preço dos bilhetes, que aumentara em algumas ocasiões (como ocorrera em 1898, quando dobrou de custo) (*A Republica*, 1898, p. 1).

Na verdade, houve pelo menos uma voz em Porto Alegre que se levantou contra as touradas. Seus argumentos merecem nossa atenção.

Em 1897, Germano Hasslocher era redator da *Gazeta da Tarde*. Filho de imigrantes alemães (fundadores da cidade de Santa Cruz do Sul), foi personagem de destaque na capital gaúcha. Advogado formado pela Faculdade de Recife (depois de ter passado por São Paulo), foi vereador, deputado federal e um dos líderes políticos mais ativos do Partido Republicano Rio-Grandense, tendo atuação marcada por suas posições liberais, abolicionistas, federalistas, anticlericais e pela defesa da liberdade de expressão.[17]

17 Para mais informações sobre a atuação política de Hasslocher, ver Pistoia (2009).

Para Germano, deveria o intendente municipal fazer cessar imediatamente "os tristes e selvagens espetáculos da praça de touros no Campo do Bom Fim" (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). No seu modo de entender, na Espanha, até se poderia justificar a manutenção das corridas, já que eram desempenhadas com habilidade e faziam parte dos costumes do povo, mas, no Brasil, tratava-se de "uma diversão que já em si é contra as ideias do tempo em que vivemos", podendo "concorrer para perverter o sentimento do povo". Para fortalecer seu ponto de vista, lembrava que as repúblicas da América do Sul já as tinham proibido.[18]

Ele não media as palavras para execrar as touradas: "uma brutalidade sem nome, uma verdadeira infâmia tolerada pelo poder publico que dá pasto à brutalidade humana" (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). Tratava-se, a seu ver, de um monte de "maltrapilhos que martirisam pobre animais esfaimados". O que para os defensores era considerado como suavidade, por não haver a morte do touro ao final, por Germano era encarado como explícita crueldade, pelas farpas no animal cravadas. Na sua descrição, o público, "contaminado pelo delírio da malvadez", batia com "bengalas na triste fera exausta, ensanguentada, arrastando sobre o pescoço descarnado um mundo de farpas". Era uma visão do horror, nada glamourosa.

Indignava-lhe que ninguém levantasse a voz para denunciar o que considerava um descalabro. O centro de sua crítica era desconsiderar-se que a defesa dos animais era um sinal de civilização, "não porque esse sentimentalismo piegas inspire compaixão pelo irracional, mas porque é esse um meio de cultura, porque assim educa-se o sentimento público, exercitando-o na piedade pelos que sofrem" (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1). Tratava-se claramente de uma posição inspirada por seus princípios liberais e positivistas.[19] Germano articulava ainda seu ponto de vista à defesa de uma condição de nacionalidade:

> Somos brasileiros e devemos ter orgulhos nisto, porque os nossos costumes divergem muito da selvageria de povos que pretendem dar lições ao mundo. [...]. Porque havemos de importar o que repugna aos nossos costumes e ir

18 Na verdade, somente no Chile, fora já proibida na ocasião. Na Argentina, isso somente ocorreria em 1899. No Uruguai, ocorreu em 1912. Em alguns países, existe até os dias de hoje, como no Equador e no Peru.

19 Vale citar que Germano era um entusiasta do esporte, por ele considerado uma prática adequada aos novos tempos. Devemos lembrar que, no Rio de Janeiro, houve, por diversas vezes, essa tensão entre o esporte e as touradas (MELO; BAPTISTA, 2013), algo que, de alguma forma, mesmo que indiretamente, supunha Hasslocher.

assim introduzindo inovações que podem perverter a grande pureza característica do nosso povo? (*Gazeta da Tarde*, 1897a, p. 1)

Hasslocher retomou o tema na edição de 12 de agosto. No seu entender, seu artigo teve boa repercussão em Porto Alegre: "Diariamente recebemos felicitações [...] e pedidos insistentes para que não cessemos a guerra contra aquela exibição cruel da estupidez e maldade humanas" (*Gazeta da Tarde*, 1897b, p. 1). Na sua avaliação otimista, "todo o mundo entre nós deseja ardentemente a proibição dos espectáculos". A companhia estaria até mesmo cometendo irregularidades, adquirindo animais inadequados (terneiros e não touros). Por isso, reforçava o pedido para que o intendente, José Montaury,[20] colocasse "um ponto final na orgia".

O jornal chega a comemorar a proibição das touradas em meados de agosto (*Gazeta da Tarde*, 1897c, p. 1). As corridas, todavia, ainda tiveram continuidade. Para o periódico, tratava-se de um absurdo, somente não sendo pior porque "O publico porto-alegrense procedeu correctamente negando seu apoio aos improvisados toureiros do Campo da Redempção" (*Gazeta da Tarde*, 1897d, p. 1).

Na verdade, parece que a interrupção teve mais relação com motivos comuns ao campo da tauromaquia, como a qualidade dos animais ou problemas financeiros da companhia. O fato concreto é que, em fevereiro de 1898, novas corridas de touro foram organizadas, contando de novo com grande público. A única grande diferença é que alguns jornalistas passaram a mais explicitamente defender a prática.

De fato, mesmo que não em todos os anos, nem com a mesma intensidade em todas as temporadas, pode-se perceber que houve touradas organizadas em Porto Alegre até 1934, quando houve a sua definitiva proibição no Brasil. Nessa ocasião, os eventos foram realizados no Anfiteatro Alhambra, localizado no costumeiro Campo da Redenção (*A Federação*, 1934, p. 2).

Podem ter, de fato, no recorte de nosso estudo, surgido em Porto Alegre outras vozes contrárias às corridas de touros, para além da de Germano. Nas fontes que consultamos, todavia, essas não aparecem. Efetivamente, encontramos o oposto: o elogio a uma prática que parecia reforçar certa

20 Ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense e a Julio de Castilhos, Montaury foi o primeiro intendente de Porto Alegre eleito pelo voto. Sua gestão se caracterizou por uma série de intervenções urbanas, tendo em vista modernizar a cidade. Para mais informações, ver Bakos (1998).

representação identitária do habitante da província do sul. Moderno talvez, mas sempre gaúcho.

BREVE CONCLUSÃO

Como foi possível perceber, não surpreende o envolvimento dos porto-alegrenses com divertimentos com cavalos e gado, dado que havia uma proximidade histórica e cotidiana com esses animais. De fato, poucas foram as críticas à adequação das corridas de touros. Os espetáculos tauromáquicos na capital gaúcha eram mesmo vivenciados como uma experiência moderna, atraindo um público que se tornou cada vez mais exigente no que tange à qualidade, mas que não demonstrou grande apreensão com a "barbaridade" da modalidade.

No caso de Porto Alegre, os ajustes entre o rural e o urbano, entre o tradicional e o moderno, ajudam a entender a legitimidade de uma prática que estava tanto em xeque em várias localidades, inclusive na capital do país. Articuladas com importantes temas do momento, indícios da gestação de uma sociedade do consumo e do espetáculo, as touradas gaúchas nos permitem ver como os diálogos com a ideia de modernidade foram originais, eivados de peculiaridades, solicitando-nos um olhar atento e disposto a captar a sua complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKOS, M.M. 1998. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estudos Avançados*, 12 (33):213-226.

CAPUCHA, L. 1988. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5:147-165.

DUARTE, L.A. F. 2007. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915: estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 195 p.

DUARTE, P.C.B. 2000. A fundação e os objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul: 1879 a 1890. *História em Revista*, 6: s.p.

FAGUNDES, A.T. 2012. *Há 100 anos no Correio do Povo: breve estudo sobre as reportagens policiais de 1912*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 134 p.

FERREIRA, A.D. 1975. *Imprensa Literária de Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre, URGS, 231 p.

HOHLFELDT, A. 2006. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 7: s.p. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>. Acesso em: 30/09/13.

ISMÉRIO, C. 1995. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 120 p.

LEAL, E.C. 1996. *O positivismo, o Partido Republicano, a moral e a mulher (1891-1913)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 237 p.

MACEDO, F.R. 1982. *Porto Alegre, aspectos culturais*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 122 p.

MAROCCO, B. 2003. Prostitutas, jogadores, pobres, delinquentes e vagabundos nos discursos jornalísticos Porto Alegre – século XIX. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVI, Belo Horizonte, 2003. *Anais...* Intercom, [CD-rom].

MASCARENHAS, G. 2006. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande-RS, 1880-1920. In: L. DACOSTA (org.), *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro, CONFEF, p. 215-216.

MAZO, J.Z. 2004. *A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867-1945)*: *espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira*. Porto, Portugal. Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 366 p.

MELO, V.A. 2009. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: M.D. PRIORE; V.A. MELO (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, p. 35-70.

MELO, V.A. 2013a. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, 19(40):365-392. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832013000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30/09/13. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000200014>.

MELO, V.A. 2013b. Modernos? As grandes touradas do centenário (1922) e a reconciliação com Portugal. In: J.M.C.M. SANTOS; V.A. MELO (Org.), *1922: comemorações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro, 7Letras, p. 81-117.

MELO, V.A.; BAPTISTA, P.D. 2013. *Sol e Sombra: touradas no Rio de Janeiro*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro, UFRJ, 175 p.

PEREIRA, E.L. 2012. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo de esportivização*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 156 p.

PEREIRA, L.R.B. 2007. *Cultura e afrodescendência*: *organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 312 p.

PESAVENTO, S.J. 1999. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 135 p.

PESAVENTO, S.J. 2007. *Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In*: N. BOEIRA; T. GOLIN (Coord.). *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo, Méritos, p. 163-228.

PISTOIA, C.D. 2009. *Violência física, material e moral no Rio Grande do Sul (1889-1920)*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, 209 p.

RAMOS, G.B. 2010. *Anda que ninguém te valerá: violência contra escravos nas páginas do jornal A Reforma (Porto Alegre, 1870-1888)*. Porto Alegre, RS. Memória de Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 55 p.

RECH, T.B. 2012. *Casas de religião de matriz africana em Porto Alegre: territorialidades étnicas e/ou culturais a partir da antiga Colônia Africana*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 125 p.

SILVA, E. 2007. *Circo-teatro*: *Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil*. São Paulo, Altana, 434 p.

ZUBARAN, M.A. 2009. A invenção branca da liberdade negra: memória social da abolição em Porto Alegre. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 6(3):1-16.

FONTES PRIMÁRIAS

A FEDERAÇÃO. 1889a. Porto Alegre, 8 ago., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889b. Porto Alegre, 5 jul., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889c. Porto Alegre, 13 set., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889d. Porto Alegre, 16 set., p. 2.

A FEDERAÇÃO. 1889e. Porto Alegre, 12 jul., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889f. Porto Alegre, 6 set., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889g. Porto Alegre, 13 set., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889h. Porto Alegre, 2 ago., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889i. Porto Alegre, 20 jul., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889j. Porto Alegre, 20 set., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889k. Porto Alegre, 16 ago., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889l. Porto Alegre, 27 jul., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889m. Porto Alegre, 3 out., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1889n. Porto Alegre, 25 out., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1892. Porto Alegre, 7 jan., p. 3.

A FEDERAÇÃO. 1895. Porto Alegre, 21 mai., p. 1.

A FEDERAÇÃO. 1934. Porto Alegre, 22 mar., p. 2.
A IMPRENSA. 1881. Porto Alegre, 2 dez., p. 3.
A REFORMA. 1875a. Porto Alegre, 17 jan., p. 3
A REFORMA. 1875b. Porto Alegre, 21 abr., p. 3.
A REFORMA. 1875c. Porto Alegre, 28 jan., p. 3.
A REFORMA. 1875d. Porto Alegre, 23 fev., p. 1.
A REFORMA. 1875e. Porto Alegre, 20 fev., p. 4.
A REFORMA. 1875f. Porto Alegre, 12 fev., p. 4.
A REFORMA. 1875g. Porto Alegre, 26 fev., p. 4.
A REFORMA. 1875h. Porto Alegre, 4 jun., p. 4.
A REFORMA. 1875i. Porto Alegre, 23 jun., p. 3.
A REPUBLICA. 1898. Porto Alegre, 2 fev., p. 1.
CORREIO DO POVO. 1897a. Porto Alegre, 15 jun., p. 1.
CORREIO DO POVO. 1897b. Porto Alegre, 21 mai., p. 3.
CORREIO DO POVO. 1897c. Porto Alegre, 1 jun., p. 2.
CORREIO DO POVO. 1898a. Porto Alegre, 15 fev., p. 2.
CORREIO DO POVO. 1898b. Porto Alegre, 12 abr., p. 2.
GAZETA DA TARDE. 1897a. Porto Alegre, 9 ago., p. 1.
GAZETA DA TARDE. 1897b. Porto Alegre, 12 ago., p. 1.
GAZETA DA TARDE. 1897c. Porto Alegre, 17 ago., p. 1.
GAZETA DA TARDE. 1897d. Porto Alegre, 8 set., p. 1.
GAZETA DE NOTÍCIAS. 1878. Rio de Janeiro, 9 jun., p. 1.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881a. Porto Alegre, 1 out., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881b. Porto Alegre, 4 nov., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881c. Porto Alegre, 7 dez., p. 3.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881d. Porto Alegre, 23 dez., p. 4.
GAZETA DE PORTO ALEGRE. 1881e. Porto Alegre, 26 nov., p. 4.
O AMOLADOR. 1874. Rio de Janeiro, 19 abr., p. 3.
O SÉCULO. 1881. Porto Alegre, 29 mai., p. 4.

CAPÍTULO 6

Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889)[1]

Flávia da Cruz Santos
Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

Os eventos tauromáquicos no Brasil realizados são um assunto ainda pouco discutido e investigado, até mesmo considerado surpreendente para alguns. Excetuando-se breves referências em estudos históricos e obras de memorialistas, trata-se de um tema que só recentemente tem chamado a atenção de um ou outro pesquisador.

Este artigo dialoga com as investigações de Melo e Baptista (2013) e de Karls e Melo (2013), que analisaram a presença das touradas em cidades que, com peculiaridades, no século XIX passaram por mudanças em função da adesão a discursos de modernidade: Rio de Janeiro e Porto Alegre. O nosso objetivo, tendo em conta esses dois casos, é discutir a relação da experiência das corridas de touros organizadas em São Paulo, entre os anos de 1877 e 1889, com o processo de transição de uma dinâmica rural para outra mais urbana pelo qual passou a capital paulistana no decorrer do século XIX.

A instalação da Academia Jurídica, em 1827, atraiu para São Paulo pessoas de diversas localidades, inclusive do Rio de Janeiro, e interferiu na sua dinâmica social, até mesmo no que tange à diversificação da estrutura de entretenimentos (COSTA, 2012). Esse processo de mudança intensificou-se a partir dos anos 1870, em função da instalação da ferrovia e da diversificação econômica gerada pela prosperidade da cafeicultura.

Houve no período uma nova circulação de ideias (positivistas e republicanas). O presidente da Província (de 1872 a 1875), João Theodoro Xavier, esteve à frente de uma série de intervenções no espaço urbano; logo São

1 Artigo originalmente publicado em *Revista IHGB*, Rio de Janeiro, ano 175, n. 463, p. 39-69, abr./jun. 2014.

Paulo não seria mais apenas uma cidade de estudantes. O novo dinamismo uma vez mais se refletiu na ocupação do espaço público com fins de diversão.[2]

Na última década do século XIX, houve um denotado incremento do setor industrial (ROLNIK, 1988). O processo de transformação da cidade de novo se acentuou, notadamente a partir de 1899, quando se tornou intendente Antonio da Silva Prado,[3] um dos responsáveis por definitivamente sintonizar São Paulo com o ideário e imaginário da modernidade, preparando-a para o rápido crescimento que assistiria nas décadas seguintes. Deve-se ter em conta que a transição de um Estado imperial escravocrata para uma república de trabalho assalariado gestava um quadro distinto nos mais diversos âmbitos. A capital dava os primeiros passos em direção a se transformar em uma metrópole, e novamente os impactos foram perceptíveis nos hábitos de diversão (RAGO, 2004).

O recorte temporal desse estudo tem em conta esse fluxo de desenvolvimento da capital paulistana, mas também a trajetória específica das touradas, uma prática, a princípio, eminentemente rural. No decorrer do tempo, no cenário urbano, esses espetáculos adquiriram um formato empresarial. Se antes eram patrocinadas pelo Estado, sua manutenção passou a depender da compra de ingressos pelo público, a ser atraído pelos esforços dos que promoviam os eventos. Nesse percurso, o processo de "civilização" as colocou em xeque: progressivamente alguns setores as consideraram como "bárbaras" e ultrapassadas.

Como veremos, na capital paulistana as touradas existiam desde o século XVIII. A partir de 1877, contudo, passaram a se organizar no formato empresarial, tendo que lidar com as emergentes exigências típicas do processo de mudança. Já em 1889, ocorreu a última temporada protagonizada pelo mais importante personagem das corridas de touros de São Paulo, Francisco Pontes, responsável por consolidar na cidade, mesmo que provisoriamente, esses espetáculos.

Para alcance do objetivo, como fontes foram utilizados três jornais de grande circulação. O *Correio Paulistano* foi um dos primeiros periódicos diários de São Paulo. Criado em 1854, durante décadas foi o mais influente da cidade, destacando-se por transitar entre diferentes posições políticas de acordo com os interesses dos seus proprietários e da oligarquia paulistana (THALASSA, 2007).

2 Para mais informações, ver Szmrecsányi (2004) e Frehse (2005).

3 Prado permaneceu na prefeitura até 1911.

Já o *Diário de São Paulo* foi criado em 1865. Era politicamente mais definido do que seu rival. Apesar de se apresentar como imparcial, adotava, em geral, um posicionamento conservador (DIAS, 1999). Embora bem estruturado do ponto de vista editorial e ainda que tenha logrado alguns sucessos, durou somente 13 anos.

A Província de São Paulo foi lançado em 1875, por um grupo de republicanos atentos a certas demandas liberais, como, por exemplo, a abolição da escravatura. Depois da proclamação da República, mudou de nome para *O Estado de São Paulo*, denominação que permanece até hoje. Na transição de séculos, superou o *Correio Paulistano*, tornando-se o mais importante da capital (MARTINS; LUCA 2006).

No desenvolvimento desse estudo, consideramos que as touradas são marcadas por um grande trânsito de referências, oferecendo interessantes elementos para discutir os embates e ajustes entre tradição e modernidade (MELO; BAPTISTA 2013). Certamente o caso de São Paulo adenda importantes compreensões sobre o assunto, na mesma medida em que o objeto lança uma luz sobre a capital paulistana do século XIX.

AS TOURADAS NO PERÍODO COLONIAL

No período colonial, as touradas comumente integravam a programação dos festejos que se organizavam para celebrar datas importantes da família real portuguesa, uma estratégia de difusão de símbolos da hierarquia metropolitana (MELO, 2013). As Câmaras eram responsáveis por organizar esses eventos.

Como lembra Kantor, uma das características dos programas das festas públicas promovidas em São Paulo, a partir de meados do século XVIII, era a "exibição de torneios equestres, cavalhadas, tauromaquias" (2008, p. 172). Por exemplo, em 1762, três dias de touradas integraram os festejos de celebração do nascimento de d. José, primogênito de d. Maria I (LEME, 1905; BORREGO, 2006). Entre os toureiros, podemos citar o capitão Joaquim José Pinto de Moraes Leme e seu ajudante José de Castro de Canto e Mello, personagens importantes da cidade, membros do Exército e de famílias de prestígio.

Já em 1795, as touradas integraram as festividades realizadas para celebrar o nascimento de d. Antônio, segundo filho da princesa Carlota Joaquina com d. João:

> Fazemos igualmente saber que as preditas festas hão de principiar com um tríduo nos dias 22, 23 e 24 do mês de agosto celebrado pelo ilustríssimo cabido na Igreja Catedral, finalizando-se no dia 24 com uma solene procissão pelas ruas do costume. [...] se farão três dias de touros, três noites de encamisadas e três de opera.[4]

A chegada da família real no Rio de Janeiro, em 1808, incrementou a promoção de festividades na colônia. Em São Paulo, as touradas organizadas nas comemorações do desembarque foram oferecidas pelos capitães-mores das ordenanças, contando com a participação de coronéis e tenentes-coronéis dos corpos milicianos. Segundo Campos (2008), a praça do curro foi montada, à custa da Câmara, no Jardim Botânico, na época situado no parque da Luz.

Outra importante data em São Paulo também comemorada com corridas foi o juramento de d. João VI, em abril de 1817. Para os três dias de festas, foi construída uma arena de touros com recursos de particulares e da Câmara,[5] planejada pelo engenheiro militar Pedro Daniel Muller.[6] Segundo Campos (2008): "Teria sido esta a primeira vez que as touradas se apresentaram na parte nova da cidade, na praça da Alegria, desde então denominada Largo dos Curros".

Essa localidade receberia a maior parte dos eventos tauromáquicos organizados no século XIX. Originalmente propriedade de José Arouche de Toledo Rendon,[7] o largo dos Curros, em 1865, foi renomeado para largo Sete de Abril, uma referência à abdicação de Pedro I. Na década de 1870, passou por intervenções no âmbito do governo de João Theodoro Xavier. O nome atual, praça da República, foi adotado em celebração à proclamação do novo regime. Nos primeiros anos do século XX, Antônio Prado promoveu no espaço uma grande reformulação, inclusive com seu ajardinamento.

4 SÃO PAULO (SP), Câmara Municipal. *Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo*: 1764-1795. São Paulo: Tipografia Piratininga, 1920. v. 11. p. 260, 261. Disponível em: <http://archive.org/details/registrogeraldao1bragoog>. Acesso em: 28 nov. 2013.

5 A municipalidade encarregou-se de construir apenas as trincheiras e os camarotes para o governador, a câmara e o cabido (BRUNO, 1954).

6 Formado na Real Escola dos Nobres de Lisboa, o engenheiro participou ativamente da construção da capital paulistana. Foi o primeiro diretor do Gabinete Topográfico da Província (SALGADO, 2010).

7 Foi um personagem de destaque na cidade, sendo inclusive diretor da Faculdade de Direito entre 1827 e 1833.

Em junho de 1817, novas touradas foram no mesmo largo realizadas, para comemorar o casamento de d. Pedro com Leopoldina (CAMPOS, 2008). O local acolheria ainda, no ano seguinte, mais uma importante cerimônia: os festejos da aclamação de d. João VI. Uma vez mais as corridas de touros integraram a programação, mesmo que, na ocasião, a Câmara estivesse passando por dificuldades financeiras.

Foram três dias de touradas, para os quais a praça do curro foi reformada (ALMEIDA, 1999). No espetáculo, houve a morte dos animais, embora já se contasse com a presença de forcados. Tratava-se de um misto entre a moda portuguesa e a espanhola, em um momento de transição dos estilos de tourear (CAPUCHA, 1988).

Depois dessa ocasião, até a independência não mais corridas de touros foram organizadas. Vejamos que Saint Hilaire (1954), em sua viagem a São Paulo, realizada em 1819, elogia a arena construída no largo dos Curros, mas observa que não chegou a assistir qualquer evento. Sem o patrocínio do Estado, tornava-se mesmo difícil a promoção de espetáculo tão custoso. Em 1823, ordenou-se o desmanche do redondel em função de seu mau estado.

LIMITAÇÕES, COBRANÇAS, REGULAMENTAÇÕES

Já com o país independente, o largo dos Curros durante décadas parece ter recebido poucas corridas. Na verdade, nos faltam dados para inferir melhor o que por lá se passou. Eventualmente encontramos algum relato. Eli Mendes, por exemplo, sem citar a fonte, sugere que, em 1852, por ocasião da inauguração do Hospital dos Alienados, um grupo de Sorocaba promoveu um evento em uma improvisada arena instalada no local. A atração principal, o toureiro Tan Tan, teria sido morto pelos chifres do touro ao tentar agarrá-lo à unha.[8]

Nos jornais consultados[9] também não há maiores pistas. Sobre São Paulo, encontramos apenas uma breve informação sobre touradas realizadas, em 1856, no Campo Redondo, região norte da cidade, próximo da Luz. Já naquele momento houve um problema costumeiro na história da prática no Brasil – a falta de gado adequado e de habilidade dos artistas: "Temos ouvido

8 Informação publicada no *blog* Saudade de Sampa, com uma foto de uma tourada realizada, em 1902, no largo (já renomeado para praça da República). Disponível em: <http://saudade-sampa.nafoto.net/photo20090124172012.html>. Acesso em: 4 nov. 2013.

9 Além dos três usados no estudo, consultamos *O Farol Paulistano, O Novo Farol Paulistano, A Phenix, O Mercantil, O Ypiranga, Radical Paulistano* e *A Constituinte*.

dizer [...] que a imperícia dos toureadores e a mansidão dos bois tornaram esse espetáculo uma verdadeira logração às bolsas do respeitável público".[10]

Nas décadas de 1850 e 1860, de fato, as notícias sobre as touradas diziam respeito a eventos do exterior, da Corte e de outras cidades da província. Por exemplo, em 1857, por ocasião da Festa do Divino Espírito Santo de Lorena, foram organizados dois dias corridas, que não satisfizeram o público pela falta de habilidade dos toureiros, "uns especuladores já acostumados a tourearem as algibeiras dos que lhes caem nas unhas".[11]

Algumas dessas touradas já adotavam o modelo empresarial. Vemos isso nas iniciativas de Francisco Antônio Martins, que promoveu corridas de touros em várias cidades, como Itu[12] e Tatuí.[13] Comumente integrava sua comitiva o famoso ator Vasques, responsável por apresentar números cômicos nos intervalos.

Outra cidade em que as touradas parecem ter sido costumeiras foi Taubaté (MONTEIRO, 2011). Das notícias publicadas, destacamos uma por tocar em uma constante preocupação na trajetória dos eventos tauromáquicos: a segurança. Em 1870, a arena desmoronou, deixando muitos feridos. Para o jornal: "se o sr. delegado soubesse cumprir com os seus deveres e mandasse examinar aquela obra",[14] o acidente não teria ocorrido.

Constantemente as autoridades eram convocadas a interferir no espetáculo, até mesmo porque, ainda que menos do que no Rio de Janeiro, havia na província de São Paulo uma representação de que as corridas de touros eram tumultuadas.[15] Assim sendo, não chega a surpreender que o tema estivesse tão presente nos códigos municipais de posturas que foram aprovados no decorrer do século XIX.

Algumas cidades, como Itapetinga, optaram por proibir as touradas. Nesse caso, inclusive, se discutiu que o código era falho por não prever uma sanção "tanto mais severa quanto creio que a reprovação de semelhante divertimento está em todos os ânimos", como disse o vereador D. de Azevedo.[16] Já a legislação de Jundiaí estabeleceu penas para quem promovesse as corridas: multa de 30$000 e oito dias de prisão.[17]

Em outros municípios, como Guaratinguetá, achou-se por bem cobrar para autorizar a realização das corridas: "De cada espetáculo equestre ou ginástico, de cavalhadas, bailes mascarados e outros semelhantes 20$000; dos espetáculos dramáticos, uma vez que não sejam gratuitos, ou dados por sociedade particular 10$ de cada um; dos de corridas de touros 10$ idem".[18]

Pelos jornais, pode-se ver o quanto algumas cidades arrecadaram com esse recurso. Por exemplo, em julho de 1873, a Câmara de São Luiz de Paraitinga anuncia que coletou 200$000 com as touradas, uma das maiores rendas do município, perdendo somente para a venda de aguardentes, venda de carnes e impostos de tavernas e estalagens.[19]

A preocupação central era o mesmo estabelecimento de mecanismos de controle urbano. Não eram somente as corridas de touros que passavam por isso. Toda a estrutura citadina tornava-se mais regulada, inclusive os demais divertimentos, um processo que se relacionava tanto com as necessidades desencadeadas pelo crescimento dos municípios quanto com a melhor estruturação da burocracia governamental.

Essas preocupações também se relacionavam com a diversificação dos entretenimentos. No caso da capital, Silvio-Silvis nos dá uma noção do que ocorria em meados dos anos 1860: "O espírito público em S. Paulo jaz no silencio tumular".[20] Para ele, "nessa terra não se mata ninguém, não se dá facadas, não há corridas de touros, não há teatro lírico, nem bailes, nem poesias, nem romances, [...] uma indigestão de tédio misturado com carne de vaca, sem lagosta, sem ostra, sem a mínima porção de qualquer estimulante".

É possível que Silvio-Silvis tenha sido um dos estudantes da Academia de Direito, originário de outra cidade, talvez mesmo da Corte. Ele, que considerava o folhetim importante por tratar de assuntos mais frívolos, constantemente escrevia sobre o tédio e a falta de opções de diversão na capital paulistana (BORGES, 2011).

10 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 13 jul. 1856.

11 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 16 set. 1857.

12 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 19 maio 1868.

13 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 17 out. 1868.

14 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 14 jun. 1870.

15 Para mais informações sobre o caso do Rio de Janeiro, onde o termo "corrida de touros" virou sinônimo de tumulto, ver Melo e Baptista (2013).

16 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 3 mar. 1864.

17 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 16 set. 1865.

18 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 24 ago. 1865.

19 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 24 jul. 1873. Essa alta arrecadação apareceu diversas vezes na prestação de contas de outras cidades, como no caso de Taubaté (*Diário de São Paulo*, 26/7/1877, p. 1).

20 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 12 mar. 1865.

Esse cenário, todavia, mudaria no decorrer dos anos 1870. No quadro de rápidas transformações pelas quais passava a cidade, em 1873 promulgou-se para a capital um rigoroso código de posturas. Previa o artigo 42: "Não se dará licença para corridas de touros, que ficam absolutamente proibidas; sob multa de 30$000 e 8 dias de prisão".[21]

Tudo indicava que não seria alvissareiro o futuro das corridas de touros em São Paulo, tanto mais que o *Correio Paulistano* constantemente publicava críticas a existência da prática em Portugal e Espanha.[22] Sem se tratar de uma posição oficial, era mais um indicador de que não era grande a ambiência para as touradas na cidade.

A ADEQUAÇÃO/INADEQUAÇÃO DAS TOURADAS EM UMA CAPITAL QUE SE MODERNIZAVA

O código de posturas de 1873 sofreu muitas críticas, considerado excessivamente rígido. As dificuldades de fiscalização eram muitas, e o governo percebeu que a melhor saída era elaborar uma nova legislação, promulgada em 1875, permanecendo em vigor até 1886.

Ainda que algumas exigências e determinações tenham sido atenuadas, o código de 1875 manteve a restrição: "Ficam inteiramente proibidas as corridas de touros. O infrator sofrerá a multa de 30$000 e oito dias de prisão, e será obrigado a desmanchar imediatamente o circo".[23]

Somente em 1886 a orientação seria distinta: "Os espetáculos públicos de corridas de touros serão permitidos, quando estejam convenientemente embolados, de forma a evitar quaisquer ocorrências funestas".[24] A indicação de "embolar" os animais, cobrir os chifres para diminuir os riscos para os toureiros, seguia a tradição das touradas portuguesas. Era uma tentativa de fazer da tauromaquia uma prática menos bárbara.

Assim sendo, até 1886 não teriam sido realizadas touradas em São Paulo? Não foi isso que ocorreu. Em julho de 1877, Antonio Aragon pede à Câmara licença para levantar um circo e organizar eventos tauromáquicos

21 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 8 jul. 1873.

22 Ver, por exemplo, CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 27, fev. 1877.

23 Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/resolucao/1875/resolucao-62-31.05.1875.html>. Acesso em: 12 dez. 2013

24 Disponível em: <https://archive.org/details/CodigoDePosturasDoMunicipioDeSaoPaulo1886>. Acesso em: 12 dez. 2013.

no largo dos Curros. A princípio, o pedido foi negado tendo em vista o que previa o código de condutas.[25]

Todavia, o presidente da Província, Joaquim Manuel Gonçalves de Andrade, interviu e a autorização foi concedida,[26] a partir da sugestão de que fosse modificado o item que tratava do tema, acrescentando-se o seguinte: "os espetáculos públicos de corridas de touros serão permitidos quando estejam embolados de forma a evitar quaisquer ocorrências funestas".[27] Perceba-se que esse texto seria futuramente inserido no código de 1886.

Essa decisão acabou estabelecendo uma peculiaridade das touradas de São Paulo se comparadas às de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Enquanto nessas cidades houve corridas à moda espanhola (valorizando-se o toureio a pé, sem embolação e com a morte do touro no final) e à moda portuguesa (valorizando-se o toureio a cavalo, com embolação, sem a morte do touro no final e com a apresentação dos forcados, que pegavam o animal "à unha"), na capital paulistana muito largamente foi adotado o modelo lusitano,[28] ainda que nas notícias de jornais se dissesse equivocadamente que se tratava de uma prática originária da Espanha, inclusive se valorizando a presença de naturais desse país nas companhias tauromáquicas.[29]

No Rio de Janeiro, as corridas começam a se estruturar em um formato empresarial a partir dos anos 1840 e nos anos 1850 já tinham surgido as primeiras críticas à sua inadequação, o que por vezes foi um dos fatores responsáveis por sua extinção. Já em Porto Alegre, as contestações nunca foram intensas.

Em São Paulo, mesmo que com diferente intensidade, bem menor do que no Rio de Janeiro e maior do que em Porto Alegre, também houve debates sobre a adequação das corridas. Em algumas ocasiões, elas foram chamadas de "bárbaro divertimento",[30] bem como eram adjetivadas de "representações sanguinolentas e brutais" as touradas espanholas por os

25 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 4 jul. 1887.

26 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 2 ago. 1877.

27 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 17 ago. 1877.

28 Somente no período colonial houve touradas com a morte do animal.

29 No Rio de Janeiro, a defesa e predominância da moda portuguesa tinha relação tanto com a influência do outrora colonizador quanto com a argumentação de que não havia crueldade nas touradas (MELO; BAPTISTA, 2013).

30 Um exemplo: CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 16 set. 1857.

animais não estarem embolados. Eram por alguns relacionadas ao mau gosto, à ignorância, ao não civilizado.

A crueldade do espetáculo, contudo, não era o principal motivo das críticas. O que preponderava era a preocupação com a segurança. A determinação de que os touros fossem embolados expressava os cuidados com os homens, não com os animais. Aliás, notícias de diferentes lugares sobre ferimento e morte de toureiros eram comuns nos jornais,[31] o que contribuía para a construção da ideia de inadequação das corridas quando os touros estivessem desembolados. Sem derramamento de sangue humano, supunha-se, a prática era menos bárbara.

Houve também preocupações com os touros. Uma matéria publicada no *Correio Paulistano*, em 1874, condena o mau trato dos homens para com os animais. Para o autor, o sofrimento do gado já era suficiente "para julgar a moralidade do espetáculo",[32] lamentando que "o sangue pode como o vinho embriagar a multidão". As touradas, assim, eram apresentadas como incompatíveis com o mundo civilizado.

Vejamos outro posicionamento publicado em *A Província de São Paulo*, em outubro de 1877, às vésperas da inauguração de um novo touril na cidade: "Lastimando tão infeliz ideia, escrevemos estas linhas unicamente para despertar a atenção da imprensa sobre esta novidade que, se hoje é uma simples tourada, mais tarde, a ser aceita, será prova de nosso atraso".[33]

Esse mesmo autor, dias depois da inauguração do curro, é categórico: "para a capital, esta data, de triste recordação, será o marco miliário de seu retrocesso".[34] Para ele, São Paulo deveria acolher a ideia de civilização, e não um espetáculo bárbaro, que ainda rivalizava, de forma incompreensível, com teatros e concertos. Ele lembra que a prática fora proibida pela Câmara, somente sendo autorizada graças ao empenho de Aragon, que mobilizou interesses financeiros. A seu ver, traíra-se o espírito público.

Tratar-se-ia de um contrassenso um governo que diz pensar na educação pública autorizar a realização das corridas, mesmo com animais embolados, uma estratégia que, segundo o seu olhar, em nada reduzia a crueldade para com o touro e para com o público. Sua frase final descortina definitivamente sua expectativa de civilização: "Já temos as touradas; não

31 Um exemplo: DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, 9 jun. 1869.

32 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 8 mar. 1874.

33 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 27 out. 1877.

34 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 12 nov. 1877.

será, pois, de estranhar que forme-se uma associação para nos divertir com congadas e assim nos fazer passar verdadeiras horas africanas".[35]

A questão era de padrão civilizacional, ligado ao que se podia esperar de um país que deveria se pretender moderno. Não surpreende que compare as criticadas touradas com as elogiadas corridas de cavalo ("pelo grande benefício que daí resulta à província pelo melhoramento da raça cavalar"[36]) e com a patinação (uma "verdadeira ginástica, tão necessária ao desenvolvimento das forças físicas").

Em janeiro de 1878, outro cronista critica as touradas: "Ora bravo! Agora sim, vai servindo este circo; já se viu sangue e talvez logo apareçam intestinos dilacerados e mortes. Assim começa a servir, já diverte".[37] O cronista segue descrevendo o prazer do público ao ver um touro atingir um toureiro. Para ele, o espetáculo lembrava as antigas execuções, quando os assistentes se deleitavam com o sofrimento alheio. Ao final, ironiza: "Parabéns aos senhores vereadores que, arcando com as ideias da época, revogaram a postura que proibia este divertimento".

Essas posições, de fato, eram minoritárias. O próprio autor das missivas de 1877 se indignava com o fato de a imprensa não tomar uma posição contrária contundente. Aliás, no mesmo dia em que publicou sua segunda crítica, numa coluna ao lado, outro jornalista comenta a falta de emoção do espetáculo. A expectativa era exatamente oposta: "Para outra vez talvez tenhamos a ventura de trazer aos leitores a narrativa de alguma cena horripilante, fúnebre, sanguinolenta. Está nisso a tourada".[38]

Uma síntese do debate pode ser prospectada na crônica de Don Gigadas el Chico, que narra uma visita ao curro com um amigo espanhol. O diálogo entre eles recria as posições a favor e contrárias à prática. O posicionamento majoritário era de que as touradas não eram mesmo um divertimento bárbaro, mas sim uma celebração dos embates entre o homem e a natureza, uma forma de desenvolver a "energia do caráter, fortificando o corpo, adestrando o músculo".[39]

Assim, mesmo que houvesse críticas, o espetáculo era por muitos aguardado com ansiedade.

35 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12/11/1877, p. 3.

36 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 27/10/1877, p. 2.

37 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 3/1/1878, p. 2.

38 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12/11/1877, p. 3.

39 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 29/3/1887, p. 3.

Com a autorização concedida, mesmo que de forma controvertida, teve início, no largo dos Curros, a construção da praça de touros. Frente à notícia de que a instalação seria inaugurada em 4 de novembro de 1877, comenta um jornalista do *Correio Paulistano*: "É uma novidade atraente e uma propícia oportunidade de regalo para os que procuram ser abalados pelas fortes e vivas sensações que provocam os exercícios de circo".[40]

O cronista do *Diário de São Paulo* também celebra com ironia: "Mas o povo que foge do S. José, não pode morrer de tédio; damos-lhe para conforto três altas novidades que andam por aí viajando nos boatos correntes: a próxima inauguração de um circo de touros, a volta da Fênix e quem sabe? A volta d'el rei... d. Sebastião. A los toros! ...e viva a arte!".[41] Já o jornalista de A Província de São Paulo é mais cauteloso: "A experiência dirá se os paulistas estão dispostos a aceitar esse gênero de diversão importado do estrangeiro".[42]

Os paulistanos tiveram que esperar um pouco mais. Os toureiros contratados atrasaram por participarem de uma sessão beneficente organizada pelo Clube Tauromáquico do Rio de Janeiro.[43] Finalmente, em 11 de novembro de 1877 se inaugura o Grande Circo de Touros no Largo dos Curros, com execução solene do Hino Nacional. A experiente equipe tauromáquica estava completa, inclusive com os forcados.[44]

Houve uma grande preocupação de deixar claro que o espetáculo fora autorizado pelas autoridades. Além disso, explicitava-se: "é expressamente proibido a qualquer espectador saltar à praça, salvo só depois de terminar o espetáculo". Os bilhetes foram vendidos pelos preços que perdurariam no decorrer do século: 2$000 o mais caro e 1$000 o mais barato, similar ao de outras diversões públicas.

A expectativa era grande, a afluência de público foi notável (os jornais estimaram em torno de 3.000 pessoas), mas ocorreu algo que se tornou comum nos primeiros meses dessas touradas paulistanas melhor

40 CORREIO PAULISTANO, 26/10/1877, p. 2.

41 DIÁRIO DE SÃO PAULO, 4/11/1877, p. 2.

42 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 25/10/1877, p. 2.

43 DIÁRIO DE SÃO PAULO, 4/11/1877, p. 4. Para mais informações sobre o clube, ver Melo e Baptista (2013).

44 CORREIO PAULISTANO, 10/11/1877, p. 4.

estruturadas: decepção com o espetáculo, inclusive devido à inadequação dos animais. Isso era um problema para a manutenção da prática, pois, com a adoção de um formato empresarial, a assistência tinha que ser satisfeita para que comparecesse nas funções seguintes.

Vale lembrar que as touradas se inseriam numa cidade que diversificava sua estrutura de entretenimentos. O público se dividia entre o Rink, o Teatro de São José, o Hipódromo Paulistano, o Jockey Club e o Circo Casali, entre outros. Não surpreende que no anúncio das segundas corridas ressaltasse o organizador:

> AO RESPEITÁVEL PÚBLICO
> Em virtude de no dia 11 a corrida não ter deixado o público completamente satisfeito, pela falta de bravura dos bois, a Empresa, desejando satisfazer aos concorrentes deste espetáculo, tem lançado mão de todos os meios ao seu alcance para achar gado de excelente condição, a fim de oferecer uma BRILHANTE FUNÇÃO.[45]

Na verdade, foi bem tumultuado o evento inaugural. Em função do grande número de interessados, a arena ficou lotada e muita gente com ingresso não conseguiu entrar. O empresário foi acusado de vender bilhetes em excesso. A revolta do público mal foi contida pela força policial: as portas do redondel foram destruídas, funcionários agredidos, as famílias se retiraram frente à turba.[46]

A despeito das promessas, os problemas continuaram no evento de 18 de novembro. Foram ainda mais graves os conflitos entre "paisanos e praças, de que saíram feridas e contusas várias pessoas". O jornal criticou os "desordeiros e insubordinados que lançando mão da violência sacrificam a paz e a tranquilidade pública".[47] O fato é que o público, indignado com a má qualidade do espetáculo, protestou veementemente e destruiu uma parte do curro, sendo controlado por uma força policial despreparada para agir em casos como esses.

Para o *Diário de São Paulo*: "Foi um completo fiasco, repetimos, o divertimento de domingo".[48] Também registra o tumulto entre a "força pública e o povo", minimizado pela ação do subdelegado, capitão Francisco de Paula

45 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 16 nov. 1877.

46 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 16 nov. 1877.

47 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 20 nov. 1877.

48 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 20 nov. 1877.

Xavier de Toledo, que chegou a agir contra os próprios soldados por sua violência. A balbúrdia foi generalizada, os conflitos foram múltiplos, inclusive com insubordinação dos agentes.[49] Esse fato repercutiu por semanas, com setores da sociedade cobrando do chefe de polícia que punisse os responsáveis pelo desacato.[50]

Os tumultos claramente se relacionavam às iniciativas de organização da esfera pública em um momento em que os novos costumes estavam se consolidando. Tratava-se de uma ideia relativamente recente na capital: "a formação cada vez mais clara da *res publica* que deve ser garantida pela administração e respeitada pela população" (TORRÃO FILHO, 2006, p. 151). Público e força policial aprendiam a lidar com a nova dinâmica social, um processo que teve similaridades com o que se passou em várias cidades brasileiras.

Com tanta turbulência, Aragon desiste do negócio, adquirido por um novo empresário, que contrata novos toureiros, muda o fornecedor de animais e anuncia para 2 de dezembro de 1877, em letras garrafais: "GRANDE CIRCO DE TOUROS – LARGO DOS CURROS – EXTRAORDINÁRIO ESPETÁCULO".[51]

Anunciada como uma homenagem ao aniversário de d. Pedro II, que, aliás, não apreciava e nunca esteve numa corrida de touros,[52] a programação sugeria que haveria uma "alta novidade": a atuação de mme. Julia Rachel, que já se apresentara em Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Prometiam-se, nos intervalos, números cômicos e musicais sob a responsabilidade do palhaço Joaquim Capitão.

Causou alvoroço a *performance* de mme. Rachel. Chamava a atenção uma mulher desempenhar funções públicas tão ousadas, consideradas tipicamente masculinas. Antes mesmo de oficializar-se sua apresentação, sugeria-se em *A Província de São Paulo*: "Andam por aí a dizer tanta coisa da próxima corrida! Uns, que os pegadores propõem-se a fazer maravilhas;

49 Uma minuciosa descrição desses acontecimentos se encontra em: A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 20 nov. 1877.

50 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 25 nov. 1877.

51 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 1 dez. 1877. A mudança de empresários ocasionou alguns problemas em função dos contratos assinados. Por exemplo, José Barros, responsável pelo estabelecimento que fornecia bebidas e comidas ao público, contestava sua substituição já que assinara com Aragon por um ano (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 31 jan. 1878.). Esses debates são um indício de que havia certa complexidade no negócio das touradas, uma das razões da dificuldade de sua conformação em algumas cidades.

52 Sobre a não relação da família real com as touradas, ver Melo e Baptista (2013).

outros, que aparecerá uma amazona que há de mostrar para o que serve uma saia. Queremos ver isso".[53]

O *Correio Paulistano* ironizou: "Como é lá isso? Uma mulher toureando! Se a moda pega... É verdade que os touros de casa costumam ser mansos. Contudo, a coisa dá que pensar".[54] No *Diário de São Paulo*, uma breve nota dá uma noção da expectativa: "Rapaziada, vamos ver mme. Rachel meter farpas de fogo em um bravio touro. É hoje o dia em que pela primeira vez aparecerá em público esta heroína".[55] *A Província de São Paulo* exalta: "Estreia hoje na praça de touros [...] uma valorosa dama. [...]. Decididamente a empresa quer abarrotar-nos de novidades".[56]

Ainda que, segundo os jornais, o evento não tenha sido dos melhores – uma parte dos touros era de má qualidade e o cavalheiro era inábil, chegando a ser lançado ao chão, pelo que foi "aplaudido com grande vaia da multidão"–,[57] um cronista sugere que as corridas poderiam ter sucesso, já que "o nosso público é apreciador de tais divertimentos".

Rachel foi elogiada por sua atuação. Um leitor, que assina como Palafox, chega a ironizar que foi melhor do que o cavaleiro: "Mira, pícaro caballero. Si vuelves a caer, rompo-te l'alma – Caramba! Que hombre! No ves que hasta una dama te vá dar leciones de cabaleria?".[58] Posteriormente, a toureira surpreenderia por sua coragem, mesmo nos acidentes nos quais se envolveu.

Nessa iniciativa, percebe-se a tentativa de aperfeiçoamento dos espetáculos, inclusive com a diversificação das "sortes" (técnicas de tourear). Além disso, aumenta-se a expectativa com os touros: "Dizem que os bois de hoje vão fazer diabruras, porque são uns bichos de má entranhas".[59] Assim, as corridas de 8 de dezembro parecem ter sido o primeiro sucesso da prática na capital paulistana: "[...] o divertimento agradou aos espectadores que deram significativas mostras de satisfação aplaudindo os trabalhos dos vários artistas".[60]

53 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 29 nov. 1877.

54 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 30 nov. 1877.

55 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 2 dez. 1877.

56 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 4, 2 dez. 1877.

57 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 4 dez. 1877.

58 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 4 dez. 1877.

59 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 8 dez. 1877.

60 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 11 dez. 1877.

Como os touros seguiam sendo um problema – não havia no Brasil criação de gado com características adequadas para as corridas, uma das saídas era dar notoriedade a um animal reconhecido (ou assim apresentado) pela ferocidade. Esse era o caso do "afamado Boi Amarelo de Jacareí", descrito como "brioso e nunca vencido animal".[61] Quando esse animal aparecia na programação, tomava lugar dos toureiros nos anúncios; os amantes das touradas aguardavam com ansiedade sua *performance*.

Até mesmo por essa peculiaridade, os espetáculos tauromáquicos eram irregulares; alternavam-se bons e maus eventos, corridas com grande público e outras com arquibancadas vazias. A legislação estabelecia limites, os empresários testavam essas imposições. Em dezembro se instituiu, de forma ainda tímida e bem controlada (com inscrição prévia), uma modalidade que já era muito comum e tinha muito sucesso nas outras cidades, o "touro para curiosos", em São Paulo chamada de "boi para amadores": se oferecia um animal para que alguém da plateia enfrentasse à busca de algum prêmio.[62]

Mesmo com essas deficiências, sempre havia expectativas ao redor das corridas. Assim um cronista celebra a nova temporada de 1878: "O entrudo e o carnaval, que rivalizaram de insipidez, em dias da semana passada; a volta da companhia dramática do sr. Guilherme da Silveira, e a reabertura da praça de touros, são motivos justificativos de um folhetim".[63]

Em março de 1878, depois de dois meses sem touradas, uma nova companhia, dirigida pelos irmãos ituanos Martins, se instala na cidade, sem lograr, todavia, grande sucesso. Para um cronista, os espetáculos só tiveram algum público por se tratar de um momento em que houve queda na oferta de diversões: "Este gênero de divertimento tem, em geral, estado abaixo do que era para desejar, atendendo, porém, a que as companhias líricas, dramáticas ou de zarzuelas nos abandonaram de vez, que os touros sirvam de expansão aos ávidos de distrações públicas".[64]

Tendo encontrado dificuldades financeiras, logo o negócio mudou de mãos, causando uma vez mais alguns problemas para os contratados. Uma notícia dá-nos conta de que havia mesmo muitos envolvidos com o espetáculo: "Francisco C. Mesa convida aos trabalhadores do Circo de Touros, que ainda não foram pagos de seus jornais, para uma reunião que terá lugar na casa do anunciante, à travessa do Rosário, n. 21, baixos, no dia 13 do corrente, às 11 horas da manhã".[65]

Um problema mais ainda ocorreu. Em abril de 1878, a Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo resolve enfatizar: "Artigo único. A lei provincial n. 31, de 7 de maio de 1877, é extensiva em todas as suas disposições às companhias que exibirem em circos as corridas de touros, revogadas as disposições em contrário".[66] Isto é, estava de novo proibida a realização de touradas.

Em meio a esse quadro desolador para os amantes da prática vai desembarcar na cidade um determinante personagem: Francisco Pontes.

PARA "SATISFAZER AS EXIGÊNCIAS DOS AMADORES DAS TOURADAS": FRANCISCO PONTES

Frente à proibição do legislativo, uma vez mais interviu o executivo, com a mesma estratégia de permitir a realização das touradas caso os animais estivessem embolados.[67] Assim, em junho de 1878, desembarcou em São Paulo aquele que seria o grande nome das touradas paulistanas, repetindo um sucesso e uma notoriedade que já conseguira no Rio de Janeiro e em Porto Alegre: Francisco Pontes. Além de excelente toureiro, ele dominava todos os segredos do espetáculo tauromáquico, conhecia como ninguém a necessidade de adequá-lo à nova dinâmica das cidades.

O toureiro trouxe sua trupe completa, já famosa na Corte. A assistência recebia total atenção. Pontes dizia esperar "merecer de um público tão ilustrado como o desta capital, a mesma benevolência com que tem sido acolhido nas principais praças da Europa e ultimamente do Rio de Janeiro".[68] Pela primeira vez em São Paulo se instituiu o modelo de "sol e sombra" para dividir os locais mais baratos e mais caros da arena. O empresário definitivamente apresentou à cidade um modelo bem estruturado de touradas.

61 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 15 dez. 1877..

62 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 30 dez. 1877.

63 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 10 mar. 1878.

64 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 2, 18 abr. 1878.

65 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 3 maio 1878.

66 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 11 abr. 1878.

67 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 22 jun. 1878.

68 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 22 jun. 1878.

Mesmo com algumas ressalvas à qualidade dos animais, o espetáculo inaugural foi um sucesso.[69] Os toureiros em geral foram elogiados, e o líder da trupe mereceu muitas reverências: "A agilidade, a perícia e a galhardia com que se houve Pontes justificaram plenamente a fama que o precedeu nesta capital". Para o cronista, a companhia, enfim, tinha condições de "satisfazer as exigências dos amadores das touradas".[70]

Pontes sabia bem como criar novos fatos para atrair o público. Empenhava-se em apresentar suas diversificadas atrações. "Grande, alta e pomposa novidade":[71] frases como essa eram constantes nos anúncios de sua companhia, que transitavam entre os autoelogios às habilidades da trupe e a busca de comover os leitores para que comparecessem ao espetáculo.

Nem sempre se manteve o alto interesse pelas corridas: "A de domingo, apesar de ser em benefício do intrépido bandarilheiro Pontes, não conseguiu atrair à praça do Campo dos Curros se não uma diminuta concorrência, o que foi de lastimar, pois a nosso ver foi talvez a melhor das touradas que houve até hoje nesta capital".[72] Quando isso ocorria, Pontes sacava uma carta da manga e reacendia a curiosidade.

Uma de suas estratégias já se tornara comum no Rio de Janeiro: a organização de corridas beneficentes. Em agosto de 1878, por exemplo, a função foi dedicada às "vítimas da seca nas províncias do Norte". Parte da arrecadação, os honorários de um dos cavaleiros (Leite Vasconcelos) e o resultado de um leilão de um touro foram destinados à causa.

Esse tipo de iniciativa tinha diferentes intuitos. Demonstrava que os toureiros não eram brutais, mas sim gente que se sintonizava com as necessidades públicas, que "não é indiferente às desgraças",[73] como disse certa vez o diretor. Além disso, atraia antigo e novo público, que se estimulava a comparecer ao redondel para contribuir com o intuito anunciado, bem como autoridades desejosas de explicitar seu envolvimento com temas nobres. Mais ainda, como Pontes tinha ligações com questões políticas, os eventos

69 Na temporada, Pontes encontrou dificuldades com a qualidade do gado. Chegou a usar o "terrível" Boi Amarelo de Jacareí, sempre requisitado quando se esperava mais emoção das corridas. A atração, todavia, parecia estar decadente. Logo uma novidade surgiria: o Touro Preto de Cupim.

70 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 9 set. 1878.

71 DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 2 ago. 1878.

72 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 20 ago. 1878.

73 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 23 ago. 1878.

beneficentes eram ocasiões em que manifestava sua vinculação a determinadas causas (como, por exemplo, a abolição da escravatura).

Em setembro, Pontes usa outra arma de seu arsenal: ofereceu um boi para ser lidado por amadores pertencentes à classe caixeiral, que, como no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, se envolviam costumeiramente com a prática, provavelmente por ser grande o número de portugueses que atuavam no comércio nas três cidades.[74] Essa era uma forma de ampliar participação do público. Isso também ocorria por meio de sorteios ou com atrações como o "mastro cocagne", um pau do sebo com prêmios no topo, disponível para aqueles que se dispusessem a escalá-lo.[75]

O mês de outubro de 1878 trouxe o anúncio de que a companhia tauromáquica se despediria de São Paulo, mas as novidades não paravam. Para a sessão do dia 27, previram-se duas atividades que se tornariam comuns quando o campo esportivo estivesse organizado na cidade. Uma delas foi uma "corrida de homens a pé",[76] a ser disputada pelo "afamado e bem conhecido primeiro corredor desta capital Francisco da Costa, e o não menos ágil corredor argentino, que pela 1ª vez corre nesta praça, d. Manoel Alça Lembranno". Além disso, completava o programa uma disputa de cavalos, com a qual a população já estava acostumada por causa do Club de Corridas Paulistano.

Essa atividade foi transferida para novembro por causa do mau tempo, mas as touradas estavam mesmo próximas de serem interrompidas. Pontes deixou saudades quando partiu.

O RETORNO DE PONTES

Depois das experiências dos anos de 1877/1878, as touradas sumiram da capital por anos, e provavelmente o motivo principal tenha sido mesmo a falta de alguém que conseguisse promover com sucesso o complexo e custoso espetáculo. Durante a maior parte da década de 1880, nos jornais pouco das corridas de touros aparece, somente notícias de eventos realizados em muitos municípios do interior, na Corte ou no exterior.

74 Em São Paulo viviam muitos portugueses (Klein, 1995). Em 1895, eles eram quinze mil entre os cerca de 130 mil habitantes que possuía a capital (Bruno, 1954).

75 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 19 set. 1878.

76 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 25 out. 1878.

Eventualmente surgia alguma especulação de que seriam novamente realizadas em São Paulo, normalmente quando se criticava a falta de opções de entretenimento na cidade. Concretamente, só quase nove anos depois teve início uma nova temporada, em março de 1887, sob a responsabilidade de um velho conhecido: Francisco Pontes, que no antigo largo dos Curros, já renomeado para largo Sete de Abril, montou seu Circo Tauromáquico.[77]

O redondel estava lotado por ocasião da inauguração. Pelo olhar do jornalista, foi bom o espetáculo, muito apreciado pelo público.[78] Como sugere Don Gigadas el Chico: "O povo compraz nestes divertimentos que abalam-no e sacodem-no em suas fibras. Como sempre, a gritaria foi grande, mas dizem que não chegou a algazarra. Deram-se as competentes vaias, e choveram ditos mais ou menos picantes".[79]

É interessante observar a nova segmentação dos ingressos, vendidos na Casa Garraux, uma das mais importantes livrarias de São Paulo, e no luxuoso café Terraço Paulista: camarotes com 5 lugares a 12$000, entrada de sombra a 2$000, espaço especial para família a 2$000, bilhete de sol a 1$000 e para crianças e militares sem graduação a $500. Claramente o intuito era alcançar um número maior de interessados, aos quais, aliás, era franqueada a presença na embolação dos touros e em visitas para conhecer o touril.

Pontes continuava sendo uma grande atração, reverenciado e aplaudido por público e imprensa. A trupe de toureiros era também elogiada, e persistiam os problemas com a qualidade dos touros. A novidade foi a ampliação da participação de amadores, alguns até mesmo integrando a companhia, como José Alves Rolo e Pedro Cancio Pontes, alcunhado Doduca. O "touro dos curiosos" foi também mais comumente oferecido. Por vezes essa parte do espetáculo era chamada de "tourada popular".[80]

Como ocorrera anteriormente, Pontes apresentava com grande alarde suas atrações. Para as provas de 10 de abril, por exemplo, programou a exibição de um novo animal feroz, a vaca Tribilontrina, e uma "atraente e assombrosa novidade", a toureira mme. Josephina Baggossi, chamada de "Rainha das Andarilhas e das Toureadoras",[81] definida com adjetivos na ocasião mais comuns aos homens: ágil, veloz, intrépida, forte, corajosa. Na

77 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 16 mar. 1887.

78 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 22 mar. 1887.

79 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 22 mar. 1887.

80 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 3 abr. 1887.

81 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 10 abr. 1887.

verdade, os jornais consideraram que ela "produziu um incontestável efeito plástico, mas não conseguiu tourear".[82]

Como vimos, não foi a primeira vez que uma toureira atuou em São Paulo. No mesmo mês, aliás, outra vez se destacou a participação de uma cavaleira, "da arrojada heroína nacional Maria de Aguiar Barbosa", que teria arrancado "os mais delirantes e frenéticos aplausos".[83] Nessa temporada, ainda atuaria "a corajosa e bem conhecida amadora Anna Angelica do Espírito Santo, natural de Taubaté".[84] Devemos também citar a presença frequente do público feminino nas arquibancadas, onde progressivamente se tornaram parte importante do espetáculo. Definitivamente essas mulheres estavam à frente de seu tempo, marcando seus nomes na história.

Nessa temporada, houve também uma novidade que somente encontra-se igual em Porto Alegre, onde eram bem atenuadas as críticas às corridas: "oito valorosos meninos, vestidos a caráter", formando "um grupo de capinhas e forcados, para bandarilhar, capear e pegar à unha um bravíssimo tourinho". De fato, esse é mais um indicador de que não eram tão intensas as resistências à prática na capital paulistana daquele momento.

Não tardaria para Pontes, como de costume, organizar touradas beneficentes. Por exemplo, as provas de 1º de maio de 1887 foram dedicadas à Santa Casa de Misericórdia, que recebeu "metade do produto total do preço de costume e todas as esportulas que se dignarem enviar".[85] Entre as corridas dessa natureza, vale destacar as que tinham relação com uma causa com a qual Pontes sempre esteve envolvido e que era candente na época: a libertação de escravos.[86]

Já o espetáculo em benefício da Sociedade Portuguesa de Beneficência, realizado em 12 de junho,[87] merece destaque pela grande participação de amadores da classe caixeiral, inclusive sócios do Congresso Ginástico Português e do Real Clube Ginástico Português, agremiações que originalmente foram fundadas no Rio de Janeiro, mas que estavam também estabelecidas em São Paulo.

82 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 1, 19 abr. 1887.

83 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 19 abr. 1887.

84 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 24 mar. 1888.

85 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 1 maio 1887.

86 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 24 mar. 1888. No decorrer da temporada, vários foram os cativos libertos.

87 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 12 jun. 1887.

Dentro da estratégia de Pontes de diversificar o espetáculo, como na temporada anterior houve programas com competições esportivas, como corridas a pé e a cavalo. Promoveu-se pela primeira vez uma prova de luta romana, entre o "intrépido Hércules italiano Vicente Braco" e o "valente português José da Silva Capeta". Além disso, anunciou-se:

> GRANDE E ADMIRÁVEL NOVIDADE! NOVIDADE UNIVERSAL! A DESTEMIDA E VALENTE PORTUGUESA (MINHOCA) MARIA JOSÉ RODRIGUES se apresentará na arena para uma luta romana, e desde já convida qualquer pessoa de seu sexo que queira ganhar um valioso premio a qualquer aposta, si a vencerem.[88]

Nesse desafio, a lusitana acabou derrotada pela toureira Maria Barboza, que no evento seguinte enfrentou e foi derrotada pela italiana Jonita da Rosa.[89] Essa última enfrentou outra brasileira, Maria da Conceição.[90] Causava impacto as cenas de mulheres se agarrando no redondel.

O circo de touros, de fato, transformou-se num grande complexo de entretenimento. Por vezes, os touros eram o menos importante na programação. Um exemplo é o evento de 8 de dezembro de 1887. A Companhia Equestre de Paulo Serino apresentou os mais distintos exercícios ginásticos e acrobáticos.[91] Houve outros números similares, como as exibições de força de Maximo Rodrigues, alcunhado "Sansão do século XIX".[92]

Essa diversificação tinha relação tanto com a mais intensa dinâmica pública quanto com a necessidade de manter ativa a praça de touros: buscava-se sintonizá-la com as novidades em curso na cidade. Vale dizer que em alguns eventos programaram-se apresentações do silforama (espécie de lanterna mágica).

Alguns espetáculos, aliás, foram realizados a noite, aproveitando:

> [...] uma grande e admirável máquina de luz elétrica, que iluminará todo o circo, e, para quando se retirarem os amadores que se dignarem assistir à festa *non plus ultra*, mudar-se-á para fora do circo a brilhante luz elétrica, iluminando assim o vasto e aprazível largo Sete de Abril e suas circunvizinhanças.[93]

88 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 5 nov. 1887.

89 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 19 nov. 1887.

90 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 26 nov. 1887.

91 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 7 dez. 1887.

92 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 18 fev. 1888.

93 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 18 fev. 1888.

Essa temporada, mesmo com altos e baixos, logrou mais sucesso e contou com maior e mais regular público (muitas funções tiveram mesmo lotação máxima). Também foram muitos os elogios à organização e à qualidade dos toureiros. Excluindo um breve intervalo, no mês de agosto de 1887, as corridas se prolongaram até março de 1888, nessa segunda fase com Pontes mais distante, como toureiro atuando em poucos espetáculos. No anúncio do último evento, agradeceu o famoso bandarilheiro:

> [...] serve-se deste meio para patentear a sua gratidão às ilustradas redações, ao benévolo público em geral e aos seus amigos em particular, agradecendo-lhes o bom acolhimento e as finezas do que se considera devedor, oferecendo-lhes o seu limitado préstimo na Corte, onde vai inaugurar seus espetáculos. A todos, pois, um saudoso aperto de mão, de amigo agradecido.[94]

Em janeiro de 1889, Pontes ainda voltou à cidade, promovendo os espetáculos em um novo espaço, o Colyseu Paulistano, que tinha capacidade para 6000 espectadores.[95] Durante algum tempo foi também utilizado o Polytheama Paulista. Essa seria mesmo sua despedida. Uma vez mais deixaria saudades.

À GUISA DE CONCLUSÃO: A CIDADE E AS TOURADAS NA TRANSIÇÃO DOS SÉCULOS XIX E XX

Na década final do século XIX, a capital paulistana seguiu crescendo e diversificando sua estrutura urbana. No folhetim do *Correio Paulistano*, que a essa altura já se apresentava como "órgão republicano", essas mudanças são registradas: "A vida urbana de São Paulo é hoje tão ampla, tão variada em seus tons e tão intensa, que fatos de suma importância vivem apenas um momento na opinião pública".[96] O cronista observa que: "A vida popular, o rumor do comércio, dos clubes, da imprensa, das corridas, dos teatros, dos circos, das touradas, da bolsa, dos bancos, absorveu em si a velha cidade".

No Rio de Janeiro e em Porto Alegre esse foi o momento de maior popularidade das corridas. Já em São Paulo, as temporadas eram esporádicas, talvez até mesmo porque a cidade passava por transformações muito rápidas.

94 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 24 mar. 1888.

95 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, p. 3, 18 jan. 1889.

96 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 18 mar. 1895.

Em maio de 1891, houve uma tentativa de organizar touradas no Polytheama Paulista.[97] À frente da iniciativa se encontravam Joaquim da Rocha Ferreira e Alfredo Gomes Branco, que convocaram o público lembrando o nome do famoso toureiro. Informaram que ao contratar a equipe tauromáquica preferiram "os que formaram parte da trupe do celebre sr. Pontes e no qual acha-se o estimado bandarilheiro Lourenço Delgado".[98]

Frente aos deficientes resultados financeiros, o negócio foi vendido para José Vianna, que transformou o antigo teatro em um completo circo de touros e tentou trazer diferentes companhias tauromáquicas para incrementar a prática.[99] Uma vez mais a temporada não teve grande sucesso.

Em 1892, o Teatro Minerva chegou a acolher algumas corridas.[100] Nesse mesmo ano, a Intendência Municipal, na ocasião presidida por Cesario Ramalho da Silva, indefere o pedido de Francisco Navarro para instalar uma arena no largo do Arouche.[101] Ao final do ano, entretanto, é construído um novo redondel na rua do Ipiranga, como era chamada a atual 24 de maio na altura da Estação da Luz.[102]

Em janeiro de 1893 começou a funcionar o Coliseu Paulista para oferecer as touradas à população. Conseguimos saber pouco sobre esse espaço. As notícias eram bem modestas, e anúncios não eram publicados com constância. De toda forma, percebe-se que o estabelecimento funcionou com regularidade durante alguns meses, no início de 1893, e de forma intermitente até 1894. Em 1897, houve ainda uma nova tentativa, também sem grande continuidade: o "Circo Tauromáquico" na rua Piratininga, no Brás.[103]

De fato, não é possível afirmar que as corridas de touros tiveram grande sucesso na capital paulistana, ainda que tivessem logrado alguns êxitos. As touradas foram no Brasil proibidas em 1934. No Rio de Janeiro, isso ocorreu em 1907. Em Porto Alegre, foram realizadas até o último ano possível. Em São Paulo, não encontramos referências da promoção desses espetáculos depois de 1912, quando uma sessão foi organizada no Teatro

97 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 10 maio 1891.

98 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 3, 23 maio 1891.

99 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 30 ago. 1891.

100 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 4, 19 mar. 1892.

101 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 12 jul. 1892.

102 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 1, 30 dez. 1892.

103 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 2, 11 jul. 1897.

Cassino, de Afonso Segreto.[104] Foi mesmo pequeno o número de eventos tauromáquicos organizados na primeira década do século XX, no Recreio Tauromáquico Paulistano, numa praça de touros na praça da República e em alguns teatros.

O caso de São Paulo nos permite ampliar nossas reflexões sobre as peculiaridades da adesão à ideia de modernidade por meio de práticas esportivas e de entretenimento em geral. As touradas nos ajudam a entender o cenário de transição.

Em cidades que se urbanizaram mais rapidamente, as touradas se consolidaram, mas também passaram a ser mais criticadas, como ocorreu no Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, a peculiaridade do diálogo com as ideias de modernidade ajuda a entender que isso não tenha ocorrido (KARLS; MELO, 2013). São Paulo parecia estar no meio do caminho. Urbanizava-se e se modernizava sim, mas não tão veloz a ponto de colocar em xeque as touradas, nem de ter uma ambiência em que elas pudessem se manifestar de forma mais forte no cotidiano.

Quando esse quadro se delineou, as corridas já eram tidas por muitos como anacrônicas, em função das iniciativas de civilização da cidade. Assim sendo, uma vez mais não prosperaram na capital paulistana que definitivamente se pretendia moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. São Paulo, formosa sem dote? In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*: memórias, depoimentos, evocações. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 1-78.

BORGES U. M. Os folhetinistas, conselheiros das moças e cronistas da cidade. *Tema*, São Paulo, n. 58, p. 6-29, jun.-dez.2011.

BORREGO, M. A. M. *A teia mercantil*: negócios e poderes em São Paulo colonial: 1711-1765. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) –, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BRUNO, E. S. *História e tradições da cidade de São Paulo:* arraial de sertanistas: 1554-1828. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CAMPOS, E. Ecos paulistanos da vinda da Família Real para o Brasil. *Informativo do Arquivo Histórico Municipal*, São Paulo, ano 3, n. 17, mar.-abr. 2008.

CAPUCHA, L. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 5, p. 147-165, 1988.

104 CORREIO PAULISTANO, São Paulo, p. 8, 22 jun. 1912.

COSTA, M. S. *Práticas de diversão dos estudantes da Academia Jurídica no processo de urbanização de São Paulo : 1867-1878. São João del-Rei, 2012. Dissertação (Mestrado)* –, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João del-Rei.

DIAS, M. H. O *Diário de São Paulo* como fonte. In: VIDAL, D. G.; SOUZA, M. C. C. C. (Orgs.). *A memória e a sombra*: a escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 21-31.

FREHSE, F. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: EdUSP, 2005.

KANTOR, I. Festas públicas e processo colonizador: as festas de comemoração da conquista do Tibagi na segunda metade do século XVIII. *Politeia*: História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 165-177, 2008.

KARLS, C. E.; MELO, V. A. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 18, n. 1, p. 352-363, jan.-abr. 2014.

KLEIN, H. S. A integração social e económica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. *Análise Social*, Lisboa, v. 28, n. 121, p. 235-265, 1993.

LEME, L. G. S. *Genealogia paulista*. São Paulo: Duprat & Comp., 1905.

MARTINS, A. L., LUCA, T. R. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

MELO, V. A. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 365-392jul./dez. 2013.

MELO, V. A.; BAPTISTA, P. D. *Sol e sombra*: touradas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Relatório de pesquisa.

MONTEIRO, A. V. O. M. Registros da História: as touradas de Taubaté. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA, 25., 2011, Lorena. *Anais...* Lorena: Unisal, 2011.

RAGO, M. A invenção do cotidiano na Metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo: 1900-1950. In: PORTA, Paula. (Org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 387-436.

ROLNIK, R. São Paulo, início da industrialização: o espaço é político. In: KOWARICK, L. (Org.). *As lutas sociais e a cidade:* São Paulo, passado e presente. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

SALGADO, I. Profissionais das obras públicas na província de São Paulo na primeira metade do século XIX: atuação no campo da engenharia civil. *Histórica:* Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo, n. 41, abr. 2010.

SZMRECSÁNYI, T. *História econômica da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

THALASSA, A. *O* Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna: o jornal que não ladra, não cacareja e não morde. As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TORRÃO FILHO, A. Em utilidade do bem comum: usos e conflitos do espaço público em São Paulo: 1765-1775. *Politeia*: História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 149-175, 2006.

CAPÍTULO 7

As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana[1]

Coriolano Pereira da Rocha Junior
Victor Andrade de Melo

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, Salvador ocupou uma posição de destaque no Brasil. A "cidade da Bahia", em função de sua posição geográfica estratégica, fora escolhida como sede administrativa da colônia, mas a descoberta de metais preciosos nas Minas Gerais e os conflitos na região sul acabaram por determinar, em 1763, a transferência da capital para o Rio de Janeiro.

Essa mudança abalou profundamente a cidade. Leite, Rocha Junior e Santos (2010) sugerem que, no decorrer do século XIX e no início do XX, Salvador se estagnou, perdendo poder e capacidade de influência:

> [...] a Bahia, que durante muito tempo estivera na primeira ou segunda posição de maior produtora das riquezas nacionais e importância econômica, chegou ao período da nossa abordagem abaixo de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco em desenvolvimento material (p. 215).

De toda forma, mesmo que em ritmo menor do que se pode perceber em outras cidades, Salvador passou por algumas mudanças no decorrer do século XIX, inclusive em função da presença de estrangeiros que, por lá instalados, ocuparam importantes posições em diversos âmbitos.

Os ingleses controlavam o setor financeiro, as empresas de exportação e importação, bem como os serviços urbanos. Os portugueses, mesmo com a independência, seguiram chegando e se estabelecendo. Atuavam notadamente no ramo do comércio (MATTOSO, 1978), se misturando com a população local, não poucas vezes casando com brasileiras (PINHEIRO, 2011). Já os espanhóis, normalmente oriundos da região da Galícia, se mantiveram mais isolados, ainda que trabalhassem, como os lusitanos, no setor comercial (OLIVEIRA, 2002). Os três grupos também estiveram envolvidos com os primórdios da indústria soteropolitana.

Deve-se ter em conta os limites da influência desses estrangeiros. Vale lembrar que Salvador, a capital e o principal porto da província da Bahia, convivia com as lideranças políticas ligadas às atividades agrícolas, oriundas do interior, especialmente do Recôncavo Baiano, cujo poder era claramente perceptível no espaço urbano:

> [...] a cidade real ancora-se ainda e no entanto numa cidade eminentemente colonial. Tímida em suas características físicas, acanhada em sua economia urbana, dominada pelo espaço privado, gerida por precária estrutura administrativa e dependente do braço escravo para o seu funcionamento, ela é parte e condição da sociedade colonial e escravista (GOMES; FERNANDES, 1992, p. 56).

Em função dessas peculiaridades, se compararmos Salvador a algumas outras cidades, podemos perceber diferenças no que tange à adesão a ideias de modernidade. No Rio de Janeiro, já em meados dos anos 1800, houve grande entusiasmo com as novidades que vinham do continente europeu, valorizando-se as noções de progresso e civilização. Em Porto Alegre, também se pode identificar grande circulação desses ideais já na segunda metade dos Oitocentos. Em São Paulo, esse processo foi um pouco mais tardio e melhor perceptível na transição dos séculos XIX e XX. Na capital soteropolitana, isso ocorreu ainda mais tarde, tornando-se concreto somente a partir da década de 1910 (LEITE, 1996).

Estudos de Melo (2013a), Karls e Melo (2014), Pereira (2012) e Santos e Melo (2014) demonstram que a organização das touradas no Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo teve forte relação com os diferentes tempos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Como isso teria ocorrido em Salvador?

Alguns memorialistas registraram a existência da prática na capital soteropolitana, mesmo que não de forma totalmente contínua, em um período que vai do século XVI até o início do XX. Segundo Silva (1957): "a tauromaquia, antiquíssima em nosso meio, porque praticada desde os primeiros tempos [...], representou assim e durante três centúrias seguidas, o seu principal divertimento" (p. 19).[2]

1 Artigo originalmente publicado em *História & Perspectivas,* Uberlândia, v. 29, n. 54, p. 189-211, 2016.

2 Ott (1955) e Brandão (1958) também registraram a organização de touradas em Salvador.

Trata-se de importantes registros, mas também de abordagens restritas sobre o tema. Assim sendo, tendo em conta a aparente importância da prática na cidade, esse estudo tem por objetivo discutir a experiência das corridas de touros promovidas em Salvador. Argumentamos que esses eventos são indicadores de transições na dinâmica pública soteropolitana. Para alcance desse intuito, trabalhamos com obras de memorialistas e periódicos publicados na capital da Bahia no século XIX e primeira década da centúria seguinte, tendo em conta as observações e sugestões de Luca (2005) para tratar a imprensa como fonte de investigações históricas.

Entre os periódicos utilizados, destacamos três. *A Idade D'Ouro do Brasil* foi o primeiro jornal de Salvador, editado por Manuel Antônio de Castro, entre 1811 e 1823. Foi de grande importância não só por inaugurar a imprensa local, como também por registrar algo do cotidiano da cidade. A *Gazeta da Bahia* foi publicada entre 1879 e 1890. Ligada ao Partido Conservador, também dedicava alguma atenção às mudanças observáveis na capital soteropolitana. A *Revista do Brasil* circulou entre 1906 e 1912, liderada por José Alves Requião, já incorporando algumas "modernidades"; era inclusive inspirada em *O Malho*, uma das mais importantes publicações do Rio de Janeiro e do Brasil à época.

É possível perceber que, a exemplo de outras cidades, ainda que com peculiaridades, as touradas adotaram três formatos distintos no decorrer de sua história em Salvador, correspondente a diferentes períodos históricos, bem como a distintas dinâmicas públicas. Discutamos o primeiro modelo/momento.

PRIMEIRO MOMENTO: O MODELO ESTATAL

Bem precocemente registrou-se a realização de touradas em Salvador. Ao descrever o sítio principal do seu núcleo urbano no século XVI, Gabriel Sousa, em relato do ano de 1587, sugeriu: "Está ao meio desta cidade uma honesta praça, em que se correm touros quando convém" (1987, p. 134).

No período colonial, assim como em muitas cidades do Império português, em Salvador as touradas eram promovidas como parte importante da programação das festividades destinadas a comemorar datas importantes da família real ou da administração local. Segundo Silva (1957):

> [...] a tauromaquia se arraigou de forma tal em nossos costumes, integrando-se de tal jeito em nossos hábitos, que toda solenidade oficial de primeira linha, ascensões régias, desposórios principescos, assinaturas de tratado, vitórias militares, obrigavam, número alto do programa comemorativo, uma corrida de touros (p. 20).

Eram ocasiões em que se procurava conformar publicamente a hierarquia do Império, reforçando-se laços simbólicos julgados fundamentais para a sua manutenção, inclusive no que tange às relações entre a metrópole e as colônias (MELO, 2013b).

Ao analisar as festividades de despedida da infanta d. Catarina, em função de seu casamento com Carlos II (rei da Inglaterra e Escócia), realizadas em Lisboa, em 1662, Ferreira (2010) percebe que as touradas eram "praticadas pela aristocracia lusa", sendo "uma ocasião privilegiada para esse grupo social exibir não só destreza, como ostentação de riqueza pelas vestimentas e ajaezamento dos cavalos" (p. 58). Tratava-se de conformar o poder dos dirigentes por meio de dupla exibição: da pujança econômica e das proezas heroicas.

Essas festividades de 1662 foram também promovidas em Salvador, sendo inclusive organizadas touradas. O mesmo ocorreu nas celebrações realizadas, em 1760, em virtude do casamento da princesa do Brasil, d. Maria (futura rainha de Portugal), com seu tio, d. Pedro de Bragança (CONDE; MASSIMI, 2008). Segundo Silva: "durante três tardes seguidas, as de domingo, de segunda e terça-feira, que foram 16, 17 e 18 de outubro de 1760, o povo apinhado ao Terreiro vibrou de entusiasmo, palmejando os lances arriscados deste esporte sangrento e bárbaro" (1957, p. 20).

De acordo com Silva (1957), as touradas, que eram a princípio promovidas na Praça do Palácio (atual Tomé de Souza), naquele momento passaram a ser organizadas em outra importante parte da cidade, situada nas redondezas da anterior, um dos seus sítios principais à época:

> [...] construiu-se, [...], no Terreiro de Jesus, um espaçoso curro rodeado de assento para o povo, levantando-se, ainda, na Catedral, um palanque com dois andares destinado ao Primeiro Governador e à nobreza, e o segundo aos clérigos e às pessoas de distinção (SILVA, 1957, p. 20).

As corridas de touros, portanto, atraíam os populares e as elites, sendo realizadas na mais importante região da Salvador daquele momento, a Cidade Alta: "centro administrativo, político e religioso da cidade. Desde sua fundação os principais edifícios públicos e religiosos localizam-se ali" (PINHEIRO, 2011, p. 179). Antecipando o que no século XX seriam os estádios esportivos, as arenas de touradas eram um grande teatro que permitia

aos mais poderosos serem reconhecidos ao desfilar seus sinais de *status* e distinção.

Essa dinâmica pode ser observada nas festas realizadas, em outubro de 1817, para comemorar o casamento do príncipe d. Pedro de Alcântara, futuro primeiro imperador do Brasil, com a austríaca d. Carolina Josefa Leopoldina. Assim como ocorrera em celebrações semelhantes promovidas no Rio de Janeiro (MELO, 2013b), as touradas estiveram entre os espetáculos mais procurados, sendo em Salvador organizadas em um novo redondel, instalado nas proximidades do centro histórico, numa região que fora um pasto de animais e começava a ser mais ocupada por residências, na época conhecida como Campo de São Pedro, o atual Campo Grande:

> Depois de nosso reconhecimento religioso feito ao Altíssimo na Catedral, seguiram-se iluminações brilhantes, ricas e engraçadíssimas farsas por todas as ruas, cantorias noturnas e o repetido espetáculo dos touros no espaçosíssimo e magnífico curro do Forte de S. Pedro, que atraiu o maior concurso de povo que se tem visto nessa cidade.[3]

Essa praça de touros também acolheu as festas promovidas, no mesmo mês de outubro, para comemorar a aclamação de d. João VI. Percebe-se que havia uma boa estrutura de organização e um público fiel. Os administradores chegaram a solicitar que os proprietários de camarotes identificassem suas chaves, para que fossem evitados problemas de ocupação indevida.[4] Pela notícia, podemos notar que eram disponibilizados no mínimo 50 desses espaços, o que nos faz crer que não era mesmo pequena a arena.

Não era fácil, todavia, organizar as touradas com as condições da época. Os promotores tinham que dar conta de múltiplos aspectos, como, por exemplo, conseguir animais adequados. Para tal, comunicaram que ofereceriam 50$000 réis para cada touro que fosse cedido ao espetáculo, desde que recebesse aplausos do público.[5]

Esse tema é uma recorrência na trajetória da tauromaquia no Brasil, um dos elementos que dificultou a manutenção da prática no país: a dificuldade de conseguir animais com as características adequadas para garantir a emoção que a assistência esperava. De toda forma, mesmo com esse e outro empecilhos, percebe-se que os eventos tauromáquicos seguiam

3 IDADE D'OURO DO BRASIL, Salvador, p. 1, 3 out. 1817.

4 IDADE D'OURO DO BRASIL, Salvador, p. 4, 24 out. 1817.

5 IDADE D'OURO DO BRASIL, Salvador, p. 4, 10 out. 1817.

agradando a população soteropolitana naquelas décadas iniciais do século XIX, usualmente tendo que ser realizadas várias funções para atender a todos os interessados.

Não sabemos quanto tempo tal arena ficou montada, mas identificamos que cerca de um ano depois ainda acolhia espetáculos. Em outubro de 1818, anunciou-se a apresentação da Companhia de Dançarinos Ingleses, um misto de dança, teatro e acrobacia.[6] Não temos como precisar, mas é possível que se trate da Companhia Inglesa de Cavalinhos, liderada por Mr. e Mrs. Southby, a mesma que começaria a se apresentar em dezembro do mesmo ano no Rio de Janeiro (MELO; PERES, 2014).

Como também ocorrera na sede da Corte, tratava-se de um momento em que se iniciava a transição de um modelo em que a praça de touros era construída por decisão do Estado, por ocasião de datas festivas e com entradas gratuitas para a população, para outro, de caráter empresarial, em que a programação não seguia exatamente as celebrações governamentais, devendo o público interessado comprar bilhetes para assistir às funções.[7]

SEGUNDO MOMENTO: UM MODELO EMPRESARIAL

Nas cidades já investigadas e citadas (Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo), demorou algum tempo para o modelo empresarial de touradas se consolidar. Esse processo se deu *pari passu* com a estruturação de um mercado ao redor dos entretenimentos públicos, o que se relacionou mesmo com a adesão às ideias de modernidade. Em Salvador parece ter ocorrido algo similar.

Depois de extinta a praça de touros do Forte de São Pedro, ainda na primeira metade do século XIX, a cidade parece ter acolhido alguns eventos tauromáquicos. Por exemplo, vemos anunciado no *Correio Mercantil*, em 1848:

> [...] acha-se pronto o círculo para o divertimento dos touros, construído pelo diretor e toureador d. João Martins França, bem conhecido neste império por seus trabalhos; tencionando dar princípio à primeira corrida por touro, neste mês de outubro, participa ao respeitável publico que logo que cheguem os touros anunciará o dia desse trabalho, que sempre foi aplaudido em todos os lugares onde se tem apresentado.[8]

6 IDADE D'OURO DO BRASIL, Salvador, p. 4, 2 out. 1818.

7 No caso de Salvador, naqueles anos finais da década de 1810, as entradas foram vendidas na loja de José da Silva Dias, importante e politicamente ativo comerciante.

8 CORREIO MERCANTIL, Salvador, p. 3, 3 out. 1848.

É somente a partir dos anos finais da década de 1870 que se percebe uma maior atenção à prática, inclusive com a difusão de informações sobre as corridas de touros promovidas em outros países, notadamente na Espanha, eventos realizados em Madrid,[9] Sevilha[10] e Cádiz.[11] Há também anúncios de touradas organizadas em outras cidades brasileiras, como no Rio de Janeiro,[12] São Paulo[13] e Recife,[14] nesse último caso supostamente a primeira vez que ocorriam na capital pernambucana.

Uma nova dinâmica na promoção de touradas somente se consolidou a partir de dezembro de 1883. Um anúncio convocou a população para a estreia de uma companhia tauromáquica que se apresentaria em uma praça construída na rua Ferreira França.[15] O curro estava instalado no bairro Politeama, entre os Barris, o Campo Grande, o Canela e a Vitória, local próximo ao Forte de São Pedro. Essa região já estava sendo ocupada tanto pelas antigas elites, que deixavam o centro histórico em busca de local mais aprazível para viver, quanto pelos novos ricos do ramo do comércio, notadamente estrangeiros.

Liderava a iniciativa um dos grandes personagens da história da tauromaquia nacional: Francisco Pontes, misto de toureiro e empresário que atuou e se tornou reconhecido nas cidades investigadas e citadas (Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), bem como em muitas outras localidades do país. Certamente foi o mais importante artista das touradas no Brasil promovidas no século XIX, por sua capacidade de organizar bons espetáculos, por sua *performance* notável nas arenas e por ser um cavalheiro admirado por onde passava.

Como de costume, Pontes anunciou seus espetáculos com trovas que visavam criar expectativas no público:

> Quem quiser a tauromaquia admirar
> Tudo que a mesma tem de perfeição
> Não só do artista como bravos touros
> Aparece-se a gozar essa função
> Os artistas verão hão de exceder-se
> Na bravura os touros hão de espantar
> Da corrida afinal pode dizer-se
> Há de todos por certo entusiasmar.[16]

Pontes levou uma equipe completa para Salvador. Nos primeiros espetáculos, contudo, ele não se apresentou na arena, deixando a direção para um de seus colaboradores mais constantes, Francisco Erades, o Gangrena. Entre os toureiros, muitos já tinham se consagrado em outras cidades, como João Vieira e Joaquim José Leite de Vasconcelos. Os moços do forcado prometiam grande *performance*. Para a sessão de estreia, realizada em 15 de dezembro de 1883, anunciou-se que "seis bravos valentes touros" animariam a tarde. A função seguiu completamente o típico ritual, com todas as roupas, cortesias e procedimentos.

O notório toureiro e empresário utilizou a experiência que vinha acumulando em outras cidades, mobilizando estratégias para atrair tanto as elites quanto os mais populares, de forma a viabilizar financeiramente o caro espetáculo. Procurou se instalar em uma região mais nobre da cidade, mas que fosse também acessível a todos. Ofereceu um amplo espectro de ingressos: lugares no sol a 1$000, na sombra a 2$000 e camarotes para cinco pessoas a 15$000.[17] Os bilhetes foram vendidos com antecedência em vários estabelecimentos de Salvador: no Restaurante Novo Mundo (localizado no Jardim Riachuelo, no Comércio), na Pastelaria 2 de julho (rua Direita do Palácio, no centro histórico) e na Loja Campello (rua Nova das Princesas, também no Comércio).[18]

Como de costume, a companhia encerrou o anúncio afirmando que não poupava esforços para organizar o melhor espetáculo possível, rogando à população que a apoiasse com sua presença. Na verdade, houve uma curiosa peculiaridade na primeira propaganda publicada nos jornais soteropolitanos, algo que talvez tenha relação com o fato de Salvador não receber muitas sessões de tauromaquia: uma indicação de comportamentos a serem observados pela assistência. Com o subtítulo de "Advertência

9 O MONITOR, Salvador, p. 2, 15 jan. 1878.

10 O MONITOR, Salvador, p. 2, 8 maio 1881.

11 O GUARANY, Salvador, p. 1, 31 dez. 1884.

12 O MONITOR, Salvador, p. 2, 13 nov. 1877.

13 O MONITOR, Salvador, p. 2, 28 nov. 1887.

14 O MONITOR, Salvador, p. 2, 3 jan. 1877.

15 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 15 dez. 1883.

16 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 15 dez. 1883.

17 A separação do público entre o sol e a sombra era emblemática nas touradas, estabelecendo um parâmetro de diferenciação social. Os que podiam pagar um pouco mais ficavam preservados do calor, assistindo de forma mais confortável às provas. Os mais ricos iam mesmo para o espaço restrito dos camarotes.

18 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 15 dez. 1883.

ao público e prevenção da Ilma. autoridade que presidir o espetáculo" alertou-se, entre outros, que:

> [...]
> 3º. Não se consentirá atirar à praça qualquer objeto que por qualquer forma possa prejudicar os lidadores ou mesmo bulir com os touros quando estes pulem a primeira barreira;
> [...]
> 5º. Toda pessoa que não atenda o que fica dito será posta à disposição da autoridade.[19]

Para o segundo espetáculo, previsto para 25 de dezembro, alguns ajustes foram feitos. Um número maior de anúncios foi publicado nos jornais. Ampliou-se a possibilidade de compra dos ingressos, que passaram a ser vendidos também no próprio curro e na loja Ao Pelicano, localizada em frente à Alfândega. Criou-se um novo bilhete: 3$000 para entrada individual no camarote. Novas atrações foram oferecidas.[20]

Não conseguimos saber se isso se deveu à falta de público na primeira sessão. Nos jornais consultados, não encontramos nenhum comentário sobre o evento. De toda forma, a própria companhia reconheceu que houve falhas na estreia, notadamente relacionadas à má qualidade dos touros, que, como vimos, era um problema comum na trajetória da prática no país. Garantindo que tudo seria aperfeiçoado, uma vez mais a companhia rogou ao público que comparecesse à praça para prestigiar sua apresentação.[21]

Dessa vez, a repercussão foi maior. A *Gazeta da Bahia*, em nota publicada na primeira página, muito elogiou o espetáculo, tanto a qualidade dos touros quanto dos artistas, observando que a assistência participou e aplaudiu enfaticamente.[22] Ainda assim, surgiu uma polêmica, fomentada por um anônimo que criticou a *performance* dos animais e toureiros. Aproveitando o fato para tentar atrair mais público, a companhia anunciou para as provas de 13 de janeiro de 1884:

> Atendendo a um artigo de um anônimo publicado no *Jornal de Notícias* de segunda-feira, e sendo inexato o que o mesmo anônimo diz, contestando a empresa ser ele um cavalheiro conhecido por "Grego", para bem da desafronta das partes, botará nesta corrida um touro à disposição deste senhor, ou de mais alguém que queira divertir-se, e ganhará 10$000 por cada par de bandarilhas que meter em lugar competente.[23]

Percebe-se a articulação de duas estratégias comuns na trajetória das touradas: o incentivo às polêmicas, que garantia uma publicidade extra, e o incremento da possibilidade de participação do público. Convocar amadores para encarar touros nas arenas, a chamada "prova dos curiosos", era uma ocasião muito esperada pelos apaixonados pela tauromaquia.

A partir de fevereiro de 1884, a companhia passou a anunciar que se apresentaria no Polytheama Bahiano, teatro construído na propriedade de Jacintho Alves de Sá, comprada por Luis Ferraro, localizada na rua Ferreira França, onde o curro estava instalado. O estabelecimento foi inaugurado com as corridas de touros (PAIXÃO; CASTRO, 1936).

Futuramente, a partir de 1886, o Polytheama Bahiano, reformulado e dirigido por um grupo de capitalistas, se tornaria um dos mais importantes da capital. Nesse teatro, foram apresentadas à população soteropolitana várias novidades, entre as quais o cinema, em 1897 (FREITAS, 2007). A casa também acolheu relevantes atividades políticas, algumas delas protagonizadas por Rui Barbosa.

Foi nesse espaço que ocorreu um dos momentos áureos das touradas em Salvador: funções com a atuação de Francisco Pontes. Em 17 de fevereiro de 1884, o renomado toureiro estreou em grande *performance*. No programa, houve outra novidade: Gangrena enfrentou um touro em "aspas nuas",[24] isso é, sem passar pela embolação, processo destinado a colocar armações de couro e metal nos cornos, para que não ferissem os toureiros. Na tauromaquia, isso era considerado uma prova de coragem.

A intenção de Pontes era sempre ampliar o público. Para tal, em certas ocasiões chegou a baixar o preço dos ingressos. Os camarotes passaram a custar 12$000, sendo vendidas entradas avulsas a 2$000; para crianças de até 10 anos, cobrava-se metade do valor. Cada vez mais explicitamente se prometia um grande desempenho: "Todos os artistas da companhia se esmerarão nesta tarde para que esse espetáculo fique gravado na memória de todos os espectadores como o mais interessante que se tem efetuado nesta capital".[25]

19 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 15 dez. 1883.

20 GAZETA DA BAHIA, Salvador,p. 2, 22 dez. 1883.

21 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 22 dez. 1883.

22 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 1, 27 dez. 1883.

23 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 12 jan. 1884.

24 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 16 fev. 1884.

25 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 2 mar. 1884.

Pontes continuou atuando e usando seu arsenal de novidades, estratégia comum em sua trajetória. Ele sabia que precisava oferecer, a cada semana, novas atrações para que o público se sentisse estimulado a ir e voltar ao redondel. No caso da função programada para o dia 9 de março de 1884, anunciou-se um espetáculo pirotécnico e uma prova conduzida por toureiros crianças, algo que hoje pareceria inaceitável, mas que na época era muito apreciado pela assistência.[26]

Além disso, com pedidos de desculpas pela qualidade dos touros apresentados na sessão anterior, anunciou-se que foram adquiridos os mais ferozes animais da região, oriundos da Mata de São João, de propriedade de Manuel José dos Santos. Mais ainda, informou-se que seriam executadas as mais distintas e atraentes sortes, isso é, técnicas que demonstravam a habilidade dos toureiros.[27]

Para as provas de 23 de março, o empresário anunciou que pela primeira vez na cidade haveria a *performance* de um amador, José Antônio Machado, sempre seguindo a moda portuguesa.[28] Em Salvador, aliás, não encontramos registro de corridas realizadas pelo modelo espanhol: o touro não era morto, valorizava-se o toureio a cavalo e havia sempre a participação dos forcados.[29]

Outra inovação já largamente testada em outras cidades foi apresentada em uma sessão realizada em 3 de abril: a atuação de uma toureira, Idalina Villaça, "a qual tem recebido aplausos pelo arrojo que tem mostrado nas terras onde tem trabalhado".[30] Em outras localidades, no mesmo período, tal participação foi sempre polêmica: de fato, ainda era pouco comum mulheres desempenharem uma função pública, ainda mais dessa natureza, tão relacionada à masculinidade. Não conseguimos saber o que houve em Salvador, pois os jornais não comentaram o fato.

Outra regularidade na trajetória de Pontes pode ser observada na função de 6 de abril: a realização de touradas beneficentes, com a renda revertida para alguma "causa nobre", no caso de Salvador, para as obras do novo Hospital de Caridade.[31] Trata-se da mais antiga casa de saúde da Bahia,

26 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 9 mar. 1884.

27 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 9 mar. 1884.

28 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 23 mar. 1884.

29 Para um debate sobre as duas modas de toureio, ver Capucha (1988).

30 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 30 mar. 1884.

31 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 6 abr. 1884.

gerenciada pela Santa Casa da Misericórdia, futuramente renomeada para Hospital Santa Izabel, até os dias de hoje um dos mais tradicionais da cidade.

O empresário, com essa postura, em geral atingia dois objetivos: um deles pessoal, ele, de fato, em várias situações demonstrou envolvimento com causas sociais; outro de interesse comercial, criar uma imagem positiva para a prática, por vinculá-la a temas valorizados pela sociedade de seu tempo.

Com isso, Pontes ampliava sua fama. Muitas foram as honrarias que recebeu. No caso de Salvador: "A mesa da Santa Casa entregou-lhe o diploma de irmão e um lindo *bouquet*, declarando haver deliberado, em sessão de sábado, inscrever o nome desse artista no livro de honra da irmandade".[32] A função de 13 de abril, aliás, foi também beneficente, dedicada à Real Sociedade Portuguesa da Beneficência 16 de setembro.[33]

Em 20 de abril, a companhia de Pontes se despediu da cidade. Pelo que conseguimos ver nos jornais, os toureiros eram constantemente aplaudidos, especialmente Pontes, como ocorria com frequência em outras cidades. Todavia, aparentemente, o interesse não foi tão intenso quanto esperava o empresário, sendo a afluência de público limitada. É possível argumentarmos que isso tinha menos a ver com restrições à prática e mais com o fato de que a cidade não possuía ainda uma vida pública tão movimentada.

TERCEIRO MOMENTO: TOURADAS E SPORT – O AUGE E O FIM

Nos anos finais do século XIX, o campo esportivo começou a se organizar em Salvador, processo que somente daria passos mais seguros na primeira década da centúria seguinte (ROCHA JUNIOR, 2011).

Logo se estabeleceu uma curiosa relação entre as touradas, uma prática que, mesmo com mudanças, vinha do período colonial e lembrava o outrora colonizador, e o esporte, que tinha ares de novidade e conectava a experiência local com certos parâmetros simbólicos de outros países europeus (notadamente França e Inglaterra). Como ocorrera em outras cidades, em Salvador, as corridas de touros chegaram a ser encaradas como uma prática esportiva.

Mais do que frequentarem o mesmo espaço simbólico, havia atividades em comum promovidas pelos adeptos da tauromaquia e do esporte. Por

32 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 1, 8 abr. 1884.

33 GAZETA DA BAHIA, Salvador, p. 2, 13 abr. 1884. Essa sociedade desempenhou um importante papel na Salvador do século XIX, notadamente no que se refere à oferta de serviços de saúde.

exemplo, em 1898, realizou-se no Derby Club do Rio Vermelho algumas corridas de touros em benefício da sociedade filarmônica.[34] O primeiro hipódromo da Bahia tornara-se, nos anos finais do século XIX, um centro de entretenimento da capital soteropolitana.

Da mesma forma, já em 1908, a festa de um importante clube náutico foi realizada no curro. As imagens mobilizadas pela notícia aos olhares contemporâneos chegam a parecer opostas do que se espera do esporte.

> [...] o redondel do Largo de Nazareth alindou-se para a festa do sempre querido *Club* de Natação e Regatas S. Salvador; e mui acertadamente, porque raríssimas vezes apanhará tamanha concorrência. Feitas as cortesias, o sr. Major da Joaquim da Costa Freitas, que servia de inteligente, ordenou a saída do 1º touro, português, para o cavaleiro Adelino Raposo, que, oferecendo a sorte ao Presidente da Federação e do S. Salvador, cravou com arte 4 ferros, sendo que o último, curto de palmo, arrancou prolongado palmeio à assistência.[35]

Vejamos que o touril se encontrava instalado numa região mais próxima da região do Comércio: "Pessoas existem entre nós e não poucas que presenciaram touradas entre 1904 e 1908, no largo de Nazaré, num campo situado nos fundos do atual Ginásio São Salvador, e possivelmente no largo do Barbalho" (SILVA, 1957, p. 22). Além disso, há indícios de que, nessa mesma ocasião, corridas de touros seguiam sendo realizadas no Derby Club do Rio Vermelho.

Naquela primeira década do século XX, as touradas eram anunciadas nas colunas de esporte dos periódicos soteropolitanos, especialmente na prestigiosa *Revista do Brasil*. Vejamos uma dessas ocasiões, na qual se destacava a participação de uma artista espanhola: "a senhorita Josefa Mola, intrépida e simpática toureira, mais conhecida nos redondéis espanhóis, portugueses, mexicanos e do sul da República por La Pepita".[36] Ela já atuara no Rio de Janeiro, despertando grande interesse e desencadeando intenso debate público sobre os novos papéis sociais desempenhados pelas mulheres.

Em Salvador, a *performance* feminina teve também grande repercussão. O público compareceu em peso à arena: "A notícia da estreia da senhorita Josefa Meola e a promessa de atraentes sortes, feita nos cartazes, levou ao redondel do largo de Nazareth animadora e seleta concorrência, no domingo último".[37]

O público parece não ter se decepcionado, aplaudindo intensamente o espetáculo. Na verdade, desde o período colonial as corridas de touros não logravam tanto sucesso. A trupe de artistas contribuía para tal, inclusive graças à atuação de um grande toureador, Adelino Raposo, que sempre se destacava por onde se apresentava, inclusive na capital da República: no Rio de Janeiro era um dos mais apreciados artistas tauromáquicos do momento.

Homens e mulheres transformaram os eventos tauromáquicos em ocasiões que marcavam uma nova relação da população com a cena pública, especialmente estabelecida por meio dos entretenimentos que progressivamente se organizavam na cidade. Todavia, essa mesma dinâmica, sinal de modernização das estruturas sociais, vai colocar em xeque as touradas, processo similar ao que ocorreu no Rio de Janeiro, já nos anos 1870, e em São Paulo, na década final do século XIX. Em Porto Alegre, tal fato não chegou a se manifestar de forma intensa.

Alguns setores sentiam que Salvador estava preso ao seu passado. Leite (1996), ao falar das aspirações de modernização que emergiram na capital soteropolitana, percebe que se tentava atender "a um interesse comum de certos segmentos elitistas da sociedade local, inconformados com a cidade em que viviam" (p. 18). Passou a grassar uma ansiedade por mudanças, uma compreensão de que, para se instaurar o novo, devia-se a todo custo apagar o velho. A perspectiva foi a de destruir e reconstruir sem qualquer preocupação com a manutenção ou a preservação do patrimônio.

Em Salvador, o projeto de modernização, como ocorreu em várias cidades, manifestou-se não somente na promoção de reformas urbanas, mas também em interferências nos hábitos e modos de vida da população (LEITE, 1998; SAMPAIO, 2005). Como sugere Flexor (1997):

> [...] a noção de civilização, que então se impunha, estava ligada ao modelo urbano das cidades europeias, especialmente Paris, paradigma de urbanização moderna e bem sucedida. A moda de vestir e peças do mobiliário de higiene parisienses [...], companhias teatrais francesas, festas de salões e saraus, cafés, confeitarias, hotéis, o aprendizado do idioma e consumo de produtos franceses invadiram a Bahia do período. Londres e Berlim eram outros modelos.

Nesse cenário, as touradas passaram a ser relacionadas ao passado que se desejava pôr fim, encaradas como indícios de um tempo que se queria

34 CORREIO DE NOTÍCIAS, Salvador, p. 1, 15 jul. 1898.

35 REVISTA DO BRASIL, Salvador, p. 24, 15 abr. 1908.

36 REVISTA DO BRASIL, Salvador, p. 28, 15 mar. 1908.

37 REVISTA DO BRASIL, Salvador, p. 28, 15 mar. 1908.

superar. A conformação de uma cultura eminentemente urbana, o desenvolvimento de novas sensibilidades para com os animais, bem como a crítica a atividades consideradas "bárbaras", progressivamente abalaram o prestígio das corridas de touros, contrastadas com o perfil dos esportes, encarados como símbolos de progresso, adotados e exaltados por aqueles que desejavam "civilizar" a cidade.

Pode-se perceber, no que tange às touradas, a típica ambiguidade da modernidade. Neves (2002) sugere que as vivências, inclusive as corporais, tornaram-se repletas de incongruências, gerando sensações simultâneas de ganhos e perdas. Por mais que a prática por algum tempo ainda seguisse apreciada por muitos, paulatinamente foi desaparecendo da cidade, à medida que outras experiências tidas como modernas eram valorizadas e incorporadas como representações dos novos parâmetros sociais desejados.

De toda forma, isso não se deu de uma hora para outra. Em 1914, ironizou um jornalista o projeto de lei do deputado Elysio de Araújo, que procurava proibir, entre outras práticas, as touradas:[38] "Não seria mais prático que o sr. Araújo fosse apanhar moscas se não tinha outra coisa a fazer?".[39] Efetivamente, somente em 1934 a legislação determinou em todo território nacional o fim das corridas de touros.[40]

CONCLUSÃO

A investigação da experiência das touradas promovidas em Salvador ajuda a reforçar algumas compreensões já colhidas em estudos anteriores sobre a presença da prática em cidades brasileiras, notadamente a percepção sobre o quanto a tauromaquia nos auxilia a refletir sobre as ambiguidades da adesão a ideias de modernidade.

Em Salvador, no período colonial, a organização de eventos tauromáquicos estava diretamente relacionada a datas importantes do Estado, dependendo desse para que fossem promovidos. O público não pagava para entrar, tampouco havia qualquer expectativa de lucro financeiro. Tratava-se eminentemente de uma atividade destinada a mobilizar símbolos que fortaleciam as estruturas de poder. É provável, até mesmo pela sua pioneira condição de capital, que as primeiras touradas do país tenham sido realizadas na cidade da Bahia.

Com o fim do período colonial, as touradas passaram a adotar um modelo empresarial, sem subsídios do Estado. Proprietários de companhias tauromáquicas articulavam-se com donos de anfiteatros (por vezes, tipicamente praças de touros, por outras, espaços adaptados) e criadores de gado para oferecerem espetáculos que se pagavam com os ingressos vendidos. Em cidades nas quais mais prontamente se desenvolveram iniciativas empresariais, inclusive relacionadas à estruturação de um mercado de entretenimento, as corridas de touros mais rapidamente se organizaram. A demora na gestação desse cenário em Salvador ajuda a entender porque a prática, embora existindo, encontrou dificuldades para se consolidar.

O desenvolvimento econômico e urbano teve relação com a adesão a ideias de modernidade. O mesmo processo que ajudou a consolidar o novo modelo de touradas, paulatinamente também colocou a prática em xeque, já que trazia em seu bojo discursos "civilizatórios". Com o decorrer do tempo, as corridas de touros passaram a ser criticadas, perseguidas e proibidas.

A própria forma de considerar as touradas foi variando. Inicialmente eram tidas de forma generalizada como entretenimento. Posteriormente, passaram a fazer parte das atividades cênicas. Conforme o teatro foi se tornando mais refinado, foram acolhidas no guarda-chuva do esporte, de onde, por fim, foram expulsas quando preponderou um modelo de prática esportiva que valorizava noções de higiene e saúde. Em Salvador esse processo foi menos delineado, já que o campo esportivo se organizou tardiamente.

De toda forma, mesmo com intensidade menor do que em outras cidades, as touradas foram para Salvador uma importante prática cultural, se constituindo em um teatro público no qual se delinearam os distintos lugares e comportamentos sociais. Além disso, tão relevante quanto o aspecto anterior, as corridas de touros contribuíram para a distensão dos costumes, inclusive para as mulheres, que aos eventos tauromáquicos podiam comparecer, inaugurando uma experiência pública mais costumeira.

38 Na verdade, o projeto buscava punir qualquer tipo de maus tratos contra os animais.

39 A NOTÍCIA, Salvador, p. 6, 23 dez. 1914.

40 BRASIL. Decreto n. 24.645 de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=39567>. Acesso em: 3 maio 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Darwin. *Cidade do Salvador*: caminho do encantamento. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CONDE, Renata de Lima, MASSIMI, Marina. Corpo, sentidos e coreografias: narrativas de uma festividade na Bahia do século XVIII. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 215-234, jun. 2008.

FERREIRA, Letícia dos Santos. *Amor, sacrifício e lealdade*: o donativo para o casamento de Catarina de Bragança e para a paz de Holanda (Bahia, 1661-1725). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *J. J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil)*. 49º ICA – Congresso Internacional de Americanistas, 1997. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/miembros/congresos/contenido/49CAI/Flexor.htm>. Acessado em: 12. jan. 2011.

FREITAS, Elizabeth Jorge da Silva Monteiro de. *Gestão de teatros*: os desafios do mercado. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes, FERNANDES, Ana. Idealizações urbanas e a construção da Salvador moderna: 1850/1920. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes, FERNANDES, Ana (org.). *Cidade & História*: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1992. p. 53-68.

KARLS, Cleber Eduardo, MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História – Unisinos*, São Leopoldo, v. 18, p. 352-363, 2014.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se*: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana (1912-1916). 1996. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento, ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira, SANTOS, Henrique Sena dos. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras*: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 213-239.

LEITE, Marcia M. S. Barreiros. Socialização feminina: cultura e lazer da mulher de elite em Salvador na primeira República. In: PASSOS, Elizete, ALVEZ, Ívia, MACÊDO, Márcia (Orgs.). *Metamorfoses:* gênero em perspectiva interdisciplinar. Salvador: UFBA/NEIM, 1998. p. 165-180.

LUCA, Tania Regina de. História do, no e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-53.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Bahia:* a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo/Salvador: HUCITEC/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013a.

MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-392, dez. 2013b.

MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. *A gymnastica nos tempos do Império*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História regional e local*: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador: UEFS/Arcadia, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lipp. *O Brasil dos imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OTT, Carlos B. *Formação e evolução étnica da cidade do Salvador* – Tomo I. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1955.

PAIXÃO, Mucio da, CASTRO, René de. *O theatro no Brasil*: obra posthuma. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1936.

PEREIRA, Ester Liberato. *As práticas equestres em Porta Alegre*: percorrendo o processo de esportivização. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia:* difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2. ed. Salvador: EdUFBA, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. *Esporte e modernidade:* uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX. 2011. Tese (Doutorado em História Comparada), Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização*: Salvador da Bahia no século XIX. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SANTOS, Flávia da Cruz, MELO, Victor Andrade de. *Entre o rural e o urbano*: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). Revista do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro, Rio de Janeiro, v. 463, p. 134-147, 2014.

SILVA, Alberto. *A cidade do Salvador*: aspectos seculares. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

CAPÍTULO 8

Hooligans numa praça de touros nos confins da África oriental portuguesa[1]

Sílvio Marcus de Souza Correa

Nos quadros do colonialismo português vários usos e costumes metropolitanos foram reproduzidos nos territórios ultramarinos. Entre eles, as corridas de touros. Contudo, a formação de um campo tauromáquico em Moçambique favoreceu novos significados ao capital simbólico das touradas. Para europeus e africanos, homens e mulheres, jovens e adultos, as touradas tiveram significados distintos. As motivações de indivíduos de comunidades autóctones ou alóctones em participar do espetáculo tauromáquico em solo africano não se deixam reduzir a qualquer denominador comum. A partir de um incidente numa praça de touros no interior de Moçambique, próximo à fronteira com a Rodésia, o presente artigo trata das touradas, de seus atores e de sua popularização.

No jornal *O Africano* das primeiras décadas do século XX, algumas notas sobre touradas na antiga Lourenço Marques (atual Maputo) convidavam os leitores para assistir tal espetáculo. O apelo terminava, às vezes, com a seguinte frase em espanhol: "À los toros, pues!"[2]

A razão de uma expressão em espanhol parece óbvia, pois remete à relação histórica entre tauromaquia e uma cultura hispânica. Porém as corridas de touros que se realizavam em Moçambique eram organizadas e realizadas a partir de uma experiência muito mais portuguesa do que espanhola. Para evitar qualquer discussão bizantina sobre as origens das touradas na então África oriental portuguesa, ter-se-á por hipótese que o jornalista empregava a frase (*à los toros, pues!*) para emprestar certa legitimidade às touradas que se realizavam em território africano.

1 Trabalho apresentado no *III Encontro Internacional de Desporto e Lazer em África* (ISCTE, Lisboa, 2014).

2 Para ficar em três exemplos, ver as notícias de touradas na primeira página do jornal *O Africano* dos dias 3 maio 1912, 24 nov. 1912 e 3 maio 1913.

Vale ressaltar que a tauromaquia espanhola e a portuguesa se distinguem em vários aspectos, inclusive na gênese do campo tauromáquico (CAPUCHA, 1988, p. 151-152). Desde as primeiras décadas do colonialismo em África, as touradas de Espanha já tinham maior projeção internacional do que aquelas dos países vizinhos (Portugal e França). Talvez o prestígio da tauromaquia de Espanha fosse o motivo para espanholizar o apelo às touradas na colônia portuguesa. Mas isso não significava qualquer negação de sua matriz portuguesa. O jornal *O Africano* parece ter sempre apoiado as touradas como parte integrante de festividades e também como forma de entretenimento popular. Longe de criticar tal prática social e cultural, o editor do jornal de propriedade do Grêmio Africano, José Albasini, parece ter acreditado que as touradas faziam parte de um campo em formação na colônia portuguesa da África oriental, onde as diferenças sociais e culturais entre portugueses e africanos pudessem ser anuladas durante a comunhão de um momento de divertimento.[3] Por outro lado, a participação de africanos nas festas e nas corridas de touros pode acusar um pretenso processo civilizatório? Ou seria um retrocesso? Um barbarismo vindo da metrópole? Vale lembrar que, desde o século XVIII, houve uma série de medidas para proibir as touradas em Portugal. Tal campanha contra as touradas se assentava numa ideia de civilização que não rimava com tais práticas sangrentas (CRESPO, 1990).

Apesar da repressão às touradas, em alguns sítios elas se popularizaram e se inscreveram no calendário festivo de diversas comunidades portuguesas. Alguns portugueses fizeram valer seu pendor tauromáquico alhures, notadamente em África, onde lograram compartilhá-lo com outros europeus, além de africanos e indianos. Sociologicamente, as touradas fizeram parte de uma reprodução de um "mundo português" nas colônias. No entanto, elas nunca foram um fundamento desse "mundo português" nos trópicos já que em muitos sítios sob domínio colonial português elas não tiveram expressão alguma. Em Lourenço Marques, no entanto, as touradas tiveram um público significativo. Ao menos, é o que se pode deduzir das notícias da imprensa local das primeiras décadas do século XX.

Mas a popularização das touradas pode ser um indicador da assimilação dos africanos? Ou teriam as touradas se africanizado? E como as

3 Para José Moreira (apud CAPELA, 2000, p. 147), o jornal *O Africano*, como o *Brado Africano* que lhe sucedeu, catalisa e expressa o dramatismo da problemática social tal como se apresenta ao segmento que foi designado como o dos "assimilados".

touradas podem se inscrever num modelo civilizacional quando elas já eram percebidas como uma prática bárbara mesmo no Ocidente? E como os africanos percebiam a tauromaquia? Eram as touradas um signo de modernidade de Lourenço Marques? Como uma tradição ibérica se transforma em espetáculo moderno durante o colonialismo na África? Essas são algumas questões que pretendo responder a seguir.

O CAMPO DA TAUROMAQUIA EM LOURENÇO MARQUES

As primeiras corridas de touros na África oriental se realizaram nos quadros de festejos de alguns portugueses em que outros (africanos, indianos, estrangeiros) também participaram. Mas essas corridas e marradas episódicas não foram suficientes para a constituição de um campo à tauromaquia em Moçambique. A sua formação dependeu muito mais da urbanização de Lourenço Marques, do protagonismo de alguns amadores das touradas e de uma demanda local por atrações e divertimentos, principalmente nas primeiras décadas do século XX quando eram reduzidas as ofertas e raros os equipamentos em termos de esporte, lazer e entretenimento.

Na véspera do último domingo de abril de 1909, o jornal *O Africano* noticiava a corrida de touros promovida pela Associação dos Empregados do Comércio e Indústria de Lourenço Marques. Informava ainda que era a última tourada daquele ano, pois a praça seria demolida. No entanto, o jornal fazia votos que a referida associação já tivesse uma "casa à cunha" para as corridas.[4]

Três anos depois, o mesmo jornal noticiou uma tourada a ser realizada a favor da Caixa de Socorros. Destacou-se a quantidade e a qualidade dos animais, já que entrariam na arena quatro touros puros. O jornal considerou as corridas como importante elemento para assegurar o brilhantismo das festas e para o desenvolvimento da coragem nacional. Por isso, chamava-se a atenção para a qualidade dos animais. Nesse sentido, o autor da matéria sugeriu acorrer uma manada – formada por cem cabeças, pelo menos, de gado bravio –, descendência de umas vacas esgarradas anos atrás do régulo da Matolla, e que se encontrava nos Libombos pequenos.[5]

Também foi o jornal *O Africano* que informou sobre a tourada a ser realizada dia 5 de maio de 1912. A tourada fazia parte dos festejos dos empregados do Porto e Companhia Ferro-carril de Lourenço Marques. Anunciava ainda o periódico do Grêmio Africano que a tourada teria a participação do conhecido bandarilheiro Francisco Paixão, além de amadores já conhecidos naquela cidade. Surpresas eram esperadas, o que despertava a curiosidade do público, assegurando assim a assistência.[6]

No mesmo mês de maio, outra corrida de touros se realizou no dia 13 e dentro dos festejos dos empregados do Porto e Companhia Ferro-carril de Lourenço Marques. As festas tinham um caráter beneficente, pois a renda se destinava à Caixa de Socorros dos empregados.[7]

Ainda em 1912, outras corridas se realizaram em Lourenço Marques. Em novembro, a tourada foi promovida por um grupo de rapazes "tesos" e o local foi a praça do Raposo. Prometia-se *toros de verdad* vindos diretamente da Argentina.[8] No primeiro dia do mês de dezembro, outra corrida foi registrada pela imprensa local. A banda musical do vapor África participou do evento cujo promotor foi o senhor Cândido da Silva, sócio da firma Fabião & Silva. A corrida teve a direção do senhor Carlos Fernandes e a assistência foi regular. Na nota publicada no jornal *O Africano*, os bois não eram de qualidade para marradas. Uma outra corrida deveria se realizar brevemente.[9]

Em janeiro de 1913, o jornal editado por José Albasini informava aos seus leitores que dia 2 de fevereiro se realizaria uma grandiosa corrida de touros na praça Alexandrina. O promotor do evento era o próprio bandarilheiro Francisco Paixão que, segundo a notícia, não media esforços para apresentar bons atrativos.[10] Porém, o famoso toureiro parece não ter feito os mesmos esforços para permanecer em Lourenço Marques, pois a grandiosa corrida prevista para 02 de fevereiro era também a sua última já que embarcava em seguida para Lisboa.[11]

Touradas eram também abertas para um público infantil. O senhor Lino, conhecido "amador tauromáquico", foi promotor de uma delas que se realizou dia 4 de maio de 2013.[12] As crianças tinham a entrada gratuita. Informava ainda o jornal que dois touros da metrópole seriam corridos.[13]

4 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 24 abr. 1909.

5 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 26 abr. 1912.

6 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 3 maio 1912.

7 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 10 maio 1912.

8 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 24 nov. 1912.

9 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 25 dez. 1912.

10 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 23 jan. 1913.

11 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 16 jan. 1913.

12 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 23 abr. 1913.

13 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 30 abr. 1913.

Constava ainda o seguinte: "Com os atrativos anunciados para a festa de Santos Lino, é de esperar que a praça Alexandrina se veja amanhã repleta de espectadores, tanto mais que os preços são baratinhos." E o promotor da corrida oferecia 5 libras a quem fosse capaz de pegar o célebre Picota.[14] Além deste, outros animais já eram conhecidos do público. O boi Matuto era um deles. A corrida prevista para o dia 5 de outubro de 2013, inclusive, teria a participação de Matuto; porém, a corrida teve que ser cancelada e marcada para o dia 12 porque o boi adoecera.[15]

Com base nessas notas de touradas em Lourenço Marques entre os anos de 1909 e 1915 pode-se inferir que as festas regulares favoreciam a tauromaquia. Essas touradas eram promovidas por associações, como a dos empregados do Porto e Companhia Ferro-carril ou a dos empregados do Comércio e da Indústria, mas também por particulares, geralmente, eles próprios toureiros. Obviamente, as touradas dependiam em grande parte do seguinte tripé: toureiro, touro e público. Pelas informações obtidas através da imprensa local, touros de Portugal, da Argentina e, provavelmente, da África do Sul, eram corridos nas praças de Lourenço Marques, sendo a principal delas a praça Alexandrina. Muitas corridas de touros eram beneficentes, o que lhes emprestava uma função social assistencial, além do caráter cívico atribuído pelo "desenvolvimento da coragem nacional", como expressou o jornal do Grêmio Africano.

As touradas movimentavam uma certa economia, não unicamente pela bilheteria, mas por alguns negócios como a compra e venda de touros, apostas, vendas de bebidas, etc. Os preços módicos da entrada ou mesmo a ocasional distribuição gratuita de bilhetes favorecia o aumento do público e, por conseguinte, a popularização das touradas. Além da população local, alguns "ilustres hóspedes" faziam ocasionalmente parte do público. Cabe lembrar que a cidade de Lourenço Marques já era um destino da vilegiatura marítima de brancos da África do Sul. O jornal *O Africano* destacou, inclusive, que a tourada era um "Sport" pouco ou nada vulgar no meio inglês.[16]

Escusado lembrar que a compreensão das touradas como práticas desportivas significa a sua inscrição no campo da modernidade. A regulamentação das corridas de touros, um protocolo codificado pelos agentes

14 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 3 maio 1913.

15 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 4 out. 1913.

16 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 12 jul. 1913.

(toureiro e eventuais auxiliares, expectadores...), o desenvolvimento de uma ética e de uma "arte" enquanto prática corporal e espetáculo, entre outros aspectos, contribuíram para fazer das corridas de touros, assim como as corridas de cavalos, um "Sport" na África colonial. Ressalta-se ainda a "violência controlada", enquanto característica do esporte (ELIAS; DUNNING, 1994), que distingue as touradas de outros jogos tradicionais.

A inscrição das touradas como uma prática esportiva "pouco ou nada vulgar no meio inglês" sugere que o esporte enquanto produto de um processo civilizatório não se reduz às modalidades de origem britânica. Dito de outra maneira, a inserção das touradas numa categoria esportiva era uma forma de mostrar que o campo esportivo metropolitano e colonial não era mera reprodução de esportes de origem britânica. Outrossim, a presença de brancos de origem britânica nas arquibancadas das praças de touros em Moçambique "legitimava" as touradas enquanto "Sport".

Se alguns brancos ingleses ou sul-africanos assistiam as touradas, outros protestavam contra elas. Na imprensa africana de língua inglesa, a imagem das corridas de touros era quase sempre negativa.[17] Mesmo se as touradas tinham um caráter beneficente, como aquela realizada em Beira para ajudar uma igreja, as notícias assinalavam a falta de segurança.[18] Enfatizava-se o número de mortos e feridos.[19] Também as touradas do México foram alvo de críticas de um jornal de Johannesburgo em matéria intitulada "*Barbarous Mexico*".[20] Apesar das críticas, o *Rand Daily Mail* não deixou de publicar anúncios de festas em Lourenço Marques, em que "*bullfights*" faziam parte do "*Brilliant Programme of Festivities*".[21]

Em Lourenço Marques, a imprensa local também publicava críticas a certas touradas. Um crítico contumaz assinava como Zé d'Adiça. Ora eram as bebidas caras e más e tardiamente servidas que eram alvo de suas críticas, ora era o próprio toureiro ou as autoridades que promoviam espetáculos públicos que deixavam a desejar, sendo, às vezes, uma zombaria com o público.[22]As críticas de Zé d'Adiça podem ser vistas como exemplos

17 Tais notícias destacavam o quanto a violência não era controlada nas touradas, o que dificultava o seu reconhecimento como esporte; afinal, uma das características do esporte, em termos sociológicos, é o nível de controle da violência (ELIAS, 1976).

18 NYASALAND TIMES (published as Central African Times), Blantyre, p. 3, 8 dez. 1900.

19 Ver, por exemplo, RAND DAILY MAIL, Johannesburg, p. 4, 12 out. 1909; p. 17, 13 jul. 1910.

20 RAND DAILY MAIL, Johannesburg, p. 3, 4 ago. 1908.

21 RAND DAILY MAIL, Johannesburg, p. 7, 12 jun. 1908.

22 Ver, por exemplo, O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 3, 8 jul. 1914; p. 1, 15 jul. 1914.

do campo tauromáquico já constituído em Lourenço Marques.[23] Como crítico especializado, ele se investe de uma suposta autoridade para apontar as falhas das autoridades na organização do espetáculo, bem como para denunciar truques de um toureiro que não são os legítimos na arte de tourear, etc. Ao reclamar um bom espetáculo, ao defender uma arte de tourear *comme il faut*, o crítico produz um discurso ortodoxo em torno de uma "verdade" do campo tauromáquico. Como bem observou Capucha (1988, p. 159), "em volta da 'verdade' se movimentam e opõe todos os grupos da tauromaquia, marcando a oposição e a luta pela legitimação do 'toureiro como mandam as regras' ou de um espetáculo para 'turistas e desconhecidos', lucrativo mas falso."

O correspondente do jornal *Brado Africano* fez, igualmente, críticas a certas touradas realizadas em Lourenço Marques. Considerou um verdadeiro fiasco o que deveria ser uma "grandiosa corrida" e pediu para que não se repetisse mais algo como aquilo.[24] No ano seguinte, a tourada realizada para comemorar a descoberta do Brasil foi tumultuada. Houve uma morte e três feridos. Realizou-se com três touros apenas, tendo sido presos os bandarilheiros por se recusarem a trabalhar.[25]

Ao publicar notícias sobre as corridas de touros, os jornais também têm sua parte na (re)produção do campo tauromáquico. Além de imprimir em suas páginas um conhecimento sobre as touradas, os jornais interferem no gosto dos seus leitores. Desse modo, contribui a imprensa local, igualmente, para a popularização das touradas.

O campo tauromáquico também é um campo marcado por conflitos de interesses. Além da imprensa, o público é uma instância principal de consagração das touradas (CAPUCHA, 1988, p. 163). Toureiros e promotores dependem do clamor público, da satisfação da assistência. Mas a popularização das touradas contribui para a formação de um público de aficionados, ou seja, de um grupo de "entendidos" e cujo conhecimento das "regras do jogo" torna-se parâmetro incontornável no círculo de legitimação das touradas.

A popularização das touradas se fez à revelia das renovadas críticas à tauromaquia. Além dos críticos locais, o jornal de Lourenço Marques

23 Sobre o campo tauromáquico ver Capucha (1988 , p. 147-165)

24 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 1 nov. 1919.

25 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 8 maio 1920.

também estampou críticas de escritores famosos. Em meados de 1915, o jornal *O Africano* publicou o seguinte texto do escritor francês Victor Hugo:

> Em todas as corridas de touros aparecem três feras que são: – o touro, o toureiro e o público.
> O grau de brutalidade de cada um destes brutos pode calcular-se pelo seguinte:
> O touro é obrigado.
> O toureiro obriga-se.
> O público vai por um ato espontâneo da sua soberana vontade e, ainda por cima, dá dinheiro.
> Observai bem esta graduação:
> O touro provocado defende-se.
> O toureiro fiel ao seu compromisso toureia.
> O público diverte-se.
> No touro há força e instinto.
> No toureiro valor e destreza.
> No público não há senão brutalidade.

O texto supracitado foi seguido de uma ponderação na qual a defesa das touradas era feita com base numa lista de outras formas de "diversão", como a briga de galos, o tiro aos pombos, a caça e as corridas de cavalos, praticadas nos "centros mais cultos". O desfecho da matéria foi em tom irônico: "Se Victor Hugo existisse hoje que comparação grandiosa e eloquente poderia ele fazer entre a barbaridade das touradas, e o humanitarismo dos alemães na presente guerra!"[26]

Já em maio de 1918, o tom foi outro ao noticiar a presença do presidente da República, dr. Sidônio Paes, numa "tourada de gala" em Lisboa a favor dos mutilados da guerra.[27] Loas aos toureiros eram raras, como aquela feita no relato das touradas realizadas no início de novembro de 1920. Além de Vasco da Câmara, que após meter três ferros no animal, encerrou sua exibição provocando grande entusiasmo no público, Francisco de Barros recebeu, igualmente, elogios mas não pela sua *performance* na arena e sim por ter levado a cabo a construção rápida da praça de touros.[28]

26 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 10 jul. 1915.

27 O AFRICANO, Lourenço Marques, p. 1, 18 maio 1918.

28 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 11 set. 1920.

A década de 1920 foi o período de consolidação das touradas em Lourenço Marques. As corridas de touros se realizam em outros sítios. Em agosto de 1920, foi inaugurada uma praça de touros em Quelimane, construída em apenas 15 dias.[29] Francisco Barros foi o responsável pela proeza. "Uma praça sem que nada lhe faltasse a começar pela solidez das trincheiras, tribunas, curro, touril, etc." A renda da corrida de touros reverteu a favor da Beneficência pública. O público foi calculado em mil pessoas. Alguns expectadores portavam sua Kodak para fotografar o espetáculo. Seis touros foram corridos naquela tarde domingueira.

Uma segunda corrida de touros em Quelimane também foi notícia nas páginas d'*O Brado Africano* no mês seguinte.[30] No início de novembro de 1920, os festejos de comemoração da República Portuguesa em Quelimane também tiveram em sua programação corridas de touros e jogo de futebol. Como quase todos os jogadores da equipe Nacional tinham participado da tourada, a fatiga dos mesmos concorreu para a sua derrota no campo de futebol para a equipe estrangeira.[31] O jornal não informou a origem da equipe estrangeira que venceu por um gol. Provavelmente, era uma equipe sul-africana. Além do futebol, competições de atletismo, tiro e regatas tiveram lugar nos festejos.

A partir dos anos 20, Quelimane passou a fazer parte de um circuito de touradas. Simbolicamente, as touradas afirmavam a presença portuguesa em Moçambique num período crítico em termos políticos. Para alguns, a situação geográfica da então África oriental portuguesa, confinada por três lados com territórios pertencentes à Inglaterra, contribuía e muito para a sua "desnacionalização".[32] As touradas eram, assim, uma forma de atar os laços de expressões culturais portuguesas a um território que os portugueses reivindicavam para si, como parte do seu império ultramarino.

Apesar disso, uma tentativa em promover as touradas parece ter fracassado em 1925. Segundo Valdemir D. Zamparoni (1998, p. 327), a direção do Delagoa Bay Turf Sporting Club, instalado próximo à estrada para Marracuene, mandou construir uma praça de touros. Mas assim como as corridas de cavalos, as de touros foram logo abandonadas, "pois não

29 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 28 ago. 1920.

30 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 18 set. 1920.

31 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 20 nov. 1920.

32 O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, p. 2, 11 set. 1920.

obtiveram os resultados esperados, restando somente as corridas e touradas organizadas por amadores".

Diferente destino parece ter tido a praça de touros do *Turfe Club*. Algumas imagens de touradas naquele sítio fizeram parte do famoso álbum fotográfico e descritivo de Moçambique, de João dos Santos Rufino (1929, p. 70-73). Nas imagens selecionadas para o álbum, o critério de poupa e circunstância parece ter sido o principal. Destaque foi dado a assistência "civilizada" das touradas.

As touradas continuariam por décadas a fazer parte do calendário festivo e desportivo da África oriental portuguesa. Nos últimos anos do colonialismo português em África, um jovem moçambicano se fascinava ao ver toureiros portugueses, espanhóis e mexicanos se apresentarem na praça de touros de Lourenço Marques. Um deles, Manuel dos Santos, apoiou o jovem Ricardo Chibanga para seguir seus passos. Juntamente com o empresário Alfredo Ovelha, solicitou a autorização ao então governador geral, Sarmento Rodrigues, para que o rapaz pudesse fazer um estágio de 3 meses em Portugal. Chibanga chegou na metrópole em 1962 e não mais regressou à sua terra natal. Anos depois, se tornou o primeiro toureiro negro com percurso internacional. Toureou em praças de Portugal, de Espanha, do México, de Venezuela, de Angola e de Moçambique e até em Macau. [33]

Em 1974, as touradas de Lourenço Marques foram tema de uma matéria do semanário metropolitano *Gente*. Destaque foi a presença do governador geral, o engenheiro Pimentel do Santos, e de sua esposa Maria Fernanda. Conforme o autor da matéria, Alfredo Nascimento, o público tinha apenas a oportunidade de assistir a espetáculos tauromáquicos duas vezes por ano. Afirmou ainda que as touradas do período natalino já vinham sendo uma tradição em Lourenço Marques. Escusado lembrar que, além da mudança das datas anuais de ocorrência, as touradas naquela cidade também se realizaram em locais diferentes. Desde o início do século XX, houve, portanto, alterações no calendário e nos lugares de realização das corridas de touros em Lourenço Marques. Tais mudanças podem ter tido correlações com a dinâmica socioespacial da cidade. Touradas na praça Alexandrina, na praça do *Turf Club* ou alhures podem ser vistas como desdobramento do domínio de certos grupos sociais sobre determinadas áreas da cidade

33 Disponível em: <dw.de/ricardo-chibanga-o-primeiro-toureiro-africano-faz-70-anos/a-16232710>. Acesso em: 9 out. 2013.

para práticas festivas, desportivas e/ou de diversão, inclusive com poder de autorizar ou não o acesso de outros.

Ainda sobre as touradas do final de ano de 1973, Alfredo Nascimento informou que, entre o público que "não regateou aplausos durante as diversas fases das duas corridas", havia muitos turistas sul-africanos e rodesianos. Segundo o articulista, o público reagiu entusiasticamente ao espetáculo cujos protagonistas foram o cavaleiro Luís Miguel da Veiga e os matadores José Júlio e Gregório Lalanda.[34] As touradas de dezembro de 1973 foram as últimas do período colonial em Moçambique.

HOOLIGANS NUMA PRAÇA DE TOUROS NOS CONFINS DA A.O.P.

No ano de 1957, um incidente insólito ocorreu num sítio distante 30 km da fronteira entre Moçambique e a então Federação da Rodésia e Niassalândia.[35] O episódio acusa um processo de reinvenção e apropriação de uma tradição ibérica por parte de africanos. Em notícia publicada sob o título "Arruaceiros rodesianos estragam tourada em Vila de Manica" (*Rhodesian hooligans spoil bullfight at Vila de Manica*), o correspondente do jornal *The Rhodesian Herald* informou os leitores sobre um grave incidente numa praça de touros nos confins da África oriental portuguesa (A.O.P.).

Numa tarde de corridas, jovens rodesianos deixaram a tribuna e saltaram para a arena a fim de tourear. Os distúrbios começaram na terceira corrida, quando um jovem invadiu a arena. Sem sucesso, o toureiro tentou persuadi-lo de voltar para a tribuna.[36] Logo depois, outros 20 jovens rodesianos pularam para dentro da arena. 50 policiais entraram em ação para deter os *hooligans*. O incidente atrasou a tourada que, duas horas depois, contava somente com um terço da assistência. Os jovens permaneceram na arena, puxando o rabo do touro, lançando tijolos, dando golpes e batendo na cara do animal com bastões. O correspondente informou ainda que o público era majoritariamente de rodesianos ("The crowd was made up of a large majority of Rhodesians").

Em fotografias publicadas na imprensa rodesiana, pode-se ter uma ideia dos distúrbios causados pelos jovens *hooligans*. As imagens contêm

34 GENTE, Lisboa, 15-21 jan. 1974.

35 A Federação da Rodésia e Niassalândia foi criada em 1953 e, na década seguinte, foi desdobrada em Zambia (antiga Rodésia do Norte), Zimbabwe (Rodésia do Sul) e Malawi (antiga Niassaland).

36 THE RHODESIA HERALD, Salisbury, 7 out. 1957.

ainda outras informações sobre as touradas em Manica. Uma delas registra um público quase majoritariamente negro. Mulheres e crianças, jovens e adultos, civis e militares se ombreiam na tribuna diante de um jovem branco em apuros. E se alguns portugueses e rodesianos se indignaram com a invasão dos *hooligans* na arena, as fisionomias negras capturadas pela lente do fotógrafo são jocosas em sua maioria.

O ângulo da fotografia limitou a cena a uma parte da plateia. Aquela gente pode não ser representativa de toda a assistência naquela tarde domingueira de touradas. Em todo caso, a presença de africanos brancos e negros acusa uma apropriação das touradas por parte de rodesianos e moçambicanos num período pré-nacional mas já grávido de tendências pró-independência em várias partes da África austral tanto em relação ao domínio da Grã-Bretanha quanto de Portugal. Por isso, o incidente com os jovens *hooligans* teve repercussão em nível diplomático já que as elites brancas da África austral precisavam manter sua tácita aliança para defensa de seus interesses políticos diante das manifestações de movimentos negros contra o *status quo* vigente.

A propósito deste incidente, o governador geral de Moçambique, com base em informações do Consulado Geral de Portugal na então Salisbury (atual Harare), informou ao Ministério do Ultramar que já no ano passado (1956) tiveram desagradáveis repercussões as turbulências dos jovens em semelhante espetáculo também realizado naquela povoação na A.O.P.

Segundo documento oficial, "esses jovens embriagados teriam exibido tal insubordinação e crueldade, como improvisados toureiros, que a imprensa da Rodésia deu ao acontecimento largo e repreensivo destaque."[37] Ao Consulado Geral preocupava a reincidência da ocorrência "ameaçando transformar-se numa tradição". Na avaliação das autoridades portuguesas, isso poderia "contribuir para dar, neste pormenor, às relações de vizinhança com aquele país um caráter pouco desejável". A conclusão do Consulado foi no sentido de não mais permitir tais distúrbios pois eles poderiam contribuir para "criar no público da Rodésia um estado de espírito desfavorável aos nossos costumes".

Contribuíram para o melindre as notícias na imprensa rodesiana, pois, se por um lado, a ação dos jovens *hooligans* era alvo de reprovação, por outro, o incidente era atribuído à falha das autoridades portuguesas,

37 Arquivo Histórico Ultramarino, SR. 84/P.15 (1948-1959) Carta do Diretor Geral ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa, 11/12/1957.

supostamente incompetentes para manter a ordem. Em artigo intitulado "*Shameful affair in P. E. A.*" (caso vergonhoso na África Oriental Portuguesa), o articulista considerou que tal episódio não seria possível em solo rodesiano. Recomendou ainda uma ação policial mais rigorosa para evitar futuros distúrbios.[38] No *Manchester Guardian* também saiu uma nota sobre o incidente, o que demonstra certa repercussão internacional, o que preocupou as autoridades portuguesas.[39]

No ano seguinte, *The Rhodesia Herald* publicou nota sobre o risco de novos incidentes com jovens rodesianos nas touradas da Vila de Manica e que o governo português teria protestado oficialmente contra os distúrbios promovidos por jovens rodesianos. Segundo o jornal, as medidas preventivas da polícia para manter a ordem poderiam ter um impacto negativo sobre a economia local já que os rodesianos eram esperados pelos comerciantes de Manica durante as festas e corridas de touros.[40]

As ações de jovens *hooligans* nas touradas de Manica tinham diferentes impactos (social, econômico, político e diplomático). Se a polícia local tinha dificuldade em manter a ordem diante dos baderneiros rodesianos, o cônsul português em Salisbury e o governador geral em Lourenço Marques também se preocupavam com os desdobramentos dessas ações na fronteira entre Moçambique e Rodésia. Mas os "desagradáveis distúrbios" que ocorreram durante as touradas anteriores e que poderiam se repetir em 1958 acusam uma identificação de jovens brancos de origem britânica com um aspecto festivo de uma cultura ibérica já hibridizada em território africano. A presença de africanos (brancos e negros) na tribuna, mas também de alguns jovens rodesianos na própria arena, como "improvisados toureiros", demonstra uma apropriação e, por conseguinte, reinvenção das touradas nas franjas do império português.

É possível imaginar que o desafio transgressor de improvisar uma tourada foi compartilhado pelos jovens rodesianos como um ritual de passagem ou como uma demonstração de virilidade, astúcia e coragem. A beberagem também fazia parte do ritual desses jovens que se valiam de uma festa "portuguesa" para extravasar já que a vida rural poucas alternativas ofereciam a

38 THE RHODESIA HERALD, Salisbury, 8 out. 1957.

39 Fotocópia de um recorte do *Manchester Guardian*, de 08/10/1957, foi remetido pelo Diretor Geral ao Chefe do Gabinete do Ministro do Ultramar. Arquivo Histórico Ultramarino, Sr. 84/P.15 (1948-1959) Carta do Diretor Geral ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa, 18/12/1957.

40 THE RHODESIA HERALD, Salisbury, 15 out. 1958.

esses jovens brancos para exibir suas proezas diante de um bom número de expectadores. Os jovens *hooligans*, provavelmente, não desejavam "roubar a festa", mas transformá-la. Eles deixaram de ser meros coadjuvantes, sentados na tribuna como turistas expectadores, para ser protagonistas intrépidos do espetáculo. A ação desses jovens embaralhava as hierarquias constituídas do campo tauromáquico. A troca de papéis dessacralizava a tourada. Invadir a arena era uma heresia. A atitude heterodoxa desses jovens forasteiros no campo da tauromaquia de Moçambique desagradou boa parte do público, além do toureiro El Pepito e das autoridades portuguesas (desde a polícia da Vila de Manica até o consulado em Salisbury).

A apropriação e a reinvenção das touradas por esses jovens rodesianos pareciam aos olhos dos portugueses uma deturpação de seus costumes. Reprimir a ação dos *hooligans* implicava, no entanto, em constrangimentos diante de um público heterogêneo. Aqueles jovens brancos rodesianos transgrediam a ordem de adultos brancos portugueses e faziam isso na frente de homens e mulheres, de jovens e adultos, de civis e militares, de brancos e negros. Além de bêbados em espaço público, a conduta deles era considerada por muitos uma ofensa. Mas como reprimir brancos na frente de negros?

A arruaça causada pelos rodesianos na A.O.P. deixara os portugueses numa situação embaraçosa diante da população local. Mas reprimir brancos na frente dos negros poderia desestabilizar a ordem colonial.

A ação de *hooligans* no campo da tauromaquia numa zona periférica de Moçambique descortina uma homologia dos campos num contexto colonial. Por um lado, têm-se as relações econômicas entre a Federação da Rodésia e Niassalândia e Moçambique e que não podem ser dissociadas das relações políticas e diplomáticas entre Grã-Bretanha e Portugal. Ainda em meados do século XX, o risco de eventuais anexações de territórios da África oriental portuguesa por parte dos vizinhos rodesianos ou sul-africanos é uma possibilidade que faz parte das preocupações das autoridades portuguesas e das notícias dos jornais de Moçambique. Nesse sentido, a ameaça que os *hooligans* representam no campo tauromáquico tem correspondência com outras ameaças à ordem colonial.

Cabe lembrar ainda que a organização e realização daquelas touradas na Vila de Manica estavam cada vez mais na órbita dos rodesianos. Além do público e dos improvisados toureiros, a Rodésia também fornecia animais para essas heterodoxas touradas. Ao menos é o que se deduz de uma das matérias publicadas na imprensa rodesiana. Nesse sentido, o exemplo

das reinvenções e apropriações das touradas em Manica poderia ser mais um argumento em prol daquilo que Gilberto Freyre defendia ao tratar da "cultura ameaçada" dos portugueses nos trópicos. Um outro aporte sociológico poderia, no entanto, demonstrar que essas apropriações e reinvenções fazem parte de uma dinâmica cultural favorecida pelas estruturas coloniais em voga à época.

AS CORRIDAS DE TOUROS COMO CELEBRAÇÃO DO COLONIALISMO

Nos quadros do colonialismo português vários usos e costumes foram reproduzidos nos territórios ultramarinos. Entre eles, as corridas de touros. Contudo, a formação de um campo tauromáquico em Moçambique favoreceu novos significados ao capital simbólico das touradas. Para europeus e africanos, homens e mulheres, jovens e adultos, as touradas tiveram significados distintos. As motivações de indivíduos de comunidades autóctones ou alóctones em participar do espetáculo tauromáquico em solo africano não se deixam reduzir a qualquer denominador comum.

O aporte sociológico de Elias e Dunning (1994) sobre a relação entre esporte e civilização pode auxiliar na compreensão das motivações de portugueses e demais europeus para participar das touradas em Moçambique. O espetáculo na praça dos touros seria uma ocasião especial para dar vazão àqueles sentimentos já raros no cotidiano dos "civilizados" mesmo no Ultramar. Assim, as touradas cumpriam com uma função restauradora, ou seja, de promover uma tensão artificial, porém fundamental, àqueles indivíduos. Como em todo o esporte, trata-se de uma tensão sob controle e cujos desdobramentos também têm seus limites definidos por um código de conduta, etc. No entanto, os espaços esportivos foram construídos socialmente para tolerar certas ações e comportamentos derivados de sentimentos extravasados. Na praça de touros, os "civilizados" estavam autorizados a uma conduta e mesmo ao emprego de uma certa linguagem que não seria admissível fora de um espaço esportivo. Talvez essa mesma tolerância própria aos espaços de desporto e lazer explique a participação de africanos nas praças de touros, notadamente dos "assimilados", cujas condutas eram por demais reprimidas em outros espaços públicos da sociedade colonial.

Ao restaurar aqueles sentimentos derivados de uma tensão que já tinha sido em grande parte eliminada do dia a dia dos europeus em Lourenço Marques, as touradas, assim como a caça esportiva, preenchiam uma função social, etc. A reinvenção das touradas em Moçambique pode ser entendida como uma das formas de controle da violência. Por isso, elas puderam ser vistas como um indicativo de civilização nos trópicos.

Assim como os teatros e coliseus, as praças de touros eram equipamentos que simbolizavam a reprodução de hábitos metropolitanos ibéricos nas colônias americanas e africanas. As touradas eram, portanto, formas de celebrar uma vitória, uma dominação sobre o outro. As relações entre portugueses e a alteridade africana em contexto colonial permitem estabelecer uma homologia entre diversos campos (econômico, político, científico...), inclusive o da tauromaquia.

Como em todo campo, onde a heterodoxia é uma ameaça à ordem estabelecida, a tauromaquia em Moçambique não ficou imune à interferência de novos agentes, como os africanos "assimilados" ou não, além de indianos, rodesianos e sul-africanos. Pessoas de diferente *status* socioeconômico também fizeram parte do público que assistia as touradas. Mas a arte de tourear era monopólio de poucos iniciados brancos. Em outubro de 1957, alguns jovens rodesianos investiram contra isso. Mas somente na década de 1970, um jovem negro pôde entrar para o grupo seleto dos matadores. Na mesma década, houve a independência de Moçambique. Meteu-se os ferros no colonialismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELA, Jorge. *Moçambique pela sua história*. Porto: CEAUP, 2000.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CRESPO, Jorge. *História do Corpo*. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert. Sport et violence. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, v. 2, n. 6, p. 2-21, 1976.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Sport et civilisation*: la violence maîtrisée. Paris: Fayard, 1994.

RUFINO, José dos Santos. Álbuns fotográficos e descritivos da colónia de Moçambique. Hamburgo: Broscheck & Co., 1929. v. 3.

ZAMPARONI, Valdemir D. Entre "narros" e "mulungos": colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c. 1890 – c. 1940. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

O AFRICANO, Lourenço Marques, 1909-1920.
O BRADO AFRICANO, Lourenço Marques, 1920.
CENTRAL AFRICA TIMES, Blantyre, 1900.
GENTE, Lisboa, 1974.
THE RHODESIA HERALD, Salisbury, 1957-1958.
RAND DAILY MAIL, Johannesburg, 1907-1908.

Sobre os autores

CLEBER EDUARDO KARLS

Doutor em História Comparada, é pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JÚNIOR

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

FLÁVIA DA CRUZ SANTOS

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora; aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

LUÍS CAPUCHA

Professor no Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL e investigador no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES-IUL.

SÍLVIO MARCUS DE SOUZA CORREA

Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

VICTOR ANDRADE DE MELO

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História Comparada. Coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

• A torcida brasileira
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, João M. C. Malaia, Luiz Henrique de Toledo, Victor Andrade de Melo

• O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo (org.)

• 1922: celebrações esportivas do centenário
João Manuel C. Malaia Santos, Victor Andrade de Melo (org.)

• Entre o requinte e o tribofe: *sport* e *sportsmen* na literatura do século XIX – uma antologia
Victor Andrade de Melo (org.)

• Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, João M. C. Malaia, Luiz Henrique de Toledo, Victor Andrade de Melo

• Esporte e lazer na África: novos olhares
Augusto Nascimento, Marcelo Bittencourt Nuno Domingos, Victor Andrade de Melo (org.)

• Desporto em vez de política no São Tomé e Príncipe colonial
Augusto Nascimento

• Pesquisa histórica e história do esporte
Victor Andrade de Melo, Maurício Drumond, Rafael Fortes, João Manuel Casquinha Malaia Santos

• Esporte, cultura, nação, estado – Brasil e Portugal
Victor Andrade de Melo, Fabio de Faria Peres e Maurício Drumond (org.)

• Comunicação e esporte: reflexões a partir do cinema
Rafael Fortes e Victor Andrade de Melo (org.)

• A *gymnastica* no tempo do Império
Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres

coleção VISÃO DE CAMPO

• Estado novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)
Maurício Drumond

• Hooliganismo e Copa de 2014
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Heloia Helena Baldy dos Reis (org.)

• A voz da arquibancada
Bernardo Borges Buarque de Hollanda

• As linguagens do futebol em Moçambique
Nuno Domingos

• História(s) do Sport: uma estratégia de difusão científica
Victor Andrade de Melo, Fabio Peres, Maurício Drumond e Cleber Karls (org.)

• Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol
Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Plínio Negreiros Labriola (org.)

• O esporte no cenário ibero-americano
Victor Andrade de Melo (org.)